



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

CURSO DE DOUTORAMENTO EM TEOLOGIA (2.º grau canónico)

Especialização: Teologia Sistemática

JOSE BASSANZA FUIITE PÊNGADO

**OS LEIGOS NO PROCESSO SINODAL DA DIOCESE DE
CABINDA (2006 – 2018)**

DESAFIOS TEOLÓGICOS E PASTORAIS

Dissertação Final

sob orientação de:

Professor Dr. João José Marques Eleutério

Lisboa

2023

JOSE BASSANZA FUI TE PÊNGADO

**OS LEIGOS NO PROCESSO SINODAL DA DIOCESE DE
CABINDA (2006 – 2018)**

DESAFIOS TEOLÓGICOS E PASTORAIS

Dissertação Final

sob orientação de:

Professor Dr. João José Marques Eleutério

Índice

Dedicatória	7
Agradecimentos	8
Siglas e abreviaturas.....	9
Resumo	10
Abstract	11
INTRODUÇÃO	12
1.1. A distinção entre o sínodo e a sinodalidade	13
1.2. Compreender a colegialidade	15
1.3. Objecto de estudo	16
1.4. Objetivos de pesquisa	16
1.5. Estrutura do trabalho.....	16
1.6. Metodologia do trabalho	17
1.7. Limitações do trabalho	17
CAPÍTULO - 1.....	18
O PERCURSO HISTÓRICO DA SINODALIDADE	18
1.1. A sinodalidade na época da Patrística	18
1.1.1. A sinodalidade em Inácio de Antioquia	19
1.1.2. Cipriano de Cartago e sinodalidade	23
1.1.3. Atanásio de Alexandria e sinodalidade.....	27
1.1.4. A sinodalidade da Igreja e a experiência de ser religião dominante no Império Romano.....	28
1.1.5. Concílio de Elvira e sinodalidade	31
1.1.6. Sínodo de Sérдика (ano 343).....	32
1.2. A sinodalidade na época medieval	32
1.2.1.O Concílio de Pisa (1409) e sinodalidade.....	36
1.2.2. O Concílio de Constança (1414-18) e sinodalidade	37
1.2.3. O Concílio de Florença (1431-1439) e sinodalidade	39
1.2.4. Conciliarismo e sinodalidade.....	40
1.3.A sinodalidade na época moderna (sécs. XVI-XVIII).....	42
1.3.1. Martinho Lutero: emergência histórica	42
1.3.2. Concílio de Trento e sinodalidade (1545-1563).....	43
1.4.A sinodalidade na época contemporânea (sécs. XIX- XX).....	45
1.4.1. O Concílio Vaticano I e o Primado (1869-1870)	46
1.4.2. O Concílio Vaticano II e Sinodalidade (1962-1965)	48

1.4.3. Paulo VI e sinodalidade: <i>Apostolica Sollicitudo</i> (1965)	52
1.4.4. João Paulo II e sinodalidade.....	54
1.4.4.1. <i>Ecclesia in Africa</i> (1995) e sinodalidade	55
1.4.4.2. <i>Ecclesia in Europa e sinodalidade</i>	56
1.4.4.3. <i>Ecclesia in America</i> (1999) e sinodalidade	58
1.4.4.4. <i>Ecclesia in Oceania</i> (2001) e sinodalidade	59
1.4.4.5. <i>Ecclesia in Asia e sinodalidade</i>	60
1.4.5. Bento XVI e sinodalidade	61
1.4.6. Papa Francisco e sinodalidade	63
1.4.6.1. Comemoração do 50º aniversário do Sínodo dos Bispos (2015).....	67
1.4.6.2. A Nova Constituição Apostólica <i>Episcopalis Communio</i> (2018).....	68
Conclusão	69
CAPÍTULO SEGUNDO	71
A EVOLUÇÃO DA DIOCESE DE CABINDA	71
Introdução	71
2.1. Dimensão geográfica e histórica de Cabinda	74
2.2. A constituição jurídica eclesial de Cabinda	79
2.2.1. A Diocese de Cabinda e Arciprestados.....	81
2.2.1.1. O Arciprestado de Cabinda.....	82
2.2.1.2. O Arciprestado de Belize	84
2.2.1.3. O Arciprestado de Lândana	86
2.3. As novas paróquias e quase paróquias	87
2.4.1. O papel dos leigos nas quase-paróquias	88
2.4.2. Visitas pastorais do bispo diocesano	90
2.5. Jubileu de prata da diocese de Cabinda (1984-2009).....	91
2.5. Congresso Eucarístico diocesano (2011-2012)	92
2.6. Congressos diocesanos.....	97
2.6.1. <i>Congresso diocesano dos leigos</i>	97
2.6.2. Congresso diocesano das Escolas Católicas	98
Conclusão	100
CAPÍTULO TERCEIRO	101
A SINODALIDADE DIOCESANA E OS LEIGOS	101
Introdução	101
3.1. O bispo diocesano como fundamento da sinodalidade.....	102
3.2. A sinodalidade da Igreja e suas concretizações em contexto angolano	104
3.1.1. Assembleia diocesana de pastoral como forma de sinodalidade	109

3.1.2. A sinodalidade e o conselho paroquial.....	112
3.1.3. A juventude face à sinodalidade diocesana	115
3.2. Assembleia da pastoral social: experiência sinodal.....	118
3.2.2. O contributo dos leigos para a sinodalidade	120
3.2.3. Os leigos e o acolhimento migratório como processo sinodal.....	122
3.2.4. A pastoral carcerária e os leigos.....	124
3.3.5. A missão dos leigos nos centros de saúde	125
3.3.6. A pastoral diocesana dos idosos	127
Conclusão	128
CAPÍTULO QUARTO	129
DESAFIOS TEOLÓGICOS E PASTORAIS	129
DA SINODALIDADE	129
Introdução	129
4.1. Autoridade e sinodalidade na Igreja.....	129
4.2. A participação missionária dos leigos.....	133
4.2.1. Participação na catequese juvenil	136
4.2.2. Participação na catequese dos adultos.....	141
4.2.3. A participação na liturgia e nos sacramentos	144
4.2.4. A participação na administração dos bens eclesiais.....	147
4.3. A participação na educação católica: presença sinodal	148
4.3.1. A função dos leigos nas Escolas católicas	151
4.3.2. A vida dos leigos nas Universidades católicas.....	152
4.3.3. Centros de formação e acolhimento.....	153
4.3.4. Os leigos no ambiente da cultura	155
Conclusão	156
CAPÍTULO QUINTO.....	158
FORMAÇÃO ANTROPOLÓGICA PARA SINODALIDADE.....	158
Introdução	158
5.1. Criação do Centro de formação dos Catequistas	160
5.1.1. Catequistas como missionários leigos	163
5.1.2. Catequistas e família	164
5.1.3. Catequistas e Comunidade	166
5.2. Criação de Centro de formação juvenil.....	167
5.2.1. Os jovens e a vida espiritual	168
5.2.2. Os jovens e família.....	171
5.2.3. Os jovens e a política	171

5.2.4. Os jovens e as Telecomunicações	175
5.3. Criação de centro de formação dos leigos	177
5.3.1. Os movimentos de apostolado	178
5.3.2. Os movimentos de apostolado e vida sacramental	181
5.3.3. Os movimentos de apostolado e cultura	182
5.3.4. Os movimentos de apostolado e família.....	184
5.4. Educação à religiosidade popular	184
5.4.1. Piedade popular e ação missionária.....	185
Conclusão	186
CONCLUSÃO GERAL	187
BIBLIOGRAFIA.....	192

Dedicatória

Aos saudosos pais José Maria Pêngado (Brás) e Brígida de Jesus Fuiti, de feliz memória. Ao inesquecível tio António Sérgio Púcuta, de feliz memória;

À Diocese de Cabinda.

Agradecimentos

A Deus Uno e Trino, O fundamento da Igreja, bendito seja para sempre.

À Eminência Senhor D. Manuel Cardeal-Patriarca, Magno Chanceler.

À Professora Dra. Isabel Gil, Reitora da Universidade Católica Portuguesa.

Agradeço à Direção da Faculdade de Teologia, à Prof^ª. Dra. Ana M. Jorge, diretora da Faculdade de Teologia e à Dra. Maria da Luz Fernandes, pelo incentivo.

Outrossim, singela gratidão ao Prof. Dr. João José Eleutério, que aceitou orientar o nosso itinerário académico, pelo acompanhamento, pela sábia contribuição e amizade; ao Prof. Dr. Alexandre Palma, pelo encorajamento. Sou grato a todos os docentes da Faculdade e ao pessoal administrativo da Universidade Católica. Agradeço aos meus colegas, que comigo partilharam a experiência humana, cultural e académica.

Com apreço, agradeço ao Reverendíssimo Dom Belmiro Chissengueti, bispo de Cabinda, pela sua autorização para a formação académica.

Gratidão aos padres Duarte de Andrade e António Pedro Ribeiro de Matos, párocos da Paróquia do Carmo - Lisboa e a todos os paroquianos, pela assistência recebida.

Às Irmãs: Olívia João e Rita da Purificação, por todo o apoio recebido.

Singela gratidão à minha família, pelo conforto, apoio e afeto incondicional.

Ao Ilustre Dr. Raul Alberto Lello, pelo contributo. Ao Senhor António Pereira Neves e família, pelo apoio. Ao Engenheiro António Carlos Cunha, muito grato. A todos os amigos e amigas, um cordial agradecimento.

Siglas e abreviaturas

AAS	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
AA	Decreto sobre o apostolado dos leigos <i>Apostolicam actuositatem</i>
AM	Exortação apostólica pós sinodal sobre a reconciliação, justiça e paz em África <i>Africae munus</i>
AG	Decreto sobre a missão evangelizadora da Igreja <i>Ad gentes</i>
EDB	Edizioni Dehoniane Bologna (Edições Dehonianas, Bolonha)
Can.	Cânone
Cf. /cfr.	Confronta / conferir
CEAST	Conferência Episcopal de Angola e São Tomé
CD	Decreto sobre o ministério pastoral dos Bispos <i>Christus Dominus</i>
CFL	Exortação apostólica pós sinodal <i>Christifideles laici</i>
CIC	<i>Codex Iuris Canonici</i>
CV	Carta encíclica sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e verdade <i>Caritas in veritate</i>
Coord.	Coordenação
DC	Carta encíclica sobre o amor de Deus - <i>Deus Caritas est</i>
DHu	Declaração conciliar sobre a liberdade religiosa <i>Dignitatis humanae</i>
DH	Denzinger H. <i>Enchiridion symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum</i>
ed./edd.	Editor/editores
EA	Exortação apostólica pós sinodal sobre a Igreja e sua missão em África <i>Ecclesia in Africa</i>
EG	Exortação apostólica <i>Evangelii gaudium</i>
et al.	e outros
GE	Declaração sobre a educação cristã <i>Gravissimum educationis</i>
GS	Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo <i>Gaudium et spes</i>
LEV	Livraria Editora Vaticana
LG	Constituição dogmática sobre a Igreja <i>Lumen gentium</i>
NA	Declaração sobre a relação entre a Igreja e os não cristãos <i>Nostre aetate</i>
Org.	Organização
PO	Decreto sobre o ministério e a vida dos Presbíteros <i>Presbyterorum ordinis</i>
SC	Exortação apostólica <i>Sacramentum caritati</i>

Resumo

A teologia como saber sistemático da fé, continua a refletir e aprofundar os acontecimentos da comunidade crente. Deste modo, o estudo da sinodalidade será o foco do percurso. Na eclesiologia contemporânea mais recente, a sinodalidade é mais uma redescoberta da Igreja. Trata-se de uma caminhada comunitária e escuta a Palavra de Deus.

Convida-nos a fazer o discernimento dos sinais dos tempos na comunidade e no mundo (GS 4). Motiva-nos para identificarmos os novos campos da missão. Escutarmos o que o “Espírito diz às Igrejas” (Ap 2,7). A sinodalidade é um processo, um estilo de comunhão. É missão (serviço) e unidade da Igreja de Deus.

A sinodalidade demonstra o rosto de Igreja ao mundo, uma Igreja concreta na história humana, operando em nome de Jesus. Nela, participam os pastores, os fiéis, que procuram responder aos anseios e problemas, que afligem a humanidade através do diálogo, da escuta recíproca e da complementaridade. A sinodalidade tem como finalidade, gerar o ambiente de participação ativa, consciente e plena do povo de Deus.

Reafirmamos que, Jesus Cristo fez de nós judeus e gregos, uma só família. Revelou o mistério da pessoa humana (GS 22). Pelo que, os leigos têm a missão secular para o bem da humanidade. Entretanto, são convidados a dar testemunho como “*sal da terra e luz do mundo*” (Mt 5,13). Por fim, a Diocese de Cabinda pode ganhar o novo ardor missionário através da liturgia, da cultura digital, da educação e da promoção dos direitos humanos.

Palavras-chaves: diocese de Cabinda, colegialidade, comunhão, leigos, missão sinodalidade e sínodo.

Abstract

Theology as a systematic knowledge of the faith continues to reflect and deepen the events of the believing community. In this way, the study of synodality will be the focus of the course. In more recent contemporary ecclesiology, synodality is yet another rediscovery of the Church. It is a community journey and listening to the Word of God.

He invites us to discern the signs of the times in the community and in the world (GS 4). It motivates us to identify new fields of mission. We listen to what the “Spirit says to the Churches” (Rev 2,7). Synodality is a process, a style of communion. It is mission (service) and unity of the Church of God.

Synodality shows the face of the Church to the world, a Church concrete in human history, operating in the name of Jesus. Pastors and faithful participate in it, who seek to respond to the anxieties and problems that afflict humanity through dialogue, reciprocal listening, and complementarity. The purpose of synodality is to generate an environment for the active, conscious, and full participation of the People of God.

We reaffirm that Jesus Christ made us Jews and Greeks one family. He revealed the mystery of the human person (GS 22). Therefore, the laity have a secular mission for the good of humanity. However, they are invited to bear witness as “the salt of the earth and the light of the world” (Mt 5:13). Finally, the Diocese of Cabinda can gain new missionary ardor through the liturgy, digital culture, education, and the promotion of human rights.

Keywords: synodality, collegiality, synod, laity, diocese of Cabinda, communion and mission.

INTRODUÇÃO

Na presente reflexão, faremos uma abordagem sobre *os Leigos no processo sinodal da Diocese de Cabinda (2006-2018): desafios teológicos e pastorais*. Sem fazermos uma narrativa extensa dos sínodos, tentaremos mencionar alguns tópicos provenientes dos sínodos. Porque servirão para a compreensão da sinodalidade¹. Queremos aprofundar o significado da sinodalidade e do seu acontecimento eclesial². Deste modo, «o sínodo não é um parlamento, mas um lugar de comunhão e unidade, onde o Espírito é protagonista e conduz os trabalhos e a missão»³, como nos recorda Sérgio Leal.

Entretanto, a sinodalidade aparece como um novo vocábulo teológico e da Igreja. Na visão de Isidro Lamelas, «a história da instituição sinodal não é, contudo, senão um aspeto do processo mais amplo de amadurecimento da autoconsciência da Igreja»⁴. Realça: «a sinodalidade é, portanto, a nota identitária e permanente da Igreja peregrina»⁵.

Giuseppe Ruggieri, levanta uma questão: «que conhecimento histórico se pode obter para a identificação da natureza última dos sínodos, (...), para uma teologia da sinodalidade? Obviamente, não podemos pedir ao historiador uma elaboração da essência da sinodalidade»⁶. «Mas podemos perguntar a ele sobre as constantes da prática sinodal da Igreja (...) o sínodo como forma de governo. A questão que se coloca, é de sabermos, se podemos considerar a sinodalidade como a forma de governo da Igreja»⁷.

¹Alphonse BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité. Comprendre la synodalité selon le pape François* (CLD : Paris, 2019), 87 : « La synodalité est même une qualité constitutive de la communion ecclésiale dont elle est l'expression ; elle comprend le concours de tous les fidèles, pasteurs y compris » ; LG 4 ; Gonzalo Tejerina ARIAS, « Sinodalidad, democracia y participación activa en la comunidad eclesial », in *Humanística e Teológica* (Universidade Católica Editora : Porto, 2021), 38-39.

² Hervé LEGRAND, «O Evangelho no coração de uma Igreja sinodal: o governo da Igreja segundo o Papa Francisco», in *I Semana teológica internacional de Luanda "STIL"*, José Nunes et José Paulo, coord. (Ordem de São Domingos em Portugal: Fátima, 2022), 61-62.

³ Sérgio LEAL, *O caminho sinodal com o Papa Francisco* (Paulinas Editora: Prior Velho, 2021), 55; cf. Isidro LAMELAS, «A experiência sinodal pré-nicena. O caso de África sob o episcopado de S. Cipriano», in *Didaskalia*, 45 (2015) I, 36: «A própria semântica do termo "sínodo" já nos introduz nesta dinâmica construtiva».

⁴ LAMELAS, «A experiência sinodal pré-nicena. O caso de África sob o episcopado de S. Cipriano», 36.

⁵ LAMELAS, «A experiência sinodal pré-nicena. O caso de África sob o episcopado de S. Cipriano», 37.

⁶ RUGGIERI, « À propos des synodes : l'histoire nous interroge », in *Recherches de Science Religieuse* (2014), 364-365 : « *Que peut nous apporter la connaissance historique pour l'identification de la nature ultime des synodes, et donc pour une théologie de la synodalité ? De toute évidence, nous ne pouvons pas demander à l'historien une élaboration de l'essence de la synodalité* ».

⁷ RUGGIERI, « À propos des synodes : l'histoire nous interroge », 365 : « Mais nous pouvons l'interroger sur les constantes de la pratique synodale de l'Église. Il suffit d'évoquer un seul exemple-clé : le synode comme forme de gouvernement. La question est de savoir si l'on peut considérer la synodalité comme la forme de gouvernement de l'Église ».

Para assinalarmos a razão da investigação, o sínodo se apresenta como forma de realização da sinodalidade. Ao passo que a sinodalidade é o ser e o viver da Igreja. «A chave para a compreensão da sinodalidade está presente no ensino do apóstolo Paulo daquela da Igreja como Corpo de Cristo, realizado quando celebramos o sacrifício da Eucaristia»⁸.

«Percorrer as sendas da sinodalidade é tomar consciência de ser Igreja, continuando a obra redentora de Cristo que percorreu os caminhos da história, indo ao encontro dos homens e das mulheres do seu tempo (...)»⁹. Existe uma relação intrínseca entre a sinodalidade e a colegialidade¹⁰. «Neste contexto teológico, o neologismo sinodalidade não designa nem um simples procedimento operacional nem sequer seja uma nova engenharia institucional, mas a forma específica de viver a Igreja e operar como povo de Deus, ... na comunhão»¹¹.

Diante disto, como viver a sinodalidade? Pela força do Espírito Santo, que une os crentes, segundo a diversidade de povos, diversidade de culturas, de línguas e de carismas. Pois, a identidade do povo de Deus se manifesta por meio de carismas e de ministérios¹². Até agora, a *colegialidade* tem sido o modelo mais conhecido de comunhão eclesial.

Por conseguinte, a sinodalidade tem de ter em consideração: o diálogo entre os pastores e o povo de Deus, abrindo-se para uma dinâmica circular e complementar. Todos, com a assistência do Espírito Santo, escutarem a Palavra de Deus, interpretarem os acontecimentos eclesiais, a fim de corresponderem melhor à vocação e à missão da Igreja no mundo.

1.1. A distinção entre o sínodo e a sinodalidade

Convém explicitarmos os termos: “*sínodo, sinodalidade e colegialidade*”. O que entendemos por sínodo? O que significa sinodalidade? Que distinção existe entre o *sínodo* e *sinodalidade*?

⁸Alenka ARKO, «Sources and Foundation of the synodal life in the Bible and in the Tradition of the Church», in *Revue œcuménique d'études et d'informations*, 32: «The key to understanding synodality is also in the teaching of the apostle Paul that Church is the Body of the Christ, realized when we celebrate the Eucharistic sacrifice, in which we all participate to one Bread (1 Cor 10,17)»; cf. Yves-Marie BLANCHARD, «Synode et Synodalité», in *Spiritus*, 245 (Décembre 2021), 409: «Il pourra paraître présomptueux de traiter de la synodalité dans le Nouveau Testament, alors que ni le mot «Synode» ni le concept théologique sous-jacent ne figurant dans les écrits néotestamentaires».

⁹ LEAL, *O caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 32.

¹⁰ Esta expressão diz respeito ao governo colegial da Igreja universal, a relação afectiva e efectiva entre os pastores da Igreja: Papa e os Bispos. Pretende exprimir comunhão implícita de todos os Bispos.

¹¹ Carlos Maria GALLI, «Du Nouveau dans la Théologie Catholique sur la Synodalité», in *Revue œcuménique d'études et d'informations – Proche – Orient Chrétien*, Tome 69 (2019) I, 20-21 : «Dans ce contexte théologique, le néologisme synodalité ne désigne ni une simple procédure opérationnelle ni une nouvelle ingénierie institutionnelle, mais la forme spécifique de l'Église de vivre et d'œuvrer comme peuple de Dieu, manifestée et réalisée dans la communion du cheminement ensemble, de la réunion en assemblée et de la participation à l'évangélisation».

¹² LEAL, *O caminho sinodal com o Papa Francisco*, 42.

A sinodalidade favorece a corresponsabilidade na Igreja. «Assim concebida, a sinodalidade envolve diretamente cada batizado e cada comunidade, por menor que seja, “periférica” e “local”. É um direito cristão e, acima de tudo, um dever de dar um impacto e nova autenticidade ao testemunho da fé»¹³. Assim, «é a expressão da comunhão da Igreja que se pode encontrar em todas as dimensões: no seio da Igreja local mesma, através dos sínodos diocesanos bem certo, mas já nos múltiplos concelhos e assembleias diocesanos ou paroquiais (...)»¹⁴. Nesta óptica, escreve António Martins:

A prática sinodal questiona também o modo como a autoridade é exercida no interior da Igreja. Aliás, a via sinodal não só põe em causa aquele estilo e prática dos ministros ordenados que tudo decidem, na solidão e no isolamento de uma responsabilidade exclusivamente pessoal, como também exige o exercício de uma autoridade em sintonia com a comunidade a que servem, num contexto de corresponsabilidade diferenciada¹⁵.

Na realidade, a sinodalidade implica também a compreensão do significado da autoridade da Igreja. Primar pela comunhão, aplicar a “espiritualidade de proximidade” da autoridade “ao encontro dos que vivem nas periferias” e fortalecer a comunhão orgânica, diversificada. Exige dinamizar as estratégias de participação comunitária dos fiéis. Convém identificar todos os meandros de vida comunitária, estudá-los e encontrar as soluções.

Lembra-nos António Martins: «o ministério ordenado e a corresponsabilidade dos fiéis não se podem separar na vida da Igreja, sob pena de se bloquear o dinamismo da própria comunhão eclesial»¹⁶. Portanto, «a autoridade é na vida da Igreja um serviço realizado por alguns dos seus membros, assinalados para essa missão à comunidade com o sacramento da ordem, sinal da irrevogável e absoluta gratuidade de Deus»¹⁷.

¹³«Così concepita, la sinodalità coinvolge direttamente ogni credente e ogni comunità, per piccola e “periferica” e “locale” che sia. È un diritto cristiano e, soprattutto, un dovere che può dare alla testimonianza della fede un impatto e un'autenticità nuove», A. GIUSEPPE, «Sinodo come liturgia?», in *Storia del Cristianesimo*, 28 (2007), 21; cfr. Isidro LAMELAS, «A experiência sinodal pré-nicena. O caso de África sob o episcopado de S. Cipriano», 33-85; cf. João Pedro BIZARRO, «O cristão leigo e a paróquia. Uma visão jurídico-pastoral», in *Forum Canonikum*, 14 (2019), 1, 57: «Todos os batizados têm direitos e deveres. Chamamos a atenção, nesta cultura pós-moderna onde cada indivíduo é a norma do mundo que nos rodeia, para os deveres que são, muitas vezes, esquecidos, mas os direitos são reivindicados. O cristão leigo deve pensar, em primeiro lugar, nos deveres e depois nos direitos, ...».

¹⁴ Rémi CHENO, *L'Esprit – Saint et L'Église : Institutionnalité et pneumatologie vers un dépassement ecclésiologiques* (Cerf : Paris, 2010), 282 : «La synodalité est l'expression de la communion de l'Église qu'on peut retrouver dans toutes ses dimensions : au sein de l'Église locale elle-même, à travers les synodes diocésains bien sûr, mais déjà dans les multiples conseils et assemblées diocésains ou paroissiaux ; entre les Églises locales, à l'œuvre dans les assemblées provinciales ou dans les conférences épiscopales» ; cfr. Sérgio LEAL, *O caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 81 : «Desde as origens, o princípio sinodal é a concretização pastoral, característica da eclesiologia de comunhão, e exprime a consciência de uma comum responsabilidade por toda a Igreja».

¹⁵ António MARTINS, *A sinodalidade na vida da Igreja: Fundamentos e perspetivas* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2021), 23.

¹⁶ MARTINS, *A sinodalidade na vida da Igreja: Fundamentos e perspetivas*, 23-24.

¹⁷ MARTINS, *A sinodalidade na vida da Igreja: Fundamentos e perspetivas*, 24.

Para Carlos Maria Galli, «a sinodalidade ilumina ou torna claro o testemunho eclesial no contexto da sociedade mundializada do nosso tempo (118-119)»¹⁸. «Dizer sinodalidade não significa evocar um conjunto de eventos e processos pontuais sinodais, mas significa apontar um estilo eclesial. A sinodalidade não é uma mera técnica pastoral (...)»¹⁹. A sinodalidade se refere a todo o povo de Deus e a colegialidade²⁰. Pensemos um pouco na colegialidade²¹.

1.2. Compreender a colegialidade

Não podemos falar da sinodalidade, sem termos em conta a noção da colegialidade. A *colegialidade* encontra os fundamentos nos documentos do Vaticano II, a partir da Constituição dogmática sobre a natureza da Igreja, *Lumen gentium*. A colegialidade exprime a relação de comunhão colegial²². É a comunhão existente entre os bispos e o papa.

Trata-se de desenhar um sistema de relações que funcionem realmente não só entre o Colégio e a sua cabeça, no plano da colegialidade, mas também entre o povo de Deus e os seus pastores, no plano da sinodalidade. Sem uma circularidade efetiva de relações entre a *universitas fidelium*, o Colégio dos bispos e o Papa, que ponha em sinergia as respetivas funções, ligando num processo único tanto o momento da sinodalidade como o da colegialidade, a doutrina conciliar sobre a colegialidade arriscar-se-á sempre a permanecer letra morta²³.

Estamos perante um processo de construção de uma eclesiologia sinodal. Porém, a conservação das primazias ministeriais tem sido delicada. «Os Padres conciliares estavam conscientes da existência de duas potestades ordinárias e imediatas, a do Bispo sobre a sua diocese e a do Papa sobre a Igreja universal, que não são concorrentes nem alternativas»²⁴. Portanto, «a colegialidade é vivida nos mais diversos âmbitos e níveis de participação da Igreja Universal: em cada Igreja particular, nas Províncias e Regiões Eclesiásticas, nas Conferências Episcopais ou nos Sínodos dos Bispos»²⁵.

¹⁸ GALLI, « Du nouveau dans la Théologie Catholique sur la Synodité » in *Revue œcuménique d'études et d'informations : Proche-Orient Chrétien*, 27 : «la synodalité éclaire le témoignage ecclésial dans le contexte de la société mondialisée de notre temps (118-119) ».

¹⁹ LEAL, *O caminho sinodal com o Papa Francisco*, 82.

²⁰ DARIO VITALI, *A caminho da sinodalidade* (Paulinas Editora: Prior Velho, 2015), 51; cf. DARIO VITALI, *Verso la sinodalità* (Edizioni Qiqajon: Comunità di Bose, 2014), 5 (a versão original, em italiano).

²¹ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A sinodalidade na vida da Igreja* (2018), n. 7.

²² VITALI, *A caminho da sinodalidade*, 54.

²³ VITALI, *A caminho da sinodalidade*, 71.

²⁴ VITALI, *A caminho da sinodalidade*, 13.

²⁵ SÉRGIO LEAL, *O caminho sinodal com o Papa Francisco*, 64; Comissão Teológica Internacional (2018), n. 7: «A colegialidade, portanto, é a forma específica na qual a sinodalidade eclesial se manifesta e se realiza através do ministério dos Bispos no nível da comunhão entre as Igrejas particulares em uma região e no nível da comunhão entre todas as Igrejas na Igreja universal. Toda autêntica manifestação de sinodalidade exige, por sua natureza, o exercício do ministério colegial dos Bispos».

1.3. Objecto de estudo

Desde a primeira, tivemos como intuição para o trabalho final do curso, a escolha de um tema, que fosse exequível cientificamente, de acordos com a actualidade e sua pertinência eclesiológica dos nossos dias. Deste modo, optamos por estudar a Igreja diocesana de Cabinda. As interrogações que desencadeiam a investigação são:

Qual é a real situação eclesial de Cabinda? A sinodalidade contribui para a identidade eclesial dos leigos? Quem são os leigos na Igreja Católica? Qual é a vocação dos leigos no contexto social de Cabinda? Como tem sido o contributo pastoral dos leigos naquela Diocese? Que prioridades pastorais vigentes nos dias de hoje naquela Diocese?

1.4. Objectivos de pesquisa

Pretendemos identificar os traços da sinodalidade diocesana. Aprofundar a missão dos leigos. Valorizar a contribuição dos leigos para o progresso sinodal. Que possam testemunhar o Evangelho no ambiente eclesial e no mundo pela força do Batismo²⁶ (Mt 5,13). Deste modo, o foco de abordagem teológica cingir-se-á na Diocese de Cabinda (2006-2018).

Por conseguinte, explorar dados sobre a sinodalidade durante o ministério pastoral de D. Filomeno do Nascimento Vieira Dias²⁷, como bispo e administrador apostólico de Cabinda (2006-2018). Neste período, há sinais visíveis por refletirmos sobre a sinodalidade diocesana.

1.5. Estrutura do trabalho

Este trabalho é constituído por cinco capítulos. Antecedidos de introdução, onde constam a síntese do objecto de estudo, os objectivos, a metodologia, a fonte e os limites. O primeiro capítulo faz uma resenha histórica da sinodalidade. Propõe-nos o breve percurso histórico sobre os sínodos, os contextos e os fatores decisivos, em que se realizavam os eventos sinodais, a partir do primeiro milénio do cristianismo até ao segundo.

O segundo fará uma breve descrição sobre a diocese de Cabinda. Visa explorar alguns traços sobre o acontecer da sinodalidade, durante o episcopado de D. Filomeno do Nascimento Vieira Dias (2006-2018), em Cabinda (Angola); procura analisar os projectos realizados durante essa fase eclesial.

O terceiro capítulo tratará da sinodalidade diocesana, resignificar a missão dos leigos no seio da comunidade. É uma reflexão que aponta para os modos da manifestação da

²⁶ FRANCISCO, Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2019, *Baptizados e enviados: A Igreja de Cristo em missão no mundo*, Vaticano, 2019, § 2: «O ato, pelo qual somos feitos filhos de Deus, sempre é eclesial, nunca individual: da comunhão com Deus, Pai e Filho e Espírito Santo, nasce uma vida nova partilhada com muitos outros irmãos»; cf. AA 26.

²⁷ DIOCESE DE CABINDA, *Anuário Diocesano*, (Cúria Diocesana de Cabinda: Cabinda-Angola, 2019), 17.

sinodalidade: o papel do conselho paroquial como prática sinodal, dinamizar a sinodalidade diocesana da juventude. Propõe o desenvolvimento da assembleia da pastoral social; envolver os leigos para o acolhimento dos migrantes no território; suscitar o maior engajamento dos leigos nos centros de saúde, realizar o congresso diocesano dos idosos.

No quarto capítulo, vamos abordar sobre os desafios teológicos e pastorais. Repensarmos na participação missionária dos leigos; na catequese juvenil e dos adultos, na liturgia e nos sacramentos, na administração dos bens eclesiais. Garantir mais enquadramento dos leigos na educação católica (escolas católicas e universidades católicas) e na cultura.

O quinto capítulo faz referência à formação antropológica e a sinodalidade. Não haverá maior compromisso de caminharmos juntos, se não houver investimento no recurso humano. Por isso, propomos a criação de um centro de formação dos catequistas, dos jovens e dos leigos. A seguir, há uma conclusão, a título de propostas e bibliografia consultada.

1.6. Metodologia do trabalho

Para o alcance dos resultados, optamos pelo método histórico e documental. Entretanto, não descarta a hipótese de uso dos subsídios, provenientes de algumas ciências sociais. Incluímos dados documentados da Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé (*CEAST*). Contamos com o contributo da Comissão Teológica Internacional.

1.7. Limitações do trabalho

O percurso científico requer delimitações do conteúdo e do recurso bibliográfico. Para além disso, a questão cronológica sempre esteve ao centro das investigações. Nos primeiros anos de pesquisa (2020-2022), houve alguns transtornos, por causa da pandemia mundial. Isto dificultou um pouco as nossas investigações. Além disso, existe uma vasta literatura sobre o tema, mas por razões metodológicas, optamos por determinar a meta.

Finalmente, quanto à ortografia desta dissertação, por vontade expressa, não seguiu o Acordo Ortográfico mais recente para a língua portuguesa. Adotámos a ortografia clássica do português. Angola não ratificou o acordo ortográfico mais recente para o sistema do ensino. Depois, as traduções presentes nas citações e no corpo do texto foram feitas por nós.

CAPÍTULO - 1

O PERCURSO HISTÓRICO DA SINODALIDADE

1.1. A sinodalidade na época da Patrística

Voltarmos às origens, bebermos das fontes do crescimento da doutrina cristã, torna mais seguro o itinerário. Isto renova a fé e reconstrói a vida comunitária. Na verdade, o conhecimento das raízes cristãs, fortalece o relacionamento comunitário. Inspira-nos, para prosseguirmos com firmeza e fidelidade o percurso eclesial sinodal.

Por conseguinte, a Tradição revela-nos o tesouro histórico²⁸ da Igreja. Mantém viva a doutrina cristã. Indica as verdades divinas, transmitidas pelos apóstolos. «A Igreja existe desde o primeiro Pentecostes, quando a fé na Ressurreição reanima os apóstolos e os leva a anunciar a Palavra de Deus»²⁹.

De acordo com o Professor Isidro Lamelas, «depois das Escrituras, os Padres foram sempre os grandes testemunhos de credibilidade da fé cristã. A sua singular autoridade deriva do protagonismo que tiveram na construção da identidade cristã e eclesial»³⁰. E, acrescenta: «Nos Padres podemos reencontrar a frescura e a vitalidade das origens, não movidos por um sentimento romântico, mas como exigência teológica e espiritual de regresso a um “depósito” vivo perenemente novo e válido»³¹.

A perseverança no caminho da unidade através da diversidade dos lugares e das culturas, das situações e dos tempos, é o desafio ao qual o Povo é chamado a responder para caminhar na fidelidade ao Evangelho, lançando a semente deste na experiência dos diversos povos. A sinodalidade se manifesta desde o início como garantia e encarnação da fidelidade criativa da Igreja à sua origem apostólica e à sua vocação católica. Essa se exprime em uma forma que é

²⁸José Miguel GARCÍA, *As origens Históricas do Cristianismo* (Edições Tenacitas: Coimbra, 2007), 27: «O documento histórico não nos põe em contacto com o facto em si, simplesmente proporciona informação acerca dele. Por isso é tão importante saber se as fontes históricas são autênticas ou não, se a informação que nos transmitem está ou não de acordo com os factos. Porém nem todas as fontes têm importância e valor idênticos: dependem da sua antiguidade e fiabilidade»; cf. Gugelot FREDERIC, «Faire une histoire du catholicisme en Europe», in *Recherches de Science Religieuse*, 109, 4 (2021), 665-680: «L’histoire est une connaissance du passé, conduite par les interrogations du présent, qui aspire à dégager l’intelligibilité des actions humaines».

²⁹Mireille BAUMGARTNER, *A Igreja no Ocidente: Das origens às reformas no século XVI* (Eds.70: Lisboa, 2015), 53.

³⁰Isidro LAMELAS, *Os Padres da Igreja: Dos Apóstolos a Constantino* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2020), 52.

³¹LAMELAS, *Os Padres da Igreja: Dos Apóstolos a Constantino*, 54.

unitária na substância, mas que aos poucos se explicita, à luz da atestação escriturística, no desenvolvimento vivente da Tradição³².

A gênese do cristianismo traz consigo o sabor da sua visibilidade identitária. Com efeito, a unidade é a característica fundamental da sinodalidade. Nestes termos, a unidade é fidelidade ao Evangelho. A sinodalidade tem o nome de fidelidade às origens da Igreja (apostólica e católica). Realçando, a unidade se manifesta na diversidade de culturas.

Os Padres da Igreja demonstraram a referida fidelidade. Porque indicaram o caminho da Revelação divina na comunidade nascente. Desta emergência histórica, atendendo à vastidão literária, destacamos apenas: Inácio de Antioquia, Cipriano de Cartago e Atanásio. Cientes disso, é melhor aprofundar o conhecimento dos referidos autores, como se seguem.

1.1.1. A sinodalidade em Inácio de Antioquia

No alvor do segundo século do cristianismo, sobressaem os timoneiros cristãos, pensadores, denominados Padres Apostólicos³³. Inácio³⁴ faz parte desta geração de Ouro. Experimentou a amargura da sua época, bebeu do cálice dos adversários, anunciou a verdade do Evangelho. Por último, timbrou a sua vocação no mundo cristão. Pela sua perseverança, como pastor da Igreja, deu o testemunho evidente, consumando-se no martírio³⁵.

Entretanto, surgem quatro questões concernentes à sua personalidade no contexto teológico, sobretudo, no que tange à eclesiologia sinodal para Igreja do seu tempo.

Qual foi o pensamento marcante de Inácio de Antioquia sobre a Igreja? Que tipo de Igreja desejava ele? Qual foi o seu pensamento teológico? Inácio de Antioquia terá sido o pioneiro da sinodalidade?

Apoiando-nos dos escritos de Inácio de Antioquia, podemos responder as interrogações acima levantadas:

«Convém caminhar de acordo com o pensamento de vosso bispo, como já o fazeis. Vosso presbitério, de boa reputação e digno de Deus, está unido ao bispo, assim como as cordas à cítara»³⁶. As expressões: “caminhar” (fazer companhia, viajar junto) e “unidade” da Igreja

³² COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja* (2018), n. 24.

³³ LAMELAS, *Os Padres da Igreja: Dos Apóstolos a Constantino*, 59: «Chamamos “Padres apostólicos” os escritores cristãos do século I e do início do século II, que, na senda dos Apóstolos, continuaram a testemunhar e a anunciar o *kérigma*»; cf. W. RORDORF -G. BLOND-R. JOHANNY et al., *L'eucharistie des premiers Chrétiens, Beauchesne* (Paris, 1976), citado pelo Secretariado Nacional de Liturgia, in *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 45, nn. 179-180 (Fátima: 2020), 126-27.

³⁴ LAMELAS, *Os Padres da Igreja: Dos Apóstolos a Constantino*, 59.

³⁵ LAMELAS, *Os Padres da Igreja: Dos Apóstolos a Constantino*, 62: «Inácio de Antioquia (70-107?): Foi bispo da Igreja de Antioquia, na Síria, desde o ano 70 e martirizado em Roma, provavelmente pelo ano 107 ou 110, altura em que redigiu as suas *Cartas*».

³⁶ INÁCIO DE ANTIOQUIA, «Aos Efésios», in *Padres Apostólicos*, Ivo STORNILO – Euclides M. BALANCIN (trad.), (Paulus: São Paulo, 2020), 4,1.

são basilares para explicar a sinodalidade inaciana. Conforme professamos no credo, há um só Deus na diversidade. A Igreja permanece como comunidade unida pela vontade de Deus. Deste modo, o bispo é a primeira autoridade da unidade da Igreja. Sem a unidade não há sinodalidade. A unidade dos membros da Igreja confirma a sinodalidade.

Por essa razão, compara o movimento comunitário com as cordas da cítara, um instrumento musical uníssono. A palavra “cordas” indica a diversidade na comunidade. Trata-se de uma multiplicidade dos ritos, das culturas, das nações e dos povos, que formam um todo, que é o povo de Deus em harmonia espiritual. Pelo que, a Igreja é uma pela sua natureza, mas é diversa nos seus membros (cordas). Coloca também em destaque as virtudes importantes para pertencer ao presbitério. Sem o bispo não há presbitério. Para o bispo antioqueno, a sinodalidade é caminhar com o bispo no mesmo espírito.

O bispo como pastor ordinário da Igreja local indica o caminho certo aos fiéis da sua comunidade. Ele é mestre e garante da comunhão. Não há nenhuma Igreja acéfala. A sinodalidade diz respeito à caminhada com o bispo, o presbitério, os diáconos e o povo.

Inácio realça que, Jesus Cristo filho do homem e filho de Deus é o fundamento da sinodalidade. Simultaneamente, fala da eucaristia, usando os termos: “*partindo o mesmo pão*”, pelo ministério do bispo e do seu presbitério. Faz menção da eucaristia para a unidade comunitária, empregando a expressão “concordia estável”. O “pão” é “*remédio de imortalidade*”³⁷, antídoto para sempre. A eucaristia é caminho e fonte da sinodalidade no mundo atual e no mundo que há-de- vir. A eucaristia é a sinodalidade frequente.

Na carta aos Tralianos, ele faz referência da primazia do bispo na comunidade eclesial. Evoca a virtude de “obediência” comunitária. Deste modo, os fiéis devem obedecer ao bispo, representante de Jesus Cristo na comunidade. «É necessário, portanto, como já o fazeis, nada sem o bispo, mas também submeter-vos ao presbitério, como os apóstolos de Jesus Cristo, nossa esperança, no qual nos encontraremos em toda a nossa conduta»³⁸.

A obediência é uma virtude imprescindível para a comunhão e caminhada com o bispo. Como Jesus Cristo obedeceu ao Pai, assim devem proceder os fiéis. Trata-se de obediência à vontade de Deus. «É preciso, também, que os diáconos, ministros dos mistérios de Jesus Cristo, agradem a todos e de todos os modos. Com efeito, (...) são ministros e, (...) servidores da Igreja de Deus»³⁹. Aqui o autor clarifica a verdadeira identidade e missão dos diáconos. Pois bem, os diáconos são ministros de Jesus e servidores da Igreja de Deus. Prestam um serviço da caridade comunitária. A diaconia é real sinodalidade.

³⁷INÁCIO DE ANTIOQUIA, «Aos Efésios», in *Padres Apostólicos*, n. 20, 2.

³⁸INÁCIO DE ANTIOQUIA, «Tralianos», in *Padres Apostólicos*, n. 2,1-2.

³⁹INÁCIO DE ANTIOQUIA, «Tralianos», in *Padres Apostólicos*, n. 2,3.

A oração é elemento primordial para a sinodalidade. Para o antioqueno, não se pode esquecer de orar pelo bispo, pastor da Igreja local. A oração nos une, a oração nos conforma a Deus e molda o bispo de cada Igreja. A oração é um caminho sinodal. «Em vossa oração, lembrai-vos da Igreja da Síria que, em meu lugar, tem Deus pastor. Somente Jesus Cristo e o vosso amor serão nela o bispo»⁴⁰.

Inácio de Antioquia exorta aos cristãos romanos sobre a necessidade de orar pela Igreja. Porque a Igreja não é uma propriedade meramente humana, mas povo de Deus, orante por Jesus Cristo. Em nome de Deus, o bispo cuida da Igreja. Simultaneamente, o ministério episcopal está unido a Jesus e ao Povo de Deus. Portanto, os fiéis devem amar o seu bispo.

Na carta aos Filadelfos, Inácio fala também da importância da eucaristia. Aprofunda o valor da Eucaristia na Igreja. Ela é um dom de vitalidade: «preocupai-vos em participar de uma só eucaristia. De facto, há uma só carne de nosso Senhor Jesus Cristo e um só cálice na unidade do seu sangue, um único altar, (...) um só bispo com o presbitério e os diáconos»⁴¹.

A riqueza encontrada no pensamento teológico antioqueno refere-se à dignidade episcopal, presbiteral, diaconal dentro da comunidade. Em primeiro lugar, coloca sempre a dignidade episcopal no centro da comunidade. Procura enquadrar a figura do bispo à luz de Deus, por meio de Jesus Cristo, cabeça da Igreja. Com efeito, o bispo é uma figura necessária para a comunidade eclesial. Para tal, o poder episcopal vem de Deus. Para além do ministério ordenado, reforça a necessidade da unidade sacramental.

Propositadamente, na carta de Inácio dirigida aos Esmírnios, expressa: «seguí todos ao bispo, como Jesus Cristo segue ao Pai, e ao presbitério como aos apóstolos; (...) Sem o bispo, ninguém faça nada do que diz respeito à Igreja»⁴². O autor exprimiu inequivocamente o significado de um bispo na comunidade. Inclusive para a celebração da eucaristia, em primeira instância, isto depende do bispo e do seu fiel delegado na comunidade. A celebração da eucaristia acontece pelo ministério do bispo, “*in persona Christi*”. Neste caso, compete ao bispo, como autoridade, determinar a vida sacramental na Igreja local.

Também o bispo é o ministro ordinário e, imediato do sacramento do batismo. Por uma razão, o sacramento do batismo regenera novos filhos de Deus, membros da Igreja. Logo, não se pode dissociar a Igreja do bispo⁴³. O sacramento do batismo é o fundamento da sinodalidade e da corresponsabilidade missionária dos fiéis. Pelo batismo, somos hospedados na

⁴⁰ INÁCIO DE ANTIOQUIA, «Aos Romanos», in *Padres Apostólicos*, n. 9,1.

⁴¹ INÁCIO DE ANTIOQUIA, «Aos Filadélfios», in *Padres Apostólicos*, n. 4,1.

⁴² INÁCIO DE ANTIOQUIA, «Aos Esmirniotas», in *Padres Apostólicos*, n. 8,1.

⁴³ INÁCIO DE ANTIOQUIA, «Aos Esmirniotas», in *Padres Apostólicos*, n. 8,2.

comunidade. Nesta condição, «não é difícil concluir que o batismo é o sacramento da hospitalidade cristã, pois é por ele que se entra e se é acolhido na comunidade»⁴⁴.

Inácio continua com o discurso sobre a relação comunitária, de modo particular dos fiéis, dos presbíteros, que passa pela obediência e reverência ao bispo; diríamos que, obedecer ao bispo diocesano. «Convém que não abuseis da idade do vosso bispo, mas, pelo poder de Deus Pai, lhe tributeis toda a reverência»⁴⁵. Essa obediência brota da fé em Deus. Quando se obedece a um bispo, se obedece a Jesus Cristo, a quem ele representa na Igreja.

Do Professor Lamelas, colhemos mais um testemunho: «não será coincidência que o termo *σύνοδος* apareça pela primeira vez em S. Inácio de Antioquia, grande promotor do ideal da Igreja-*synphonica*. Para o bispo mártir, a Igreja é a comunidade dos “companheiros de caminhada”»⁴⁶. Para isso, «a sinodalidade é, portanto, a nota identitária e permanente da Igreja peregrina»⁴⁷. Em particular, como afirma John W. O’Malley:

Desde os primeiros séculos, o governo da Igreja Cristã era ao mesmo tempo colegial e hierárquico. No século II, os bispos surgiram como supervisores e líderes das suas respetivas comunidades e dos outros clérigos que nelas serviam – diáconos, presbíteros e, eventualmente, os seus padres e outros para concílios/sínodos para tratar das questões que tinham surgido no seu domínio. Por vezes, juntavam-se em parceria com outros bispos da vizinhança ou da província para tratar de questões de maior importância. Estava em vigor uma estrutura colegial e hierárquica⁴⁸.

Certamente, esta referência propositada, leva a perscrutar o historial da vida eclesial dos primeiros séculos, em especial, no que toca à relação de proximidade, o encontro de decisão e harmonia comunitária. Os bispos não deviam ser vistos como entrave comunitário, antes, como vigilantes na fé, na caridade e santidade dos seus membros. Ao mesmo tempo, a nota citada, nos permite saber a autonomia e importância do poder de jurisdição comunitária.

Em contrapartida, no princípio da organização institucional da Igreja, nos deparamos com objetividade o valor da sinodalidade. Quando houvesse problemas, por abordar para o bem comum. A Igreja procura unir as sensibilidades culturais, linguísticas, geográficas dos povos e nações, usando vários instrumentos ao seu dispor. Proclama fielmente a Palavra de Deus, que é verdade salvífica, celebra a liturgia e, cura o ser humano. Porque a sinodalidade é harmonia de vozes polifónicas, coordenadas, cuja fonte primária é a Santíssima Trindade.

⁴⁴João Alberto Sousa CORREIA, «A hospitalidade como realização da condição batismal: Lições neotestamentárias», in *Humanística e Teológica* (Universidade Católica Editora: Porto, 2021), 73.

⁴⁵INÁCIO DE ANTIOQUIA, «Aos Magnésios», in *Padres Apostólicos*, n.3,1.

⁴⁶LAMELAS, «A experiência sinodal pré-nicena», 37.

⁴⁷LAMELAS, «A experiência sinodal pré-nicena», 37.

⁴⁸John W. O’MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem. Um ensaio que compara Trento, o Vaticano I e o Vaticano II* (Ed. 70: Portugal, 2020), 47.

Para Inácio, a relação com o Bispo não é apenas humana, mas de origem divina. Assemelha-se com aquela relação existente entre o Filho e o Pai. Cresce em comunhão com o bispo, unido com o seu presbitério e consumando-se na convivência com todos os fiéis, membros do Corpo de Cristo, visível no tempo e no espaço. Leva-nos a pensar na relação circular ininterrupta: Bispo – Presbitério – Diáconos – Povo de Deus.

Para concluir, «Este leque de formas de manifestações de comunhão, umas vezes entusiastas, outras vezes mecânicas, permite-nos reunir sob o único termo “sinodalidade” expressões de comunhão muito diversas em ação nas diversas instituições eclesiais, como acabamos de enumerar»⁴⁹.

1.1.2. Cipriano de Cartago e sinodalidade

Uma Igreja assente em dinâmicas de sinodalidade já se encontra, como pudemos verificar, na correspondência de Inácio de Antioquia. Embora o nosso olhar se coloque sobre a experiência da Igreja na parte oriental do Mediterrâneo, podemos afirmar com Hamilton Hess, que existem «outros eventos que refletem mais claramente o desenvolvimento sinodal, no Oriente são relatados por uma série de fontes, aquelas que relatam mais perto dos eventos em si são geralmente os mais confiáveis. O africano Tertuliano, curiosamente, é o primeiro»⁵⁰.

É assim, na parte ocidental do Mediterrâneo, em concreto na Igreja de Cartago e do Norte de África que temos informação mais detalhada sobre dinâmicas de sinodalidade na Igreja antiga. Cipriano⁵¹ desempenhou um papel decisivo na Igreja latina do terceiro século. Confrontou-se com os *lapsi*, apresentou os seus depoimentos sobre a vida eclesial, com particular foco para a fidelidade à hierarquia.

Falar de Cipriano de Cartago, eclesiologicamente, implica destacarmos o seu papel no século III do cristianismo, em África do Norte. Ele exerceu o seu episcopado num tempo conturbado da história do Cristianismo, em particular devido a grandes perseguições. Estas tiveram repercussões na vida da Igreja aos mais diversos níveis, em particular no entendimento da pertença à mesma. As vicissitudes sofridas pela Igreja nessa altura, levaram à consolidação

⁴⁹Rémi CHENO, *L'Esprit-Saint et l'Église : Institutionnalité et pneumatologie vers un dépassement des antagonismes ecclésiologiques*, 282-283 : « Cet éventail des formes des manifestations de communion, parfois enthousiastes, parfois mécaniques, nous autorise à rassembler sous l'unique terme « synodalité » des expressions très diverses de la communion à l'œuvre dans les différentes institutions ecclésiiales, comme nous venons de les énumérer.

⁵⁰ Hamilton HESS, *The Early development of Canon Law and the Council of Serdica* (Oxford University Press: New York, 2002), 10: «Further events more clearly reflecting synodical development in the East are reported by a number of sources, those reporting closer in time to the events themselves being generally the more reliable. The African Tertullian, interestingly, is the first».

⁵¹ B. ALTANER, *Patrologia: vida e obras dos Padres da Igreja* (Paulinas: São Paulo, 1972), 179; cf. Hamilton HESS, *The Early development of Canon Law and the Council of Serdica*, 40; cf. Francesca COCCHINI, «Il rapporto tra Liturgia e sinodalità nella Chiesa Antica», in *Rivista Liturgica*, 109, 1 (2022), 39-44 (aqui 39): «La convocazione di Sinodi costituisce uno degli aspetti più rilevanti dell'episcopato di Cipriano».

da experiência do mono episcopado como forma dominante de organização eclesial⁵². Nesta dimensão, Jean -Yves Lacoste sublinha:

Uma certa ideia da Igreja – Igualmente em 251, em seu *De Ecclesiae catholicae unitate*, Cipriano combate os cismas ligados ao problema dos *lapsi*, pregando a fidelidade à Igreja: “Não se pode ter Deus por pai quando não se tem a Igreja por mãe”. Cipriano funda a unidade eclesial na coesão da Trindade (citando 1 Jo 5,8)⁵³.

A nota característica da eclesiologia de Cipriano consiste na unidade da Igreja⁵⁴, cuja fonte necessária e indispensável é a Trindade. Deste modo, «à unidade da Igreja corresponde um episcopado “uno e indivisível”»⁵⁵. «A unidade da Igreja, na concepção de Cipriano, é assegurada pela união de cada um com seu bispo: quem não está com seu bispo, também não está na Igreja (ep. 43,5; 69,3)»⁵⁶.

O grande desafio de ser cristão diz respeito à fidelidade e, à comunhão com o bispo diocesano. Primar pela unidade cristã, significa reconfirmar a colegialidade. Entretanto, não existem dois colégios dos apóstolos. «Para Cipriano, a Igreja assenta na unidade do corpo episcopal: “a Igreja está no bispo”. Cf. “*De unitate Ecclesiae*”, em 252. Cada Bispo é soberano na região da sua competência e guarda da tradição»⁵⁷.

⁵² CYPRIAN, «Cyprian and the Bishops at the Council of Carthage to Felix, Aelius, and Their People», in *The Fathers of the Church: Saint Cyprian Letters* (1-81), Sister Rose Bernard Donna (trad.), (New York: The Catholic University of America Press, 1981), n. 67.

⁵³ Jean – Yves LACOSTE, «Cipriano de Cartago», in *Dicionário Crítico de Teologia* (Paulinas: São Paulo, 2004), 386-387; Hamilton HESS, *The Early development of Canon Law and the Council of Serdica*, 44: «(...) Specifically, canon 1 dealt with the continuing problem of the dating of Easter, ruling that the date observed by the Roman church should be followed, and canon 8 rejected the position taken by the African church at the time of Cyprian regarding the rebaptism of heretics, directing that all baptisms in the name of the Trinity should be considered valid»; cf. Francesca COCCHINI, «Il rapporto tra Liturgia e sinodalità nella Chiesa Antica», 40: «La necessità di ascoltare il parere di molti quando si trattava di dover prendere decisioni importanti a riguardo di problematiche particolarmente complesse, come furono quelle concernenti la riammissione dei lapsi, emerge con forza nella lettera inviata a Cipriano dal clero di Roma, (...)»; cf. CYPRIEN DE CARTHAGE, *L'unité de l'Église (De Ecclesiae Catholicae unitate)*, in *Sources Chrétiennes*, 500 (Les Éditions du Cerf 29: Paris), 2006.

⁵⁴ CYPRIAN, «Letters to Cornelius», in *The Fathers of the Church: Saint Cyprian Letters* (1-81), Sister Rose Bernard Donna (trad.), (New York: The Catholic University of America Press, 1981), n. 48: «Yet some persons sometimes disturb minds and spirits by their talk, through announcing certain things contrary to truth. (...), by all placed there that all our colleagues might firmly approve and maintain you and your communion, that is, the unity and (...) the charity of the Catholica Church» That this, by divine inspiration, (...) ».

⁵⁵ Jean – Yves LACOSTE, «Cipriano de Cartago», in *Dicionário Crítico de Teologia*, 387; cf. Dario VITALI, *A caminho da sinodalidade* (Paulinas: Prior Velho, 2015), 47; cf. Giuseppe RUGGIERI, «À propos des synodes: l'histoire nous interroge», in *Recherches de Science Religieuse* (2021), 367-368.

⁵⁶ B. ALTANER, *Patrologia: vida e obras dos Padres da Igreja*, 185; cf. CYPRIAN, *Letters*, Vol. 51 (New York: The Catholic University of America Press, 1981), 97.

⁵⁷ Mireille BAUMGARTNER, *A Igreja no Ocidente: das origens às Reformas do século XVI*, 82; cf. B. ALTANER, *Patrologia: vida e obras dos Padres da Igreja*, 185; cf. CYPRIAN, «Cyprian and other colleagues who were present at the council, in number sixty-six», in *The Fathers of the Church: Saint Cyprian Letters*, Vol. 51, n.64.

Em outros termos, uma Igreja sinodal é aquela que vive na unidade de todos os fiéis⁵⁸ com o seu pastor próprio. Caritativamente, caminhando com o Bispo⁵⁹. Logo, o bispo é o princípio da sinodalidade na sua jurisdição particular. Resta-nos aprofundar outra dimensão necessária, a identidade do papa, na Igreja do terceiro século:

Mas Cipriano entendia o papel de Pedro como a origem do apostolado ou do episcopado em sentido econômico: o Senhor escolheu Pedro primeiro e fundou sua Igreja sobre ele, isso significava a unidade deste e do episcopado. Mas os próprios papas entenderam essa prioridade ou primazia no sentido de que, herdeiros ou sucessores de Pedro, ocupando a sé apostólica da Igreja Romana, seriam - seria - *caput, fons, origo* de todas as Igrejas. Eles teriam a solicitude para isso, com os poderes necessários para exercê-lo⁶⁰.

Esta afirmação parece-nos tão radical e absoluta para uma Igreja sinodal. Estamos quase perante uma “monarquia eclesial”. De um lado, Cipriano apresentou o fundamento trinitário, fonte da unidade da Igreja. Por outro, aponta para o fundamento hierárquico eclesial, isto é, o papel do Bispo na comunidade, Igreja particular. Por último, fala da relação do bispo com a figura de Pedro⁶¹. A propósito da sinodalidade integral, Hamilton Hess escreve:

O primeiro concílio conhecido sob a presidência de Cipriano foi realizado após a Páscoa na primavera de 251, após seu retorno do exílio autoimposto durante a perseguição precedente. O número exato de bispos presentes não é conhecido, mas somos informados da presença de *copiosus episcoporum numerus*, juntamente com presbíteros, diáconos e leigos. A agenda incidiu principalmente sobre as condições impostas para a reconciliação daqueles que tinham decaído sob perseguição, e também tratou de questões disciplinares relativas a um cisma em Cartago, perpetrado por um confessor diácono rebelde, Felicissimus, e a um cismático Numídia bispo Privatus e seus seguidores⁶².

Interessa-nos, compreender que, não havia um estatuto próprio, instrumento normativo sobre esse sínodo. Para Cipriano o sínodo teve como finalidade travar as tendências

⁵⁸ CYPRIAN, «Letters to all the people», in *The Fathers of the Church: Saint Cyprian Letters*, n. 43.

⁵⁹ CYPRIAN, «Letters to the priests and deacons», in *The Fathers of the Church: Saint Cyprian Letters*, n. 29.

⁶⁰ Yves CONGAR, *Église et Papauté : Regards historiques* (Les Éditions du Cerf : Paris, 1994), 37 : « Mais Cyprien entendait le rôle de Pierre comme origine de l’apostolat ou de l’épiscopat en un sens économique : le Seigneur ait choisi Pierre premier et qu’il ait fondé sur lui son Église, cela signifiait l’unité de celle-ci et de l’épiscopat. Mais les papes, eux, ont entendu cette priorité ou primauté en ce sens que, héritiers ou successeurs de Pierre, occupant le siège apostolique de l’Église romaine, ils seraient - elle serait - *caput, fons, origo* de toutes les Églises. Ils en auraient la sollicitude, avec les pouvoirs nécessaires à l’exercice de celle-ci » ;

⁶¹ CYPRIAN, «Cyprian to Cornelius», in *The Fathers of the Church: Saint Cyprian Letters*, n.51: «We confess, dearly beloved Brother, that we both have given and are giving very great thanks without ceasing to God, the Father Almighty, and to His Christ, our Lord and Savior God, because the Church is so divinely protected that its unity and sanctity are not continually or wholly injured by the obstinacy of perfidy and heretical depravity».

⁶² HESS, *The Early Development of Canon Law and the Council of Serdica*, 17-18: «The first known council under Cyprian’s presidency was held after Easter in the spring of 251, following his return from self-imposed exile during the preceding persecution».

heréticas, cismáticas. Segundo Battista Mondin, «Cipriano é antes de tudo, eminentemente, um pastor de almas que também entende os problemas teológicos e sabe lidar com eles com clareza e profundidade de pensamento, mas sente mais intensamente os compromissos e desafios pastorais»⁶³. Prossegue: «e, no entanto, sua contribuição para a teologia não é desprezível, especialmente no que diz respeito à eclesiologia. De facto, o primeiro tratado dedicado expressamente à Igreja pertence a ele, o *De Catholicae Ecclesiae unitate*»⁶⁴.

Na eclesiologia de Cipriano, aparecem duas propriedades importantes: a unidade e a catolicidade. «A pedra angular de todo o argumento de Cipriano é que a Igreja não é uma invenção humana, que pode ser manipulada ou ajustada ao gosto de cada um, mas um plano divino. Seu autor é o Filho de Deus, Jesus Cristo»⁶⁵.

Finalmente, «Cipriano considerava, como Tertuliano antes, e alguns bispos da Ásia Menor, inválido o batismo administrado por hereges; três sínodos por ele presididos, em Cartago, nos anos 255 e 256, se pronunciaram pela invalidez desse batismo»⁶⁶. Em suma, «através de Cipriano e outras fontes, podemos concluir que vários concílios foram realizados no Ocidente durante a segunda metade do século III»⁶⁷. «Cipriano expressa conhecimento de uma reunião de bispos junto com uma congregação para a ordenação de um bispo na Espanha antes de 256/7, e ele parece assumir a observância da mesma prática na Gália (...)»⁶⁸.

Cipriano enviou várias cartas para diversas entidades e membros das Igrejas regionais e de Roma, nomeadamente ao Papa Cornélio, a fim de manifestar a colegialidade episcopal. Também se serviram de critério de convivência sinodal. Ousaríamos dizer que, em Cipriano, a ideia de sinodalidade passa pela obediência ao bispo e da comunhão dos bispos⁶⁹.

⁶³ Battista MONDIN, *Storia della Teologia*, Vol. 1 (ESD: Bologna, 1996), 169: «Cipriano è primariamente ed eminentemente un pastore d'anime che sente anche i problemi teologici e li sa affrontare con lucidità e profondità di pensiero, ma avverte più acutamente gli impegni e le sfide pastorali»; cf. Hamilton HESS, *The Early development of Canon Law and the Council of Serdica*, 17: «The exact number of bishops attending is not known, but we are told of copiosus episcoporum numerus, (...)».

⁶⁴ MONDIN, *Storia della Teologia*, 169: «E tuttavia il suo apporto alla teologia non è affatto trascurabile, soprattutto per quanto attiene l'eclesiologia. A lui, infatti, appartiene il primo trattato dedicato espressamente alla Chiesa, il *De Catholicae ecclesiae unitate*».

⁶⁵ S. CAVALLOTTO, «Il magistero episcopale di Cipriano di Cartagine», in *Divus Thomas*, 92 (1989), 170.

⁶⁶ Berthold ALTANER – Alfred STUIBER, *Patrologia: Vida, Obras e Doutrina dos Padres da Igreja* (Edições Paulinas: São Paulo, 1972), 180.

⁶⁷ Hamilton HESS, *The Early development of Canon Law and the Council of Serdica*, 40: «Through Cyprian and other sources we can draw the conclusion that a number of councils were held in the West during the latter half of the third century».

⁶⁸ HESS, *The Early development of Canon Law and the Council of Serdica*, 40: «Cyprian expresses knowledge of a gathering of bishops together with a congregation for the ordination of a bishop in Spain before 256/7, and he seems to assume the observance of the same practice in Gaul in about 254/5».

⁶⁹ CYPRIAN, «Cyprian and the Bishops at the Council of Carthage to Felix, Aelius, and Their People», in *The Fathers of the Church: Letters*, n. 67.

1.1.3. Atanásio de Alexandria e sinodalidade

Porventura haverá uma reflexão sistemática sobre a sinodalidade no seu pensamento teológico? De que modo podemos perceber a ideia de Atanásio do Sínodo? Que papel desempenhou Atanásio na vida da Igreja? Tentaremos responder as três perguntas, segundo alguns autores. Digamos que,

Atanásio (295 a 373) nasceu e morreu em Alexandria. É, primeiro, leitor, depois secretário do patriarca de Alexandria, antes de suceder a este em 328. Grande defensor das teses de Niceia, é exilado cinco vezes, vítima dos sucessivos imperadores arianos e dos seus conselheiros teológicos⁷⁰.

Aparentemente, entramos em um labirinto inútil e menos importante da nossa temática sobre a sinodalidade. Trata-se da intervenção de Atanásio no Concílio de Niceia (325)⁷¹. No entanto, pensar assim, significaria descartar o valor dos sínodos que desempenharam um papel preponderante nos primórdios do cristianismo, nomeadamente, no que tange à resolução dos problemas doutrinários e disciplinares.

Nos primeiros séculos do cristianismo, seguiram-se várias modalidades de comunhão, de encontro com influência dos leigos. Atanásio, contribuiu para o crescimento do cristianismo do IV século. Teve vitória sobre a unidade da Igreja, em Alexandria. Enquanto Diácono, deu o seu contributo para a resolução dos assuntos eclesiológicos; apresentou com perícia a doutrina sobre a cristologia (argumento sobre a divindade do Filho). Entretanto, «Atanásio permanece para a tradição eclesial como aquele que contribuiu para a defesa da divindade do Verbo, a sua geração eterna»⁷².

Na visão de Annik Martin, Atanásio poderá ter sido um bispo a frente da Igreja mais importante do Oriente, pela sua metodologia pastoral e administrativa, pelo seu modo de lidar-se com outras Igrejas da região.

Em menos de seis anos ele viajou de fato, e pela primeira vez ao nosso conhecimento na história dos bispos de Alexandria, todo o Egito, de Tebaide onde ele foi de 330, para a Pentápoles da Líbia e até Amoníaca em 332, e, por fim, às “partes baixas”, as mais próximas da capital⁷³.

⁷⁰BAUMGARTNER, *A Igreja no Ocidente: das origens às Reformas do século XVI* (Edições 70: Lisboa, 2015), 96.

⁷¹ Annick MARTIN, « Athanase d'Alexandrie et l'Église d'Égypte au IV siècle (328-373) », in *École Française de Rome*, 216, 1 (Publications de l'École française de Rome : Rome, 1996) ; aqui, citamos n.1.

⁷²Vital CARBELLINI, «A participação de Atanásio no Concílio de Niceia e a sua defesa do Homoúsios», 397 (acesso: 17 de maio de 2022).

⁷³ MARTIN, « Athanase d'Alexandrie et l'Église d'Égypte au IV siècle (328-373) », *École Française de Rome*, 5 : « En moins de six ans il parcourt en effet, et pour la première fois à notre connaissance dans l'histoire des évêques d'Alexandrie, toute l'Égypte, de la Thébaïde où il se rend dès 330, à la Libye Pentapole et à l'Ammoniakè en 332, et, pour finir, aux « parties inférieures », les plus proches de la capitale ».

Finalmente, a experiência destacada durante o seu ministério pastoral, revela-nos a semente da sinodalidade eclesial entre as igrejas orientais do IV século. O espírito comunicacional e a cultura do encontro representam a experiência embrionária da sinodalidade. Ele viajou para o encontro com os outros membros da Igreja.

1.1.4. A sinodalidade da Igreja e a experiência de ser religião dominante no Império

Romano

Que necessidade temos dos acontecimentos sobre o Império Romano? Porventura fará parte do nosso argumento? Que interesse beneficiamos dos sínodos de Roma? Não se pode ignorar o papel preponderante da antiguidade cristã. Especialmente, há uma necessidade de conhecimento da geografia político-religiosa da época e das suas influências na Igreja que temos hoje.

Contam os historiadores que, a Igreja sofreu várias influências ideológicas, socioculturais, políticas⁷⁴. «A partir do século III, o Império Romano sofreu o contragolpe das invasões e das guerras. (...) Não obstante a sua própria insegurança, a Igreja continua a crescer e é dotada de uma organização complexa»⁷⁵. «O século III assistiu a um progresso considerável da Igreja. Ela é agora uma vasta sociedade, conhecida, muito organizada, com um pensamento que se aprofunda e com fortes personalidades que impõem a sua reflexão»⁷⁶.

Nos anais eclesiais do primeiro milénio do cristianismo, consta o papel preponderante do Império Romano, em prol da estabilidade da Igreja. Neste caso, havemos por bem, de mencionar o nome de Constantino⁷⁷, figura emblemática, incontornável da história “eclesiástica”, nos meados do século IV⁷⁸, por ter proporcionado a tranquilidade e liberdade religiosa, face às atrocidades iniciais no seu Império.

Feito único senhor no Ocidente em 312, Constantino retoma o édito de Galério e faz publicar em Nicomédia em 313 uma carta circular, que se torna o *Édito de Milão*. Por meio deste concede aos cristãos a liberdade de culto, a igualdade de direitos com os pagãos e a restituição de todos os bens antes confiscados. A jurisdição episcopal é reconhecida ao lado da dos tribunais civis⁷⁹.

Sendo assim, surge uma novidade eclesial na circunscrição jurídica Romana. Garantiu a estabilidade das comunidades cristãs, conforme nos narram os historiadores. De facto, trata-

⁷⁴José Miguel GARCÍA, *As origens históricas do Cristianismo* (Edições Tenacitas: Coimbra, 2007), 327.

⁷⁵BAUMGARTNER, *A Igreja no Ocidente: das origens às Reformas do século XVI*, 73.

⁷⁶BAUMGARTNER, *A Igreja no Ocidente: das origens às Reformas do século XVI*, 83.

⁷⁷HESS, *The Early development of Canon Law and the Council of Serdica*, 112: «In about 313 Constantine appointed him as his ‘ecclesiastical adviser’, and he apparently served continuously in this capacity until after the council of Nicaea».

⁷⁸BAUMGARTNER, *A Igreja no Ocidente: das origens às Reformas do século XVI*, 85.

⁷⁹BAUMGARTNER, *A Igreja no Ocidente: das origens às Reformas do século XVI*, 87.

se de uma época significativa para a Igreja Católica. Por esta razão, destacamos o maior impacto das autoridades civis para a reviravolta eclesial, influenciaram no desenvolvimento estrutural e no culto estável dos cristãos.

O Sínodo Romano, que desde o século V funcionava como conselho do Bispo de Roma e ao qual tomavam parte, além dos Bispos da província romana, também Bispos presentes na Urbe no momento da celebração, juntamente com os Presbíteros e Diáconos, torna-se o modelo dos Concílios do Medievo. Esses, presididos pelo Papa ou por seu legado, não são assembleias exclusivamente de Bispos e eclesiásticos, (...), em que se sentam com funções diversas, ao lado das autoridades eclesiásticas (Bispos, Abades e Superiores das Ordens religiosas), também as autoridades civis (representantes do Imperador, dos Reis e grandes dignitários) e os peritos teólogos e canonistas⁸⁰.

No evoluir do processo de funcionamento das instituições eclesiais, foi adotado o sistema dos sínodos para o melhor conhecimento e tratamento dos problemas de natureza doutrinal, disciplinar da Igreja. Estamos a falar da realização dos sínodos dentro do território do império. A presença dos leigos e de autoridades civis no sistema de reflexão dos acontecimentos da Igreja revela a intencionalidade sinodal. O Teólogo Giuseppe Ruggieri descreve assim:

O sínodo ou concílio, por outro lado, é um evento preciso, historicamente determinado, e não pode ser reduzido a um modelo comum, (...). Basta pensar no papel desempenhado pelo imperador nos concílios gerais durante o primeiro milênio e o do bispo de Roma nos concílios gerais do Ocidente latino durante o segundo milênio, ou mesmo no sínodo plenário de uma “Diocese”. Do Império Romano (o equivalente a um sínodo “nacional” no sentido atual do termo) ou ao sínodo de uma determinada metrópole (“província” eclesiástica) ou mesmo ao atual sínodo “diocesano”⁸¹.

Certamente, este modo de tratamento da vida comunitária cristã teve objetivos precisos em cada tempo e lugar. Deve-se, entretanto, à intervenção direta ou indiretamente do poder

⁸⁰ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja* (2018), n. 32.

⁸¹ Giuseppe RUGGIERI, « À propos des synodes : l’histoire nous interroge », 364 : « Le synode/concile en revanche est un événement précis, historiquement déterminé, et ne peut être ramené à un modèle commun, à une *Gestalt* fixe. Il suffit de penser au rôle joué par l’empereur aux conciles généraux durant le premier millénaire et celui de l’évêque de Rome dans les conciles généraux de l’Occident latin durant le deuxième millénaire, ou encore au synode plénier d’un « diocèse » de l’empire romain (l’équivalent d’un synode « national » au sens actuel du terme) ou au synode d’une métropole donnée (« province » ecclésiastique) ou encore au synode « diocésain » actuel » ; cf. Rémi CHENO, *L’Esprit-Saint et l’Église : Institutionnalité et pneumatologie vers un dépassement des antagonismes ecclésiologiques*, 283 : « Un synode diocésain, souvent vécu comme un moment de grâce, comprend aussi des procédures de débat, de vote ou de promulgation qui peuvent sembler plus laborieuses et bien moins stimulantes ».

temporal. Houve garantia da estabilidade dos cidadãos da mesma cultura imperial. Ao mesmo tempo, defendeu os direitos sociopolíticos dos cristãos.

Permitiu o exercício da liberdade religiosa e, a manutenção da própria hegemonia do império. Os imperadores confirmavam o poder das autoridades eclesiais do império. Imperiosamente, a Igreja sofria influência. Em vários momentos, o poder temporal dominava sobre o espiritual. Na evolução jurídica e da primazia da Igreja Romana cristã, encontramos a maior razão da autoridade universal do Papa sobre a Igreja. Considerando a isto, Congar na sua reflexão eclesiológica afirma:

Várias cartas da Igreja primitiva são, indistintamente, da *ecclesia* ou comunidade e seu pastor: assim, por volta de 90-95, a de Clemente de Roma à Igreja de Corinto; em 177, a das Igrejas de Vienne e Lyon às da Ásia e da Frígia. A *Ecclesia Romana*, (...), via-se como a Igreja de Pedro e Paulo. Desfrutou do carisma de sua fé e do primado apostólico de Pedro⁸².

Quanto alcance atingiu a visão do exímio teólogo do século XX, Cardeal Congar, ao descrever a relação sinodal entre pastor e sua comunidade! Além de mais, aponta a dignidade dos dois pilares da hierarquia da Igreja de Cristo, designadamente, Pedro e Paulo. Sem se esquecer da primazia petrina por si, distinta dos outros Apóstolos.

Constatamos que, há uma particularidade, presente até aos nossos dias, concernente ao *múnus* petrino. Porque tem sido de contraposição interpretativa com o Colégio dos Bispos. Diante desta reivindicação, onde fica o esforço de comunhão, de discernimento e de igualdade apostólica entre o Magistério? Como podemos explicar a sinodalidade aos fiéis?

A nomeação dos bispos tem sido outra realidade complexa, em vários contextos eclesiais. Na realidade, se depara com tantas dificuldades de encontrar uma figura idónea e conveniente no meio da terna. A escolha parte de um consenso que menos conhecemos do ponto de vista pastoral. O processo de escrutínio até aos nossos dias, carrega consigo alguns requisitos do foro jurídico-canónico não vulgares, ou seja, pouco conhecidos pela comunidade cristã.

Para uma Igreja sinodal, precisava-se de reverter o quadro metodológico. Seria conveniente, se houvesse uma revisão profunda, que não pusesse em causa o princípio da Tradição milenar da Igreja. Em suma, o desenvolvimento da teologia da sinodalidade é a nossa maior preocupação de estudo.

⁸²CONGAR, *Église et Papauté : Regards historiques*, 36 : « Plusieurs lettres de l'Église primitive sont, indistinctement, de l'ecclēsia ou communauté et de son pasteur : ainsi, vers 90-95, celle de Clément de Rome à l'Église de Corinthe ; en 177, celle des Églises de Vienne et de Lyon à celles d'Asie et de Phrygie. L'Écclesia Romana, (...), s'est vue comme l'Église de Pierre et de Paul. Elle jouissait du charisme de leur foi et de la primauté apostolique de Pierre ».

1.1.5. Concílio de Elvira e sinodalidade

Aparentemente, alguém terá ousadia: por qual motivo, fizemos misturas temáticas? Não nos desviámos do argumento do estudo. Porque pretendemos descobrir a justa história da sinodalidade ao longo do cristianismo, servindo-se de inspiração.

A compreensão da organização administrativa e jurídica da Igreja tem grande importância. O Concílio de Elvira serviu-se de referência jurídica sobre a legislação dos sínodos. Apostou-se na elaboração metodológica e canónica dos sínodos.

No início, como se não bastasse, a expressão “concílio”⁸³ foi adotada pela Igreja Latina, em vez da palavra “sínodo”. Tardiamente, fizeram uma distinção específica das duas palavras: “concílio e sínodo”. De facto, reservaram o termo “concílio” para as reuniões de maior grau, convocadas pelo Pontífice. A palavra “sínodo” ficou, no sentido restrito, para os encontros típicos da Igreja universal, das Igrejas particulares, regionais, continentes.

O Concílio de Elvira foi a primeira reunião episcopal, do Oriente ou do Ocidente, o que se sabe ter promulgado e publicado legislação canónica. Os oitenta e sete cânones produzidos são de grande interesse para revelar tanto as questões disciplinares quanto os problemas organizacionais que enfrentou a Igreja no período crítico do início do século IV (...), já tendo se tornado uma importante força religiosa e social dentro do mundo romano, mas ainda estava em circunstâncias de perseguição periódica até as vésperas da paz permanente com o Estado⁸⁴.

Elvira traz-nos uma novidade para a teologia da sinodalidade. Porque apresenta os dados legais do enquadramento de um evento sinodal para o Oriente e visão conciliar para o Ocidente. O mais importante contributo do concílio regional de Elvira, deve-se à criação da legislação canónica⁸⁵ e normativa para a defesa e disciplina da Igreja. Elvira teve como finalidade, tutelar o bem dos fiéis, garantindo a paz, nos momentos de perseguições⁸⁶.

⁸³John W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem: Um ensaio que compara Trento, o Vaticano I e o Vaticano II*, 14: «O nome grego de tais reuniões era sínodos, e o nome latino era concílios. No Ocidente, ambas as palavras passaram a ser usadas como sinónimos e, até há bastante pouco tempo, eram usadas de forma intercambiável».

⁸⁴HESS, *The Early development of Canon Law and the Council of Serdica*, 40: «Through Cyprian and other sources we can draw the conclusion that a number of councils were held in the West during the latter half of the third century».

⁸⁵HESS, *The Early development of Canon Law and the Council of Serdica*, 40: «The council of Elvira was the first episcopal gathering, East or West, that is known to have enacted and published canonical legislation».

⁸⁶HESS, *The Early development of Canon Law and the Council of Serdica*, 40: «Not only was the Church at that time undergoing rapid growth and organizational development, having already become an important religious and social force within the Roman world, but it was still in circumstances of periodic persecution until the very eve of permanent peace with the state».

1.1.6. Sínodo de Sérdica (ano 343)

Estamos a rematar sobre uma temática essencial, mas que contém tantos degraus, quiçá muitas nuances históricas. Por este motivo, a dimensão histórica tem sido complexa, pois, nem sempre conseguimos de apurar com exatidão e mestria a verdade sobre o assunto. Eclesiologicamente, o que foi Sérdica? Que contributo deu à Igreja?

Claro que, fariamos uma lista de questões. Entretanto, Sérdica foi um sínodo *normativo-jurídico* e disciplinar dos bispos. Explicitou o relacionamento entre os bispos e o modo de resolução de conflitos. O elemento importante desse sínodo foi a disciplina e o julgamento de um bispo⁸⁷. Isto nos leva em crer da seriedade dos ministérios na Igreja. Destaca-se a parte judicial, em caso de uma infracção doutrinal, administrativa, para não lesar o bom nome do ordinário e da Igreja:

Se um bispo tiver sido julgado em determinada causa e achar que tem boas razões para pedir revisão do julgamento, se vos parecer bem, honremos a memória do santíssimo Apóstolo Pedro; escreva-se, ou por parte daqueles que examinaram a causa, ou dos bispos que residem na província vizinha, ao bispo de Roma; e se ele julgar necessária a revisão do julgamento, faça-se a revisão, e que ele designe os juizes. Se, porém, provar que a causa é tal que não se deve retomar o que foi tratado, será confirmado o que tiver sido estabelecido⁸⁸.

A citação nos faz perceber que, ninguém é soberano perante a lei, mormente, a lei divina impressa na natureza de cada humano, sigilada, confirmada, reconhecida e aprovada pela autoridade. Quanto mais se conhece uma lei, tanto mais se pede a responsabilidade a quem infligir a lei. Com ousadia, poderíamos afirmar: «Portanto, a quem muito foi dado, muito lhe será pedido; a quem muito foi confiado, dele será exigido muito mais!» (Lc 12,48).

1.2. A sinodalidade na época Medieval

Quanto à Idade Média⁸⁹, nos lembra tanto o percurso histórico da sociedade; nos faz repensar no processo de sistematização da doutrina cristã e na redefinição do poder eclesiástico. Formalmente, a Idade Média é repartida em duas fases distintas: Alta Idade Média⁹⁰ e Baixa

⁸⁷ HESS, *The Early development of Canon Law and the Council of Serdica*, 95: «The unique contribution of Serdica, in a general view of the six decades of conflict between the excommunication of Arius by his bishop, Alexander, and the council of Constantinople, was the thoroughgoing attempt by its Western contingent to remedy the causes of failure».

⁸⁸ DENZINGER (*DZ*) 134.

⁸⁹ João Luís FONTES – Maria Filomena ANDRADE – Mário FARELO, «Apresentação», in *Lusitânia Sacra*, Tomo 33 (2016), 2, 11-14: «Quando pensamos e falamos da Idade Média, temos a nítida percepção da sua longuíssima e, simultaneamente, alguns tendem a considerá-la um período uniforme e de poucas transformações».

⁹⁰ BAUMGARTNER, *A Igreja no Ocidente. Das origens às Reformas no século XVI* (Edições 70: Lisboa, 2015), 153: «O movimento de despertar religioso iniciado no século XI continua e expande-se no século XII com expressões diversas, enquanto o Ocidente assume lentamente uma figura nova».

Idade Média. A nível de eclesiologia, até certo ponto, foi qualificada como Idade de ouro, o momento de sistematização e reorganização da hierarquia da Igreja Católica.

Houve maior exaltação do poder hierárquico do que do poder carismático. Nesta época, começam a surgir muitas correntes de ordem religiosa, chamadas congregações religiosas e Ordens Mendicantes⁹¹, nos finais do século XII⁹². Elas pretendiam redescobrir os dons e carismas do Espírito Santo nas comunidades, mediante as reflexões teológicas. A Idade Média foi predominada pela cultura cristã. Não nos esqueçamos que, surgiram as escolas teológicas e universidades católicas de renome.

Foi o princípio de grandes reformas internas na Igreja, onde sobressaem os pontífices: Gregório VII (1073-85)⁹³, Inocêncio III⁹⁴, Bonifácio VIII (1294-1303). Os designados pontífices tentaram acabar com as investidas imperiais, com as falsas espiritualidades e, abuso do poder. Por fim, implementaram a teoria da soberania do poder espiritual⁹⁵ sobre o temporal.

Na visão dos historiadores⁹⁶, sobretudo cristãos, a Idade Média⁹⁷ foi o ponto de viragem sociocultural. O epicentro girava-se à volta da cristandade, marcada pela corrente teocêntrica. Nesta época, degradava a moral cristã. Tendo sido um momento da decadência ética do Clero. Diante disto, a Igreja atravessou uma fase crítica, por causa da interferência do poder temporal.

Houve simonia, isto é, comercialização dos bens sagrados. Sucessivamente, tudo aquilo que corresponde à vida espiritual da Igreja, passou por algumas vicissitudes. Com o andar do tempo, a Igreja tentou reivindicar a sua identidade.

⁹¹Paulo ABREU, «Formadores e formandos na história do povo crente», in *A edificação do tecido eclesial. Formação de Agentes*, org. Luís M. Figueiredo Rodrigues (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2021), 25; cf. Paulino Mulamba, *Novos Movimentos de Apostolado fundados em Cabinda: Uma abordagem teológico-pastoral* (Principia Editora: Cascais, 2019), 41.

⁹²BAUMGARTNER, *A Igreja no Ocidente. Das origens às Reformas no século XVI*, 153: «O movimento de despertar religioso iniciado no século XI continua e expande-se no século XII com expressões diversas, enquanto o Ocidente assume lentamente uma figura nova».

⁹³Francis OAKLEY, *The Conciliarist Tradition: Constitutionalism in the Catholic Church 1300-1870* (Oxford University Press: New York, 2003), 23: «Here, what the Gregorian reformers of the eleventh century succeeded in achieving did much to set the pattern of development for the centuries succeeding. Anyone prone to minimizing the essential continuity of late medieval papal history with that of the earlier period would find it a sobering experience to glance at the twenty-seven blunt propositions of the *Dictatus papae*, the celebrated document that, in March 1075, was inserted in the papal register»; cf. John W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 49; DENZINGER (*DZ*) 700; cf. Alfredo TEIXEIRA, «Instituição, abusos e vítimas: crítica da razão institucional», in *Uma anatomia do poder eclesiástico*, coord. João Eleutério (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2022), 95-125 (103): «A reforma atingiu o seu auge com a figura do Papa Gregório VII (1073-1085) e, por isso, o seu nome batizou este programa reformista».

⁹⁴W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 91: «o Papa Inocêncio III convocou todos os soberanos da cristandade»; cf. Francis OAKLEY, *The Conciliarist Tradition*, 23; cf. Alfredo TEIXEIRA, «Instituição, abusos e vítimas: crítica da razão institucional», in *Uma anatomia do poder eclesiástico*, 105.

⁹⁵DENZINGER (*DZ*), 873.

⁹⁶João Luís FONTES – Maria Filomena ANDRADE – Mário FARELO, «Apresentação», in *Lusitânia Sacra*, 11: «No entanto, na consciência dos historiadores de hoje é que, apesar da sua longa duração e de existirem linhas de força estruturais que mantêm por largos períodos, temos de considerar as mudanças conjunturais, fruto das mobilidades da época e de acontecimentos fraturantes».

⁹⁷Manuel Franco FALCÃO, «Idade Média», in *Enciclopédia Católica Popular* (Paulinas: Prior Velho, 2004), 230.

Seguramente, o período ficou marcado pela jurisdição eclesiástica desfavorecida, quiçá medíocre, pela insegurança do poder da Igreja, pela influência dos regimes políticos teocráticos e pelas tendências de dinastias nas estruturas eclesiais. Os interesses do sistema feudal também afectaram muito a Igreja.

À primeira dessas deficiências já tivemos ocasião de aludir, pois refletia a jurisdição pós-Constantiniana da Igreja e das categorias de sua auto compreensão estrutural. Com ele veio a concomitante subordinação do entendimento bíblico do ofício como essencialmente ministerial, envolvendo sobretudo o serviço aos outros, aos menos políticas exigentes, mais familiares e administrativamente gerenciáveis modo de pensamento⁹⁸.

O argumento supracitado, procura avaliar a história do poder da Igreja Medieval. Em certos momentos, a governabilidade dependia dos laços de consanguinidade. E as manipulações familiares assolavam a vida da comunidade cristã. Nesta altura, a sinodalidade não tinha ainda o seu significado pleno.

À luz do Evangelho, a Igreja de Cristo não pode ser vista como uma dinastia, simples propriedade de algumas famílias, mas família do Ressuscitado. Sendo assim, deve desprender-se dos vínculos de consanguinidade. Conta apenas a fé em Cristo e comunhão nos mistérios divinos. Posteriormente, os reformadores deram um novo rosto à Igreja católica. Sanaram os abusos, restituindo a dignidade aos clérigos e ao Magistério. Posto isto, recordemos do acontecimento relevante, que criou fissuras no seio da comunidade:

O Grande Cisma com a Igreja do Oriente em 1054 ocorreu, não por coincidência, com o poderoso ressurgimento das reivindicações de liderança papa na Reforma Gregoriana. Em nome do restabelecimento de um paradigma supostamente mais antigo e autêntico da ordem da Igreja, os reformadores em Roma, criaram um paradigma cuja característica central era a autoridade papal⁹⁹.

Até aos nossos dias, o doloroso impacto gerado pelo Cisma continua a afetar a Igreja. A má concepção da governabilidade tem sido motivo de instabilidade entre comunidades, quer sociais quer eclesiais. Este último, é o nosso caso. Até agora, estamos em uma encruzilhada histórico-eclesiológica sobre a unidade da Igreja do Oriente com o Ocidente.

⁹⁸ OAKLEY, *The Conciliarist Tradition: Constitutionalism in the Catholic Church 1300-1870*, 23: «To the first of these disabilities we have already had occasion to allude, for it reflected the post-Constantinian juridification of the Church and of the categories of its structural self-understanding. With it came the concomitant subordination of the scriptural understanding of office as essentially ministerial, involving above all service to others, to the less demanding, more familiar, and administratively manageable *political* mode of thought».

⁹⁹ W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 48;

Foram ensaiados diversos modelos do reencontro, mas ainda não chegamos à unidade plena, desejada por Jesus Cristo. «Quatro décadas antes, em 1378, o Grande Cisma do Ocidente eclodira quando dois, e depois três homens alegaram ser o papa legítimo»¹⁰⁰.

Qualquer pessoa propensa a minimizar a continuidade essencial da história papal medieval tardia com a dos primeiros períodos. Acharia uma experiência sóbria olhar para as vinte e sete contundentes proposições do *Dictatus papae*, o célebre documento que, em março de 1075, foi inserido no registo papal. Essas proposições não refletem o pensamento do próprio Gregório VII (1073-1085), mas também fornecem a chave para as principais direções da política papal até o século XIV século¹⁰¹.

Depois do tempo difícil atravessado pela Igreja, brotou nova aurora, trazendo esperança e vigor para a comunidade crente. Renasce a Igreja, ganha a sua autonomia de jurisdição, apartando-se da maior influência do poder dos imperadores. A maior vitória conquistada pela Igreja Medieval tem a ver com o resgate da governabilidade e a purificação das instituições da época. Definiu-se o estatuto próprio do ministério petrino diante da realeza do mundo. Gregório VII¹⁰² quis acabar com as interferências do poderio temporal sobre o papado.

Aqui, o que os reformadores gregorianos do século XI realmente conseguiram alcançar fez muito para definir o padrão de desenvolvimento pelos séculos seguintes. Em alguns deles – a alegação, por exemplo, de que o papa poderia depor bispos ou restabelecê-los ou traduzi-los como consta – pode-se ver esboçado aquele impulso para exercer a plenitude do poder jurisdicional sobre as igrejas provinciais da cristandade que seria empurrado tão vigorosamente por Alexandre III no século XII e por Inocêncio III e Inocêncio IV no século XIII, mas atingiria seu auge apenas no décimo quarto dia após a corte papal ter sido estabelecida em Avinhão¹⁰³.

¹⁰⁰ W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 49.

¹⁰¹ OAKLEY, *The Conciliarist Tradition*, 23: «Anyone prone to minimizing the essential continuity of late medieval papal history with that of the earlier period would find it a sobering experience to glance at the twenty-seven blunt propositions of the *Dictatus papae*, the celebrated document that, in March 1075, was inserted in the papal register. Those propositions not only reflect the thinking of Gregory VII (1073-85) himself, but also provide the key to the principal directions of papal policy right down to the fourteenth century»; cf. John W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 49.

¹⁰² Brenda BOLTON, *A Reforma na Idade Média: Século XII* (Edições 70: Lisboa, 1983), 20-21: «O período que precedeu e sucedeu à eleição do Gregório VII (1073-1085) para papa foi fértil em medidas destinadas a reformar a Igreja e a esclarecer o seu papal relativamente ao Império»; cf. Francis OAKLEY, *The Conciliarist Tradition*, 26.

¹⁰³ OAKLEY, *The Conciliarist Tradition*, 23: «Here, what the Gregorian reformers of the eleventh century actually succeeded in achieving did much to set the pattern of development for the centuries succeeding. In some of them – the claim, for example, that the pope could depose bishops (...) one can see adumbrated that drive to exercise the fullness of papal jurisdictional power over the provincial churches of Christendom that was to be pushed so vigorously by Alexander III in the twelfth century and by Innocent III and Innocent IV in the thirteenth, but was to reach its peak only in the fourteenth after the papal court had been settled at Avignon».

Outro aspecto central tratava-se de definir a competência jurisdicional (autoridade) do papa diante das Igrejas locais ou particulares. Para uma Igreja sinodal, isto nos interpela imenso. Será que os bispos provinciais terão sido subalternos, vigários papais? Curiosamente, será respondido pelos futuros concílios ecumênicos, sobretudo, pelo último Concílio ecumênico do século passado. Graças a ele, que houve a redefinição do estatuto jurídico do Bispo diocesano.

Mas «a divergência desses interesses acabou acontecendo - em 1378, na esteira da primeira eleição papal após o retorno do papado de Avinhão a Roma, um movimento sobre a sabedoria da qual muitos dos cardeais expressaram reservas»¹⁰⁴. «O problema que se seguiu foi realmente sério. Nada menos, com efeito, do que o início do que veio a ser conhecido como o Grande Cisma do Ocidente»¹⁰⁵.

Sobre os eventos imediatos que levaram à eclosão do cisma, estamos historicamente falando, comparativamente bem informados. Mas sobre a interpretação desses eventos (como de tantas outras coisas a ver com a época conciliar), as disputas teológicas subsequentes lançaram uma sombra tão longa que a disponibilidade de evidências históricas não foi suficiente para garantir a harmonia da interpretação¹⁰⁶.

Como nos demonstra a experiência histórica eclesial, houve grandes desafios teológicos para a estabilidade da vida da Igreja. No centro do poder supremo da Igreja, deu-se o início da disputa do maior lugar, o papado. Posto que, a concorrência do poder predominou de forma extraordinária. Sempre prejudicou a vida cristã. Deixando manchas horríveis.

1.2.1.O Concílio de Pisa (1409) e sinodalidade

Estamos em pleno ambiente de instabilidade do poder papal a nível interno. Apareceram dois papas em competição, um estava em Avinhão, outro em Roma¹⁰⁷. Desembocou no clima de desequilíbrio eclesial. Surge o grande cisma no Ocidente (1378)¹⁰⁸, Igreja Latina. Para sair deste impasse, foi convocado o concílio, a fim de tratar da questão. No fundo, houve um consenso, mas que não deixou de ter a sua repercussão futura em toda a Igreja. Salta-nos aos olhos a futura desintegração de alguns fiéis da Igreja Católica até aos dias de hoje.

Um momento também em que a tentativa do Concílio de Pisa (1409) de sanar a divisão de fidelidade que aquela (ou Pisa) linha de pretendentes a um título papal já, escandalosamente, contestada por duas linhas rivais entre papas concorrendo para o poder supremo,

¹⁰⁴ Francis OAKLEY, *The Conciliarist Tradition*, 32: «Diverge those interests eventually did—in 1378, in the wake of the first papal election after the return of the papacy from Avignon to Rome, a move concerning the wisdom of which many of the cardinals had themselves expressed reservations».

¹⁰⁵ Francis OAKLEY, *The Conciliarist Tradition*, 32; cf. John W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 49: «Os esforços de soberanos e clérigos para pôr fim ao cisma foram em vão, e ele arrastou-se durante quarenta anos».

¹⁰⁶ Francis OAKLEY, *The Conciliarist Tradition*, 32.

¹⁰⁷ Francis OAKLEY, *The Conciliarist Tradition*, 32.

¹⁰⁸ Francis OAKLEY, *The Conciliarist Tradition*, 33.

respectivamente, em Avinhão e Roma. Constance deveria enfrentar essa crise e resolver esse dilema. Não obstante as disputas, compromissos e fracassos, também foi para dar uma resposta mais eficaz à demanda por uma reforma em toda a Igreja do que os historiadores do passado, geralmente, estavam dispostos a admitir¹⁰⁹.

O surgimento de problemas deixa-nos a desejar. Em certos momentos, surgem problemas cuja resolução é tardia. Assim, nos demonstra o cenário do acontecimento aflorado. A conflitualidade desenfreada pelas honras na Igreja, gerou. Efetivamente, houve tentativa de resolução quer no Concílio de Constança quer naquele de Pisa¹¹⁰.

Resta-nos uma dúvida: quem deveria governar a Igreja universal? Quem teve o privilégio entre as duas figuras concorrentes? A verdade é uma, diz respeito ao ministério de Cristo, a Pedra angular da comunidade cristã. Outra verdade, corresponde à hegemonia geopolítica, influenciando a instituição humana. As instituições estão sempre sujeitas à contingência do meio e dos poderes régios do mundo.

1.2.2. O Concílio de Constança (1414-18) e sinodalidade

O que aconteceu neste evento? Até que ponto mexeu a vida da Igreja naquela época? Que lições a tirar do Concílio de Constança¹¹¹? Prevaecem inquietações para as novas gerações. Muitos cristãos do nosso tempo, talvez tenham pouco conhecimento das efemérides relevantes do cristianismo. Na realidade, gostaríamos de indicar alguns aspetos mais importantes do acontecimento. Constança¹¹² seria uma solução cabal do conflito do poder da Igreja. «O concílio de Constança não foi antipapal. Trabalhou, de facto, para salvar o papado»¹¹³.

No passado da cristandade, o concílio ocupou o lugar de relevo. Em outros termos, o concílio correspondia à linguagem sinodal da Igreja oriental. Em princípio, o Concílio de

¹⁰⁹ Francis OAKLEY, *The Conciliarist Tradition*, 22.

¹¹⁰OAKLEY, *The Conciliarist tradition*, 113: «A record of achievement, admittedly, that is eminently forgettable; but the *conciliabulum* of Pisa constituted a very important moment in the history of conciliarist constitutionalism in the Latin Church. It did so for two reasons. First, the very success of its convocation – and it was not the first such attempt during the post-conciliar half-century that has come to be known as the era of papal restoration, (...)».

¹¹¹cf. Hyacinthe DESTIVELLE, *Conduis-la vers l'unité parfaite : Œcuménisme et synodalité*, 261 :« Ce conciliarisme se déclinait lui-même entre une variante radicale, qui voyait dans le concile l'instance de gouvernement suprême de l'Église, et une autre, plus modérée, selon laquelle le concile pouvait déposer un pape hérétique. En France, la Pragmatique Sanction de Bourges de 1438, qui limitait les prérogatives papales et affirmait la supériorité des décisions des Conciles de Bâle et de Constance (1414-1418) sur celles du pape, (...) » ; Francis OAKLEY, *The Conciliarist tradition*, 20 : « Constance may not be exactly a household word – not, certainly, to historians of representative assemblies or even to contemporary ecclesiologists ».

¹¹² W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 50; cf. DENZINGER (DZ) 1178.

¹¹³ W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 50; cf. OAKLEY, *The Conciliarist Tradition: Constitutionism in the Catholic Church 1300-1870*, 20-21.

Constança¹¹⁴, desejava buscar uma solução sobre o cisma no Ocidente¹¹⁵, a nível da hierarquia Católica. Na Igreja Latina, houve muita disputa do poder. Um estava em França, outro, em Roma (1378)¹¹⁶. No fundo, teria sido um concílio disciplinar¹¹⁷.

Estamos mergulhados numa fase do declínio da Igreja. Vigora a teoria do conciliarismo. Predominava a convocação arbitrária de concílio, por parte de algumas figuras públicas. O papa, a priori, não tinha o poder de decisão e legislação sobre a matéria doutrinal, sobre a união da Igreja, sem o direito de aplicar reforma. Segundo a vontade do Fundador, a Igreja deveria primar pela unidade estável.

Por mais delicada que seja, a posição que se destaca, quando colocada no contexto do debate em Constança, como muito centrista. Certo, parece ter sido uma que gerou ampla simpatia entre os padres conciliares durante aquelas semanas críticas no final de março e início de abril de 1415, quando, abandonados pelo papa de cuja autoridade dependia o conselho, convocaram a resolução para encontrar sua legitimidade em outro lugar e, na quinta sessão geral (6 de abril), e com solene unanimidade, eles promulgaram o decreto *Haec sancta*¹¹⁸.

Deve, incansavelmente, trabalhar para superar todas as tendências ou manifestações de cismas na comunidade dos fiéis. O Concílio de Constança marcou incondicionalmente o seu percurso estratégico. Porque pelo intermédio do Papa Martinho V¹¹⁹, sancionou os erros identificados na comunidade. Tal como se apresenta nos pontos abaixo. Há um ponto de referência do concílio de Constança, a interpretação do documento oficial e norteador de decisões:

Entre essas tendências opostas, a posição a que d'Ailly, Gerson e Zabarella haviam chegado, e que era compartilhada por muitos outros no concílio, ocupava um meio-termo. Paul de Vooght sustentou que é essa postura mediadora que se reflete nas disposições do *Haec sancta*,

¹¹⁴OAKLEY, *The Conciliarist tradition*, 20; cf. Emmanuel Kuvialeka PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais* (Paulus Editora: Lisboa, 2013), 36-37: «O Sínodo Ecuménico de Constança. Teve quarenta e cinco sessões desde o dia 5 de novembro de 1414 a 22 de abril de 1418. No solene documento *Haec Sancta* (6.4.1415), o Sínodo Ecuménico de Constança – com o apoio eficaz do imperador – reanimou-se e declarou-se a representação de toda a Igreja, que recebia o seu poder diretamente de Cristo»;

¹¹⁵ José António de C. R. DE SOUSA, «O Concílio Geral é infalível?», in *Didaskalia* 45 (2015), 1, 87-116 (87).

¹¹⁶ OAKLEY, *The Conciliarist tradition*, 32.

¹¹⁷ Zénon KALUZA, «Constança», in *Dicionário Crítico de Teologia* (2004), 438: «Embora fosse criada em 1415, uma comissão de “reforma da Igreja em sua cabeça e em seus membros”, a dificuldade do empreendimento, a multiplicidade e a diversidade dos projetos, (...) tornaram a sua tarefa impossível. Todavia, a 6 de abril de 1415, publica o decreto *Haec sancta Synodus*, que afirma a superioridade do concílio geral sobre o papa em matéria de fé, de união da Igreja e de reforma»; cf. José António DE SOUSA, «Concílio Geral é infalível», in *Didaskalia* 45 (2015), 1, 87-88.

¹¹⁸ OAKLEY, *The Conciliarist tradition*, 81-82.

¹¹⁹ OAKLEY, *The Conciliarist tradition*, 21.

e uma leitura direta da seção central crucial do decreto certamente parece justificar essa afirmação¹²⁰.

As personalidades supracitadas serviram de exemplo para a resolução das querelas no Concílio. Intervieram sabiamente para a interpretação do decreto eclesial. O Concílio de Constança foi espécie de uma espada de dois gumes, cuja finalidade consistia em cortar o mal pela raiz. Lembra-nos John W. O'Malley que: «Nos séculos seguintes, os concílios continuaram a condenar as pessoas por eles acusadas de propagação de heresia. O caso mais notório foi a condenação de Jan Hus no Concílio de Constança (1414-1418), ...»¹²¹.

1.2.3. O Concílio de Florença (1431-1439) e sinodalidade

No ambiente de estudo da eclesiologia¹²², surge a questão que nos motiva, retomarmos às origens, compreender a sua evolução. Para indagarmos as etapas e obtendo resultados dos séculos remotos da história eclesiástica. Como é óbvio, estamos a tratar da sinodalidade.

Mas não dispensa comentários acerca da linguagem adotada pela Igreja Latina. Chamaram de concílio¹²³ o encontro específico das autoridades religiosas, papas, cardeais, arcebispos, bispos e teólogos ou alguns peritos para juntos estudarem, analisarem e encontrarem a solução dos problemas doutrinários e jurídicos da Igreja. O escopo de Florença consistiu em clarificar: «a questão de quem tinha a última palavra na Igreja – os papas ou os concílios»¹²⁴.

O Concílio abre-se em Ferrara a 8 de janeiro de 1438, sob a presidência do Cardeal Albergati (COD 513-517). Os gregos chegam em março, mas, apesar da inauguração solene de 9 de abril, não querem abordar o ponto essencial (adição do *Filioque* ao credo) antes de muitos meses. (...) Por causa da peste, o Concílio é transferido para Florença por Eugênio IV, a 10 de janeiro de 1439, com o acordo dos gregos e do sínodo latino (COD 523), e ali tem oito sessões dogmáticas em março, em seguida reuniões parciais e outras sessões até 6 de julho, em que uma sessão solene celebra a união com os gregos¹²⁵.

O Concílio de Ferrara-Florença dedicou a sua atenção sobre a linguagem doutrinária referente à Cristologia-Pneumatológica entre o Ocidente e Oriente. Foi uma espada de dois

¹²⁰ OAKLEY, *The Conciliarist tradition*, 83.

¹²¹ W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 20.

¹²² João ELEUTÉRIO, «A ministerialidade na Igreja: subversões e “redescobertas”», *Uma anatomia do Poder eclesial* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2022), 27: «(...) a disciplina teológica mais centrada no estudo da forma como a Igreja se entende a si própria e a sua missão no mundo, (...)».

¹²³ Santiago MADRIGAL, «Concílio», in *Dicionário Crítico de Teologia*, 86-87: «O termo “Concílio” designa a assembleia de bispos e dirigentes de várias ou de todas as igrejas particulares que se reúnem para tomar decisões vinculantes em questões relativas à fé e à vida cristã».

¹²⁴ W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 50; cfr. Kuvialeka PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais*, 37.

¹²⁵ Bernard MEUNIER, «Concílio de Ferrara -Florença», in *Dicionário Crítico de Teologia* (Paulinas: São Paulo, 2004), 248; cf. John W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 50: «(...) o concílio depôs Eugênio, elegeu um novo papa e declarou sem reservas os concílios superiores aos papas».

gumes, pois, causou o cisma Ocidental. Por ter feito o emprego da palavra supracitada *Filioque*. Desajustou o relacionamento no caminho eclesial, dita sinodalidade. «Foi em Florença que se realizaram em março de 1439 as grandes sessões dogmáticas sobre a processão do Espírito Santo. Marcos Eugenikos, do lado grego, enfrentava o dominicano João de Montenero, do lado latino»¹²⁶. Foi um concílio de reunificação entre gregos¹²⁷ e latinos sobre a doutrina ligada à divindade do Espírito Santo.

Igualmente, definiu-se a matéria sobre o corpo de Cristo no pão de trigo, seja ázimo ou fermentado, e que os sacerdotes devem produzir sacramentalmente o corpo do Senhor com um ou outro pão, cada qual segundo o rito da própria Igreja, seja ocidental ou oriental.

O terceiro elemento, trata-se da sorte dos finados. Enquanto crentes, sabe-se que, o fim último é entrar em comunhão beatífica com a Trindade Santíssima. Terminada a vida terrena, passa para além do tempo e do espaço. Ser julgado segundo a experiência feita por cada um enquanto vivente. Quarto ponto, dedica-se ao ministério próprio do Pontífice sobre o mundo e toda a Igreja. Desenvolve o estatuto da Santa Sé. Pelo que, a Santa Sé Apostólica e o Romano Pontífice têm o primado sobre todo o universo e que o mesmo Romano Pontífice é o sucessor do bem-aventurado Pedro, príncipe dos Apóstolos, é o verdadeiro vigário de Cristo, cabeça de toda a Igreja, pai e doutor de todos os cristãos.

Foram expostas as prerrogativas do Papa perante toda a Igreja. Para uma Igreja sinodal, também são desafios pastorais e teológicos a termos em conta. Compreender com fé e caridade a eclesiologia petrina para os católicos e as Igrejas irmãs. O título de doutor está ligado à sua doutrina, às verdades reveladas por Cristo. Interpretadas pelo Magistério. Portanto, o Papa Gregório VII adotou o título de “*Servus servorum Dei*” (servo dos servos de Deus).

1.2.4. Conciliarismo e sinodalidade

Vamos reflectir, com brevidade, sobre o Conciliarismo¹²⁸ na história da Igreja Medieval. Tendo como foco as consequências da corrente na vida comunitária e da hierarquia eclesial. Surgiu na época bastante delicada da instituição. Tratou-se de confronto do poder entre o Magistério ordinário e o povo. Para respondermos essa inquietação, encontramos nos escritos de Francis Oakley o seguinte argumento:

No célebre discurso, insistindo que ‘a Igreja, ou um Concílio geral que a represente’ pode limitar o uso de sua plenitude de poder pelo papa ‘por regras e leis conhecidas para a edificação da Igreja’, Gerson passou a afirmar uma crença amplamente difundida já entre os padres

¹²⁶ MEUNIER, «Concílio de Ferrara -Florença», 248.

¹²⁷ DENZINGER (DZ) 1300-1308: «Bula sobre a união com os gregos: “Laetentur caeli”», 6 jul. 1439.

¹²⁸ELEUTÉRIO, «A ministerialidade na Igreja: subversões e “redescobertas”», *Uma anatomia do Poder eclesiástico*, 38.

conciliares e certamente central para o pensamento conciliarista, a saber, que a Igreja ou o concílio geral ‘é tão regulado pela direção do Espírito Santo, sob a autoridade de Cristo, que qualquer pessoa de qualquer posição, mesmo o papal, é obrigado a ouvir e obedecer isto¹²⁹.

Por um lado, admitimos o valor do conciliarismo¹³⁰ pela dimensão da comunidade e comunhão. Não pusemos em causa a presença santificante do Espírito Santo, Espírito de Deus nem sequer negamos o poder de Cristo, Cabeça da Igreja. Por outro, colocamos uma fronteira pelas suas tendências de manipulação do poder para os fins políticos (ou de outra natureza).

Existem algumas nuvens sombrias do conciliarismo: o envolvimento dos imperadores e dos antipapas, por exemplo. Chocavam-se com os papas. Isto denegria a boa imagem da comunidade espiritual. Por esta causa, o conciliarismo deve ser entendido no contexto com todos os seus meandros e artimanhas. Sendo assim, o conciliarismo traz consigo alguma imagem da sinodalidade, embora com alguns riscos.

Diante disto, são levantadas as seguintes interrogações: quem devia eleger as autoridades máximas da Igreja? Qual foi o papel explícito do povo cristão na comunidade? Quem poderia depor um Papa? Que vantagens traz o conciliarismo?

O conciliarismo, na sua justificação teológica e na sua configuração prática, é considerado não conforme o legado da Tradição. Contudo, oferece uma lição à história da Igreja: os perigos de cisma, sempre à espreita, não podem ser esconjurados e a contínua reforma *in capite et membris* da Igreja não pode ser realizada sem um correto exercício daquela praxe sinodal que, no sulco da Tradição, pede como sua própria garantia a autoridade primacial do Papa¹³¹.

O conciliarismo¹³² foi um trauma ao longo da história eclesial¹³³. Punha em causa a autenticidade do poder supremo do Papa. Como escreve Falcão, é «doutrina errónea que afirma a superioridade do concílio ecuménico sobre o Papa, a quem poderá julgar. Defendida por

¹²⁹OAKLEY, *The Conciliarist tradition*, 39. Cf. Herbert VORGRIMLER, «Conciliarismo», in *Nuovo Dizionario Teologico*, 144-45: «viene chiamata una teoria ideata da canonisti (esperti in diritto canonico) de XII e XIII sec., presentata in molteplici forme, secondo la quale un concilio ecumenico avrebbe la supremazia sul papa; cf. Emmanuel Kuvialeka PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais* (Paulus Editora: Lisboa, 2013), 34: «o conciliarismo com as suas anexas, diferentes e problemáticas doutrinas eclesiológicas que se desenvolveram em determinados e concretos contextos históricos, convencionalmente identificados, no seu momento fontal, com o cisma do Ocidente (1378-1417)».

¹³⁰OAKLEY, *The Conciliarist tradition*, 129.

¹³¹ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL (2018), n. 34.

¹³²Emmanuel PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais*, 34: «Tais doutrinas, para além dos contributos especulativos de cada autor, defendiam que o Papa teria apenas uma autoridade ministerial, que lhe foi dada pela comunidade dos crentes para o bem da Igreja, a qual sozinha possui o dom da indefetibilidade».

¹³³ OAKLEY, *The Conciliarist tradition*, 80: «(...), by being the occasion of schism, imperils the faith of the entire Church – or, again, by ‘open tyranny’ or other ‘notorious crime’ threatens incorrigibly the destruction of that Church».

alguns teólogos medievais, em clima de tensão entre alguns príncipes e o papado, nomeadamente durante o Cisma do Ocidente (1378-1417)»¹³⁴.

1.3.A sinodalidade na época Moderna (sécs. XVI-XVIII)

No decorrer da história da Igreja, surge uma fase muito crucial. Em consequência, afetou a vida da Igreja. Foi uma era de expansão, época de descobrimentos marítimos, de surgimento da imprensa, entre outras dinâmicas do desenvolvimento social, económico e científico. A Idade Moderna marcou uma autêntica viragem do percurso histórico da Igreja.

Por meados do século XVIII, o declínio era dramático. As causas, múltiplas e demasiado complexas para serem aqui tratadas, eram em geral o resultado da convergência de ideologias como o galicanismo, o jansenismo e um crescente nacionalismo aliado a estirpes anticlericais e racionalistas do Iluminismo continental. Na filosofia política e eclesiástica representada por esta coligação, o papa gozava de respeito, mas apenas do grau de autoridade que os seus fiéis lhe concedessem, que era frequentemente muito pouco. A Revolução Francesa e as suas consequências pan-europeias acabaram com essas tradições e levaram à prisão e à morte em França do Papa Pio VI em 1799¹³⁵.

Fez com que a Igreja se revisse, reavaliasse a si própria, renovasse a sua linha de ação quer pastoral quer judicial, a fim de corresponder aos acontecimentos da época. Para melhor anunciar a verdade salvífica, cumprir a missão de evangelizar o mundo. Desde a presença do Martinho Lutero, incluindo o aparecimento de correntes filosóficas mais imponentes. Houve agitação, insatisfação, nova maneira de encarar a religião e grande abalo do estilo de vida eclesial. Aconteceram muitas mudanças na Igreja Católica.

1.3.1. Martinho Lutero: emergência histórica

No século XVI, recorda-se da Reforma da Igreja¹³⁶, desejada por Lutero. «Lutero via a sua doutrina da justificação somente pela fé como o cerne da mensagem do Evangelho. Rejeitá-la era rejeitar o próprio cristianismo»¹³⁷. O seu perfil criou ruptura na Igreja, influenciou a sociedade da época. Pois, a Igreja deixou de ocupar o papel central na civilização social.

¹³⁴ Manuel FALCÃO, «Conciliarismo», in *Enciclopédia Católica Popular* (Paulinas: Prior Velho, 2004), 89.

¹³⁵ John W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 54.

¹³⁶ Rita Mendonça LEITE, «Clericalismo e anticlericalismo como “agentes de mudança”: uma perspetiva histórica a partir da *Carta do Papa Francisco ao Povo de Deus*», in *Uma anatomia do poder eclesiástico* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2022), 81: «Se a Reforma de Martinho Lutero (...), denunciando o processo de sacralização da instituição clerical e a consequente divisão da Igreja entre o «estado temporal» e o “estado espiritual”».

¹³⁷ John W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 34; cf. DENZINGER (*DZ*) 1451.1462: «Erros de Martinho Lutero».

Lutero¹³⁸ permitiu que, a Igreja repensasse sobre a identidade da autoridade¹³⁹. Na Igreja Moderna, sublinhava a centralidade do povo de Deus. O poder eclesiástico estava em questão.

De algum modo, Lutero¹⁴⁰ terá tido certas situações a nível doutrinal e disciplinar¹⁴¹. Isto determinou para a sua desintegração da Católica. Nomeadamente, duvidava da presença real de Cristo na Eucaristia, recusou o princípio da transubstanciação sob espécie do pão e do vinho. Concentrou a sua teologia em três eixos: fé, graça e Escritura.

Sublinhou a primazia da Escritura sobre hierarquia, só a fé na vida cristã se contrapondo à Tradição. «Embora esta tríada pudesse sustentar uma interpretação em consonância com a ortodoxia católica, a maneira como foi elaborada por Lutero não só parecia heterodoxa, como o levava a conclusões radicais (...)»¹⁴². Em virtude disto, houve o Concílio de Trento, sancionando Martinho Lutero¹⁴³.

1.3.2. Concílio de Trento e sinodalidade (1545-1563)

A Igreja pela sua sapiência, iluminada pela luz de Cristo, orientada pelo Espírito Santo, procurou responder à tempestade, causada por Lutero, pelos sequazes e movimentos protestantes, mediante argumentos de razão e de esfera bíblica. Com a intervenção do imperador Carlos V (1519-1556)¹⁴⁴ e Papa Paulo III (1534-1549)¹⁴⁵ convocaram um concílio.

Tratava-se de estudar, aprofundar e travar o clima, que já assolava a fé do povo de Deus. Em 1547, começou o Concílio de Trento¹⁴⁶, Itália. «O Concílio de Trento reuniu-se naquela pequena cidade porque nem católicos nem protestantes sentiam que podiam confiar numa reunião do concílio em Roma ou em qualquer outro lugar dos Estados Papais»¹⁴⁷.

Para que a nossa fé católica, sem a qual “é impossível agradar a Deus” (*Hb 11,6*), purificados os erros, permaneça íntegra e pura, e para que o povo cristão não “seja levado de cá para lá por qualquer vento de doutrina” (*Ef 4,14*), - já que a antiga serpente (...), perpétuo inimigo do género humano, entre os muitíssimos males pelos quais é perturbada a Igreja de Deus nestes nossos tempos, suscitou novas e velhas discordâncias a respeito do pecado original e seus remédios -, o sacrossanto Sínodo ecuménico e geral de Trento¹⁴⁸.

¹³⁸ PAULO, *Teologia da inculturação*, 39.

¹³⁹ PAULO, *Teologia da inculturação*, 39.

¹⁴⁰ Alfredo TEIXEIRA, «Instituição, abusos e vítimas: crítica da razão institucional», 104.

¹⁴¹ John W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 22.

¹⁴² John W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 22-23.

¹⁴³ PAULO, *Teologia da inculturação*, 39: «anatematizou e excomungou Lutero e as suas doutrinas e, portanto, também Zwinglio e Calvino; sobre a Sagrada Escritura, publicou uma edição da Vulgata».

¹⁴⁴ John W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 22.

¹⁴⁵ John W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 23; cf. Kuvialeka PAULO, *Teologia da inculturação*, 38.

¹⁴⁶ DENZINGER (*DZ*) 147-1825: «O Concílio de Trento é composto de 25 sessões»; cf. Emmanuel Kuvialeka PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais*, 38-39.

¹⁴⁷ John W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 11.

¹⁴⁸ DENZINGER (*DZ*)1510.

A gravidade consistia em perpetrar os falsos argumentos, a falsa interpretação da doutrina cristã, transmitida desde a era dos Apóstolos, passando pelos Padres da Igreja, interpretada fielmente pelo Magistério. Muitas heresias, tendências partem de um deslizo. Assim, «querendo reconduzir os errantes e confirmar os vacilantes, segundo os testemunhos das sagradas Escrituras, dos santos Padres e dos Concílios mais reconhecidos e o juízo e o consenso da Igreja, estabelece, professa e declara quanto segue sobre o pecado original»¹⁴⁹.

Se alguém não admite que o primeiro homem Adão, tendo transgredido no paraíso a ordem de Deus, perdeu imediatamente a santidade e a justiça nas quais tinha sido constituído, e que, por este pecado de prevaricação, incorreu na ira e na indignação de Deus e, por isso, na morte com que Deus o havia ameaçado anteriormente e, com a morte, na escravidão sob o poder daquele que depois “teve o domínio da morte” (Hb 2,14), isto é, o diabo; e que o Adão inteiro por aquele pecado de prevaricação mudou para pior, tanto no corpo como na alma, seja anátema¹⁵⁰.

Quando recaiu a pena sobre Lutero¹⁵¹, a causa da sua condenação foi de razão doutrinal. Os humanos estão sujeitos conaturais da mancha do pai da humanidade, Adão. Afirmar que alguns humanos estarão isentos desta culpa, na Católica, é negação da verdade de fé. Para Martinho Lutero, o baptismo de criança não tinha nenhuma eficácia sobre pecado original.

Como sabemos, foi tanto de âmbito disciplinar e sacramental¹⁵². Por conseguinte, o concílio serviu de terapia interna na Idade Moderna. Ao mesmo, contribuiu para a definição dos sacramentais e os conteúdos dos sete sacramentos¹⁵³, atualmente, vigentes na Igreja Católica.

Um século depois, a Igreja Católica, como resposta à crise iniciada pela reforma protestante, celebra o Concílio de Trento. É o primeiro Concílio da modernidade que se qualifica por algumas características: não mais possui a figura de um Concílio da *christianitas* como no Medievo, vê a participação dos Bispos juntamente aos Superiores das Ordens Religiosas e das Congregações monásticas, enquanto os legados dos Príncipes, mesmo participando das sessões, não têm direito de voto¹⁵⁴.

¹⁴⁹ DENZINGER (DZ) 1510; Emmanuel Kuvialeka PAULO, *Teologia da inculturação*, 38.

¹⁵⁰ DENZINGER (DZ) 1511.

¹⁵¹ Martin LUTHER, *On the Councils and the Churches, s.d.*, 70; Alfredo TEIXEIRA, «Instituição, abusos e vítimas: crítica da razão institucional», 104.

¹⁵² Emmanuel Kuvialeka PAULO, *Teologia da inculturação*, 38.

¹⁵³ Emmanuel Kuvialeka PAULO, *Teologia da inculturação*, 39.

¹⁵⁴ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL (2018), n. 35; John W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 22.

Trento¹⁵⁵ deu uma resposta adequada aos desvios doutrinários de Martin Lutero. Corrigiu às tendências menos lícitas à fé cristã, à Teologia da graça. Não inventou uma moda, mas procurou responder aos pontos candentes da Reforma¹⁵⁶.

O Concílio estabelece a norma da celebração dos Sínodos diocesanos a cada ano e daqueles provinciais a cada três anos, contribuindo para transmitir o impulso da reforma tridentina a toda a Igreja. Exemplo e modelo disso é a ação de São Carlos Borromeu, Arcebispo de Milão, que convoca durante o seu ministério 5 Sínodos provinciais e 11 diocesanos. Análoga iniciativa na América foi empreendida por São Turíbio de Mongrovejo, Bispo de Lima, que convoca 3 Concílios provinciais e 13 Sínodos diocesanos, aos quais se acrescentam os três Concílios provinciais no México no mesmo século¹⁵⁷.

A releitura do Concílio tridentino nos recorda dos factos eclesiais da Idade Moderna. Ajudou a redefinir a sua trajetória. Deu o impulso sobre as normas para a realização dos sínodos diocesanos, como afirma a Comissão Teológica Internacional. «Trento sai ao encontro daqueles pontos doutrinários impugnados pela Reforma luterana»¹⁵⁸. Posteriormente, o Concílio de Trento manifestou a ideia da colegialidade (1547-1563).

1.4.A sinodalidade na época Contemporânea (sécs. XIX- XX)

Estamos perante grandes transformações sociais, económicas, científicas, estruturais, iniciadas e impulsionadas no passado. Temos a evolução das novas correntes do pensamento filosófico, que começaram a refletir sobre as instituições políticas; surgem os sinais do desenvolvimento das ciências humanas e experimentais, colocando acima de tudo, o papel dinâmico do ser humano; predominaram os novos sistemas económicos.

Foram séculos de grandes acontecimentos internacionais. A Igreja teve pontífices proeminentes, nomeadamente dos Papas: Pio IX (1792-1878), Leão XIII (1810-1903), Pio X (1835-1914), Pio XI¹⁵⁹ (1857-1939), Bento XV (1854-1926), João XXIII (1959-1963), Paulo VI (1963-1978) e João Paulo II (1978-2005).

As três dimensões que acabamos de mencionar, trazem consigo uma inquietação para a vida dos crentes, obrigam a Igreja a rever o seu posicionamento no mundo, reorganizar as suas estruturas e repensar nos métodos pastorais. Tudo para melhor servir o crente, este ser humano

¹⁵⁵ João ELEUTÉRIO, «A ministerialidade na Igreja: subversões e “redescobertas”», *Uma anatomia do Poder eclesástico*, 38.

¹⁵⁶ Bernardo BOYANA AZNAR, «Nacimiento, letargo y renacimiento de la colegialidad en el Concilio Vaticano II», 118.

¹⁵⁷ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL (2018), n. 35.

¹⁵⁸ Santiago MADRIGAL, «Concílio de Trento», in *Novo Dicionário de Teologia*, 91; DENZINGER (DZ) 1635; Alfredo TEIXEIRA, «Instituição, abusos e vítimas: crítica da razão institucional», 107.

¹⁵⁹ Alzirinha Souza, «Experiência como chave de concretização e continuidade da Igreja de Francisco», in *Perpectiva Teológica*, 49, n. 2 (Belo Horizonte: Brasil, 2017), 375-397, aqui citamos 377.

sedente da verdade. Na época contemporânea, como funcionaram os sínodos? Que meios foram utilizados para a sua realização? Haverá outra linguagem expressiva dos sínodos?

1.4.1. O Concílio Vaticano I e o Primado (1869-1870)

No ano 1869, foi convocado o Vigésimo concílio ecuménico por Pio IX, passando mais de três séculos após o concílio de Trento, como nos narram as fontes eclesiásticas. «Aberto em 8 de dezembro de 1869, o c. foi suspenso em 20 de outubro de 1870, após a tomada de Roma pelos italianos»¹⁶⁰.

O que nos leva a desenvolver alguns tópicos do Vaticano I¹⁶¹, deve-se ao ministério petrino. Queremos compreender o primado do Papa em toda a Igreja. Também termos uma perceção da fidelidade mantida à fé católica, inspirada na Palavra de Deus. Na prática, são os dois pontos fundamentais interconectados tratados no concílio. Lembremo-nos da necessidade de construirmos uma Igreja mais sinodal. Entretanto, «Desde os primeiros séculos, o governo da Igreja Cristã era ao mesmo tempo colegial e hierárquico»¹⁶². A identidade e primado do papa¹⁶³ têm sido as maiores complicações no relacionamento com as Igrejas irmãs.

Por um lado, nos círculos eclesiais, nasceram tantos movimentos afins. Por outro, isto ajudou aprofundar melhor o Primado do Papa¹⁶⁴. A história eclesiástica nos narra que, o concílio não teve um veredito final, devido ao contexto geopolítico¹⁶⁵. «O Iluminismo do século XVIII tinha em grande parte rejeitado qualquer papel do passado na prescrição de normas para o presente e situado o objetivo da história no futuro»¹⁶⁶. Segundo John W. O'Malley,

¹⁶⁰ Claude BRESSOLETTE, «Concílio Vaticano I», in *Dicionário Crítico de Teologia* (Paulinas: São Paulo, 2004), 1816-1820; cf. J. BRUGERETTE – É. AMANN, «Vatican (Concile Du)», in *Dictionnaire de Théologie Catholique*, Tome 15 (Paris, 1950), 2536-2585.

¹⁶¹ CONCÍLIO VATICANO I, in *Denzinger (DZ)* 3000: «Agora, porém, que estão em sessão deliberativa junto conosco os bispos do mundo inteiro, por nossa autoridade congregados neste Sínodo ecuménico no Espírito Santo, apoiados na Palavra de Deus escrita e transmitida, tal como a recebemos fielmente conservada e genuinamente exposta pela Igreja Católica, decidimos professar e declarar, desta cátedra de Pedro, diante de todos, a salutar doutrina de Cristo – proscritos e condenados, com o poder por Deus a Nós confiado, os erros contrários»; cf. Emmanuel PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais* (Paulus: Lisboa, 2013), 39.

¹⁶² John W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 47.

¹⁶³ Dario VITALI, «Sinodalità e Tradizione: apprendere dalla Chiesa del primo millennio», *Rivista Liturgica*, 109, n.1, (2022), 11-31 (17); cf. DENZINGER (DZ) 3051; cf. LG 18.

¹⁶⁴ Santiago MADRIGAL, *El giro eclesiológico en la recepción del Vaticano II* (Sal Terrae: Espanã, 2017), 423: «La sección dedicada al papa trataba de la cuestión del primado de jurisdicción, cosa que se explica fácilmente desde la misma historia de los concilios: la potestad universal del Romano Pontífice había sido ya propuesta como de fe en el decreto *Laetentur coeli* del Concilio de Florencia (1438)».

¹⁶⁵ Hyacinthe DESTIVELLE, *Conduis-la vers l'unité parfaite: Œcuménisme et synodalité*, 266: «O galicanismo do Estado e as doutrinas políticas da época»; cf. Santiago MADRIGAL, *El giro eclesiológico en la recepción del Vaticano II*, 425: «Temiendo que el Concilio pudiera ser interrumpido por la situación política y bélica de Italia y Europa».

¹⁶⁶ John W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 37; cf. Bruno FORTE, *I giovani e la fede*, (Queriniana: Brescia, 2017), 11-12. Bruno Forte faz referência a Max Horkheimer e Theodor W. Adorno sobre a visão Dialética de iluminismo; cf. Hyacinthe DESTIVELLE, *Conduis-la vers l'unité parfaite: Œcuménisme et synodalité*, 268-72.

Mais de três séculos decorreram entre Trento e o Vaticano I. Em resposta às novas situações políticas, sociais e culturais resultantes da Revolução Francesa e das suas repercussões napoleónicas pan-europeias, Pio IX decidiu convocar um concílio, que anunciou a 29 de junho de 1868. Pio IX estabeleceu comissões para preparar os materiais para o concílio. As comissões elaboraram um extenso programa que abordava questões doutrinárias e disciplinares, a maioria das quais sugira na sequência destas novas situações que criaram a realidade que veio a ser conhecida como «o mundo moderno»¹⁶⁷.

Aqui autoridade máxima do Igreja Católica, se apercebeu do perigo, que ocorria a comunidade dos fiéis face à nova cultura do seu tempo. Por isso, se predispôs em aplicar o seu poder supremo, convocando um concílio, na cidade de Vaticano.

A tomada de Roma, a 20 de setembro de 1870, pelas forças do novo Reino de Itália abreviou o concílio, que só conseguiu tratar de duas questões, ambas doutrinárias. A constituição dogmática do concílio, *Dei Filius*, abordou a relação entre a fé e a razão, respondendo ao racionalismo e ateísmo modernos. A sua outra constituição, *Pastor Aeternus*, definiu as doutrinas da primazia papal e da infalibilidade papal, uma resposta, primariamente, às eclesiologias centradas nos bispos, como o galicanismo, mas também à instabilidade política resultante da liberdade, igualdade e fraternidade¹⁶⁸.

O racionalismo¹⁶⁹, ateísmo moderno, ou seja, os modernistas foram correntes extremas de pensamento filosófico, na época moderna e contemporânea. Queriam compreender tudo com exagero. Influenciaram a sociedade e Igreja Católica. Estamos perante uma ascensão inteligível da época. Surgem constantes correntes e escolas de pensamento filosófico em contraste com o tradicionalismo medieval, principalmente, nas instituições religiosas.

Decerto, a razão, iluminada pela fé, quando busca diligente, pia e sobriamente, consegue, com a ajuda de Deus, alguma compreensão dos mistérios, e esta frutuossíssima, quer pela analogia das coisas conhecidas naturalmente, quer pela conexão dos próprios mistérios entre si e com o fim último do homem¹⁷⁰.

Ulteriormente, nos finais do século XX, Papa João Paulo II, na sua Encíclica *Fide et Ratio* (1998), redefiniu e dedicou um tempo do estudo da relação entre a fé e a razão. «A fé e a razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva

¹⁶⁷ John W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 24.

¹⁶⁸ John W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 24-25.

¹⁶⁹ Bernardo BOYANA AZNAR, «Nacimiento, letargo y renacimiento de la colegialidad en el Concilio Vaticano II», in *Didaskalia*, 45 (2015), 1, 118-119; cf. Claude BRESSOLETTE, «Concílio Vaticano I», in *Dicionário Crítico de Teologia* (2004), 1816.

¹⁷⁰ DENZINGER (*DZ*) 3016.

para a contemplação da verdade»¹⁷¹. Dissipou tantas dúvidas, demonstrou com coerência racional e teológica o significado do funcionamento de ambas dimensões.

Quanto à Constituição *Pastor Aeternus*¹⁷², tem como finalidade explicar a infalibilidade¹⁷³ do papa¹⁷⁴, no seu ministério. Teologicamente, está ligada à sua potestade sobre a matéria da moral e doutrina católica. O Papa não erra quando pronuncia *ex cátedra*. Ele exerce os ofícios de ensinar (*docendi*), de santificar (*sanctificandi*) e de governar/apascentar (*regendi/pascendi*) em toda a Igreja Católica, de modo pleno, ordinário, imediato. Coube a vontade de Jesus Cristo, Pastor eterno, conceder-lhe esse privilégio petrino, para promover a unidade da Igreja.

Entretanto, surge em nós uma interrogação fundamental, aquela que orientou a nossa inspiração inicial: como evitarmos a dicotomia entre a identidade de todos os bispos e do Papa? Acreditamos que, o caminho está presente na sacra Tradição da Igreja. O Papa não diminui o poder dos bispos das Igrejas particulares, mas preside na caridade a Igreja universal. Ele é “*Primus inter pares*” (o primeiro entre pares). A grosso modo, o Concílio Vaticano I enfrentou os maiores desafios do pensamento filosófico, político, social, dos novos métodos da interpretação da Sagrada Escritura e da hegemonia do poder religioso. O galicanismo e conciliarismo causaram ¹⁷⁵ enormes desafios e obstáculos. O Concílio decidiu com “mérito” o modelo viável do poder. Manteve fiel à doutrina da infalibilidade papal¹⁷⁶.

1.4.2. O Concílio Vaticano II e sinodalidade (1962-1965)

Nos meados do século passado, houve um sopro de “Pentecostes” na Igreja de Cristo. O cardeal Angelo Roncalli¹⁷⁷, foi eleito no dia 28 de outubro de 1958, para a Sé Apostólica de Roma. O Senhor visitou a Igreja, derramando o Seu Espírito sobre o Papa João XXIII. Suscitou nele o ardor de renovar, revitalizar a Igreja. Por isso, convocou o Concílio Vaticano II (1962-1965). Vaticano II¹⁷⁸ é inesquecível, inquestionável para a Igreja e o mundo.

¹⁷¹ João PAULO II, Carta Encíclica *Fides et Ratio* (1998), no preâmbulo.

¹⁷² John W. O’MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem: Um ensaio que compara Trento, o Vaticano I e o Vaticano II*, 57; cf. Claude BRESSOLETTE, «Concílio Vaticano I», in *Dicionário Crítico de Teologia*, 1816.

¹⁷³ ELEUTÉRIO, «A ministerialidade na Igreja: subversões e “redescobertas”», 38.

¹⁷⁴ Hyacinthe DESTIVELLE, *Conduis-la vers l’unité parfaite : Œcuménisme et synodalité* (Cerf : Paris, 2018) : « Dans la perspective d’un rapprochement entre catholiques et orthodoxes, les dogmes définis par le concile Vatican I sont un des principaux obstacles, sinon le principal. Cependant, avant toute discussion sur le contenu et la formulation de ces dogmes – juridiction universelle et infaillibilité du pape – un accord est nécessaire sur les faits historiques eux-mêmes ».

¹⁷⁵ Hyacinthe DESTIVELLE, *Conduis-la vers l’unité parfaite : Œcuménisme et synodalité*, 261.

¹⁷⁶ ELEUTÉRIO, «A ministerialidade na Igreja: subversões e “redescobertas”», 38.

¹⁷⁷ DESTIVELLE, *Conduis-la vers l’unité parfaite : Œcuménisme et synodalité*, 26.

¹⁷⁸ Claude BRESSOLETTE, «Vaticano II (Concílio), 1962-1965», in *Dicionário Crítico de Teologia* (2004), 1820-24 ; cf. Emmanuel PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais*, 40.

Quando o Papa João XXIII anunciou a 25 de janeiro de 1959 a sua intenção de convocar um concílio, mencionou quase de passagem dois objetivos para o mesmo – de promover «a iluminação, edificação, e alegria de todo o povo cristão» e de alargar um «convite cordial aos fiéis das comunidades separadas para participar connosco nesta demanda pela unidade e pela graça»¹⁷⁹.

A sua preocupação fala sobre o bem de toda a Igreja e dos cristãos contemporâneos. Manifestou a vontade querida pelo Mestre Jesus Cristo, expressa pelas palavras-chaves: *iluminação, edificação e alegria* da totalidade do povo de Deus. Apresentou uma grande novidade para todos. Além disso, não ignorou a ideia do quarto Evangelho de S. João, concretamente, sobre a “*unidade e graça*” (Jo. 17, 21-23).

O Concílio Vaticano II¹⁸⁰ desenvolveu a «eclesiologia de comunhão». Promoveu também o *Ecumenismo*¹⁸¹ com as igrejas irmãs (separadas). Tentou abolir o muro, que separava os filhos do mesmo Credo. Por este motivo, foi um concílio eclesiológico. Mudou a visão da Igreja e o modo de olhar para o mundo contemporâneo. Apesar de João XXIII não ter chegado ao término do concílio, deixou uma tonalidade ímpar para Igreja e para o mundo. «No seu discurso de abertura do concílio, a 11 de outubro de 1962, o papa destacou a abordagem positiva que desejava que o concílio adotasse dizendo aos prelados reunidos para evitarem condenações»¹⁸².

Esta advertência, já indicava o sentido de não repetirem os métodos da Idade Média, época das inquisições. Com efeito, recomendou aos Padres conciliares de «fazerem uso da medicina da misericórdia em vez da severidade»¹⁸³. «Com estas simples palavras, o papa libertou o concílio do modelo legislativo-judicial e iniciou um processo que levou o concílio a abandonar a função mais característica que os concílios tinham desempenhado, ...»¹⁸⁴.

Podemos explorar o conteúdo relativamente à sinodalidade, pois, reconfirmou o lugar missionário dos leigos na comunidade eclesial. Conforme é expresso pela Constituição dogmática *Lumen gentium*¹⁸⁵. Constatamos isto no segundo capítulo, abordaram a temática do Povo Deus¹⁸⁶. O terceiro capítulo voltou atenção para a hierarquia da Igreja, dando maior importância ao ministério episcopal e do primado de Papa.

¹⁷⁹ W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 25-26 ; cf. Bernardo BOYANA AZNAR, « Nacimiento, letargo y renacimiento de la colegialidad en el Concilio Vaticano II », 120-125.

¹⁸⁰ Gilles Routhier, *La réception d'un Concile* (Cerf : Paris, 1993).

¹⁸¹ DESTIVELLE, *Conduis-la vers l'unité parfaite : Œcumenisme et synodalité*, 26.

¹⁸² W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 26.

¹⁸³ W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 26.

¹⁸⁴ W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 26.

¹⁸⁵ BOYANA AZNAR, «Nacimiento, letargo y renacimiento de la colegialidad en el Concilio Vaticano II», 125.

¹⁸⁶ W. O'MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 27.

Estamos a falar da colegialidade¹⁸⁷. Diante disto, «A questão hoje é aquela a que o Vaticano II não teve oportunidade de responder: quais são os instrumentos apropriados para tornar a tradição colegial (sinodal) do governo da Igreja prática e eficaz»¹⁸⁸?

O Professor Dario Vitali, exímio teólogo italiano, desbravou e ajudou-nos a compreender com nitidez, os elementos constitutivos da teologia colegial e da sinodalidade presentes nos documentos conciliares. Em primeiro lugar, devemos ter em conta o seguinte:

Na *Acta* encontram-se frequentemente termos como *corpus ou collegium episcoporum*, *corpus ou coetus pastorum*, que, embora ainda não assumam um significado técnico, de facto remetem para o conjunto dos bispos como sujeito que age sobretudo quando está reunido em concílio ecuménico. Uma das questões que mais evoca o tema do Colégio dos bispos é a do Papa como princípio visível e fundamento da Igreja¹⁸⁹.

A relação entre bispos e Papa tem sido pertinente na interpretação. Para que não caíamos, no conciliarismo ou na controvérsia do poder, tal como foi no século XIV, com o cisma do Ocidente, melhor que houvesse, frequentemente, o maior estudo da comunhão dos sucessores dos Apóstolos. Provavelmente, não haja algo novo, mas reconfirmamos que, o colégio dos bispos promove a visibilidade de comunhão eclesial.

Convém indicarmos o contributo dos Padres conciliares sobre a colegialidade. Vejamos isto através do pensamento teológico de Dario Vitali. Dario Vitali, no seu livro “*A Caminho da Sinodalidade*”, título original escrito em italiano “*Verso la sinodalità*”, aponta alguns tópicos sobre a colegialidade:

A ordenação (sagração) de um novo bispo é uma prova evidente da colegialidade episcopal. No mínimo, são exigidos outros três bispos, sinal de comunhão episcopal; o Colégio episcopal inclui o Pontífice, sucessor de Pedro e cabeça do Colégio, autoridade (LG 22-23); o Papa é o princípio e fundamento visível de unidade da Igreja universal; o Colégio episcopal representa a variedade do povo de Deus e a sua unidade pela mesma fé, pelas leis e pelos ritos litúrgicos, pelo património teológico e espiritual.

«A correspondência entre *communio fidelium*, *communio Ecclesiarum* e *communio hierarchica* permite que se circunscreva melhor o campo da colegialidade e, portanto, que se actuem formas mais claras (...) o Colégio pertence à constituição própria da Igreja»¹⁹⁰. A

¹⁸⁷ELEUTÉRIO, «A ministerialidade na Igreja: subversões e “redescobertas”», 38.

¹⁸⁸W. O’MALLEY, *Quando os Bispos se reúnem*, 61.

¹⁸⁹Dario VITALI, *A caminho da sinodalidade*, (Paulinas: Prior Velho, 2015), 14.

¹⁹⁰VITALI, *A caminho da sinodalidade*, 78; cf. Sérgio LEAL, *O caminho sinodal com o Papa Francisco* (Paulinas: Prior Velho, 2021), 13-14: «(...), o Concílio Vaticano II, sem referir diretamente o terno, propõe, no seu ensinamento, os elementos fundacionais e fundamentais deste dinamismo pastoral. Na verdade, os frutos gerados pela renovação conciliar, no horizonte da eclesiologia de comunhão e do Povo de Deus, na promoção da comunhão eclesial e da colegialidade episcopal, abriram perspectivas que precisam de ser desenvolvidas, amadurecidas, ...».

compreensão do sacerdócio comum faz parte da tarefa permanente da Igreja. O sacerdócio de Cristo é único. Podemos deduzir que, o sacerdócio comum “precede” o ministerial. Também 90% da comunidade cristã pertence ao sacerdócio comum.

Seguidamente, identifiquemos os elementos sobre a sinodalidade nos textos conciliares. Os parágrafos da *LG* 12 e 31 fazem uma narrativa clara da identidade do Povo de Deus. Nestes termos, estão inclusos todos os batizados. Como explica a *LG* 12, julgamos oportuno, buscar neste número as características fundamentais sobre o povo de Deus. Todos os fiéis divinamente inspirados pela Palavra de Deus, não erram na matéria de fé (*sensus fidei*)¹⁹¹.

A dignidade do Povo de Deus manifesta-se pela identidade de todos os seus membros, professando a mesma fé, vivendo da caridade, firmes na verdade. Pela fé e moral permanece fiel à verdade. Faz o discernimento em tudo. Em consonância com o magistério sagrado, o Povo de Deus participa da mesma missão de Cristo pela oração e vida. Vive a função profética, anunciando fielmente a palavra de Deus, principalmente através dos costumes. Podemos concluir que, temos quatro palavras-chaves, que sintetizam a vida da comunidade: o sujeito (Igreja), ação do Espírito da verdade (Espírito Santo), Bispos (Pastores) e a Palavra de Deus. Essas palavras resumem o processo sinodal. O Espírito Santo e a Palavra de Deus devem estar sempre no centro da Igreja.

Deste modo, os pastores erguem melhor a vida comunitária, animada pela Palavra de Deus e assistida pelo Espírito Santo. Todos escutando a Palavra de Deus, poderão renovar o compromisso batismal, discernindo os acontecimentos hodiernos.

Por sua vez, o parágrafo da *LG* 31, faz referência à missão dos leigos, o seu significado. Complementa, indiretamente, o pensamento do *LG* 12. Saibamos que, os leigos, não formam outra nova comunidade, se não pertencerem ao Povo de Deus. No entanto, temos um aspeto específico em relação aos fiéis, por esclarecer. Como expressa texto a seguir:

Por leigos entendem-se aqui todos os cristãos que não são membros da sagrada Ordem ou do estado religioso reconhecido pela Igreja, isto é, os fiéis que, incorporados em Cristo pelo baptismo, constituídos em Povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercem, pela parte que lhes toca, a missão de todo o Povo cristão na Igreja se no mundo¹⁹².

Os leigos¹⁹³ não possuem uma competência híper sacramental no Igreja, mas são considerados membros efetivos da própria comunidade. Não são recebem a ordem de

¹⁹¹VITALI, *A caminho da sinodalidade*, 62-63; FRANCISCO, *EG* 119.

¹⁹² *LG* 31.

¹⁹³ Alphonse BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité : Comprendre la synodalité selon le pape François* (CLD éditions : Paris, 2018), 25. : « Le premier texte est ce passage de *Lumen gentium* au début du chapitre IV

presbíteros ou de diáconos, mas têm um zelo pelo evangelho. Depende também da profissão. Enquanto assumem certos ministérios comunitários com dinamismo e entusiasmo, excepto o ofício do Clero. Têm meios de difusão do suave perfume do evangelho na vida pública. Podem estar presentes nos tribunais, nas escolas ou estabelecimentos similares.

Os leigos¹⁹⁴ manifestam o rosto de Cristo no mundo. Com a sua contribuição, demonstram aos homens e às mulheres do nosso tempo a dignidade nos âmbitos de vida. Prolongam a presença e missão da Igreja. Resumidamente, Vaticano II foi, continua a ser uma bússola para a Igreja do terceiro milénio. A Igreja ilumina o humano no mundo, toca a história, propondo a todos a salvação de Deus¹⁹⁵.

Para Medard Kehl, «(...)», o Concílio Vaticano II tornou possível *uma* importante inovação, que suscitou igualmente um novo tipo de sínodos diocesanos e nacionais: os leigos podem agora, (...), participar em tais sínodos»¹⁹⁶. Houve uma grande representatividade no Concílio: Bispos, membros de outras Igrejas, Teólogos, entidades da comunicação social.

1.4.3. Paulo VI e sinodalidade: *Apostolica Sollicitudo* (1965)

Ao terminar o Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI, inspirado pelo Espírito Santo, surpreendeu a hierarquia e toda a Igreja. Houve necessidade de obter uma instituição permanente e perpétua para a maior solícitude da Igreja. Esta intenção, tornou-se uma realidade. Com a Carta Apostólica, “*Apostolica Sollicitudo*”, instituiu um órgão conexo à Cúria Romana para a comunhão colegial.

Servirá para prosseguir em conjunto o estudo dos acontecimentos da Igreja e do mundo, segundo os ideais do Concílio, recentemente concluído. O órgão tomou o nome de Sínodo dos Bispos. Pelo que, escrevia Paulo VI:

A solícitude apostólica com que, examinando atentamente os sinais dos tempos, procuramos adaptar os caminhos e métodos do sagrado apostolado às crescentes necessidades dos nossos dias e às mudanças das condições da sociedade, leva-nos a fortalecer a nossa união com laços mais estreitos com os Bispos que o Espírito Santo constituiu (...) para governar a Igreja de Deus (*Atos* 20.28). A isso somos movidos não só pelo respeito, estima e gratidão com que legitimamente cercamos todos os Veneráveis Irmãos no Episcopado, mas também pelo gravíssimo encargo de Pastor universal que nos é imposto, pelo qual devemos conduzir o povo de Deus para os pastos eternos¹⁹⁷.

concernant les laïcs (30-38). Avant d'exposer la contribution importante des laïcs au bien de l'Église tout entière, il souligne une attitude essentielle des pasteurs, ... ».

¹⁹⁴BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité : Comprendre la synodalité selon le pape François*, 26-27.

¹⁹⁵ LG 4

¹⁹⁶ Medard KEHL, «*Syn-odos* – o elemento estruturo-sinodal na Igreja Católica», 137.

¹⁹⁷ PAULO VI, Carta Apostólica sob forma de Motu Proprio *Apostolica Sollicitudo* (1965).

A partir da premissa inicial de Paulo VI¹⁹⁸, vemos a preocupação de implementar o estilo sinodal através da colegialidade. Confirma a união efetiva, afetiva, pastoral e missionária dos Bispos com o Romano Pontífice, Pastor universal. A colegialidade deriva do ministério episcopal. Manifesta o valor de participação de todos os Bispos nos três ofícios (*munera*): *regendi, docendi e sanctificandi da Igreja Universal*¹⁹⁹. Os Bispos com o Papa receberam o Espírito da Verdade, Espírito principal, o qual os constituiu pastores universais.

Com efeito, nesta nossa época, verdadeiramente turbulenta e cheia de perigos, mas tão amplamente aberta aos sopros saltares da graça divina, experimentamos todos os dias como é útil ao nosso dever apostólico tal união com os sagrados Pastores, que por isso pretende promover em todos os sentidos e favorecer, *para que – como em outros lugares afirmamos - Não nos falte o alívio de sua presença, a ajuda de sua prudência e experiência, a segurança de seus conselhos, o apoio de sua autoridade* (Discurso de encerramento do terceiro período do Concílio)²⁰⁰.

Neste processo, há quatro dimensões fundamentais, para atingir os objectivos preconizados pelos Padres sinodais, apoiando-se do órgão colegial, tais como: o valor da comunhão de todos os pastores “*fortalecer a união*”, identificar “metodologias adequadas” para os novos tempos e à cultura dominante. Depois, compreender as mudanças sociais.

Partilharem a experiência com prudência, fossem primeiros conselheiros do papa, havendo confiança necessária e insubstituível no Espírito Santo, Protagonista de toda a missão da Igreja. No fundo, se resume em três palavras basilares: o sopro do Espírito Santo, comunhão e missão apostólica (conduzir o povo de Deus para Deus, Fim último).

Assim, depois de ter considerado tudo plenamente, por nossa estima e respeito por todos os bispos católicos, e dar-lhes a possibilidade de participar de forma mais evidente e eficaz na nossa solicitude pela Igreja universal, por nossa própria iniciativa e com nossa autoridade apostólica erigimos e constituímos nesta cidade alma um conselho permanente de bispos para a Igreja universal, sujeito direta e imediatamente ao nosso poder e que chamamos *de Sínodo dos Bispos* com o seu próprio nome. Este Sínodo, que, como toda instituição humana, pode ser melhorada com o tempo, rege-se pelas seguintes normas gerais²⁰¹.

De facto, esta intuição marcou a era eclesial do século passado. Tornou-se a maior visibilidade da solicitude dos pastores para o cuidado da Igreja. Doravante, nasceu um órgão

¹⁹⁸ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité* (CLD éditions : Paris, 2018), 177 : « En la créant, Paul VI entendait d’abord et avant tout renforcer les liens et la collaboration entre le pape et les évêques (AS, préambule I et 2 ; II 1a) ».

¹⁹⁹VITALI, *A caminho da sinodalidade*, 21.

²⁰⁰ PAULO VI, Carta Apostólica sob forma de Motu Proprio *Apostolica Sollicitudo* (1965).

²⁰¹ PAULO VI, Carta Apostólica sob forma de Motu Proprio *Apostolica Sollicitudo* (1965), § 4.

colegial para o bem do Povo de Deus. Trata-se de um órgão não superior ao ministério do papa, mas colaborar e cooperar com ele na missão.

1.4.4. João Paulo II e sinodalidade

João Paulo II, encerrou o século XX com uma nobreza apostólica. O seu pontificado foi marcado por um ardor missionário. Posto que, desenvolveu a missão *ad extra*; tendo lançado a semente da espiritualidade das periferias por meio das viagens apostólicas.

Centenas de viagens foram feitas à luz do Evangelho. A centralidade das viagens está no anúncio, confirmando os seus irmãos, na fé e na caridade, como nos narra João: “*Simão, Filho de João, tu amas-me? Apascenta as minhas ovelhas*” (Jo. 21,15-19).

Ele desenvolveu com sapiência a dinâmica sinodal. Porque deu a continuidade do legado do seu predecessor, Paulo VI. Pois, Paulo VI pensou em criar uma instituição credível, audível, mas permanente para o crescimento colegial dos Bispos na administração da Igreja. Instituiu formalmente, o Sínodo dos Bispos.

Na sua Carta apostólica sob forma de Motu Proprio *Apostolos Suos*, procurou demonstrar o sentido pleno, desejado por Cristo acerca do Colégio dos Apóstolos, implicitamente, servindo-se de estilo de vida dos Bispos em comunhão permanente com o Papa (sucessores dos Apóstolos):

No âmbito da comunhão universal do Povo de Deus, ao serviço da qual o Senhor instituiu o ministério apostólico, a união colegial do Episcopado manifesta a natureza da Igreja, a qual, enquanto semente e início do Reino de Deus na terra, «é para todo o género humano o mais firme germe de unidade, de esperança e de salvação». Assim como a Igreja é una e universal, assim também o Episcopado é uno e indiviso, sendo tão extenso como a comunidade visível da Igreja e constituindo a expressão da sua rica variedade. Princípio e fundamento visível dessa unidade é o Romano Pontífice, cabeça do corpo episcopal²⁰².

No parágrafo citado, constatamos a preocupação, deixada por João Paulo II sobre a necessidade de manutenção da comunhão vital e pastoral dos pastores da Igreja. Manifesta o símbolo da evangelização e de santificação do Povo de Deus. Quanto mais unidos forem os seus pastores, tanto maior será o bem dos fiéis e credibilidade. Portanto, a Igreja deve manter a unidade, garantir a esperança e a anunciar a salvação de Cristo à humanidade.

Esta união colegial entre os Bispos funda-se conjuntamente sobre a ordenação episcopal e a comunhão hierárquica; toca, pois, a profundidade do ser de cada Bispo e pertence à estrutura da Igreja como foi querida por Jesus Cristo. De facto, ele é constituído na plenitude do

²⁰² JOÃO PAULO II, Carta Apostólica sob forma de Motu Proprio *Apostolos Suos* (1998), n. 8.

ministério episcopal pela consagração episcopal e pela comunhão hierárquica com a Cabeça do Colégio e com os membros, isto é, com o Colégio que sempre inclui a sua Cabeça²⁰³.

No fundo, a colegialidade implica a sinodalidade parcial dos Bispos e Papa. O Episcopado deve permanecer uno e indiviso, pese embora a diversidade dos seus membros. Deste modo, João Paulo II promoveu os sínodos continentais, especiais ou regionais para a colegialidade. Estabeleceu relação de encontro com os habitantes, mormente, os homens e as mulheres desesperados, angustiados, deixados à sorte do seu destino.

1.4.4.1. *Ecclesia in Africa (1995) e sinodalidade*

O continente africano apresenta um mosaico rico de tradições humanas seculares, espirituais e socioculturais. Eclesiologicamente, mereceu análise personalizada. Vulgarmente, é caracterizado como continente sem desenvolvimento. Reina instabilidade política e económica. Um continente onde abundam guerras étnicas e muita violência. Visto como foco de tensões, de endemias, analfabetismo, enfim.

No dizer de alguns estudiosos, aparece uma visão pessimista do continente, sobretudo, de África subsariana. Outros, preferem usar a expressão “continente de esperança”. A velha máxima conhecida: África é o berço da humanidade. Nesta condição, surge um paradoxo.

Se fosse berço da humanidade, não haveria subdesenvolvimento. Qual será a razão da sua estagnação? Enquanto berço da humanidade, quais são as características reais? Será uma mera eloquência ou certeza científica? Será porventura um dado histórico? Diante disto, como a Igreja vê isto? Que leitura fazem os próprios africanos?

Diante dessas inquietações e interrogações, João Paulo II escreveu na Exortação pós-sinodal *Ecclesia in Africa*:

Antes de entrar na explanação dos vários argumentos, queria pôr em relevo como o Sínodo dos Bispos constitui um instrumento verdadeiramente propício para favorecer a comunhão eclesial. Quando, quase no final do Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI, de veneranda memória, instituiu o Sínodo, indicou claramente que uma das suas finalidades essenciais haveria de ser a de exprimir e promover, sob a guia do Sucessor de Pedro, a comunhão recíproca dos Bispos dispersos pelo mundo (...) ²⁰⁴.

João Paulo II realçou a questão da comunhão como princípio vital da missão da Igreja. Sem a comunhão não há Igreja saudável. Justamente, foi uma das finalidades queridas da instituição recém-fundada. Fez alusão ao seu predecessor Papa Paulo VI, por ter tido a inspiração divina concernente à instituição de proximidade e fraternidade episcopal.

²⁰³ João PAULO II, Exortação apostólica pós sinodal *Pastores Gregis* (2001), n. 8.

²⁰⁴ João PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Africa* (1995), 15.

A Assembleia Especial para a África do Sínodo dos Bispos examinou a fundo o tema que lhe fora proposto: «A Igreja em África e a sua missão evangelizadora rumo ao ano 2000: “Vós sereis minhas testemunhas” (Act 1,8)» (...). Começará pelo momento histórico, verdadeiro *kairós*, em que se realizou o Sínodo, examinando os objectivos, a preparação, e o desenvolvimento do mesmo. Deter-se-á sobre a situação actual da Igreja em África, recordando as diversas fases de empenhamento missionário. Afrontará, depois, os vários aspectos da missão evangelizadora, que reclamam particular atenção da Igreja no momento presente: a evangelização, a inculturação, o diálogo, a justiça e a paz, os meios de comunicação social²⁰⁵.

Toda a exortação sinodal, pretende chamar atenção, exigir a máxima responsabilidade dos habitantes daquele continente, especialmente, exorta os seus pastores, a fim de assumirem com vigor, docilidade evangélica e espírito de serviço a missão de Cristo. Trabalhando pelo encontro de culturas com o Evangelho.

Teologicamente, este processo recebe o nome de inculturação²⁰⁶. Acolher o Evangelho em cada cultura, iluminá-la, vivificá-la, purificá-la. Temos outros aspectos, salientados por João Paulo II para aquele continente: o diálogo, a justiça e a paz.

A Igreja em África, vive em uma encruzilhada por causa desses fatores. Tem atravessado períodos difíceis para a evangelização. Por estes motivos, tem redobrado as forças para a consecução da paz no continente. Sem a justiça, não haverá verdadeira paz. Pois bem, a justiça garante a verdadeira paz entre nações e povos. A paz é um dom e missão da Igreja para o mundo. O próprio Mestre confiou este tesouro aos seus discípulos.

Um dos critérios fundamentais dos humanos é o diálogo. O diálogo é abertura permanente ao tu, comunicando a existência na reciprocidade. Pelo diálogo passa a paz, o diálogo constrói a comunidade, mantém a paz. África deve repensar, sinodalmente, na paz.

1.4.4.2. *Ecclesia in Europa e sinodalidade*

Há vários anos, temos estado a escutar que, a Europa é um velho continente. Trata-se de uma afirmação que prevalece, mas suscita interrogações²⁰⁷. Envelheceu porquê? Provavelmente, é tratada assim, pela larga cultura, pela evolução industrial nos sectores da vida, pela estabilidade das instituições. Envelheceu pelo cansaço! Não sabemos bem, a que se deve essa expressão «*Europa, velho continente*». Estes elementos influenciam a vida dos crentes.

²⁰⁵ João PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Africa* (1995), 8.

²⁰⁶ Emmanuel Kuvialeka PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais* (Paulus Editora: Lisboa, 2013), 133.

²⁰⁷ PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais*, 117.

Para além disso, existem outros desafios internos no continente²⁰⁸. Poderíamos mencionar: a *descristianização*, o *fluxo migratório* de sempre, as *novas correntes agnósticas*²⁰⁹, a cultura descartável, a economia do mercado, o papel da Europa no contexto das nações, etc. Consciente disso, a Igreja não omitiu a sua voz profética. Por conseguinte, o Papa João Paulo II convocou um Sínodo continental, cujo tema: “*Jesus Cristo, vivo na sua Igreja, Fonte de esperança para a Europa*”, para o estudo desses fenómenos e da inovação da Igreja.

Desde o princípio, o aprofundamento do tema da esperança constituía o objectivo principal da II Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Europa. Sendo o último na série dos Sínodos de carácter continental celebrados como preparação para o Grande Jubileu do ano 2000, tinha por finalidade analisar a situação da Igreja na Europa e oferecer indicações para promover um novo anúncio do Evangelho, como sublinhei ao tornar pública a sua convocação a 23 de Junho de 1996, no fim da Eucaristia celebrada no Estádio Olímpico de Berlim²¹⁰.

Na verdade, Europa é aquilo que é. Caminhou à luz da cultura cristã²¹¹, com particular ênfase, desde o século IV d.C. Construiu comunidades, pautando-se pelos valores perenes do Evangelho. Cresceu na civilização humanística. Procurou expandir semente para outros cantos do planeta. Mas com o andar do tempo, entrou em declínio²¹².

Deste modo, precisou de novas metodologias para o anúncio de Evangelho e renovação da sociedade. Trata-se de comunicar o Evangelho de esperança aos homens e mulheres, cansados pela cultura desenfreada do consumo e do insucesso. Nesta perspectiva, escreve João Paulo II:

Era patente a vontade de acolher o apelo dirigido pelo Espírito às Igrejas da Europa para se empenharem perante os novos desafios. Com um *olhar cheio de amor*, os participantes no encontro sinodal detiveram-se sem medo a observar *a realidade actual do continente*, ressaltando as suas luzes e sombras²¹³.

Somente o Espírito interpela a comunidade dos crentes, a Igreja peregrina. Sem Ele, fica difícil a autoavaliação. Não consegue de parar e encontrar as razões da própria fé. Parar um pouco, para refletir em conjunto, faz bem. Parar para autoavaliar-se, conforta a comunidade. Há mais certeza, encontrar a esperança mediante o processo comunitário, do que isolar-se.

Esta palavra é dirigida *hoje* também às Igrejas na *Europa*, *frequentemente provadas por um ofuscamento da esperança*. De facto, os nossos dias, com todos os desafios que nos lançam,

²⁰⁸PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais*, 118.

²⁰⁹PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais*, 118.

²¹⁰ João PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Europa* (2003), n. 2.

²¹¹ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Europa* (2003), n. 10.

²¹² Emmanuel Kuvialeka PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais*, 118.

²¹³ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Europa* (2003), n. 3.

apresentam-se como um tempo de crise. Muitos homens e mulheres parecem desorientados, incertos, sem esperança; e não poucos cristãos partilham estes estados de alma. Numerosos são os sinais preocupantes que inquietam, ao início do terceiro milénio, o horizonte do continente europeu, o qual, «apesar de estar na posse plena de imensos sinais de fé e testemunho e no quadro duma convivência sem dúvida mais livre e mais unida, sente todo o desgaste que a história antiga e recente produziu nas fibras mais profundas dos seus povos, dando origem muitas vezes à desilusão»²¹⁴.

Concordamos com o nobre pensamento do então Papa João Paulo II. Traz-nos de volta a ideia anterior do envelhecimento do continente. O sistema de desenvolvimento dos povos europeus pode provocar a falta da esperança de vida. Até certo ponto, há desenvolvimento velocíssimo da macro tecnologia²¹⁵. Entretanto, reclamações abundam. Em vários círculos, ainda encontramos classes de baixa renda, a supremacia racial.

Isto, gera outras consequências éticas e espirituais. «No continente europeu, certamente não faltam prestigiosos símbolos da presença cristã, mas, com a afirmação lenta e progressiva do secularismo, correm o risco de reduzirem-se a meros vestígios do passado»²¹⁶. A Europa²¹⁷ tem de recuperar, sinodalmente, os valores humanos fundamentais.

1.4.4.3. *Ecclesia in America (1999) e sinodalidade*

América tem outra realidade impressionante. Em qualquer modo, merece atenção própria. Geograficamente, é formada por três partes: América do Norte, a central e América Latina. É rica em biodiversidade, em culturas e em outros recursos. Há diversidade de povos, nações. Quanto à sua extensão, América Latina ocupa maior extensão territorial, revestida de uma vasta flora tropical, conhecida como a maior do planeta.

Economicamente, América do Norte aparece como a região mais evoluída do continente. A seguir, está o factor linguístico, que exerce grande influência na evangelização. cremos que, isso determina a qualidade de Igreja, presente naquele continente. Religiosamente, América é, predominantemente cristã. Entretanto, há também outras confissões religiosas.

O encontro pessoal com o Senhor, se for autêntico, trará também consigo a renovação eclesial: as Igrejas particulares do Continente, como Igrejas irmãs e vizinhas entre si, aumentarão os vínculos de cooperação e de solidariedade, para prolongar e tornar mais incisiva a obra salvadora de Cristo na história da América. Em atitude de abertura à unidade, fruto de uma autêntica comunhão com o Senhor ressuscitado, as Igrejas particulares e nelas cada um dos

²¹⁴ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Europa* (2003), n. 7.

²¹⁵ PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais*, 121: «Na cultura e na vida social da Europa hodierna têm um peso muito grande as ciências e a tecnologia».

²¹⁶ João PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Europa* (2003), n. 7.

²¹⁷ Emmanuel Kuvialeka PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais*, 119.

seus membros descobrirão, através da própria experiência espiritual, que o «encontro com Jesus Cristo vivo» é «caminho de conversão, de comunhão e de solidariedade»²¹⁸.

Cristo está e estará sempre no centro das atenções da Igreja. Não se pode fazer caminho seguro apartando-se de Cristo. Ele é a força firme da conversão, da comunhão e de missão. Por ocasião da celebração dos 500 anos da evangelização na América, ele capacitou os seus eleitos. América tem de caminhar o processo intercultural e multicultural para o bem da humanidade. A título do desfecho, na América existem grandes desafios pastorais e humanos.

Não exitemos de indicar alguns desafios vigentes, nomeadamente: a instrumentalização da religião (pelas ideologias seculares, pelas políticas manipuladoras da verdade sobre a vida); dois terços do continente são pobres. Na região d'Amazônia, os potentes buscam a mais-valia, marginalizando a maioria. Andam a procura dos interesses privados. Eles crucificam cerca de dois terços da população da região.

Há tanta gente sem abrigo, sem verdadeira dignidade. Porque não tem voz e poder. Neste âmbito, a Igreja como religião²¹⁹ revelada por Jesus Cristo, tem tido a preocupação de acudir e denunciar o mal. Nos últimos anos do século passado e no princípio deste, reformulou a sua dinâmica pastoral para com as populações indígenas da Amazônia.

Oxalá, que houvesse a erradicação da pobreza extrema ou institucionalizada, sobretudo, na região latino-americana, onde há tanta devastação e destruição dos ecossistemas. Aumenta o índice da pobreza e miséria humana.

1.4.4.4. *Ecclesia in Oceania (2001) e sinodalidade*

Sob o tema «*Jesus Cristo e os Povos da Oceânia seguindo o Seu Caminho, proclamando a Sua Verdade e vivendo a Sua Vida*», assim aconteceu o sínodo, que moveu os pastores da Igreja do Continente de Oceânia²²⁰. O Espírito Santo orientou a Igreja de Cristo, fortalecendo-a com a sua potência, sabedoria. Por conseguinte, demonstrando a comunhão dos Pastores.

Desde os tempos mais antigos, os povos da Oceânia sentiram-se atraídos pela presença divina nas magnificências da natureza e da cultura. Mas foi com a chegada dos missionários estrangeiros, na última metade do segundo milénio, que os nativos ouviram pela primeira vez

²¹⁸ João PAULO II, Exortação Apostólica pós sinodal *Ecclesia in America* (1998), n. 7.

²¹⁹ David DE OLIVEIRA, «O engajamento das Igrejas na política: o caso dos pentecostais», in *Atualidade Teológica (ATEO)*, 24 (2020), 66, 753: «A religião toca o mais profundo do espírito humano, mas a religião foi cooptada pelo mercado que instrumentalizou essa força para interesses privados. Mesmo sem se dar conta, as religiões podem estar se prestando a esse papel. Há uma demanda urgente por profetismo no estilo bíblico que desperte as Igrejas para a defesa da justiça e para a busca do bem comum».

²²⁰ Emmanuel Kuvialeka PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais*, 193: «a Oceânea é o mais pequeno dos cinco continentes. O seu território é constituído por uma massa continental, a Austrália, e por milhares de outras ilhas espalhadas no oceano Pacífico, algumas isoladas, outras reagrupadas em três vastos arquipélagos: Melanésia, Micronésia e Polinésia».

falar de Jesus Cristo, o Verbo feito carne. (...) A esperança da Igreja na Oceânia é grande, porque experimentou a bondade infinita de Deus em Cristo. O tesouro da fé cristã permaneceu, até hoje, imutável no seu dinamismo e nas suas promessas, pois o Espírito de Deus continua a ser duma novidade surpreendente²²¹.

Em todos os tempos, em várias culturas, nos diversos povos e tantas tradições, aprouve Deus revelar a sua plenitude de salvação. Assim sucedeu para a Oceânia. O Papa João Paulo II convidou aquela Igreja a renascer nos mesmos sentimentos, abraçar a novidade fulgurante proveniente da bondade eterna de Deus, por Cristo, no Espírito. Trata-se de um convite ao renascimento espiritual e existencial. Renunciando os falsos projetos, que não gera vida.

Durante a Assembleia Sinodal, a Igreja universal pôde observar mais claramente como é o encontro do Senhor Jesus com os vários povos da Oceânia, nas suas terras e numerosas ilhas. Na verdade, o Senhor mesmo pousa sobre eles um olhar de amor que encerra, simultaneamente, um desafio e um chamamento. À semelhança de Simão Pedro e seu irmão André, aqueles povos são convidados a deixar tudo, a converter-se a Ele, que é o Senhor da vida, e a segui-Lo. Devem abandonar não apenas os caminhos do pecado, mas também os seus modos vãos de pensar e agir, a fim de enveredarem pela senda duma fé cada vez mais profunda e seguirem o Senhor com uma fidelidade sempre maior²²².

Fez uma narrativa, comparando com as duas figuras emblemáticas, Simão Pedro e André, apóstolos do Senhor, que renunciaram o seu conforto e seguiram Jesus até ao baptismo do sangue. Por fim, quando a Verdade toca a natureza humana, a diviniza gradativamente.

1.4.4.5. *Ecclesia in Asia e sinodalidade*

A certeza histórica prevalece irreversível. Posto que, a consciência humana registou os acontecimentos no tempo e espaço. Recorrendo aos dados da história do cristianismo, nos anais das diversas bibliotecas civis ou religiosas, podemos encontrar esses dados. Ásia é considerada como berço das grandes religiões, particularmente do nascimento de Jesus Cristo, protótipo da nossa fé. O argumento que sustenta a nossa reflexão.

Uma vez que Jesus nasceu, viveu, morreu e ressuscitou dos mortos na Terra Santa, esta pequena porção da Ásia Ocidental tornou-se uma terra de promessa e de esperança para todo o género humano. Jesus conheceu e amou esta terra. Assumiu como próprios a história, os sofrimentos e as esperanças do seu povo. Amou a sua gente e abraçou as tradições e herança judaicas. De facto, muito tempo antes Deus escolhera este povo e revelou-Se a ele preparando

²²¹ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Oceania* (2001), n.1; cf. Emmanuel Kuvialeka PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais*, 194.

²²² JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Oceania* (2001), n. 3.

a vinda do Salvador. E desta terra, pela pregação do Evangelho com o poder do Espírito Santo, a Igreja estendeu-se até fazer «discípulos de todas as nações» (Mt 28, 19)²²³.

Ásia continua a ser o ícone da tradição cristã. É património da história da salvação. Por aquela geografia, teve início todo o mistério de Cristo. A Igreja cristã partiu daquela localidade até chegar ao Ocidente mediterrânico. Mais tarde, estendeu-se para o hemisfério sul. Paralelamente, confirmou o princípio soteriológico (Lc 24,1; Mc 16,15).

Com a Igreja espalhada por todo o mundo, a Igreja da Ásia cruzará o limiar do Terceiro Milénio Cristão, cheia de admiração por tudo o que Deus operou desde o início até agora, e bem consciente de que, «assim como no primeiro milénio a Cruz foi implantada no solo da Europa e, no segundo milénio, o mesmo ocorreu na América e na África, nós rezaremos para que, no terceiro milénio cristão, uma grande colheita de fé possa ser feita neste continente tão vasto e vivo»²²⁴.

Nesta perspetiva, a maior inquietação do cristianismo na Ásia diz respeito ao diálogo com as grandes tradições religiosas. Dialogar com o judaísmo, o islamismo, o induísmo, o budismo, etc. O segundo elemento a ter em conta para o continente mais numeroso, é a pobreza e a justificação das guerras religiosas, frequentemente, presentes em alguns países radicais.

1.4.5. Bento XVI e sinodalidade

Durante o pontificado do Papa Bento XVI, houve dois sínodos de referência. Nomeadamente tratou da Palavra de Deus e sobre a reconciliação, justiça e paz para África (2011). O Papa Bento XVI projetou África para um patamar.

A transformação dos corações africanos é a verdadeira chave de reconciliação e de conquista da paz. O coração²²⁵ tocado pela graça, iluminado pela Palavra de Deus, ultrapassa as tempestades interiores e supera os litígios continentais. Consegue perdoar para ganhar o próximo. Simultaneamente, rejuvenesce a vida. Nesta vertente, Bento XVI, começa assim:

O serviço da África ao Senhor Jesus Cristo é um tesouro precioso que confio, neste princípio do terceiro milénio, aos bispos, aos sacerdotes, aos diáconos permanentes, às pessoas consagradas, aos catequistas e aos leigos daquele amado continente e ilhas adjacentes. Esta missão leva a África a aprofundar a vocação cristã; convida-a a viver, em nome de Jesus, a reconciliação entre as pessoas e as comunidades, e a promover a paz e a justiça na verdade para todos²²⁶.

²²³ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Asia* (1999), n. 1.

²²⁴ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Asia* (1999), n. 1.

²²⁵ BENTO XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Africae múnus* (2011), n. 20.

²²⁶ BENTO XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Africae múnus* (2011), n.1.

Os primeiros agentes qualificados com implicações pastorais, estão os bispos, os sacerdotes, os diáconos permanentes, as pessoas consagradas, os catequistas e leigos no solo africano, assim exortou o então pontífice. Sinodalmente, devem intervir nesse campo. Não devem viver no anonimato, ou seja, entrancheirados nas sacristias, nas suas sedes ou palácios.

Sem compromisso com a reconciliação²²⁷, sem a promoção da paz mediante a justiça, a Igreja²²⁸ acabará por trair o seu verdadeiro rosto salvífico. Acabaria por não corresponder com o “mandato do Ressuscitado”: a reconciliação e transmissão da paz. «A reconciliação não é um acto isolado, mas um longo processo em virtude do qual cada um se vê restabelecido no amor; um amor, que cura por acção da Palavra de Deus. Deste modo a reconciliação torna-se uma maneira de viver e, ao mesmo tempo, uma missão»²²⁹.

«Na situação actual da África, a Igreja é chamada a fazer ouvir a voz de Cristo»²³⁰. Ouvi-Lo para melhor servir a humanidade sofredora, com particular destaque África. A voz de Cristo não será outra, a não ser de reconciliação, trazendo a paz, sem simulação.

Para Gerson Lourenço Pereira, teólogo brasileiro, «compreender a missão da Igreja no mundo, sobretudo diante dos contrastes e das injustiças que figuram em realidades, como as do “sul continental”, exige um olhar sensível e ações concretas, firmes»²³¹. A reflexão de Gerson vai ao encontro da inspiração de Bento XVI.

«A reconciliação é um conceito pré-político e uma realidade pré-política, que, por isso mesmo, se revela da máxima importância para a própria tarefa política. Se não se criar nos corações a força da reconciliação, falta o pressuposto interior para o compromisso político pela paz. No Sínodo, os Pastores da Igreja comprometeram-se em prol daquela purificação interior do homem que constitui a condição preliminar essencial para a edificação da justiça e da paz. Mas esta purificação e maturação interior rumo a uma verdadeira humanidade não podem existir sem Deus»²³²

Quão é a riqueza da palavra reconciliação! Ela ultrapassa a categoria da simples negociação. Porque entra na esfera espiritual e religioso. Trata-se de um exercício interior da consciência da pessoa, que é o seu santuário e tribunal natural. Nesse tribunal, o ser humano realiza a sua avaliação existencial. A reconciliação é um dom divino. A reconciliação é um ato sinodal, é um progresso sinodal entre humanos.

²²⁷ BENTO XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Africae múnus* (2011), n.21.

²²⁸ BENTO XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Africae múnus* (2011), n. 30.

²²⁹ BENTO XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Africae múnus* (2011), n. 34.

²³⁰ BENTO XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Africae múnus* (2011), n. 30.

²³¹ Gerson Lourenço PEREIRA, «Dietrich Bonhoeffer: uma inspiração para a práxis política e social da Igreja», *ATeo* 24 (2020), 65, 622.

²³² BENTO XVI, Exortação apostólica pós sinodal *Africae múnus* (2011), n.19.

1.4.6. Papa Francisco e sinodalidade

Quem vê o Papa Francisco, percebe-se da sinodalidade prática²³³. Descobre nele o rosto de uma Igreja sempre sinodal²³⁴. Trata-se de uma Igreja dinâmica, onde ninguém se sente estranho. No dia da sua eleição, houve novidade dessa identidade. Aparecendo, pela primeira vez na janela do Vaticano, pediu a bênção ao povo de Deus. Depois, ele abençoou o povo e o mundo. A sinodalidade significa inclusão de todos os membros na família de Deus.

Como sublinha Sérgio Leal, o processo sinodal querido por Papa Francisco, eventualmente, manifesta-se de seguinte modo:

«Caminhar, edificar, confessar.» Estes três verbos constituem a síntese da primeira homilia do recém-eleito papa Francisco, que, comentando as leituras proclamadas na Liturgia da Palavra, convidava os cordeais, no final do conclave da sua eleição, a conceber a vida e ação eclesial como movimento de caminho, edificação e confissão. Nesta sua primeira intervenção como Bispo de Roma, não alude diretamente à sinodalidade, mas apresenta, desde já, algumas linhas de pensamento fundamentais que estarão presentes ao longo deste pontificado, e, de modo especial, no conceber a missão da Igreja como um caminho conjunto²³⁵.

Por conseguinte, descreve Sérgio Leal: «O Papa Francisco, ao longo do seu magistério, tem manifestado a relação intrínseca entre colegialidade e sinodalidade, e aponta a necessidade de conceber a colegialidade, no horizonte da sinodalidade»²³⁶. Deste modo, “Um lugar privilegiado do exercício desta sinodalidade é o Sínodo dos Bispos»²³⁷.

Podemos reafirmar que, o Papa Francisco atualizou a identidade da Igreja Católica²³⁸. Inculcando nela o necessário rosto sinodal²³⁹. O emblema sinodal foi autenticado já no início do seu pontificado. A Igreja é sinodalidade dos convocados para escutarem a Palavra da salvação, viverem as maravilhas do Ressuscitado, aprendendo as bem-aventuranças.

²³³ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 177-179.

²³⁴ Bernardo BAYONA AZNER, «Nacimiento, letargo y renacimiento de la colegialidad en el Concilio Vaticano II», *Didaskalia* 45 (2015), 1, 133; cf. Sérgio LEAL, *O caminho sinodal com o Papa Francisco*, 17: «A sinodalidade é uma palavra central no magistério do papa Francisco, (...)».

²³⁵ Sérgio LEAL, *O caminho sinodal com o Papa Francisco* (Paulinas: Prior Velho, 2021), 28.

²³⁶ Sérgio LEAL, *O caminho sinodal com o Papa Francisco*, 139; cf. Bernardo BAYONA AZNER, «Nacimiento, letargo y renacimiento de la colegialidad en el Concilio Vaticano II», 133.

²³⁷ Sérgio LEAL, *O caminho sinodal com o Papa Francisco*, 44.

²³⁸ João ELEUTÉRIO, «A ministerialidade na Igreja: subversões e “redescobertas”», 39: «Esta redescoberta do ministério episcopal reveste-se em particular de uma grande exigência para a Igreja católica contemporânea no pensar formas de liderança e de ministerialidade mais consentâneas com princípios como os da integridade, transparência e responsabilidade, participação e inclusão, gestão de riscos, consulta de todos».

²³⁹ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 177 « Le style missionnaire du pape François et sa volonté de promouvoir un plus grande synodalité à tous les niveaux de la vie de l'Église ont accéléré l'adaptation du Synode des évêques aux besoins de la communication de l'Évangile, avec la conversion pastorale » ; cf. Sérgio LEAL, *O caminho sinodal com o Papa Francisco*, 24.

A novidade da sinodalidade, diz respeito ao modo de viver, de servir a Igreja e de ser cristão. «Aquilo que o Senhor nos pede, de certo modo está já tudo contido na palavra «Sínodo». Caminhar juntos – leigos, pastores, Bispo de Roma – é um conceito fácil de exprimir em palavras, mas não é assim fácil pô-lo em prática»²⁴⁰.

A dinâmica comunitária implica caminhada conjunta, escuta e diálogo. Incentivando a teologia de proximidade; aplicando a pastoral de misericórdia nas periferias. O sucesso consiste na própria metodologia, que é a «saída missionária»²⁴¹. A sinodalidade equivale à conversão pastoral e missionária. Exortou o Papa Francisco: «espero que todas as comunidades se esforcem por actuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão»²⁴². O paradigma de sinodalidade vem latente na exortação apostólica, *Evangelii gaudium*. «A Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que “primeireiam”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam»²⁴³.

A exortação *Evangelii gaudium* pode ser chamada “*Carta sinodal do seu pontificado*”²⁴⁴. De facto, o Papa Francisco pretende traduzir a ideia na realidade, a parte no todo, saindo da frieza para ir ao encontro de todos, sem marginalização social. «Proximidade, encontro, partilha e tantas outras palavras desdobram e tornam mais compreensível a dinâmica de comunhão que se torna presente à luz da sinodalidade»²⁴⁵. Escutemos o apelo do Pontífice:

Isto possui uma grande relevância no anúncio do Evangelho, se temos verdadeiramente a peito fazer perceber melhor a sua beleza e fazê-la acolher por todos. Em todo o caso, não poderemos jamais tornar os ensinamentos da Igreja uma realidade facilmente compreensível e felizmente apreciada por todos; a fé conserva sempre um aspecto de cruz, certa obscuridade que não tira firmeza à sua adesão. Há coisas que se compreendem e apreciam só a partir desta adesão que é irmã do amor, para além da clareza com que se possam compreender as razões e os argumentos²⁴⁶.

A Igreja que anuncia o Evangelho, não poderá agradar a todos. Infelizmente, como nos relata São Paulo aos Filipenses, alguns são inimigos da cruz de Cristo. Relembramos que, o

²⁴⁰ FRANCISCO, Discurso, *Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos bispos*, (17 de outubro de 2015), Cidade de Vaticano (acesso: 11.12.2020); cf. Alphonse Borras, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 180.

²⁴¹ EG 20.

²⁴² EG 25.

²⁴³ EG 24.

²⁴⁴ Sérgio LEAL, *O caminho sinodal com o Papa Francisco*, 56-57: «(...) em coerência com a proposta que faz à Igreja e a todo o Povo de Deus, propõe a possibilidade de repensar o primado do Bispo de Roma, ...».

²⁴⁵ Sérgio LEAL, *O caminho sinodal com o Papa Francisco*, 47.

²⁴⁶ EG 42; cf. Sérgio LEAL, *O caminho sinodal com o Papa Francisco*, 32.

Evangelho propõe renúncia e conversão. Curiosamente, na passagem de São Marcos, Jesus disse: “Arrependei-vos e acreditai no evangelho” (Mc 1,15).

Ser missionário, implica entrar no mundo do outro, falar da Boa Nova em condição de igualdade. Tocando as “*periferias existenciais e sociais*”, anunciando a esperança, praticando a caridade. Deixar-se transformar por Ele. A grosso modo, ele ratifica a teologia da periferia através da conversão missionária²⁴⁷. O que se pede, é a erradicação da cultura do “comodismo, de indiferença e descartável”.

Todo o seu pontificado, implicitamente, está carregado do emblema sinodal. Para tal, o espírito sinodal exige conversão missionária e responsabilidade de todos. Para além do que constatamos, a misericórdia é a chave hermenêutica do seu pontificado. Gostaríamos de lembrar, como esse adjetivo qualifica a personalidade do Papa Francisco!

Na verdade, o mundo aguardou com ansiedade o florescimento da Igreja, família dos redimidos e dos reconciliados com o Deus. Na Exortação pós-sinodal, realça o fundamento da missão do Redentor diante dos mais vulneráveis e dos crucificados deste mundo:

Cristo redimiou o ser humano inteiro e deseja recompor em cada um a sua capacidade de se relacionar com os outros. O Evangelho propõe a caridade divina que brota do Coração de Cristo e gera uma busca da justiça que é inseparavelmente um canto de fraternidade e solidariedade, um estímulo à cultura do encontro²⁴⁸.

Sendo redimidos pela misericórdia infinita de Deus, somos impelidos para a caridade, construindo o mundo por meio da justiça social. Abrir uma porta de felicidade para os humilhados do tempo. Sem a misericórdia, isto é, o sentimento de amor cordial pela miséria e sofrimento do próximo, não haverá um relacionamento pacífico. Perante milhares e milhares de seres humanos espoliados pelas estruturas injustas, requer uma sã teologia contextual de misericórdia. A misericórdia faz parte do rosto sinodal da Igreja de Cristo. Recordemos em sintonia do ideal do Papa sobre a imagem da Igreja:

Ser Igreja significa ser povo de Deus, de acordo com o grande projeto de amor do Pai. Isto implica ser o fermento de Deus no meio da humanidade; quer dizer anunciar e levar a salvação de Deus a este nosso mundo, que muitas vezes se sente perdido, necessitado de ter respostas que encorajem, dêem esperança e novo vigor para o caminho. A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho²⁴⁹.

²⁴⁷ EG 20.

²⁴⁸ FRANCISCO, Exortação pós-sinodal *Querida Amazônia*, (2020), n. 22.

²⁴⁹ EG 114.

Propõe respostas concretas face às demandas da época globalizada. Acabar com a globalização de indiferença. O encontro que efetuou com os líderes de outras confissões religiosas, também manifesta o rosto misericordioso da Igreja de Cristo no mundo. A Igreja é ministra da misericórdia divina em cada tempo e lugar. Como afirma o Professor João Eleutério: «Contudo, a ministerialidade é estruturante da realidade eclesial. Ela traduz-se na constante de um e/ou alguns serem chamados pela Igreja a colocarem-se ao serviço de todos»²⁵⁰.

A misericórdia transforma os corações dos homens, a fim de abolirem as barreiras culturais, sociais, económicas, etc. Projetando para um mundo mais sinodal, aberto ao mistério.

O nosso olhar estende-se também para a humanidade. Uma Igreja sinodal é como estandarte erguido entre as nações (cf. *Is* 11, 12) num mundo que, apesar de invocar participação, solidariedade e transparência na administração dos assuntos públicos, frequentemente entrega o destino de populações inteiras nas mãos gananciosas de grupos restritos de poder. Como Igreja que «caminha junta» com os homens, compartilhando as dificuldades da história, cultivamos o sonho de que a redescoberta da dignidade inviolável dos povos e da função de serviço da autoridade poderá ajudar também a sociedade civil a se edificar na justiça e na fraternidade, gerando um mundo mais belo e mais digno do homem para as gerações que hão-de vir depois de nós²⁵¹.

Pela sinodalidade se aplica a doutrina social da Igreja no mundo, torturado por tantas realidades dolorosas, pelo medo de conhecer a verdade evangélica, pelas calamidades naturais, etc. A sinodalidade tem de tocar a vida concreta das pessoas e sociedades. Passa por uma categoria imperiosa da sua natureza, de promover a justiça e a fraternidade, salvaguardando também o bem das gerações futuras. Em suma, libertar os oprimidos. Insistiu sobre a defesa da dignidade inviolável dos povos. A sinodalidade compromete-se com todos.

O cardeal Grech refletiu sobre “a estreita relação entre sinodalidade e missão”, presente na *Evangelii Gaudium*, “um documento sobre a dimensão missionária da Igreja”, sobre o avanço da Igreja. A partir daí ele refletiu sobre a “comunidade sinodal”, que “tem um desejo inesgotável de oferecer misericórdia”, que “sabe dar frutos”, que “sabe celebrar”. Para o Secretário do Sínodo dos Bispos, “a Igreja cresce em sinodalidade, assume uma forma cada vez mais sinodal, quanto mais ela vive e pratica um estilo sinodal”. Diante disso, ele convidou a “pensar sobre o cenário da missão de uma Igreja não-sinodal”²⁵².

²⁵⁰ João ELEUTÉRIO (Coord.), «A ministerialidade na Igreja: subversão e «redescobertas», in *Uma anatomia do poder eclesial* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2002), 25-52, aqui 25.

²⁵¹ FRANCISCO, Discurso, *Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos bispos* (Aula Paulo VI: 17 de outubro de 2015), Cidade de Vaticano (acesso: 11.12.2020); cf. Sérgio LEAL, *O caminho sinodal com o Papa Francisco* (Paulinas: Prior Velho, 2021) 21.

²⁵² Cardeal GRECH, «Sinodalidade: “Uma sinfonia cantada em uma infinita possibilidade de variações”» (acesso: 26.11.2021).

A centralidade missionária da Igreja ocupa o processo do Papa Francisco. Encontramos com evidência sobre o valor de comunidade sinodal na Igreja do século XXI. «A sinodalidade constitui-se, nas palavras do Papa, como um caminho de redescoberta».²⁵³ Continuamos a afirmar que, a sinodalidade passa também pela misericórdia²⁵⁴ na comunidade cristã, para os pobres, os mais desfavorecidos da história, pelos que se sentiram lesados pelas atrocidades administrativas ou irregularidades.

1.4.6.1. Comemoração do 50º aniversário do Sínodo dos Bispos (2015)

Passando os cinquenta anos da constituição do Sínodo dos Bispos²⁵⁵, por São Paulo VI, houve uma celebração solene, presidida pelo Papa Francisco, em Roma. Este evento, deu um salto qualitativo, tal como aconteceu na manhã da Páscoa do Ressurreição. Aqui, refere-se ao Jubileu de Ouro, cinquentenário do encerramento do Concílio Vaticano II (1965-2015)²⁵⁶.

Devemos continuar por esta estrada. O mundo, em que vivemos e que somos chamados a amar e servir mesmo nas suas contradições, exige da Igreja o reforço das sinergias em todas as áreas da sua missão. O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milénio²⁵⁷.

“Amar e servir” o mundo contemporâneo, exige maior comunhão de toda a Igreja. Sem a união das forças e dos talentos, a “missão” torna-se improdutivo. Se não houver colaboração, não haverá qualidade no atendimento pastoral. Nesta perspetiva, o Papa Francisco pela sua experiência missionária, como pastor e como formador, vai mais longe, quando diz: “Deus espera da Igreja do terceiro milénio”, a fazer um caminho sinodal. Pois bem, sabemos direta ou indiretamente, o que sucedeu na Igreja do segundo milénio.

Historicamente, houve muitas divisões. Até a data presente, sentem-se os seus efeitos. Também tem havido dissabores dos cismas quer do Oriente (1054) quer do Ocidente (1378). Nisso, o Papa tem bem presente a memória histórica eclesial. Entretanto, procurou demonstrar e, reler entre linhas, as efemérides indelévels do cristianismo.

Ele explorou os elementos concretos para um fazer sinodal. Apresentou-os assim: «*in credendo*»; «*sensum fidei*»; «*Ecclesia docens*» e «*Ecclesia discens*». Certamente, essas expressões estão cheias de significados. Porque relatam uma realidade. Desta feita, interpelam,

²⁵³Sérgio LEAL, *O caminho sinodal com o Papa Francisco*, 42; cf. António MARTINS, *A sinodalidade na vida da Igreja: Fundamentos e perspetivas* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2021), 7-8: «(...)», do pontificado do Papa Francisco é a revitalização do dinamismo sinodal na vida da Igreja».

²⁵⁴ Alex VILLAS BOAS, «Do poder pastoral ao cuidado pastoral», in *Uma anatomia do poder eclesiástico* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2002), 144-146.

²⁵⁵ FRANCISCO, Discurso *Comemoração do cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos* (17 de outubro de 2015), § 4 (acesso: 25.07. 2022).

²⁵⁶ António MARTINS, *A sinodalidade na vida da Igreja: Fundamentos e perspetivas*, 8.

²⁵⁷ FRANCISCO, Discurso *Comemoração do cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos*, 5 (acesso: 25.07. 2022).

merecem clarificação. Não deve haver uma separação rígida entre *Ecclēsia docens* (Igreja que ensina: Magistério) e *Ecclēsia discens* (Igreja ensinada: Povo de Deus, que escuta e aprende).

No credo, está inclusa a sensibilidade da fé de todos os batizados. Todos os fiéis juntos não se enganam na matéria da fé e dos costumes. Nem sequer são meros espetadores, mas efetivos do corpo de Cristo. Guiados pelos pastores da Igreja e assistidos pelo Espírito Santo, permanecem firmes na verdade. O Povo de Deus tem intuição, capacidade de interpretar, à luz da Palavra de Deus, os acontecimentos do mundo. De facto, consegue de dar conta das falsas vozes no redil e na vida. Pelo património espiritual recebido desde o baptismo, consegue discernir os novos sopros do Espírito Santo.

Podemos dar o remate final deste subponto, com as palavras do Papa:

Um Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar «é mais do que ouvir». É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o «Espírito da verdade» (Jo 14, 17), para conhecer aquilo que Ele «diz às Igrejas» (Ap 2, 7)²⁵⁸.

No fundo, a sinodalidade passa pela escuta recíproca. É aprendizagem permanente na fé e no discernimento da vida comunitária. Todos os membros têm o dever de escutar e de serem escutados. Na citação, foram mencionadas três personalidades jurídicas eclesiais: Povo de Deus, Colégio Episcopal e o Papa, Bispo de Roma. A escuta do Espírito Santo, o «Espírito da verdade» ilumina toda a Igreja. Sem a perseverança, fica difícil conhecer a vontade de Deus.

1.4.6.2. A Nova Constituição Apostólica *Episcopalis Communio* (2018)

«A COMUNHÃO EPISCOPAL, com Pedro e sob Pedro, manifesta-se de maneira peculiar no Sínodo dos Bispos»²⁵⁹. Uma luz brilhou no fundo do túnel. Para uma Igreja *sempre reformanda*, brotou a nova semente do Espírito, por intermédio do Papa Francisco. Reafirmou a colegialidade. «O estilo missionário do Papa Francisco e sua vontade de promover uma ampla sinodalidade em todos os níveis da vida da Igreja, aceleram a adaptação do Sínodo dos bispos às necessidades da comunicação do Evangelho»²⁶⁰.

Por isso, «a nova constituição se situa como herança proveniente de Paulo VI e do último concílio que o Papa Francisco inscreveu em uma perspectiva e no quadro eclesiológico de uma

²⁵⁸ FRANCISCO, Discurso *Comemoração do cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos*, § 10 (17 de outubro de 2015).

²⁵⁹ EC 1a ; cf. Alphonse BORRAS, *Communione ecclēsiiale et Synodalité*, 179-180.

²⁶⁰ Alphonse BORRAS, *Communione ecclēsiiale et Synodalité : Comprendre la synodalité selon le papa François* (CLD : Paris, 2018), 177. (A tradução da citação no corpo do texto feita por nós).

“Igreja sinodal”»²⁶¹. Pensou na reformulação e inovação legislativa, para orientar e aplicar novos métodos de fazer o caminho sinodal.

Pois, «as Assembleias do Sínodo revelaram-se um válido instrumento de conhecimento mútuo entre os Bispos, oração comum, confronto leal, aprofundamento da doutrina cristã, reforma das estruturas eclesiais, promoção da atividade pastoral no mundo inteiro»²⁶².

A história da Igreja testemunha amplamente a importância do processo consultivo, para se conhecer o parecer dos Pastores e dos fiéis no que diz respeito ao bem da Igreja. Assim, é de grande importância que, mesmo na preparação das Assembleias sinodais, receba especial atenção a consulta de todas as Igrejas particulares. Nesta primeira fase os Bispos, (...) que devem ser tratadas na Assembleia sinodal, aos Presbíteros, Diáconos e fiéis leigos das suas Igrejas, individualmente ou associados, sem transcurar a valiosa contribuição que pode vir dos Consagrados e das Consagradas²⁶³.

Consultar não é perder o poder sagrado. Pelo contrário, simboliza humildade e abertura necessária para com os irmãos da mesma fé. Consiste em aprender com a comunidade a partilha dos acontecimentos relevantes da Igreja. Consultar, significa caminhar juntos no espírito e na dimensão humana. A renovação da colegialidade²⁶⁴, a inversão da pirâmide do topo para base dá novo sentido à vida da Igreja. Exprime a eclesiologia da comunhão, a missionariedade²⁶⁵ para toda a Igreja. Finalmente, a sinodalidade transforma a comunidade institucional.

Conclusão

Desde a Patrística até ao Papa Francisco, explorámos valiosos tópicos da sinodalidade. A sinodalidade parte do princípio trinitário, cristológico, pneumatológico, eclesiológico e atua na dimensão antropológica. Na Patrística, a sinodalidade é comunhão e unidade. Foi entendida como unidade eucarística, por Inácio de Antioquia. É uma peregrinação com o Bispo, com os presbíteros e os diáconos. Para Cipriano, a sinodalidade parte da Trindade, mas vive-se em torno do bispo. Também é comunhão episcopal e teve um estilo do *mono episcopado*.

Na época Medieval, temos as investidas e o estudo da teoria da colegialidade. Aparece o conciliarismo (convocação de concílios), para a remoção de um papa, pondo em crise o seu poder. A partir do século V, a representatividade tem a ver com a presença do Imperador, que convoca o concílio. Na época moderna, o papado foi abalado pela Reforma de Lutero. Trouxe

²⁶¹ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 178 :« La nouvelle Constitution se situe dans l'héritage de Paul VI et du dernier concile que le pape François inscrit à la fois dans la perspective et dans le cadre ecclésiologique d'une « Église synodale ».

²⁶² EC 1b.

²⁶³ FRANCISCO, Constituição Apostólica *Episcopalis communio* (2018), n. 7 ou EC 7.

²⁶⁴ EC 2a: Fala da «doutrina sobre a Ordem Episcopal, (...) sua sacramentalidade e sua natureza colegial»; cf. BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 181.

²⁶⁵ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 180.

um possível contributo sobre a maior valorização do lugar do povo de Deus (os fiéis). Na época contemporânea, houve análise sobre o primado do Papa. Portanto, temos a “infallibilidade” do Papa, ligada à doutrina e à jurisdição universal da Igreja. Toda a atenção passou em torno da identidade do papa. Houve uma suposta estagnação sobre a colegialidade e retardou a teoria da sinodalidade.

Finalmente, a partir do Concílio Vaticano II, surge a vontade de renovação da Igreja, pondo em relevo a colegialidade, o povo de Deus e o primado, expôs a teoria do ecumenismo, do ministério e do Sacramento. Os bispos ganham autonomia de jurisdição das Igrejas particulares. Nota-se a dimensão da representatividade dos cardeais, dos Bispos, dos membros de outras Igrejas, dos Teólogos e dos peritos convidados de Comunicação Social. Tudo indica que, houve a imagem da sinodalidade. Com o Papa Paulo VI, sistematicamente, iniciou-se a instituição prática da colegialidade, recebendo o nome do Sínodo dos Bispos. Recomendou a necessidade de ação conjunta dos pastores para a jurisdição da Igreja.

Posteriormente, João Paulo II, Bento XVI e com Papa Francisco, cresceu o verdadeiro sentido da colegialidade, Primado e sinodalidade na Igreja. Para Papa Francisco, a sinodalidade é conversão missionária e pastoral; velar pela casa comum; escutar²⁶⁶ em conjunto (Bispos, Povo de Deus e Papa) a voz do Espírito Santo, a fim de discernir a vontade de Deus.

²⁶⁶ EC 6a.

CAPÍTULO SEGUNDO

A EVOLUÇÃO DA DIOCESE DE CABINDA

Introdução

O tema da abordagem na presente investigação é a sinodalidade diocesana. A partir do primeiro capítulo, julgamos conveniente, expor a parte histórica sobre o desenvolvimento sinodal. Recolhemos os tópicos desde a patrística até ao actual pontificado. Neste capítulo, partiremos da situação concreta da diocese de Cabinda. Em seguida, faremos comentários dos eventos marcantes como exemplos visíveis da sinodalidade diocesana. Assim, procuremos auferir as perguntas subsequentes para a obtenção dos resultados.

Como podemos compreender a diocese de Cabinda? Que critérios específicos por adotar? Para respondermos às questões, de preferência, recorreremos ao contexto geográfico e histórico. Estamos em crer que, este seja o critério adequado e sábio para o nosso estudo. Nesta conformidade, determinamos o percurso até ao nascimento da diocese.

Entre os meados dos séculos XVIII a XIX²⁶⁷, o território de Cabinda recebeu o Evangelho, por intermédio dos missionários da Congregação do Espírito Santo²⁶⁸ (Espiritanos). Como nos recorda Mulamba, «o território da actual diocese de Cabinda fez parte da antiga Missão do Congo, confiada pela Congregação da *Propaganda Fide* aos Capuchinhos italianos, a 25 de julho de 1640, e depois entregue à Congregação do Espírito Santo, a 14 de Janeiro de 1866»²⁶⁹.

Historicamente²⁷⁰, Cabinda²⁷¹ tornou-se também ponto de partida de irradiação do evangelho para outras latitudes. A história nos ensina, nos desperta, nos lembra do passado.

²⁶⁷Barnabé TUBI, *As Missões Centenárias da Diocese de Cabinda 1873-1973* (Biblioteca da Diocese de Cabinda: Universidade Católica Portuguesa, 1997), 24: «O último quartel do século XIX foi a época mais florescente na fundação de estações missionárias na África ao sul do Sahara».

²⁶⁸TUBI, *As Missões Centenárias da Diocese de Cabinda 1873-1973*, 59: «A Propaganda Fide, fundada a 6 de Janeiro de 1622 pelo Papa Gregório XV (1621-1623), confiou a missão do Congo à Congregação dos Padres do Espírito Santo pelo decreto Século XV Labente 1865».

²⁶⁹Paulino MULAMBA, *Cabinda por uma Igreja particular em saída missionária* (Lucerna - Cascais: Príncipeia, 2019), 21-22.

²⁷⁰TUBI, *As Missões Centenárias da Diocese de Cabinda 1873-1973*, 20 : «A História permite-nos como que apalpar a presença centenária do espírito vivificante nas missões de Cabinda»; cf. Gugelot FREDERIC, «Faire une histoire du catholicisme en Europe», in *RSR*, 109, 4, (2021), 665: «L’histoire est une connaissance du passé, conduite par les interrogations du présent, qui aspire à dégager l’intelligibilité des actions humaines. Ce qui induit que l’homme se considère comme acteur de son temps, des changements (...)».

²⁷¹TUBI, *As Missões Centenárias da Diocese de Cabinda 1873-1973*, 48: «(...), o Loango, tinha maior comunicação com a Europa através do porto de Malembo. Foi exactamente o reino do Loango a porta da entrada do cristianismo nas terras de Cabinda».

Conhecer os acontecimentos históricos de um povo, torna-se perceptível a sua evolução. «A história do actual território de Cabinda encontra-se na origem dos antigos reinos»²⁷².

Certamente, a diocese de Cabinda é fruto de sua história religiosa. Trata-se de uma história real, com luzes e sombras, naturalmente, conforme acontece em qualquer condição humana ou de um povo. É história gravada ao longo dos séculos, marcada de vestígios. Para melhor conhecimento, requer uma leitura humilde e legítima das fontes históricas, culturais e missionárias. No centro desta visão, estava a importância do desenvolvimento espiritual.

Cabinda²⁷³ foi um itinerário missionário até aos meados do século XX²⁷⁴. Neste caso, o século XX²⁷⁵ marcou a história dos países africanos²⁷⁶ nos diversos âmbitos das regiões ultramarinas²⁷⁷. «Por outro lado, o século xx foi marcado, de forma indelével, por diversas manifestações de *internacionalismo*»²⁷⁸.

Trata-se de um conceito que carrega uma diversidade de significados substancial, tanto nos seus objectivos, desde o internacionalismo enquanto prática de cooperação dentro de uma sociedade internacional de Estados a um internacionalismo imaginado como forma de federação mundial, como em relação às suas diferentes tonalidades, do internacionalismo comunista ao liberal, sem descurar, aspecto aqui particularmente importante, as manifestações de internacionalismo imperial e, de sinal contrário, as que dele fizeram veículo para tentar quebrar as formas de dominação e subjugação colonial²⁷⁹.

Estamos perante uma verdade histórica e jurídica, a qual marcou também o processo de organização do ambiente eclesial. Pelo que nos narram os investigadores como o Professor Hugo Dores, o movimento internacional imperial estava ligado também ao processo do

²⁷² TUBI, *As Missões Centenárias da Diocese de Cabinda 1873-1973*, 47.

²⁷³ DIOCESE DE CABINDA, *Anuário Diocesano* (Cúria Diocesana de Cabinda: Cabinda, 2020), 9.

²⁷⁴ Ana Filipa GUARDIÃO, «Os desafios do colonial: primeiras abordagens do CICV e do ACNUR ao problema dos refugiados nas guerras de independência do Quênia, Argélia e Angola», in *Os Impérios do Internacional: perspectivas, genealogias e processos* (Almedina: Coimbra, 2020), 201.

²⁷⁵ GUARDIÃO, «Os desafios do colonial: primeiras abordagens do CICV e do ACNUR ao problema dos refugiados nas guerras de independência do Quênia, Argélia e Angola», in *Os Impérios do Internacional*, 199: «No século xx, as noções de desenvolvimento e humanitarismo contribuíram para a reformulação dos discursos coloniais pela exploração de conceitos como progresso, mudança, caridade ou filantropia, (...)».

²⁷⁶ Hugo Gonçalves DORES *et al.*, «Trajectórias imperiais e os mundos do “Internacional”: Casos, dinâmicas e perspectivas», in *Os Impérios do Internacional: perspectivas, genealogias e processos*, 8: «Nela vemos vários países europeus a implantar bandeiras no continente africano, (...)».

²⁷⁷ GUARDIÃO, «Os desafios do colonial: primeiras abordagens do CICV e do ACNUR ao problema dos refugiados nas guerras de independência do Quênia, Argélia e Angola», in *Os Impérios do Internacional*, 202: «(...)», as potências imperiais europeias, (...), conseguiram sucessivamente proteger as suas possessões ultramarinas».

²⁷⁸ DORES *et al.*, «Trajectórias imperiais e os mundos do “Internacional”: Casos, dinâmicas e perspectivas», in *Os Impérios do Internacional: perspectivas, genealogias e processos*, 10.

²⁷⁹ DORES *et al.*, «Trajectórias imperiais e os mundos do “Internacional”: Casos, dinâmicas e perspectivas», 10.

cristianismo em África²⁸⁰. Durante a época colonial²⁸¹ e da expansão internacional, de conquista de latifúndios, Cabinda não era ainda uma diocese no sentido de Igreja particular.

No que toca ao seu estatuto de maioridade na fé, encontrava-se nas encruzilhadas. Criticamente, sem tanto esforço, se pode concluir que, Cabinda recebeu a boa nova e entrou no ambiente cristão, há mais de um século, partindo de 1873. Realmente, a história²⁸² fala por si. Assinalámos que, houve um grande atraso para ser elevada à categoria da diocese.

Relativamente ao pensamento eclesiológico de Cabinda, se enquadra no âmbito africano, em Angola²⁸³. Cabinda observou a evolução religiosa e, viveu as mudanças significativas do século passado. Também esteve abrangido pelo regime da antiga potência missionária portuguesa. Uma Igreja missionária procura reedificar a humanidade; reconstrói a esperança do Povo. No entanto, o estilo de organização eclesial resulta de um processo herdado dos luso-missionários.

A priori, o mundo contemporâneo espera que, a Igreja permanecesse como maior meio de humanização. O mundo atual anda a procura do verdadeiro rosto eclesial, onde todos possam descobrir melhor o sentido da transcendência. A diocese de Cabinda tem procurado transmitir os valores evangélicos aos seus habitantes. Com particular relevo, inculcando nas comunidades a noção da justiça, da paz e da defesa dos direitos fundamentais da pessoa humana.

Considerando à visão do Papa Francisco, «partes da Humanidade parecem sacrificáveis em benefício de uma seleção que favorece um setor humano digno de viver sem limites»²⁸⁴. Cientes, que haja reconstrução do mundo à luz dos valores do Evangelho²⁸⁵. Clarificado o assunto, retomemos às perguntas levantadas à volta desta pesquisa.

Em que circunstância se encontra a Diocese de Cabinda? O que se espera dela hoje? Qual tem sido o seu caminho com os leigos? Como se caracteriza a diocese e os seus desafios?

²⁸⁰Fredrik PETERSON, «“Danse Cosmopolitaine”: Anticolonialismo e internacionalismo no período entre -guerras», in *Os Impérios do Internacionalismo: perspectivas, genealogias e processos*, 41: «O “Primeiro Congresso Internacional contra o Colonialismo e o Imperialismo”, realizado em Bruxelas entre 10 e 14 de Fevereiro de 1927, é um episódio crucial neste contexto».

²⁸¹Miguel Bandeira JERÓNIMO – José Pedro MONTEIRO «Os Inventores dos Direitos Humanos em África: Portugal, o colonialismo tardio e o regime de Direitos Humanos da ONU», in *Os Impérios do Internacional: perspectivas, genealogias e processos*, 121: «Desde a adesão à ONU, Portugal focara a sua estratégia diplomática imperial no quarto comité da Assembleia Geral, responsável pela questão dos territórios não-autónomos e pelos assuntos relacionados com a descolonização».

²⁸²JERÓNIMO – MONTEIRO «Os Inventores dos Direitos Humanos em África: Portugal, o colonialismo tardio e o regime de Direitos Humanos da ONU», 134.

²⁸³JERÓNIMO – MONTEIRO «Os Inventores dos Direitos Humanos em África: Portugal, o colonialismo tardio e o regime de Direitos Humanos da ONU», 132.

²⁸⁴FRANCISCO, Carta Encíclica *Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e amizade social* (Paulinas: Prior Velho, 2020), n. 18.

²⁸⁵ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Sinodalidade na vida e na missão da Igreja* (2018), n. 119, http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.htm

2.1. Dimensão geográfica e histórica de Cabinda

O território de Cabinda está situado no litoral norte de Angola²⁸⁶. Vulgarmente, é denominada província mais a norte do país. É a décima oitava²⁸⁷ província, consignada no mapa angolano. É «um minúsculo território sem fronteiras terrestres com o resto de Angola e chamado, com razão, a província mais a norte de Angola»²⁸⁸. Para Paulino Mulamba, «a realidade de Cabinda gira em torno da sua situação geográfica, o elemento-chave que explica a complexidade da sua história»²⁸⁹.

De facto, Cabinda é um enclave localizado na costa ocidental africana, com cerca de 7680 km², tendo como fronteiras terrestres, a norte, a República do Congo-Brazzaville, numa extensão de 196 km, a nordeste, leste e sul, a República Democrática do Congo, com 153 km e, a oeste, o oceano Atlântico, com 103 km²⁹⁰.

Com franqueza, Paulino Mulamba sublinhou um ponto necessário sobre a temática. A dimensão geográfica é uma das chaves hermenêuticas para compreensão da diocese de Cabinda. Não se pode subestimar o processo evolutivo da geografia eclesial. Pela realidade geográfica, descobrimos a contribuição proveniente das repúblicas vizinhas, Congo-Brazzaville e Democrática do Congo, sobre o desenvolvimento da inculturação litúrgica em Cabinda. Também foi um foco para a formação do recurso humano daquela região.

O estudo da identidade missionária da região e da vida diocesana deverá passar também por esse critério. Isto viabiliza a implementação da qualidade do recurso humano, em todo o território. Obviamente, estamos nos referir do critério geográfico local. Conhecer os meandros de evangelização, exige dos estudiosos maior avaliação dos dados históricos. Desde que, haja em curso os meios para tal. Por esse caminho, se pauta para apurar a verdade.

²⁸⁶ GUARDIÃO, «Os desafios do colonial: primeiras abordagens do CICV e do ACNUR ao problema dos refugiados nas guerras de independência do Quênia, Argélia e Angola», 204.

²⁸⁷ MULAMBA, *Os Novos Movimentos de Apostolado Fundados em Cabinda: Uma abordagem teológico-pastoral*, 118.

²⁸⁸ MULAMBA, *Os Novos Movimentos de Apostolado Fundados em Cabinda*, 118.

²⁸⁹ MULAMBA, *Cabinda por uma Igreja particular em saída missionária*, 51.

²⁹⁰ MULAMBA, *Os Novos Movimentos de Apostolado Fundados em Cabinda*, 119.

Quanto à circunscrição eclesial, faz parte da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé (CEAST)²⁹¹. Entretanto, antes da criação da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé (1967), Cabinda foi uma Prefeitura Apostólica do Congo Português (1873-1940)²⁹².

Ao longo de muitas décadas, houve esforço de trabalho missionário até à data do surgimento de várias dioceses, particularmente, a diocese de Cabinda. Por sua vez, a Conferência Episcopal de Angola e São Tomé promoveu a pastoral conjunta, em toda a sua extensão eclesial. Os seus feitos vêm expressos nos documentos, que passaram a publicar para o conhecimento da comunidade cristã. Nesses documentos, está escondido o valioso tesouro da colegialidade da CEAST. Na prática, isto demonstra o rosto da sinodalidade restrita dos bispos dos dois países.

Remonta aos tempos da Igreja antiga a publicação e divulgação das Exortações Pastorais e outros documentos episcopais, para conhecimento do grande público, elevação espiritual do povo de Deus, promoção da cultura de inspiração cristã e memória da história, que é feita de várias vozes²⁹³.

A difusão dos documentos episcopais revela a pedagogia pastoral da Igreja. Assegura a eficácia do trabalho, pois, serve-se de partilha e ensino do pensamento sistemático, feito pelo colégio episcopal. Pelo que, «este dever-missão foi cumprida, desde as notas manuscritas lidas nas igrejas, antes do surgimento da imprensa, até ao recurso às páginas dos primeiros jornais que apareceram no meio e a folhetos dactilografados, (...)»²⁹⁴.

Convém realçarmos que, a Conferência Episcopal de Angola e São Tomé é tão rica, por razões da diversidade multicultural, enquadrada também nos dois estados independentes, República de Angola e aquela de São Tomé e Príncipe.

Por um lado, trata-se de fiéis católicos, com pastores comuns, formando o único colégio episcopal dos dois países. Por outro, como cidadãos estão vinculados nos seus países, Angola e São Tomé, onde cumpre as suas obrigações de cidadãos. Têm assumido as responsabilidades de cidadania, sem interferência da CEAST²⁹⁵, entidade religiosa.

²⁹¹ CEAST: Essa sigla significa Conferência Episcopal de Angola e São Tomé. Trata-se da colegialidade dos bispos de Angola e S. Tomé, unidos em uma conferência. Pois S. Tomé, por si, não constitui a conferência.

²⁹² DIOCESE DE CABINDA, *Anuário Diocesano 2020* (Cúria Diocesana de Cabinda: Cabinda, 2019), 12-13; cf. TUBI, *As Missões Centenárias da Diocese de Cabinda 1873-1973* (Universidade Católica Portuguesa: Lisboa, 1997), 209: «Antiga Prefeitura Apostólica do Congo Português (1873-1940) e a recente Vigararia de Cabinda».

²⁹³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética: Documentos Episcopais – 1999-2017* (Angola Catholic University Press: Luanda, 2018), 9.

²⁹⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética*, 9.

²⁹⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética* (2007), n.11: «A Igreja de Angola continua empenhada em trilhar esta mesma via: evangelizar a pessoa humana, promovendo-a em toda a dimensão. Por isso, ela não se alheia às tarefas temporais que afectam o homem. Da sua parceira com o Estado, mormente através de protocolos assinados ou em vias de assinar, espera-se que, à luz do *duc in altum in santificando*, provenham abundantes frutos de santidade, em quaisquer esferas da vida social».

Tem sido uma bela experiência eclesial e o modo enriquecedor da pastoral da CEAST²⁹⁶. Sem nos esquecermos da natureza da Igreja. No consenso da CEAST, descobrimos a vontade expressa de comunhão eclesial. «É um caminho de acção evangelizadora de conjunto a ser seguido por todas as Dioceses, tendo em vista o aperfeiçoamento da vida cristã segundo o testemunho e ensino de Cristo: Ser santo é ser perfeito»²⁹⁷. Nessa afirmação, já está presente o espírito da sinodalidade, inovadora para a Igreja.

A riqueza multicultural garante a dimensão missionária e sinodal. Nesse contexto, surgiu a diocese de Cabinda. Favorecer melhor a qualidade de atendimento das necessidades da referida porção povo de Deus. Pese embora o surgimento daquela diocese, Cabinda permanece membro efectivo da CEAST. Sendo assim, apontemos as etapas, por onde passou a diocese de Cabinda: Prefeitura Apostólica, arceprelado e vigararia.

Por conveniência pastoral, quiçá outra razão²⁹⁸, em 1940 foi reduzido para o estatuto de arceprelado, integrando-o na Arquidiocese de Luanda²⁹⁹. Nesta condição, «extinta a Prefeitura Apostólica do Congo Português em 1940³⁰⁰ criou-se a Vigararia de Cabinda e o veterano P. Henrique Gross foi nomeado primeiro Vigário-Geral»³⁰¹.

Gostaríamos de deixar nítida a nossa reflexão discursiva, para que não houvesse uma interpretação fora dos nossos intentos teológicos académicos. Estamos imbuídos fora da eclesiologia. «A experiência da fé, vivida e transmitida em comunhão eclesial, cria um sentir próprio, origina uma sensibilidade específica, proporciona uma percepção diferente da existência, do mundo e da história»³⁰². Isto enquadra-se naquele contexto evidente.

Podemos afirmar que, em 1940, houve uma viragem incontornável daquele povo. Visto que, a linguagem do historiador Hugo Dores, trouxe luz de avaliação da qualidade de educação para as populações africanas, educação destinada aos indígenas. «A contradição mais óbvia prendia-se com o próprio regime de indigenato»³⁰³. Isto também influenciou a dimensão

²⁹⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, *A Igreja Católica em Angola e a sua missão*, 9.

²⁹⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética*, 147-48.

²⁹⁸ Miguel Bandeira JERÓNIMO – José Pedro MONTEIRO, «Os inventores dos Direitos Humanos em África: Portugal, o colonialismo tardio e o regime de Direitos Humanos da ONU», in *Os Impérios do Internacional* (Almedinas: Coimbra, 2020), 133 «Recorrentes por natureza, com uma longa e rica genealogia, as críticas sobre o funcionamento do império colonial português ganharam força após a adesão à ONU».

²⁹⁹ DIOCESE DE CABINDA, *Anuário Diocesano 2020*, 15.

³⁰⁰ DORES, «Em nome de uma “Missão Sagrada”: A Unesco e a questão Colonial em África», 246-47: «(...) as potências coloniais nos últimos anos da década de 1940, quando o questionamento das soluções imperiais começou a ocupar progressivamente um lugar mais amplo nos fóruns internacionais».

³⁰¹ TUBI, *As Missões Centenárias da Diocese de Cabinda 1873-1973*, 210.

³⁰² António MARTINS, *A sinodalidade na vida da Igreja: fundamentos e perspectivas* (Universidade Católica Editora: Lisboa), 18.

³⁰³ JERÓNIMO – MONTEIRO «Os Inventores dos Direitos Humanos em África: Portugal, o colonialismo tardio e o regime de Direitos Humanos da ONU», 131.

religiosa de África, em particular, Cabinda³⁰⁴. «Pouco depois, Cabinda passou para Arciprestado de Cabinda-Zaire»³⁰⁵.

Sem anacronismo, o processo administrativo e pastoral aplicado na antiga vigararia, terá deixado marcos históricos para compreensão da Igreja Católica, em Cabinda. No Anuário diocesano de 2020, vem expresso que: «Monsenhor Faustino Moreira dos Santos (1919-1940) foi o último prefeito apostólico. Esteve à frente da Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português durante 21 anos (1919-1940)»³⁰⁶. O atraso da criação da diocese continua enigmático.

Houve um longo percurso histórico para a criação da diocese, Igreja particular³⁰⁷. Em 1984, com o pedido do D. Eduardo André Muaca, Arcebispo de Luanda (1975-1985)³⁰⁸ e Presidente da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé, Cabinda tornou-se uma Diocese³⁰⁹. «A geografia religiosa (...) mudou radicalmente com a criação das novas dioceses»³¹⁰. Neste prisma, se enquadra a Igreja diocesana de Cabinda.

À mercê da Sé Apostólica, fundada a diocese de Cabinda, foi nomeado D. Paulino Fernandes Madeca (1984-2005)³¹¹, como primeiro Bispo da Igreja local, por Papa João Paulo II³¹². Posto que, já era bispo auxiliar da Arquidiocese de Luanda (1983), residindo em Cabinda. Cronologicamente, o seu episcopado durou 21 anos, ao serviço do povo de Deus.

Como se descreve: «João Paulo, Bispo, servo dos servos de Deus, ao Venerável Irmão, Paulino Fernandes Madeca, até agora Bispo Titular de Egnazia e Auxiliar do Arcebispo de Luanda, transferido para a nova diocese de Cabinda, Saúde e bênção Apostólica»³¹³. «A partir do dia em que quisemos que surgisse em Angola a nova comunidade de fiéis com o nome de Diocese de Cabinda e para isso promulgamos uma outra Carta Apostólica, queremos também designar, sem demora o seu Pastor e Bispo»³¹⁴.

Por isso, ouvida também a opinião dos nossos Veneráveis Irmãos da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos, com a plenitude do nosso poder apostólico, te libertamos dos vínculos quer do título da Igreja de Egnazia, quer da Igreja de Luanda, e te designamos,

³⁰⁴ JERÓNIMO – MONTEIRO «Os Inventores dos Direitos Humanos em África: Portugal, o colonialismo tardio e o regime de Direitos Humanos da ONU», 129.

³⁰⁵ TUBI, *As Missões Centenárias da Diocese de Cabinda 1873-1973*, 210.

³⁰⁶ DIOCESE DE CABINDA, *Anuário Diocesano 2020*, 15.

³⁰⁷ Cf. *CIC*'83, *can.* 368.

³⁰⁸ DIOCESE DE CABINDA, *Anuário Diocesano 2020*, 17.

³⁰⁹ TUBI, *As Missões Centenárias da Diocese de Cabinda 1873-1973*, 210: «É assim a história humana com as suas luzes e sombras».

³¹⁰ DIOCESE DE CABINDA, *Anuário Diocesano 2020*, 17.

³¹¹ DIOCESE DE CABINDA, *Anuário Diocesano 2020*, 17.

³¹² TUBI, *As Missões Centenárias da Diocese de Cabinda 1873-1973*, 214: «Carta Apostólica da Nomeação do 1º Bispo de Cabinda», traduzida em português.

³¹³ TUBI, *As Missões Centenárias da Diocese de Cabinda 1873-1973*, 214.

³¹⁴ TUBI, *As Missões Centenárias da Diocese de Cabinda 1873-1973*, 214.

legitimamente, hoje, para seres para todos os efeitos o Primeiro Bispo da nova Diocese erecta de Cabinda e, ao mesmo tempo, te atribuímos todos os direitos e te impomos todos os deveres inerentes ao governo da nova Diocese de Cabinda³¹⁵.

Nesta passagem, encontramos o resumo e o sentido do ministério episcopal, quem recebe a gravíssima responsabilidade de apascentar o rebanho do Senhor. Não nos resta mais nenhuma dúvida sobre a potestade, a legalidade e a sacralidade ministerial de um bispo eleito, nomeado e colocado em frente de uma comunidade diocesana.

Tendo atingido a idade canónica de conduzir a diocese, D. Paulino Madeca apresentou, sem demora, a carta canónica para abdicar da diocese. Trata-se da escrita, enviada ao Papa e à Congregação do direito, quando completou os setenta e cinco anos de idade. Assim, funciona a tradição da Igreja Católica. Desta forma, providenciaram-no um sucessor. O processo do seu sucessor deu-se de seguinte modo:

Em outubro de 2003, D. Filomeno do Nascimento Vieira Dias, foi nomeado bispo auxiliar da Arquidiocese de Luanda, por Papa João Paulo II. No dia 11 de janeiro de 2004, foi sagrado bispo³¹⁶ por D. Alexandre Cardeal do Nascimento, Arcebispo emérito de Luanda.

Do ponto de vista eclesiológico, a sua consagração terá sido providencial para outra missão pastoral. Chegada a hora da consumação deste desiderato, assumiu a cátedra da diocesana de Cabinda. Assim, aconteceu a efeméride da Igreja Católica, em Cabinda, o nosso objecto do estudo.

No dia 11 de fevereiro de 2005, D. Filomeno do Nascimento Vieira Dias³¹⁷, então bispo auxiliar de Luanda e Reitor do Seminário Maior de Luanda, deixou as antigas funções e, assumiu os destinos da diocese de Cabinda. Tal como ele próprio narrou na *Instrução pastoral de carácter diocesano sobre a Eucaristia*:

O servo de Deus, João Paulo II, de feliz memória, na Bula da nossa nomeação para a diocese de Cabinda, escrevia: “por isso invocamos, o Espírito Paráclito – luz dos corações, com os seus sete dons, para que promovas entre os fiéis a ti confiados a veneração à eucaristia, pela qual se edifica e vive a santa Igreja e que é o pão que nos veio do céu, fonte de santidade e penhor de vida eterna”³¹⁸.

³¹⁵ TUBI, *As Missões Centenárias da Diocese de Cabinda 1873-1973*, 214.

³¹⁶ MULAMBA, *Os novos movimentos de Apostolado fundados em Cabinda*, 168: «E o bispo, sendo cabeça da Igreja, consagrado e assistido pelo Espírito de Deus, em Cristo».

³¹⁷ DIOCESE DE CABINDA, *Plano Pastoral 2008-2010* (Cabinda: 2008), 1.

³¹⁸ Filomeno do Nascimento Vieira DIAS, *Instrução Pastoral de carácter diocesano sobre a Eucaristia* (Diocese de Cabinda: Cabinda, 2007), 1.

A primeira missão de um bispo consiste na celebração da santa Eucaristia, ou seja, em santificar o povo de Deus mediante a Eucaristia.³¹⁹ Por este motivo, a solicitude pastoral do bispo nomeado, estava voltada para o mistério eucarístico. Ser bispo, implica apascentar os fiéis por meio da Eucaristia. Fazê-los entrar em comunhão permanente com o Filho de Deus, presente na Eucaristia³²⁰ e promover a comunhão dos fiéis. Por conseguinte, a reflexão de D. Filomeno resulta da natureza episcopal. O bispo é o principal fundamento e ministro da Eucaristia³²¹.

Recordemos que, não chegou de tomar logo posse. Somente, «no dia 10 de Junho de 2006, um ano e quatro meses depois da sua meação, D. Filomeno tomou posse como novo pastor da diocese de Cabinda»³²². «A tomada de posse em contextos de crise é sempre ocasião de esperança, como foi realçado pelo então secretário da Congregação para a Evangelização dos Povos na sua mensagem lida nesse dia»³²³.

Concordamos que, «a nova fase da história da nossa diocese obriga-nos a termos uma imagem real da sua actual situação para podermos encontrar juntos o caminho duma verdadeira unidade e sermos, efetivamente, uma Igreja particular família-de-Deus»³²⁴. Esta citação é tão profunda e de inteira responsabilidade, porque pretendemos verdadeiramente, construir uma Igreja sinodal, em cada porção do povo de Deus, chamada Diocese. Uma igreja onde todos possam caminhar, pedagogicamente em sintonia com o Bispo, Clero e o povo de Deus.

2.2. A constituição jurídica eclesial de Cabinda

Para uma análise acurada, tivemos de buscar o fundamento canônico da criação da Diocese de Cabinda. Do ponto de vista jurídico, a diocese de Cabinda foi erecta pelo Papa João Paulo II, considerando à Constituição apostólica “*Catholicae prosperitas. In Angola nova dioecesis conditur Cabindanae nomine*” (1984). Considerando o que consta na *Acta Apostolicae Sedis* (Acta da Sede Apostólica):

João Paulo II, bispo, Servo de Deus, para a perpétua memória. Considerando a prosperidade da comunidade católica da nação angolana bem como a firmeza da sua religião, visivelmente

³¹⁹ Vieira DIAS, *Instrução Pastoral de carácter diocesano sobre a Eucaristia*, 1: «Neste dom está contido todo o bem espiritual».

³²⁰ Vieira DIAS, *Instrução Pastoral de carácter diocesano sobre a Eucaristia*, 1: «Assim, nas vésperas da solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo movido pelo melhor bem da comunidade que nos foi confiada, envio-vos a presente instrução pastoral para ser aprofundada e aplicada em todo o território da diocese».

³²¹ Vieira DIAS, *Instrução Pastoral de carácter diocesano sobre a Eucaristia*, 1: «A nossa fé é essencialmente fé eucarística e alimenta-se, de modo particular, à mesa da Eucaristia. Por isso, o sacramento do altar está sempre no centro da vida eclesial; “graças à Eucaristia, a Igreja renasce sempre de novo”».

³²² MULAMBA, *Cabinda: por uma Igreja particular em saída missionária*, 29.

³²³ MULAMBA, *Cabinda: por uma Igreja particular em saída missionária*, 29; cf. Raul TATI, *Cabinda: percurso histórico de uma Igreja entre Deus e César 1975-2012* (Principia Editora: Cascais, 2013), 281.

³²⁴ MULAMBA, *Cabinda: por uma Igreja particular em saída missionária*, 21.

por graça de Deus, das 12 dioceses existentes, convém acrescentar mais uma nova diocese, a fim de que no futuro, com maior eficácia no tempo posterior, observando às crescentes necessidades dos fiéis e às oportunidades do sagrado apostolado nesta mesma região. (...) Baseando-nos das leis da Igreja (canónicas), separamos da parte norte da Arquidiocese de Luanda, a constituída pela Província Civil chamada Cabinda e erigimo-la oficialmente, mantendo o nome civil, diocese de Cabinda e, ao mesmo tempo, tornamo-la sufragânea da Arquidiocese de Luanda. Determinamos que a própria sede episcopal seja na cidade de Cabinda, que a cátedra do seu magistério episcopal seja no templo dedicado em honra da Santíssima Virgem Maria, Rainha do Mundo, sendo o mesmo a sagrada Sé, com todos os direitos³²⁵.

Tendo em conta à prosperidade da comunidade católica em Angola, sua adesão à fé cristã, o Papa João Paulo II inspirado pelo Espírito Santo, criou a referida diocese, confirmada pelo texto latino, tal como consta na nota de roda pé. Não inserimos na íntegra o texto latino, por razões da sua extensão. Extraímos apenas a parte pertinente.

Assim, sucedeu o nascimento da Igreja particular, diocese de Cabinda³²⁶. Tudo foi pensado, em vista do bem espiritual dos fiéis cristãos. A divisão demonstra a qualidade espiritual atingida por uma comunidade. Nela, se descobre a vontade de edificação de um povo sinodal. A diocese permanece sufragânea da Província eclesiástica de Luanda, Arquidiocese.

Desde 1984 até aos nossos dias, constatamos o crescimento gradual das estruturas pastorais e a vida comunitária também. A diocese de Cabinda ganhou novas paróquias no interior e no litoral. Estamos perante uma realidade eclesial, que redefine dia após dia os caminhos do progresso espiritual, missionário e teológico sinodal. Desde a sua fundação, já lá vão 38 anos.

³²⁵ IOHANNES PAULUS II, *Catholicae prosperitas. In Angola nova diocesis conditur Cabindana nomine* (2 de julho de 1984), AAS, 947-948: «*Catholicae prosperitas communitatis in Angoliensi natione eiusdemque religionis firmitas eo iam pertinuisse ac Deo dante pervenisse videtur ut duodecim suo tempore conditis ibi dioecesibus alia nova convenienter addi possit, quo nempe efficacius in postera tempora consulatur crescentibus usque Christifidelium necessitatibus sacrique apostolatus opportunitatibus illis ipsis in locis (...). Partem septemtrionalem ipsius Archidioecesis Luandensis, qua scilicet provincia civilis continetur nomine «Cabinda», iure seiunctam abstrahimus eamque convertimus in Dioecesim Cabindanam titulo publico quam simul reddimus suffraganeam Luandensi. Episcopi autem sedem in urba vulgo «Cabinda» reponi censemus, episcopalis vero cathedralis sacra sit aedes iustis cum iuribus (...)*»; cf. TUBI, *As Missões Centenárias da Diocese de Cabinda 1873-1973*, 212 (tradução da Constituição Apostólica sobre a erecção da Diocese de Cabinda).

³²⁶ MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 117: «A diocese de Cabinda, lugar ou contexto da nossa investigação, corresponde ao território da província de Cabinda».

2.2.1. A Diocese de Cabinda e Arciprestados

Diocese de Cabinda tomou novos rumos mediante a dinâmica dos arciprestados, criados. Tenhamos presente que, os arciprestados correspondem à antiga divisão administrativa da Igreja. Com o andar do tempo, assumiram o estatuto de vigararia.

Os arciprestados têm como finalidade, traduzir o espírito da missão e da corresponsabilidade pastoral em determinada região eclesial. «Desta forma, o arciprestado pode dinamizar melhor e facilitar a implementação e o acompanhamento de projectos pastorais»³²⁷.

A articulação pastoral tem um cunho canónico. Agrupa grandes ou pequenas paróquias de uma região, para reforçarem a comunhão pastoral e missionária. Por este meio, passa uma linguagem sinodal. Através dos arciprestados se torna presente o pastor da diocese, o bispo. A dinâmica funcionou com entusiasmo.

Os leigos³²⁸, os sacerdotes e missionários de determinada região eclesial reuniam-se periodicamente, sob a direcção do arcipreste para o estudo e análise dos acontecimentos relevantes da área. Juntos, procuravam as soluções para o desenvolvimento das comunidades paroquiais. «Cada arciprestado procure promover, tanto quanto possível, em conjunto, retiros, cursos de formação de catequistas, de líderes da pastoral juvenil, de liderança dos movimentos apostólicos, cursos de noivos, de formação litúrgica e outros»³²⁹.

Trata-se de uma oportunidade de encontro, de escuta e de diálogo construtivo da Igreja mediante a pastoral conjunta. «São de encorajar as reuniões trimestrais dos arciprestados envolvendo sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos comprometidos na pastoral»³³⁰, frisou Paulino Mulamba.

Elaboravam planos similares para a vida comunitária. «As reuniões de arciprestados são uma oportunidade de coordenação e animação da pastoral num determinado território»³³¹. Assim, se comprova a proposta da sinodalidade arciprestal ou vicarial. Estamos perante uma sinodalidade implícita.

Isto serviu de referência para a confirmação do processo sinodal diocesano de Cabinda. Até certo ponto, os arciprestados traduziram a consciência da sinodalidade na diocese de Cabinda. Refletiam e celebravam em conjunto os acontecimentos eclesiais por área de

³²⁷ MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 120.

³²⁸ Marcos FARIA, «A identidade batismal e a sinodalidade», *Um só corpo... Um só Batismo (Ef 4,4-5): A diversidade dos Carismas e a construção da Comunhão*, coord., António Abel Canavarro, in *Humanística e Teológica* (Universidade Católica Editora: Porto, 2021), 143.

³²⁹ MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 120.

³³⁰ MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 120.

³³¹ MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 120.

jurisdição com o arcepreste (delegado episcopal). Por sua vez, reportavam os relatórios ao Bispo diocesano. Na diocese de Cabinda, houve essa experiência, repartindo-a em três arceprestados³³². A dinâmica de arceprestados vigorou do ano 2007- 2018.

Os arceprestados estavam compostos assim: arceprestado de Cabinda na sede da Diocese, arceprestado de Lândana no epicentro da diocese e arceprestado de Belize, mais ao norte da diocese, no interior revestido por uma maravilhosa floresta tropical, denominado Mayombe. A floresta do Mayombe é bastante densa e extensa. Engloba cerca de quatro países: República Democrática do Congo, República do Congo Brazzaville, Gabão e Angola.

Chegou o momento de clarificarmos o movimento de cada arceprestado. «A importância desta estrutura foi bem sublinhada e sustentada nas conclusões e recomendações saídas da Assembleia de Pastoral de 2014, na qual foi nitidamente sublinhado e reforçado o seu papel»³³³.

2.2.1.1. O Arceprestado de Cabinda

O arceprestado de Cabinda³³⁴ situado no centro sul da diocese, abrangia todo o litoral da costa marítima. Partindo da povoação do Caio Litoral, Cristo Rei e terminava no litoral de Cabinda, fronteira terrestre do Yema, em direção à República Democrática do Congo.

O arceprestado estava constituído pelas paróquias e quase-paróquias, nomeadamente: Nossa Senhora Rainha do Mundo (Sé da diocese); Imaculada Conceição³³⁵, fundada em 1891; Santos Mártires (2008), situada no bairro Simulambuco; São José (2008), situada no bairro Lucola; Nossa Senhora de Fátima na povoação do Subantando; Cristo Rei (2008), situada na zona litoral da cidade capital de Cabinda; Santa Catarina (2008), no bairro de 1º de Maio; São Pedro³³⁶, paróquia situada no Povo Grande e redores³³⁷; Santa Mónica, situada no bairro Simindele; Santa Josefina Bakhita do Chizo.

Não estamos a fazer mera estatística eclesial, mas a estudar o desenvolvimento da Igreja particular, a diocese de Cabinda nos anos 2006-2018. Para obtermos uma apreciação do antigo arceprestado de Cabinda. Paralelamente, analisar como surgiram as novas paróquias.

³³² MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 119.

³³³ MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 120.

³³⁴ MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 119.

³³⁵ TUBI, *As Missões Centenárias da Diocese de Cabinda 1873-1973*, 108: «A história da missão de Cabinda é semelhante à história doutras missões fundadas no último quartel do século XIX. Tudo começou com a escolha do terreno, a sua compra, as primeiras construções a pau-a-pique, mais tarde substituídas com as de material durável».

³³⁶ Filomeno do Nascimento Vieira DIAS, *Provisão Nº 1/2011* (Diocese de Cabinda: Cabinda, 2011), n. 1: «Criar a Paróquia de S. Pedro, com sede na igreja que, sob a mesma invocação é hoje dedicada».

³³⁷ VIEIRA DIAS, *Provisão Nº 1/2011* (Diocese de Cabinda: Cabinda, 2011), n. 2: «Atribuir-lhe a mesma área da Quase paróquia de S. Pedro abrangendo as regedorias de Yabi e Tchinzazi».

Em cada paróquia, tentou-se implementar a dinâmica do trabalho em conjunto, conforme consta no *Plano Pastoral diocesano*. O plano pastoral se expressou assim: «Diocese de Cabinda, comunidade de paróquias organizadas, fraternas e missionárias»³³⁸.

Na verdade, as expressões (organizadas, fraternas e missionárias) dizem o essencial sobre a eclesiologia de comunhão e missão. Procuram traduzir, na medida do possível, o conteúdo principal sobre a natureza da Igreja. Pois, é uma instituição estável, fundada e ordenada por uma hierarquia própria.

De facto, as três expressões (organizadas, fraternas e missionárias) traduzem o pensamento da Igreja, querida por Vaticano II. Por um lado, a palavra organização³³⁹ diz respeito ao processo de um plano pastoral diocesano, elaborado sob a direção do bispo, tendo em conta os delegados de todas as paróquias. Ulteriormente, posto ao serviço de todos os fiéis. A organização implica também a ordem, a qualidade e estabilidade de serviço.

A sinodalidade é fraternidade cristã; é uma participação de todos, é corresponsabilidade. «A sinodalidade apela a uma corresponsabilidade diferenciada, base e suporte do exercício da autoridade na Igreja»³⁴⁰. Neste sentido, a corresponsabilidade³⁴¹ compromete os fiéis, a fim de andarem juntos com o seu pastor. «Andar juntos. Andar unidos. Andar como irmãos, na mesma direcção e no mesmo projecto: Igreja comunhão. É o projecto a construir que o Bispo de Cabinda, pretende fazer com todos, sem ninguém falhar»³⁴². «Pede, que cada qual, desde o seu cantinho de vida, mas com o mesmo amor, aporte a sua participação neste projecto de vida diocesana»³⁴³.

De modo que, toda a comunidade organizada, consegue reconhecer o lugar e a missão de cada um dos seus membros. Pela organização se caminha sem deslizamento, sem deixar ninguém fora da comunidade. Trata-se de interpelar os crentes, a fim de tomarem a consciência sobre o espírito da missão na Igreja.

É um convite à corresponsabilidade missionária na Igreja local. Visto que, a Igreja por sua natureza é missionária. Caminhar para a missão sem desfalecer, continua a ser um convite

³³⁸ DIOCESE DE CABINDA, *Plano Pastoral 2008-2010* (Cabinda: Casa Episcopal: 2008), 4.

³³⁹ Fernando SAMPAIO, «O desejo de uma Pastoral da saúde “organizada, integrada e transversal”», in *Voz da Verdade*, 90 (11 de dezembro 2022), 2: «Organização».

³⁴⁰ António MARTINS, *A sinodalidade na vida da Igreja: fundamentos e perspectivas*, 20.

³⁴¹ MARTINS, *A sinodalidade na vida da Igreja: fundamentos e perspectivas*, 25: «Outra atitude a evitar, nos antípodas da anterior, é a do apagamento do pastor perante uma pretensa maior corresponsabilidade da comunidade e das pessoas. Este apagamento daria lugar a um não-discernimento dos carismas, a não avaliar e coordenar as iniciativas dos fiéis, a deixar a comunidade entregue a si própria, qual rebanho sem pastor».

³⁴² DIOCESE DE CABINDA, *Plano Pastoral 2008-2010*, 2.

³⁴³ DIOCESE DE CABINDA, *Plano Pastoral 2008*, 2.

de todos os baptizados. «Como queremos andar? Somos os filhos de Deus, amados, escolhidos, santificados, enviados por Deus e por Jesus Cristo»³⁴⁴.

Lembremo-nos que, a missão não é executável de modo improvisado, mas em sintonia com a Igreja. Exige-se participação ordenada, eficiente e complementar. Logo não basta a boa vontade para pertencer à comunidade. Naturalmente, há orientações próprias do fórum diocesano a seguir. Entretanto, para se chegar à meta do itinerário diocesano traçado, surgiram as seguintes interrogações:

«Queremos andar? Para onde andar? Como andar»³⁴⁵? Relativamente às perguntas postas encontramos a determinada clareza, dando sentido ao processo sinodal. Vem expresso nas três palavras supracitadas, “*organizadas, fraternas e missionárias*”.

Isto passa pela vontade de preparação, pela determinação de cada membro e de todos os membros da comunidade diocesana. Saibamos que, ao mesmo tempo, o sucesso dependerá do conhecimento possível da nossa comunidade. O como andar, toca ao método de acção, a própria prática programada.

«Diante das propostas apostólicas do nosso Bispo, que faremos? Ele chama a todos: crianças, jovens, adultos, e mais velhos! Pobres e ricos»³⁴⁶. Com máxima atenção, esse apelo marcou a nova caminhada diocesana de Cabinda. Porque conseguiu basicamente, por motivar o povo cristão para a vida comunitária.

2.2.1.2. O Arciprestado de Belize³⁴⁷

A região norte do território diocesano abarca a maior extensão geográfica e cultural. Faz parte da grande floresta tropical denominada Maiombe³⁴⁸. Abrange três paróquias: São João Maria Vianney de Necuto, São Carlos Lwanga de Bucu Zau³⁴⁹ e Santo António de Belize.

Naquela circunscrição, passaram vários missionários espiritanos, vindos de Portugal, de França, destacando em primeiro lugar, o Padre António Pintassilgo³⁵⁰, fundador da missão do Santo António do Matembo de Belize, Cabinda, há 100 anos (1922-2022).

³⁴⁴ DIOCESE DE CABINDA, *Plano Pastoral 2008-2010*, 2.

³⁴⁵ DIOCESE DE CABINDA, *Plano Pastoral 2008-2010* (Cabinda: Casa Episcopal: 2008), 2.

³⁴⁶ DIOCESE DE CABINDA, *Plano Pastoral 2008-2010* (Cabinda: Casa Episcopal: 2008), 2.

³⁴⁷ MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 119: «Arciprestado de Belize, constituído pelas paróquias de Santo António de Belize, São Carlos Lwanga de Bucu-Zau e São Maria Vianney de Necuto».

³⁴⁸ MULAMBA, *Cabinda: por uma Igreja particular em saída missionária*, 58: «A parte do Maiombe que pertence a Cabinda abrange cerca de 200 000 ha, dos quais têm interesse real 175 000 ha – os do chamado Alto e Médio Maiombe».

³⁴⁹ MULAMBA, *Cabinda: por uma Igreja particular em saída missionária*, 57.

³⁵⁰ António Alfredo Morais PHUKUTA, *Retrato sobre a Paróquia-Missão do Matembo*, Relatório (França: 2022), 2: «o valente missionário português António Rodrigues Pintassilgo será aquele que realizou este sonho».

«A igreja paroquial e o presbitério tinham sido construídos com o material local, mas em colaboração com os missionários belgas»³⁵¹. «De 1922 a 1975, vários missionários deram a sua contribuição na evangelização do Mayombe. Não nos lembramos de todos. Além do fundador, fala-se do reverendo José Trocha, natural da Alsácia, França»³⁵².

Por ocasião do centenário de fundação (2022), identificamos sinais de sinodalidade diocesana, com particular destaque sobre a construção do novo templo. Houve contribuição dos fiéis da diocese de Cabinda, assim como dos homens e mulheres de boa vontade.

O interior também bebeu da mesma experiência da diocese. Procurou corresponder aos ideais da sinodalidade à luz dos programas comuns, das actividades conjuntas na comunidade. Sobretudo participando dos encontros de pastoral diocesano e paroquiais.

Entretanto, Belize assumiu o protagonismo de coordenar a região norte da diocese de Cabinda. Em termos do recurso económico, é uma região fortemente rica. «Com a elevação de Cabinda ao estatuto de diocese, o Bispo da diocese tentou concentrar o seu esforço na nova evangelização do Mayombe»³⁵³.

Além demais, Belize sofreu imenso, durante a época conturbada da história de Angola (1975-2002), por razões da sua constituição geográfica. Isto criou dificuldades enormes na gestão pastoral. Com isto, escreveram os pastores da Igreja angolana:

A razão apela à razão. A Igreja, que vive no meio do Povo, sofre com o Povo e é advogada do Povo, mais uma vez se sente no dever de ser a voz dos que não têm voz, comungando os sofrimentos das verdadeiras vítimas desta guerra inesperada e incompreensível. Os Bispos de Angola, reunidos em assembleia extraordinária, vimos dirigir esta mensagem a todos os angolanos e homens de boa vontade³⁵⁴.

Por exemplo, a nível do território, foi um problema substancial, que assolou mais a população do interior. Causando também o maior índice do subdesenvolvimento³⁵⁵ e instabilidade da presença missionária. Sem entrarmos em detalhes, trata-se de análise da condição social da zona diocesana norte.

³⁵¹ PHUKUTA, *Retrato sobre a Paróquia-Missão do Matembo*, 3.

³⁵² PHUKUTA, *Retrato sobre a Paróquia-Missão do Matembo*, 3.

³⁵³ PHUKUTA, *Retrato sobre a Paróquia-Missão do Matembo*, 4.

³⁵⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, «O calvário do Povo Angolano: Mensagem pastoral dos Bispos Católicos de Angola», in *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética: documentos episcopais 1999-2017* (Angola Catholic University Press: Luanda, 2017), n.1.

³⁵⁵ MULAMBA, *Cabinda: por uma Igreja particular em saída missionária*, 62.

Por isso, a nível pastoral, sempre esteve ao epicentro da Igreja³⁵⁶ para o bem-estar da população, a promoção da dignidade da pessoa humana³⁵⁷. A Igreja diocesana procurava implementar diversas metodologias para assistência missionária e dos fiéis, em particular. «Cronologicamente, Belize gerou São João Maria Vianney e desta realidade paroquial contemporânea, surgiu São Carlos Lwanga»³⁵⁸.

2.2.1.3. O Arciprestado de Lândana³⁵⁹

Não se pode fazer nenhuma abordagem conveniente da diocese, descartando-se da Missão de Lândana³⁶⁰, tendo como padroeiro São Tiago Maior. Historicamente, foi a missão mãe de toda a evangelização de Cabinda, durante a segunda evangelização (1873). «O P. Duparquet, regressado da missão de Bagamoyo, destruída por um vulcão em 15 de Abril de 1872 (...), foi escolhido para a erecção da nova missão»³⁶¹.

Assim aconteceu nos alvares da evangelização daquele território, hoje diocese de Cabinda. Realçamos que, a Missão de Lândana³⁶² também ocupou o papel fundamental para a evangelização do sul de Angola.

A organização da Igreja em forma de arciprestado, sempre teve como finalidade, aumentar a melhor qualidade administrativa e pastoral de uma região. Fortalece os laços eclesiais. A divisão eclesiástica demonstra o esforço de trazer a superfície a consciência da Igreja sinodal naquela diocese. Como arciprestado, serviu-se de ponte de convergência pastoral de três paróquias: Lândana, Malembo, Lucula Zenze, Estação missionária de Dingi.

O arciprestado de Lândana manteve a sua especificidade missionária. Quer dizer, nunca se desvinculou de administração dos missionários da Congregação do Espírito Santo, denominados espiritanos. A responsabilidade de gestão e direcção daquela paróquia fundamental da diocese continua dependente dos espiritanos. Diríamos que, faz parte do legado, ou espécie de um direito religioso da congregação.

³⁵⁶ TATI, *Cabinda: um percurso histórico de uma Igreja entre Deus e César*, 40: «Do ponto de vista da doutrina social da Igreja Católica, os temas da justiça social e da libertação integral do homem são não apenas uma constante, mas os pilares de todo o seu *corpus* doutrinal».

³⁵⁷ MULAMBA, *Cabinda: por uma Igreja particular em saída missionária*, 72.

³⁵⁸ PHUKUTA, *Retrato sobre a Paróquia-Missão do Matembo*, 8.

³⁵⁹ MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda: Uma abordagem Teológico-Pastoral*, 119: «Constituída pelas paróquias de Lândana, Malembo, Estação Missionária de Dingi e Zenze Lucula».

³⁶⁰ DIOCESE DE CABINDA, *Anuário Diocesano 2020*, 12: «O Conselho da Congregação do Espírito Santo reuniu no 1º de Maio de 1873. Em Roma o Cardeal Barnabó encorajou muito essa nova tentativa. Pelo decreto da consagração a missão de Lândana foi a 25 de Julho de 1873», 12.

³⁶¹ TUBI, *As Missões Centenárias da Diocese de Cabinda 1873-1973*, 63.

³⁶² DIOCESE DE CABINDA, *Anuário Diocesano 2020*, 22: «Padres fundadores das missões: Padre Carlos Victor Aubert Duparquet (1830-1888)».

De facto, Lândana não se descarta da sua identidade missionária à luz dos Espiritanos. Lândana congrega também tantos habitantes, por causa da sua constituição geográfica. Sendo um território litoral marítimo, ela beneficia de facilidades para a expansão eclesial e social.

2.3. As novas paróquias e quase paróquias

O segundo passo dado pelo D. Filomeno do Nascimento Vieira Dias, então Bispo da diocese de Cabinda, se destaca na criação de novas paróquias e quase-paróquias. «A grande novidade foi a criação da estrutura de quase-paróquias»³⁶³. Surge «como uma boa aposta para a evangelização, facilitando a presença da Igreja perante uma grande afluência da população»³⁶⁴.

Perante essa certeza, a divisão pastoral permitiu o maior bem espiritual e cura das almas. Sem demora, o bispo soube ler os sinais dos tempos. Identificou as prioridades e concretizou o plano pastoral. Demonstrou com zelo apostólico a solicitude pastoral. «A centralização nunca é uma boa ideia para quem deseja ficar mais próximo do povo»³⁶⁵, escreve Paulino Mulamba.

Por isso, a descentralização da estrutura paroquial foi uma boa resposta que deve ser sublinhada; foram criadas algumas quase-paróquias no centro da cidade, que só contava com duas paróquias muito sobrecarregadas com área de jurisdição comparável à de uma diocese em Itália, como era o caso da Paróquia da Imaculada Conceição³⁶⁶.

D. Filomeno instituiu as quase-paróquias em 2008: Santa Catarina, S. José do Lucola, Santos Mártires do Simulambuco, Cristo Rei, no bairro do Luvassa Sul e S. Pedro. Em 2010, acrescentou as Estações missionárias: Santa Anuarite de Dingi³⁶⁷ (a caminho do Maiombe) e Santa Teresinha, no bairro periurbano da cidade de Cabinda, denominado Cabassango.

Tudo indica que, terá havido um generoso percurso missionário sinodal, missão evangelizadora. Notámos o engajamento dos leigos nas novas comunidades. Como declara Paulino Mulamba: «Esta radiografia mostrou que Cabinda é uma diocese em crescimento e em desenvolvimento a nível tanto do pessoal como das estruturas organizacionais»³⁶⁸.

A guisa de conclusão, «a grande novidade foi a criação da estrutura de quase-paróquias como uma boa aposta para a evangelização, facilitando a presença da Igreja perante uma grande afluência da população»³⁶⁹. Desta forma, aproximou a Igreja até as periferias mais recônditas

³⁶³ MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 121.

³⁶⁴ MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 121.

³⁶⁵ MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 121.

³⁶⁶ MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 122.

³⁶⁷ MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 119.

³⁶⁸ MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 122.

³⁶⁹ MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 121.

da diocese de Cabinda. «Hoje, de facto, a Igreja na cidade está mais próxima das pessoas através das novas estruturas que são as quase-paróquias»³⁷⁰, afirmou Paulino Mulamba.

Promoveu maior incremento missionário através da consciência de pertença, de inclusão e colaboração. Confiou também a responsabilidade de dinamização aos movimentos de apostolado, existentes na diocese. Tal como nos descreve Paulino Mulamba nos seus estudos recentes: «cabe ao bispo, como pastor da Igreja particular, o dever de promover uma comunhão dinâmica, aberta e missionária»³⁷¹.

O autor acabou de mencionar o cerne da pastoral e espiritualidade sinodal. A sinodalidade é plena comunhão dinâmica e missionária da Igreja. Naquela altura, impediu a expansão das falsas profecias, que proliferavam no território, manipulando a verdade cristã e a dignidade da pessoa humana. Deste modo, dinamizou a vida diocesana com a pastoral de proximidade nas periferias da cidade principal do território. Por último, cresceram paulatinamente, hoje, algumas tomaram a designação de paróquia.

2.4.1. O papel dos leigos nas quase-paróquias

Neste processo sinodal, as quase-paróquias foram confiadas aos Movimentos de apostolado de oração. Os movimentos de apostolado³⁷² receberam a responsabilidade pastoral, para dinamização das quase-paróquias. Esses movimentos são compostos por fiéis e leigos³⁷³. Inicialmente, foram indicados: Legião de Maria, a Fraternidade, o Renovamento Carismático e o Espírito Santo. Razão pela qual são chamados “movimentos de apostolado”.

Legião de Maria³⁷⁴, enviada à Quase-Paróquia de Cristo Rei. Fraternidade³⁷⁵ foi enviada para a animação e ser corresponsável na Santa Catarina. O Grupo do Espírito Santo recebeu o mandato missionário para Santos Mártires. Indicou o Renovamento Carismático para animação pastoral da quase-paróquia de São Pedro, bairro Povo Grande, comunidade confiada à Sociedade Missionária do Dom Bosco (os Salesianos). Passando alguns anos, a quase-paróquia de São Pedro foi elevada à categoria da paróquia, conforme consta na Provisão N° 1/2011³⁷⁶.

³⁷⁰ MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 122.

³⁷¹ MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 229.

³⁷² MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 169.

³⁷³ Marcos FARIA, «A identidade batismal e a sinodalidade», *Um só corpo... Um só Batismo (Ef 4,4-5): A diversidade dos Carismas e a construção da Comunhão*, coord. António Abel Canavarró, in *Humanística e Teológica*, 145.

³⁷⁴ Raul TATI, *Cabinda: percurso histórico de uma Igreja entre Deus e César -1975-2012*, 88.

³⁷⁵ MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 231; cf. TATI, *Cabinda: percurso histórico de uma Igreja entre Deus e César -1975-2012*, 88: «Entre os novos movimentos nascidos na diocese de Cabinda (...): Fraternidade (fundado pelo então padre Filomeno Vieira Dias e pela irmã Catarina de Sousa das Mercedárias da Caridade)».

³⁷⁶ Filomeno do Nascimento Vieira Dias, *Provisão N° 1* (Diocese de Cabinda: Cabinda, 2011).

Houve compromisso dos seus membros³⁷⁷ em prol da evangelização. Reconhecemos o ardor missionário dos movimentos de apostolado, enviados para as comunidades recém-criadas. Segundo a experiência missionária, o processo para o desenvolvimento das novas paróquias (quase-paróquias), regenerou a comunidade diocesana. «Hoje, de facto, a Igreja na cidade está mais próxima das pessoas através das novas estruturas que são as quase-paróquias»³⁷⁸.

Por isso, a descentralização da estrutura paroquial foi uma boa resposta que deve ser sublinhada; foram criadas algumas quase-paróquias no centro da cidade, que só contava com duas paróquias muito sobrecarregadas com área de jurisdição comparável à de uma diocese em Itália, como era o caso da Paróquia da Imaculada Conceição³⁷⁹.

Reconhecemos a vasta extensão, que tinha a paróquia da Imaculada Conceição, até a data da composição de novas paróquias. A diocese de Cabinda ganhou mais vida pela proximidade pastoral das suas estruturas das periferias existenciais. Implementou a metodologia da conversão pastoral, simultaneamente, missionária. Com a criação das quase-paróquias, parecia ser mero divertimento linguístico.

De repente, houve adesão e florescimento vertiginoso das novas comunidades. Movidas pelo Espírito, trabalharam pela difusão do evangelho. «Na Igreja não pode haver distinção entre *ecclesia docens et ecclesia discens*; entre Igreja de sujeitos e Igreja de objectos; entre membros ativos e membros passivos; entre atores e espectadores – todos são protagonistas»³⁸⁰. «E qualquer distinção ministerial ou de estado de vida será sempre consequencial e em serviço à afirmação da unidade e igual dignidade entre membros da Igreja»³⁸¹. Todos os membros devem sentir-se chamados para a missão de Cristo³⁸².

Em suma, isto deu frutos abundantes, como nos refere o Senhor da messe, na narrativa do quarto Evangelho. Os movimentos de apostolados corresponderam ao mandato do prelado. Caminharam juntos com o bispo diocesano e os párocos das novas comunidades. Não podemos

³⁷⁷Marcos FARIA, «A identidade batismal e a sinodalidade», *Um só corpo... Um só Batismo (Ef 4,4-5): A diversidade dos Carismas e a construção da Comunhão*, coord. António Abel Canavarro, in *Humanística e Teológica* (Universidade Católica Editora: Porto, 2021), 135-151 ver (141).

³⁷⁸MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 122.

³⁷⁹MULAMBA, *Os novos Movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 122.

³⁸⁰Marcos FARIA, «A identidade batismal e a sinodalidade», *Um só corpo...Um só Batismo (Ef 4,4-5): A diversidade dos Carismas e a construção da Comunhão*, coord. António Abel Canavarro, in *Humanística e Teológica*, 143-44.

³⁸¹Marcos FARIA, «A identidade batismal e a sinodalidade», *Um só corpo...Um só Batismo (Ef 4,4-5): A diversidade dos Carismas e a construção da Comunhão*, coord. António Abel Canavarro, in *Humanística e Teológica*, 144.

³⁸²Marcos FARIA, «A identidade batismal e a sinodalidade», *Um só corpo... Um só Batismo (Ef 4,4-5): A diversidade dos Carismas e a construção da Comunhão*, coord. António Abel Canavarro, in *Humanística e Teológica*, 144: «o Concílio reconhece distinto, mas não oposto porque a finalidade da missão é, ao mesmo tempo, o realizar-se da Igreja e a recapitulação do Mundo em Cristo».

duvidar sobre as sementes vivas da sinodalidade naquela Igreja de Cabinda. Ainda que seja incipiente, nota-se a contribuição feita. Pois, «a sinodalidade apela a uma corresponsabilidade diferenciada, base e suporte do exercício da autoridade na Igreja»³⁸³.

2.4.2. Visitas pastorais do bispo diocesano

O dever e as obrigações pastorais movem um bispo diocesano. Ele desloca-se com o intuito de estar mais próximo do seu rebanho. «A visita pastoral é uma ação pastoral programada durante a qual as comunidades cristãs sentem ao vivo o ministério apostólico do Bispo e não se limitam a ouvir falar dele»³⁸⁴.

Acrescenta D. António Moiteiro, dizendo que as comunidades, «sentem o Bispo como Pastor, o primeiro anunciador da Palavra, fonte sacramental da graça, expressão viva do amor de Deus pelo seu Povo, princípio, fim e fundamento da unidade e da comunhão da Igreja particular (diocese) a que preside»³⁸⁵.

Portanto, «o Bispo é Catequista, administra os sacramentos, preside à caridade, orienta pastoralmente a comunidade, atende as pessoas que desejam falar com ele. As pessoas são a razão principal da visita pastoral»³⁸⁶, concluía D. António Moiteiro. A visita pastoral tem sido um tempo de graça para a comunidade acolhedora. Hospeda o seu pastor visível, faz em conjunto a oração e identificam juntos as preocupações do povo de Deus.

A priori, as visitas pastorais fazem parte da sinodalidade diocesana. É uma oportunidade de comunhão com os seus fiéis. Nesta ocasião, o bispo escuta, dialoga, convive e redescobre os maiores anseios das comunidades eclesiais. Partilha com os responsáveis paroquiais os seus problemas, como equipa, encontram respostas. «bispo não está, nem pode estar sozinho como pastor da Igreja que lhe foi confiada, (...), embora recaia sobre ele a primeira responsabilidade de edificar a íntima comunhão de todos os fiéis no corpo de Cristo que é a Igreja»³⁸⁷.

Assim, a visita pastoral é uma caminhada sinodal com o povo de Deus. Conseguir fazer o diagnóstico e discernimento das questões pastorais e existenciais na sua diocese. Em poucas palavras, quando o bispo diocesano visita as paróquias e suas respectivas comunidades, manifesta a solicitude pastoral por todos. A visita pode ser vista como uma manifestação sinodal.

³⁸³ António MARTINS, *A sinodalidade na vida da Igreja: fundamentos e perspetivas* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2021), 24.

³⁸⁴ DIOCESE DE AVEIRO, Comissão Diocesana da Cultura «Visita Pastoral ao Arciprestado de Sever do Vouga», in *Igreja Aveirense* 15, 2, (2019), 47-63.

³⁸⁵ DIOCESE DE AVEIRO, Comissão Diocesana da Cultura «Visita Pastoral ao Arciprestado de Sever do Vouga», in *Igreja Aveirense*, 47.

³⁸⁶ DIOCESE DE AVEIRO, Comissão Diocesana da Cultura «Visita Pastoral ao Arciprestado de Sever do Vouga», in *Igreja Aveirense*, 47.

³⁸⁷ António Manuel MOITEIRO, «Mensagens», in *Igreja Aveirense* 15, 2 (2019), 9.

A trajetória pastoral do D. Filomeno do Nascimento Vieira Dias³⁸⁸, então Bispo de Cabinda, deixou alguns traços da sinodalidade, nomeadamente, o espírito de encontro, de diálogo e de escuta dos sacerdotes e dos fiéis. Fica recordado que, a diocese esteve sob à sua jurisdição durante treze anos (2006-2018), contando com a data da tomada de posse³⁸⁹.

D. Filomeno Vieira Dias realizou centenas de visitas oficiais, partindo do Sul até ao Norte e, do Noroeste para o Leste. Como pastor, procurou santificar o povo de Deus, governá-lo. Evangelizou sem cessar, sem distinção de idades, a exemplo do Bom Pastor, que andava de aldeias em aldeias, anunciando a boa nova da salvação. Confirme escreveu o bispo de Aveiro:

Em comunhão filial com o presbitério, consciente de que, citando Santo Agostinho, “para vós sou bispo, convosco sou sacerdote”, procurarei, à imagem de Cristo Pastor, ser o homem da missão e do diálogo, animando, acompanhando e guiando a comunidade eclesial, buscando, em corresponsabilidade, saídas consideradas conformes³⁹⁰.

Não obstante às incompreensões alheias e circunstâncias vigentes, no seu silêncio percorreu a terra de Cabinda, como seu estilo característico conhecido e sua personalidade. Foi um homem discreto, mas observador atento com os sinais dos tempos na localidade.

«Os dias difíceis que vivemos exigem que as dificuldades sejam transformadas em oportunidades. Cabe-nos a todos, na luz da fé, abrir caminhos de esperança, anunciando, celebrando e servindo o evangelho da e com esperança»³⁹¹.

2.5. Jubileu de prata da diocese de Cabinda (1984-2009)

Com o jubileu se constrói a comunidade sinodal. O jubileu diocesano é uma verdadeira manifestação da sinodalidade. Além de ser de âmbito diocesano, também é abrangente. Pois, houve participação de alguns membros e convidados provenientes de Luanda (sede da província eclesiástica), da diocese de Mbanza Congo, da diocese do Sumbe, etc. Contudo, tenhamos em consideração a presença dos irmãos e irmãs das Igrejas cristãs, convidados a partilhar connosco a mesma alegria da fé e vocação.

De igual modo, participaram os bispos e arcebispos da Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé. O Jubileu congregou os pastores da Igreja local e nacional. O evento confirmou a imagem da colegialidade. A colegialidade é a primeira instância tradicional da sinodalidade.

³⁸⁸ DIOCESE DE CABINDA, *Anuário Diocesano 2020*, 17.

³⁸⁹ TATI, *Cabinda: percurso histórico de uma Igreja entre Deus e César – 1975-2012*, 281: «A vossa comunidade cristã tem uma secular e brilhante história eclesial. Os vossos povos tiveram o privilégio de receber, entre os primeiros do continente africano, a semente da fé».

³⁹⁰ António Manuel MOITEIRO RAMOS, «Mensagens», in *Igreja Aveirense* 15, 2 (2019), 10.

³⁹¹ MOITEIRO RAMOS, «Mensagens», in *Igreja Aveirense* 15, 2 (2019), 10.

O jubileu é um evento transversal. Por conseguinte, a nível do país, revitalizou a Igreja local. Nesta perspectiva, estão presentes os sinais da comunhão e missão eclesial. Parcialmente, contou com a presença dos convidados internacionais e do Núncio Apostólico. Trata-se de um evento sinodal identificado.

Suscitou alegria para toda a Igreja, dando-lhe o impulso de celebrar os acontecimentos. Desde a época veterotestamentária, o jubileu sempre foi visto como uma ocasião especial de rejuvenescimento comunitário, um tempo de reconciliação e perdão, momento de graça e de renovação interior da vida (Lc 4,18-19). Isto aconteceu naquela diocese. Despertou atenção a todos os fiéis para renderem graças a Deus, por tudo quanto fez durante 25 anos de existência da respectiva Igreja local.

Naturalmente, convém lembrarmos: sob a Bula do então Papa João Paulo II, segundo os anais históricos, no dia 2 de julho de 1984, foi erecta a Diocese de Cabinda³⁹². Em 2009, realizou o seu Jubileu de Prata através da Eucaristia e da penitência, sacramentos de renovação espiritual e de permanente comunhão e unidade eclesial.

A diocese de Cabinda comprometeu-se em renovar a comunhão com o seu pastor diocesano, reconstruir uma comunidade mais missionária sob o lema: “*Diocese de Cabinda, comunidade das comunidades unidas à volta do seu Bispo*”. Neste sentido, também promoveu eventos culturais, onde participaram as Escolas Católicas diocesanas com um festival, intitulado: “KATOLIFESTIVAL” (2009)³⁹³, por ocasião do Jubileu da Diocese.

Não estamos a fazer crónica dos acontecimentos, mas isto revela, indirectamente, como sucedeu o processo sinodal naquela Igreja diocesana. Procuramos identificar o valor da sinodalidade diocesana, através dos eventos marcantes. Em especial, tivemos em conta os elementos constitutivos: caminhar juntos, escuta do Espírito Santo, comunhão e partilha.

Falar do jubileu diocesano, implica também compreender os meios ou as dinâmicas de vivência sinodal. A sinodalidade se reveste também deste ambiente jubilar. Porque foi o momento de encontro da comunidade diocesana, celebrar a mesma fé, testemunhar os mistérios do Cristo, cultivando a comunhão entre Bispo, presbitério e o povo de Deus.

2.5. Congresso Eucarístico diocesano (2011-2012)

Podemos partir desta premissa: «Um Congresso Eucarístico quer ser uma convergência de todas as pessoas que professam a fé católica na realidade da Santíssima Eucaristia e, que

³⁹² DIOCESE DE CABINDA, *Anuário Diocesano 2020*, 8; cf. IONNES PAULUS II, *Constitutione Apostolica, In Angola nova dioecesis conditur Cabindanae nomine* (2 de julho 1984), AAS 76 (1984), 947-948.

³⁹³ COMISSÃO DIOCESANA DA EDUCAÇÃO, *Relatório das actividades desenvolvidas de agosto de 2007 a Agosto de 2012: Realizações* (Diocese de Cabinda: Cabinda: 27 de Agosto de 2012), 2.

desejam dar um testemunho público de sua fé na presença real do Senhor Jesus»³⁹⁴. Reforça o pensamento: «um Congresso Eucarístico, portanto, quer reafirmar esta certeza; Ele está no meio de Nós. É um convite a todos que crêem nesta verdade: Vinde e Vede! (Jo 1,39)»³⁹⁵. Por este motivo, reafirma o Comité Organizador Diocesano que:

Um ato de adoração radical a Jesus na Eucaristia implica um compromisso de coerência e autenticidade cristã. Por isso, um Congresso Eucarístico tem implicações teológicas e espirituais, pastorais, culturais, missionárias, catequéticas e vocacionais, sociais e políticas, ecológicas e ecuménicas e inter-religiosas³⁹⁶.

João Paulo II, na sua última encíclica promulgada em 2003, sob inspiração do Espírito do Senhor ressuscitado, escreveu assim:

A Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé, mas contém em síntese o próprio núcleo do mistério da Igreja. É com alegria que ela experimenta, de diversas maneiras, a realização incessante desta promessa: «Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo» (Mt 28, 20); mas, na sagrada Eucaristia, pela conversão do pão e do vinho no corpo e no sangue do Senhor, goza desta presença com uma intensidade sem par. Desde o Pentecostes, quando a Igreja, povo da nova aliança, iniciou a sua peregrinação para a pátria celeste, este sacramento divino foi ritmando os seus dias, enchendo-os de consoladora esperança³⁹⁷.

Nesta dinâmica, D. Filomeno do Nascimento Vieira Dias, então Bispo de Cabinda, sentiu-se impelido pelo Espírito Santo, teve a iniciativa em 26 de junho de 2011³⁹⁸, durante a celebração da solenidade do Corpo de Deus. Em 2012, através do Decreto N.02/GBDC/12 promulgado, convocou toda a diocese para a realização do primeiro Congresso Eucarístico diocesano.

Com efeito, houve um Comité organizador do Congresso Eucarístico Diocesano. «Em consideração da realização do Primeiro Congresso Eucarístico Diocesano a ter lugar nesta Diocese; Vista a necessidade de dar corpo a uma melhor organização do evento supramencionado»³⁹⁹; por outro, o decreto confirma:

³⁹⁴ COMITÉ ORGANIZADOR DO CONGRESSO EUCARÍSTICO DIOCESANO, *I Congresso Eucarístico Diocesano: A Eucaristia Dom de Deus para a vida do Mundo* (Diocese de Cabinda: Cabinda, 2012), 1.

³⁹⁵ COMITÉ ORGANIZADOR DO CONGRESSO EUCARÍSTICO DIOCESANO, *I Congresso Eucarístico Diocesano: A Eucaristia Dom de Deus para a vida do Mundo*, 1.

³⁹⁶ COMITÉ ORGANIZADOR DO CONGRESSO EUCARÍSTICO DIOCESANO, *I Congresso Eucarístico Diocesano: A Eucaristia Dom de Deus para a vida do Mundo*, 2.

³⁹⁷ João PAULO II, Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, (2003), n.1.

³⁹⁸ COMITÉ ORGANIZADOR DO CONGRESSO EUCARÍSTICO DIOCESANO, *I Congresso Eucarístico Diocesano: A Eucaristia Dom de Deus para a vida do Mundo* (Diocese de Cabinda: Cabinda, 2011), 5.

³⁹⁹ Filomeno do Nascimento VIEIRA DIAS, *Comité Organizador do Congresso Eucarístico Diocesano*, Decreto N. 02/GBDC/12.

Eu, Filomeno do Nascimento Vieira Dias, por mercê de Deus e da Sé Apostólica, Bispo de Cabinda, usando das faculdades que me são conferidas pelos sacros cânones, nomeamos para o Comité Organizador do Congresso Eucarístico Diocesano os seguintes membros: Padre Nicolau de Assunção Liambo Cuebo – Coordenador do Comité; Padre António Alfredo Morais Phúkuta – Director Executivo; Padre José Silvino Sambo Mazunga – Secretário-Geral⁴⁰⁰.

Por causa da lista nominal dos membros nomeados para o comité organizador, não chegamos de mencionar todos na citação anterior. Mas podem constar no anexo. No outro decreto do mesmo ano 2012, o prelado criou também as comissões primordiais para a dinamização do congresso eucarístico. Neste âmbito,

Estando a Diocese a celebrar o seu Primeiro Congresso Eucarístico Diocesano; respondendo às necessidades pastorais para uma vivência condigna e frutífera deste evento, fonte e centro da vida cristã – Eucaristia; usando das faculdades que nos são conferidas do sacro cânones; Havemos por bem constituir, para os serviços de apoio, as seguintes Comissões de Trabalho: Catequese e Doutrina; Comunicações e Imagem; Liturgia (canto; cerimónias; Sacristia; Decoração)⁴⁰¹.

O Congresso Eucarístico Diocesano teve três fases: preparatória (julho de 2011), formativa (março – abril de 2012) e celebrativa (junho de 2012). Quanto à fase preparatória, partiu das paróquias, tendo sido desenvolvido do seguinte modo: intensificação da adoração eucarística (sob três formas possíveis: uma semana eucarística; tríduo eucarístico e vigílias eucarísticas). Teve sempre presente o tema da Eucaristia e o da família nas grandes celebrações. Houve realização de visitas aos doentes e aos idosos⁴⁰².

Concernente à fase formativa, programaram-na assim: em cada Arciprestado, houve solene celebração eucarística, presidida por Vigário na sua zona, seguida de uma procissão e bênção do Santíssimo; houve realização de conferências nas sedes paroquiais, concretamente, nos arciprestados de Belize e Lândana.

O Arciprestado da Imaculada Conceição acolheu as paróquias urbanas e suburbanas inclusive a de Subantando, cujo tema: «Eucaristia fonte de vida». Também tiveram a alegria de celebrar o congresso dos sacerdotes e religiosos (as), no Instituto João Paulo II, colorindo o solene Congresso Eucarístico diocesano; por fim, o congresso das Escolas Católicas⁴⁰³.

⁴⁰⁰ VIEIRA DIAS, *Comité Organizador do Congresso Eucarístico Diocesano*, Decreto N. 02/GBDC/12.

⁴⁰¹ Filomeno do Nascimento VIERA DIAS, *Comité Organizador do Congresso Eucarístico Diocesano*, Decreto N. 03/GBDC/12.

⁴⁰² COMITÉ ORGANIZADOR DO CONGRESSO EUCARÍSTICO DIOCESANO, *I Congresso Eucarístico Diocesano: A Eucaristia Dom de Deus para a vida do Mundo*, 5.

⁴⁰³ COMITÉ ORGANIZADOR DO CONGRESSO EUCARÍSTICO DIOCESANO, *I Congresso Eucarístico Diocesano: A Eucaristia Dom de Deus para a vida do Mundo*, 6.

A última fase foi desenvolvida assim: Congresso das Crianças; congresso Juvenil; procissão do Corpo de Deus; recitação do terço meditado em todas comunidades; encontro bíblico sobre a Eucaristia em todas as comunidades, sob o tema: «Reconheceram-no ao partir do pão» (Lc 24,31).

Finalmente, deu-se por encerrar o evento, em toda a Diocese. Perante a situação vigente naquela região, com abundantes seitas, o pensamento agradou à comunidade local. Regenerou a diocese de Cabinda. Por isso, se pode rematar que, o congresso eucarístico diocesano foi uma real prática sinodal diocesana. «De facto, o Congresso foi um sinal verdadeiramente de fé e de caridade para conduzir o Povo de Deus à adoração dos sagrados mistérios do Corpo e Sangue de Jesus Cristo e proporcionar os frutos da redenção na vida do santo Povo de Deus»⁴⁰⁴.

Todo o congresso eucarístico é manifestação da sinodalidade. Durante o congresso eucarístico, vêm expressas as propriedades e os fundamentos da sinodalidade. Na Instrução Pastoral diocesana sobre a Eucaristia, Dom Filomeno Vieira Dias escreve:

O servo de Deus, João Paulo II, de feliz memória, na Bula da nossa nomeação para a diocese de Cabinda, escrevia: “por isso invocamos, o Espírito Paráclito – luz dos corações, com os seus sete dons, para que promovas entre os fiéis a ti confiados a veneração à eucaristia, pela qual se edifica e vive a santa Igreja e que é o pão que veio do céu, fonte de santidade e penhor de vida eterna”⁴⁰⁵.

Desta forma, a Eucaristia é o maior dom da sinodalidade entre o bispo e a diocese. Para o maior aprofundamento e estudo do mistério eucarístico, a diocese convidou os Padres Jerónimo Cahinga, Bibliista, *CSSp*, Vice-Decano da Universidade Católica de Angola, em Luanda e António Pedro Bengui Lunguieki, Utroquista, então Chanceler da Arquidiocese de Luanda, como preletores. O tema que norteou o congresso foi: «A Eucaristia dom de Deus para a vida do mundo».

Para além das conferências a propósito da Eucaristia, houve «organização e apresentação do Coro das 2000 vozes, por ocasião do 1º Congresso Eucarístico Diocesano»⁴⁰⁶, sob a designação “EUCARISTIK-FESTIVAL”⁴⁰⁷, pois, a música e o canto traduziram o gesto de

⁴⁰⁴ CEAST, «Sobre o CENA 2017: Eucaristia e nova evangelização. Nota Pastoral dos Bispos Católicos de Angola e S. Tomé», in *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética: documentos episcopais 1999-2017*, 397.

⁴⁰⁵ Filomeno do Nascimento DIAS, *Instrução Pastoral de Caracter Diocesano sobre a Eucaristia* (Diocese de Cabinda: Cabinda, 2007), 1;

⁴⁰⁶ COMISSÃO DIOCESANA DA EDUCAÇÃO, *Relatório das actividades desenvolvidas de Agosto de 2007 a Agosto de 2012: Realizações* (Cabinda: 27 de Agosto de 2012), 2.

⁴⁰⁷ COMISSÃO DIOCESANA DA EDUCAÇÃO, *Relatório das actividades desenvolvidas de Agosto de 2007 a Agosto de 2012: Realizações* (Cabinda: 27 de Agosto de 2012), 2.

adoração eucarística⁴⁰⁸. Concordamos com a referida iniciativa das Escolas Católicas, porque os jovens estudantes sentiram-se inclusos no processo da celebração da grande festa cristã.

Bento XVI ensinou-nos sobre a dignidade incomparável deste Sacramento. Apresentou o novo argumento sobre o valor da Eucaristia, na história da humanidade e dos cristãos. Porque como afirmava, a Eucaristia é o «Sacramento da caridade»⁴⁰⁹ divina; Deus se doa na totalidade para o bem da humanidade. Entregou-se sem nenhuma reserva.

Portanto, «A Igreja em Cabinda acolhe, celebra e adora este dom, com fiel obediência. Neste dom está contido todo o bem espiritual dela. A nossa Igreja viva da Eucaristia. Ela é edificada pela Eucaristia»⁴¹⁰. A Eucaristia é o fundamento da sinodalidade. Em sintonia com o nosso pensamento, reconhecemos o que diz o texto subsequente:

Um conceito de sinodalidade que não saiba preservar o primado essencial do bispo na Igreja local trai a Eucaristia, tal como a trai uma eclesiologia que deixa os batizados na posição passiva subalterna. A sinodalidade, funda-se sobre Eucaristia, se coloca em pé de igualdade na linha de uma visão monárquica, que por muitos séculos tinha subjogado a teologia e a práxis, e de uma visão democrática, que hoje sofre o fascínio dos sistemas políticos ocidentais, ganhando consensos sobretudo lá onde a autoridade dos bispos mostrou-se o corpo eclesial e obscurecem o testemunho cristão no mundo⁴¹¹.

Nessa afirmação, está presente um elemento principal para vida da Igreja local, o bispo. Visivelmente, o bispo deve permanecer como elo diocesano. Ele é o principal ministro da sinodalidade. Deve estar em frente para guiar o rebanho do Senhor. Algumas vezes, deve ficar atrás para levantar que sucumbe pelo caminho. Logo, ele é o ministro por excelência da Eucaristia. Por fim, os Bispos da Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé afirmaram: «Os discípulos de Emaús (Lc 24,31) sentiram a presença de Jesus à mesa. Na Eucaristia, finalmente, reconheceram Quem tinha caminhado com eles»⁴¹².

⁴⁰⁸ Maria José Diegues DE OLIVEIRA, «A Adoração e o Sacerdote», in *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 45, 179-180 (2020), 114-121.

⁴⁰⁹ Bento XVI, SC 1.

⁴¹⁰ Filomeno do Nascimento VIEIRA DIAS, *Instrução Pastoral de Caracter Diocesano sobre a Eucaristia*, Diocese de Cabinda, 1.

⁴¹¹ Pasquale BUA, «Eucaristia e Sinodalità: Una traccia a partire da *Sacrosanctum*», in *Rivista Liturgica*, 109 (2022), 1, 92-93: «Un concetto di sinodalità che non sa preservare l'essenziale primato del vescovo nella Chiesa locale tradisce l'Eucaristia, proprio come la tradisce un'eclesiologia che lascia i battezzati in posizione di passiva subalternità. La sinodalità, se fondata sull'Eucaristia, si colloca parimenti agli antipodi di una visione monarchica, che per troppi secoli ha soggiogata la teologia e la prassi, e di una visione democratica, che oggi subisce il fascino dei sistemi politici occidentali, guadagnando consensi soprattutto laddove l'autorità dei vescovi si è mostrata il corpo ecclesiale e oscurano la testimonianza cristiana nel mondo».

⁴¹² CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Nota Pastoral, «Sobre o CENA 2017: Eucaristia e Nova Evangelização», 396.

2.6. Congressos diocesanos

Atendendo aos desafios da população local assim como dos fiéis em particular, há uma necessidade primária de realizarmos outros encontros de reflexão à luz da sinodalidade, isto é, mantermos a sinergia para uma caminhada conjunta, escutando, debatendo e construindo a comunidade cristã. Nesta intenção, foram realizados dois congressos diocesanos de escolas católicas. Foram organizados pelo Secretariado Diocesano das Escolas Católicas de Cabinda.

Em 2015, foi realizado o congresso dos leigos⁴¹³ a nível da CEAST (Conferência Episcopal de Angola e São Tomé), cujos efeitos sentimos, parcialmente, em todas as dioceses membros. Aguardamos nos dias vindouros, a possibilidade de reavivar um Congresso mais específico direcionado aos leigos daquela diocese, escolhendo um tema específico. Com nitidez, descobrimos uma relação de sinodalidade a partir dos congressos deste género.

2.6.1. Congresso diocesano dos leigos

Para que servem os congressos diocesanos? Que fundamentos eclesiológicos esperamos de um congresso? Ao longo da experiência humana, pensemos nos maiores acontecimentos nacionais, internacionais e mundiais, como foram resolvidos, enfrentados. Graças às iniciativas coletivas, comunitárias e institucionais, encontraram soluções com o auxílio dos congressos.

Permitiram refletirem em conjunto, debatendo por meio de diálogo e contribuições provenientes das competências e funções de vários especialistas e outras individualidades idóneas. Por conseguinte, trouxeram ao público várias hipóteses e soluções comuns.

Em 2015, por iniciativa da Comissão Episcopal do laicado da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé (CEAST), foi realizado o segundo congresso dos Leigos, proporcionando ferramentas pastorais, partilhando experiências diversas da vida comunitária, social, económica, entre outras realidades da vida humana, convidando-lhes para maior desempenho destes na missão da Igreja. Nesta perspetiva, seguiram-se os congressos diocesanos, partilhando as conclusões, estudando em conjunto as recomendações provenientes do congresso promovido pela Comissão Episcopal da CEAST⁴¹⁴.

⁴¹³CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, «Sobre a santidade e Liturgia *duc in altum in sanctificando*», *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética: documentos Episcopais 1999-2017*, n.4: «Quando Jesus insistiu, nos Evangelhos, que fossemos perfeitos ou misericordiosos, como o nosso Pai do Céu (cfr. Mt 5,48; Lc 6,36), estava a repetir-nos o que Deus já dissera no Antigo Testamento: Sede santos porque eu, o Senhor, sou santo (cfr. Lev 19,2). A comunidade à qual a Escritura se refere é composta não só de hierarquia e religiosos, mas, também, e até maioritariamente, de leigos».

⁴¹⁴ COMISSÃO EPISCOPAL DO LAICADO, II Congresso Nacional do Laicado Católico Angolano, *A Vocação do Leigo: A Dignidade da Vocação Laical*, (Luanda: 17 a 21 de Junho de 2015), 1.

Confirmamos, a verdadeira consciência da sinodalidade por sistematizar, desenvolver em todos os ambientes eclesiais. Visto que, os leigos são autênticos missionários da pastoral secular⁴¹⁵, têm a chave para a renovação da sociedade, das instituições públicas e estruturas das decisões da vida comunitária.

A fábrica, a oficina, o laboratório, a escola, o escritório, o serviço doméstico, são os grandes espaços da missão do leigo: a técnica, a ciência, o tractor, são caminhos da missão. Santos de fato macaco, de bata branca, de avental, são santos leigos do nosso tempo. A história é terra dos santos⁴¹⁶.

Encontramos de forma detalhada os campos de ação sinodal para todos os leigos. Quanto mais presentes estiverem nestes setores, maior será o impulso missionário da Igreja. O sabor espiritual tem de manifestar-se nos espaços públicos, através das profissões dos fiéis.

2.6.2. Congresso diocesano das Escolas Católicas

A Diocese de Cabinda, por intermédio do Secretariado Diocesano da Educação realizou dois congressos diocesanos das Escolas Católicas. O primeiro aconteceu na Escola Missionária S. Tiago Maior de Lândana (2-4.08.2007)⁴¹⁷. Tendo adotado como lema: “*Família e Escola juntos a educar*”.

Durante o primeiro Congresso, houve cinco temas: primeiro tema “*Historial do surgimento da Escola em Cabinda*” por Prof. António Filipe Rosa; segundo tema “*Aquecimento Global, um Desafio para a Educação*”, orador foi Engenheiro Manuel Ngoma; terceiro tema: “*Binómio Família, Escola e o Fenómeno da Globalização*”, por Dr. António José Sevo Agostinho.

Ao passo que o quarto tema foi “*Índice do analfabetismo, diagnóstico e perspectivas*”; quinto tema foi “*O desenvolvimento da vida familiar e a educação primária e secundária*”; por último, foi abordado o tema: “*Os princípios gerais que norteiam o Sistema da Educação em Angola*”.

Pela primeira vez, implementamos a cultura de encontros, para reflexão conjunta sobre o papel das instituições do ensino sob à direção da Igreja Católica local, fazendo votos de troca de experiência dos conhecimentos, segundo a metodologia de ensino-aprendizagem. Esta lógica

⁴¹⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, «Reavivar a fé dos fiéis Leigos em Cristo», *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética: documentos Episcopais 1999-2017*, n. 4: «Deste modo, a construção do Reino de Deus no “hoje” da história, nas realidades temporais da política, do compromisso social, da economia, da cultura, constitui o elemento primordial da vocação e da identidade do fiel leigo».

⁴¹⁶ COMISSÃO EPISCOPAL DO LAICADO, II Congresso Nacional do Laicado Católico Angolano, *A Vocação do Leigo: A Dignidade da Vocação Laical*, 3.

⁴¹⁷ DIOCESE DE CABINDA. COMISSÃO DIOCESANA DA EDUCAÇÃO, *I Congresso Das Escolas Católicas* (Lândana: Cabinda, 2007), 1-2.

do trabalho por equipas, de caminhada conjunta no ambiente de formação das novas gerações, simboliza a vontade da sinodalidade querida, com máxima urgência, em todas as comunidades eclesiais. De acordo com o pensamento do Papa Francisco:

E vem-me à mente o que disse um grande pensador: «Educar é introduzir na totalidade da verdade». Não se pode falar de *educação católica* sem falar de *humanidade*, porque a identidade católica é precisamente Deus que se fez homem. Ir em frente nas atitudes, nos valores humanos, plenos, abre a porta à semente cristã. Depois vem a fé. Educar cristãmente não é só fazer uma catequese: esta é uma parte. Não é só fazer proselitismo — nunca façais proselitismo nas escolas, nunca! — Educar cristãmente é levar por diante os jovens, as crianças nos valores humanos em todas as realidades, e uma destas realidades é *a transcendência*⁴¹⁸.

Face aos problemas emergentes da humanidade, encontramos na mensagem do pontífice uma rica preocupação de humanizar e inovar as instituições educativas em geral, em particular, às do cunho cristão. A educação não deve ser uma mera transmissão de princípios, teorias, esquemas, pensamentos e estatísticas numéricas de tecnocratas, mas de humanistas técnicos.

No âmbito da actualização do Ideário das escolas católicas, depois de olharmos por aquilo que é identidade e missão da escola católica, procuramos definir os principais desafios das escolas em função do contexto e das circunstâncias em que se encontram, já que a escola católica é uma escola inculturada⁴¹⁹.

Trata-se de uma estrada infinita para o desenvolvimento sadio de uma pessoa em cada sociedade. Construir-se, para partilhar as suas potencialidades com a sua família, comunidade e o mundo em geral. Em 2009, prosseguindo com a dinâmica sinodal mediante as escolas católicas, realizou-se o segundo congresso diocesano das Escolas Católicas sob o lema: «A Educação de qualidade num mundo de desafio»⁴²⁰.

Nesta perspetiva, foram programados seis temas ou painéis basilares: A crise económica mundial. Causas, consequências e possíveis soluções; gestão de recursos hídricos; a globalização e os seus efeitos no processo de educação; a educação e a primeira infância; mais escolas, sinal de desenvolvimento? A dimensão religiosa da educação na Escola Católica. «A

⁴¹⁸ FRANCISCO, *Discurso aos participantes no Congresso mundial promovido pela Congregação para a Educação Católica com o tema: “Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova”* http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151121_congresso-educazione-cattolica.html (acesso: 15 de março de 2021).

⁴¹⁹ COMISSÃO NACIONAL DAS ESCOLAS CATÓLICAS DE ANGOLA, *Ideário das Escolas Católicas de Angola e a sua actualização face aos novos desafios. Identidade e missão da Escola Católica no contexto Angolano* (N’Dalatando: Angola, 2017), 19.

⁴²⁰ COMISSÃO DIOCESANA DA EDUCAÇÃO, *II Congresso das Escolas Católicas*, Diocese de Cabinda (Cabinda: 26-28 de agosto de 2009), 1.

Escola Católica é lugar do encontro e de participação da comunidade educativa. O seu projecto tende a adesão a Cristo, medida de todos os valores na fé»⁴²¹.

Conclusão

Havemos por bem, de lembrar que, no primeiro capítulo fizemos uma abordagem histórica sobre a sinodalidade. Da Patrística, percorremos sob forma sintética até aos nossos dias, contextualizada pelo pontificado do Papa Francisco. No segundo, começámos por descrever sobre a génese da Igreja diocesana de Cabinda e os seus contornos.

Logo a seguir, apresentamos os traços da sinodalidade no episcopado de D. Filomeno do Nascimento Vieira Dias, o seu segundo pastor. Conseguimos de identificar com nitidez alguns elementos notórios sobre a nossa temática, isto é, a sinodalidade; de algum modo, esses elementos estão patentes nas diversas atividades e organizações, tal como constatámos nos documentos e nas fontes, consultados.

A Diocese de Cabinda ganhou novo corpo eclesial a partir da criação das novas paróquias e quase-paróquias da cidade urbana e nas periferias sociais. A realização quer do jubileu de prata quer do primeiro Congresso eucarístico diocesano, reconfortou a comunhão eclesial quebrada por um certo tempo de experiência menos agradável.

Por fim, o papel desempenhado pelas Escolas Católicas, pela realização dos dois congressos, dos fóruns e outras atividades pastorais de inovação dos sistemas de ensino contribuem para a evangelização, mostram o rosto de uma diocese sinodal. Os movimentos de apostolado e o congresso dos leigos propostos, também têm um papel fundamental para a ministerialidade na Igreja local. Tudo indica o renascimento embrionário da sinodalidade para toda a Igreja local.

⁴²¹ COMISSÃO NACIONAL DAS ESCOLAS CATÓLICAS DE ANGOLA, *Ideário das Escolas Católicas de Angola e a sua actualização face aos novos desafios*, 7.

CAPÍTULO TERCEIRO

A SINODALIDADE DIOCESANA E OS LEIGOS

Introdução

No primeiro capítulo, tentámos explorar a perspectiva histórica da sinodalidade. Ao passo que no segundo, fizemos uma descrição histórica da diocese de Cabinda, o objecto do nosso estudo. Em consequência, auferimos os pontos fundamentais do desenvolvimento das estruturas e das instituições para a vivência da sinodalidade diocesana. Fizemos um enquadramento histórico da diocese, destacámos os factores ligados à sua fundação, à sua evolução eclesiológica, sempre dentro da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé.

Neste, entramos no ambiente do estudo e de identificação de alguns traços da sinodalidade diocesana, o foco de pesquisa, assim veremos mais adiante. Estamos na fase da concretização dos nossos objectivos. Pretendemos especificar e redescobrir os resultados da ação sinodal dentro da Igreja local⁴²².

Para tal, «os Sínodos diocesanos são um capítulo marcante na história da Igreja»⁴²³, como afirma Bonifácio Bernardo. «Os Sínodos constituem, já de per si, parte da nova evangelização: nascem da visão do II Concílio Vaticano sobre a Igreja; abrem um amplo espaço à participação dos leigos, de quem definem a específica responsabilidade na Igreja»⁴²⁴.

⁴²²Cf. Bonifácio BERNARDO, «Sínodo diocesano: um serviço à missão da Igreja local», *Didaskalia*, XLV, 1 (2015), 166; cf. Alphonse BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 87.

⁴²³ BERNARDO, «Sínodo diocesano: um serviço à missão da Igreja local», 163.

⁴²⁴ BERNARDO, «Sínodo diocesano: um serviço à missão da Igreja local», 164.

Entretanto, não se pode desenvolver um pensamento completo da sinodalidade, se não houver a inclusão dos leigos⁴²⁵ e todos fiéis. A diocese⁴²⁶ é uma porção do povo de Deus, confiada ao bispo⁴²⁷, com a cooperação ministerial⁴²⁸ do seu presbitério⁴²⁹.

3.1. O bispo diocesano como fundamento da sinodalidade

Procuraremos aprofundar como o bispo diocesano exerce o seu ministério episcopal no seio do povo de Deus, a ele confiado. Devemos assinalar, antes de mais, que a compreensão do ofício do bispo diocesano permite o crescimento comunitário dos fiéis. Obviamente, se reparar o que dissemos, o bispo pela sua natureza, é primeiro responsável da unidade e o moderador da missão na diocese. A propósito do bispo diocesano, afirmaram os Padres conciliares:

cada um dos Bispos é princípio e fundamento visível da unidade nas suas respectivas igrejas, formadas à imagem da Igreja universal, das quais e pelas quais existe a Igreja católica, una e única. Pelo que, cada um dos Bispos representa a sua igreja e, todos em união com o Papa, no vínculo da paz, do amor e da unidade, a Igreja inteira⁴³⁰.

A Igreja universal não é a soma das Igrejas particulares, mas se manifesta em cada Igreja particular. Em cada Igreja particular está presente a Igreja una e católica. A unidade dos bispos e a comunhão com o sucessor de Pedro, é um autêntico testemunho para toda a Igreja. Por isso, salientamos que, o ministério episcopal passa pela pregação do Evangelho⁴³¹ e pela presidência da Eucaristia.

Do mesmo modo, sem poupar o esforço, o bispo diocesano deverá dar a vida para a diocese, a Igreja local. Permanecer no amor do Bom Pastor para o incremento do Seu reino no mundo. Fará do Evangelho e da Eucaristia a força insubstituível do seu ministério episcopal.

⁴²⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, «Nota Pastoral Sobre a proclamação do Ano da Fé a nível Nacional», *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética: documentos Episcopais 1999-2017* (Angola Católico University: Luanda, 2018), 259: «por ocasião da tomada de posse dos membros do Secretário Nacional do Apostolado dos Leigos».

⁴²⁶ CIC'83, can. 369, cf. Alphonse BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité : Comprendre la synodalité selon le pape François* (CLD : Paris, 2018), 138 : « mon propos entend d'abord élargir la notion doctrinale de synodalité pour ensuite passer en revue un ensemble d'institutions synodales prévues par le Code de 1983 », cf. CD 11.

⁴²⁷ CIC'83, can. 381; cf. DIOCESE DE COIMBRA, *12º Sínodo diocesano* (Coimbra, 1999), 11: «Ao Espírito de Deus, agindo pelo ministério episcopal, se deve, (...), a fidelidade à revelação divina ao longo de tão larga caminhada»; cf. BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 89: «Parmi la diversité des ministères qui contribuent à disposer l'Église à sa mission, il y a le ministère apostolique des évêques, prêtres et diacres. Ordonnés au ministère apostolique, ils ont été appelés, consacrés et envoyés pour édifier l'Église. C'est la tâche de l'ordre épiscopal et, à leur niveau, des prêtres » ; cf. LG 23.

⁴²⁸ João ELEUTÉRIO, «A ministerialidade na Igreja: subversões e “redescobertas”», in *Uma anatomia do poder eclesial* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2022), 36-37.

⁴²⁹ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 89.

⁴³⁰ LG 23.

⁴³¹ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 126 : « La fonction de conduite du peuple de Dieu explicite la fonction d'enseignement car elle fait découvrir aux fidèles les implications concrètes de l'Évangile pour le bien de la communauté ecclésiale, à savoir la loi de charité et l'exigence du service à la suite de leur Maître et Seigneur, le bon Pasteur, le vrai berger qui conduit son peuple vers les sources d'eau vive » ; cf. CD 11.

Pela Eucaristia se torna visível a caridade do Senhor, a quem representa na diocese. Concomitantemente, reveste-se do poder de serviço, lavando os pés dos seus fiéis. Caso vier de uma congregação religiosa, ou seja, de uma ordem missionária, canonicamente, deixará de pertencer àquele carisma. Doravante, passa assumir o estatuto do bispo diocesano⁴³². Se transforma em pastor e cabeça visível da Igreja local, como sua nova família diocesana.

Contudo, o bispo diocesano é o primeiro responsável da sinodalidade diocesana. Com o profundo conhecimento da sua missão, poderá configurar-se com a Igreja local. Caminhará com todos os batizados na comunhão e na fé⁴³³. O Evangelho e a Eucaristia, estão no ápice do ministério episcopal. Neste caso, antes de tudo, o bispo exerce o ministério do ensino e do governo da Igreja mediante o Evangelho⁴³⁴. Pela Eucaristia garante a comunhão, a fraternidade eclesial e, liturgicamente, santifica o seu povo. Em realce, escreve Alphonse Borras:

A condução do povo de Deus segundo a lei da caridade se refere constantemente ao ensino de Cristo e, faz-se, santificá-lo por Seu Espírito. Ele garante a unidade desse povo convocado a entrar no único sacrifício de Cristo pelo acolhimento da sua Palavra. A santificação dos batizados – à fé dos fiéis e discípulos – no seu sacerdócio comum ordenando-os para o serviço da humanidade à qual o Verbo de Deus veio tomar parte para que fizesse parte da sua divindade⁴³⁵.

Compete ao bispo⁴³⁶ toda a governabilidade ordinária, própria e imediata da diocese. Ele vela pela sã doutrina, pela santificação⁴³⁷ da comunidade⁴³⁸. Por intermédio dele, se realiza a plena comunhão diocesana e a caridade pastoral. Sendo o povo de Deus majoritariamente composto de fiéis⁴³⁹, «a prática sinodal mobiliza todos os membros do Povo de Deus para a

⁴³²BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 95 : « Au titre de leur autorité pastorale, il appartient aux évêques et aux prêtres de se tenir à l'écoute du peuple qui leur a été confié. Celui-ci vit de l'Esprit du Christ et bénéficie de ses dons ».

⁴³³ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 90.

⁴³⁴ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 86 : « L'Esprit nous envoie annoncer la Bonne Nouvelle de la présence gracieuse de Dieu. L'Église est foncièrement une communion, mais une communion organique, diversifiée et plurielle » !

⁴³⁵BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 126-27 (nossa tradução dentro do corpo do texto).

⁴³⁶ Gilles ROUTHIER, *Les pouvoirs dans L'Église : étude du gouvernement d'une Église locale : l'Église de Québec* (Ed. Paulines: Paris, 1993); cf. CONGREGAÇÃO PARA OS BISPOS, Diretório sobre o Ministério Pastoral dos Bispos, *Apostolorum sucessores* (2004), n. 33: «Com a consagração episcopal, o Bispo recebe uma especial efusão do Espírito Santo que o configura de forma muito especial com Cristo, Chefe e Pastor».

⁴³⁷ CONGREGAÇÃO PARA OS BISPOS, Diretório sobre o Ministério Pastoral dos Bispos, *Apostolorum sucessores* (2004), n. 33.

⁴³⁸ CONGREGAÇÃO PARA OS BISPOS, Diretório sobre o Ministério Pastoral dos Bispos, *Apostolorum sucessores*, n. 34: «A espiritualidade do Bispo, em virtude dos sacramentos do Baptismo e do Crisma, que o unem a todos os fiéis, e da própria consagração sacramental, (...) fundamentalmente como uma *espiritualidade de comunhão* vivida com todos os filhos de Deus na incorporação em Cristo e sua consequência, segundo as exigências do Evangelho».

⁴³⁹ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 125 : « *Les tria munera* sont une trilogie que Vatican II a reprise pour dire le mystère du Christ et son Corps ecclésial. Cette utilisation christologique et surtout ecclésiologique de

experiência da recetividade, da escuta mútua, do acolhimento da fé comum vivida e experimentada em contextos diversificados»⁴⁴⁰.

Deverão sentir-se membros efectivos e fazerem parte das actividades comunitárias, inerentes à natureza cristã⁴⁴¹, segundo a condição de baptizados⁴⁴². «Devemos olhar para a primeira comunidade de Jerusalém e ver aí as consequências do baptismo, da fé em Cristo Jesus ressuscitado. Baptizados em Cristo, aqueles cristãos assumiram uma vida nova»⁴⁴³.

3.2. A sinodalidade da Igreja e suas concretizações em contexto angolano

Nesta temática, partiremos das três questões: para que serve o sínodo diocesano? Que novidades gera? Quais são os critérios fundamentais⁴⁴⁴ para a sua realização? Colocaríamos tantas perguntas, mas não vamos elaborar um questionário exaustivo.

Convém, repensarmos nos moldes específicos esta realidade eclesial. Claramente, há grande desafio em todos os âmbitos para a concretização dos seus objectivos. É de inteira responsabilidade do bispo diocesano, promover o sínodo no seu território de jurisdição, provendo a sua liberdade. Nesta vertente, de «o estilo pastoral do Bispo – favorecendo a comunhão eclesial e abrindo-se à colaboração de todos; o contributo dos fiéis, (...), sobressai pela sua importância o Sínodo diocesano, para o bem da Igreja a si confiada»⁴⁴⁵.

Este gesto demonstra a vontade de uma Igreja diocesana sinodal⁴⁴⁶. Aponta para os valores da sinodalidade diocesana (caminhar juntos, escutar, discernir e decidir). «A prática da sinodalidade, assumida e experimentada nos diferentes níveis da vida eclesial, só é viável onde os crentes se tornam sujeitos ativos da construção da comunidade local»⁴⁴⁷. «No Sínodo de uma

la triple fonction prophétique, sacerdotale et royale a l'avantage de suggérer d'abord les trois facettes de l'être unique du Christ autant que de son ministère, puis de dire l'intégralité de la mission de l'Église et des fidèles qui en font partie ».

⁴⁴⁰ ANTÓNIO MARTINS, *A sinodalidade na vida da Igreja: Fundamentais e perspectivas* (Universidade Católica: Lisboa, 2021), 20.

⁴⁴¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, «Missionários enraizados em Cristo», *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética*, n. 3.

⁴⁴² CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, «Missionários enraizados em Cristo», *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética*, n. 2: «Baptizados em Cristo: a nossa primeira vocação é sermos santos, é viver em Cristo. O objectivo da nossa existência como cristãos é um dia podermos dizer: já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim (Gal 2,20)».

⁴⁴³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, «Missionários enraizados em Cristo», *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética*, n. 3.

⁴⁴⁴ BERNARDO, «Sínodo diocesano: um serviço à missão da Igreja local», 165: «A Congregação para os Bispos e a Congregação para a Evangelização dos Povos publicam a *Instrução sobre os Sínodos Diocesanos (In constitutione apostolica)*, na qual é explicitado o conteúdo dos referidos cân. 460-468, e são apontadas orientações para a realização do Sínodo diocesano. Esta Instrução está na base da caminhada sinodal feita pelas Igrejas locais no presente».

⁴⁴⁵ BERNARDO, «Sínodo diocesano: um serviço à missão da Igreja local», 165.

⁴⁴⁶ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 100 : « (...), il serait plus heureux de dire que les instances dites consultatives, en particulier synode diocésain, conseil pastoral diocésain et conseils pastoraux de paroisse, élaborent les décisions dont la responsabilité finale revient à l'autorité pastorale qui les prend ».

⁴⁴⁷ MARTINS, *A sinodalidade na vida da Igreja: Fundamentais e perspectivas*, 21.

diocese revela-se o mistério da Igreja comunidade viva, animada pelo Espírito de Deus, chamada à santidade e à evangelização»⁴⁴⁸. A experiência sinodal interpela a comunidade crente, a fim de tomar a disposição de participação qualitativa na vida diocesana.

O campo próprio da actividade evangelizadora dos fiéis leigos, como já se disse, é o das realidades temporais: o mundo da política, da assistência social, da economia, da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos *mass media* e ainda outras realidades abertas para a evangelização: a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento humano⁴⁴⁹.

Realmente, a sinodalidade diocesana impulsiona os leigos para o sentido de missão. Para serem fermento do evangelho em diversos sectores humanos⁴⁵⁰ no mundo. Progressivamente, são chamados para assumirem com responsabilidade os destinos de vida quotidiana. Realmente, é muito importante a presença activa dos fiéis leigos na sociedade hodierna. Conforme escreveu José Eduardo Borges Pinho:

Cada crente, é, pois, capacitado e chamado, de diversas formas e de acordo com a vocação específica que tiver, a expressar e a transmitir a verdade fundamental da experiência cristã, a discernir e a dizer o que é importante para a vida cristã. A essa capacidade carismática, que é dada com a fé e se explicita numa existência de acordo com ela, corresponde uma certa autoridade de cada cristão – em correspondência com a sua situação, experiência, fidelidade e maturidade global – no que diz respeito à afirmação da verdade da fé e sua clarificação no contexto específico da própria vida e do seu viver em Igreja⁴⁵¹.

A vocação de cada crente define também a sua entrega ao serviço da fé. O verdadeiro cristão é um autêntico defensor da sua fé. A nível da Igreja e do ambiente externo vive para Deus. Não se contradiz com os princípios cristãos. Procura corresponder livre e firmemente aos desafios pastorais durante a sua peregrinação terrena.

⁴⁴⁸ DIOCESE DE COIMBRA, *12º Sínodo diocesano* (Coimbra, 1999), 11.

⁴⁴⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, «Missionários enraizados em Cristo», *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética*, n. 6.

⁴⁵⁰ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A sinodalidade na vida e missão da Igreja* (2018), n.77,§2 https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html#A_sinodalidade_na_Igreja_particular (acesso: 05 de junho de 2023).

⁴⁵¹ José Eduardo Borges DE PINHO, «A leitura dos sinais dos tempos e suas implicações na vida da Igreja», in *Didaskalia*, XLI, 1, (2011), 162; cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, «Missionários enraizados em Cristo», *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética*, n. 9: «Cada baptizado é *crístóforo*, ou seja, portador de Cristo, como diziam os antigos padres. Quem encontrou Cristo, como a Samaritana no poço, não pode conservar esta experiência para si, mas sente o desejo de a partilhar, (Cfr. Jo 4)».

Trata-se de redescobrirmos o valor pastoral e sacramental de comunhão⁴⁵² diocesana na fé cristã. Para Bonifácio Bernardo, «os Sínodos diocesanos, à semelhança dos Sínodos gerais e inspirados nestes, foram adquirindo cada vez maior relevância na construção da mesma Igreja»⁴⁵³. O Sínodo diocesano mantém a unidade de todos, renova a comunhão eclesial⁴⁵⁴, revitaliza a relação ministerial e a missão do povo cristão, em plena comunhão com o bispo diocesano. A sinodalidade diocesana⁴⁵⁵ se concretiza também pela diversidade de ministérios eclesiais. Desta forma, o texto que vamos citar, também nos serve do esclarecimento:

O sínodo que, na sua expressão etimológica, significa caminhar em companhia, avançar de mãos dadas para a meta comum, é definido pelo Direito Canónico, no âmbito diocesano, como “como assembleia de sacerdotes e de outros fiéis escolhidos no seio da Igreja particular, que prestam auxílio ao bispo diocesano, para o bem de toda a comunidade diocesana” (Can. 460)⁴⁵⁶.

Encontramos uma sólida interpretação, relativamente à sinodalidade diocesana, feita pelos padres sinodais bracarenses, há vinte e cinco anos. Avançar de “mãos dadas” e a “meta comum” são duas palavras incontornáveis para a maturidade sinodal e a concretização da sinodalidade. A sinodalidade evoca um destino comum, se concretiza pela unidade dos seus membros, isto é, de “mãos dadas”. Significa trabalhar por equipas organizadas e solidárias.

No pensamento canónico supracitado, se destacam mais dois elementos constitutivos do sínodo diocesano: “assembleia de sacerdotes” e outros “fiéis escolhidos” (delegados pela comunidade), para prestarem auxílio ao ordinário do lugar, o pastor da Igreja local. Mas que tipo de auxílio se refere? Responde-nos a sucessiva citação:

Os Sínodos constituem, já de per si, parte da nova evangelização: nascem da visão do II Concílio Vaticano sobre a Igreja; abrem um amplo espaço à participação dos leigos, de quem definem a específica responsabilidade na Igreja; são expressão da força que Cristo deu a todo o Povo de Deus, fazendo-o participante da sua própria missão messiânica⁴⁵⁷.

⁴⁵² A. SPADARO – Carlos Maria GALLI, orgs., *La Riforma e le riforme nella Chiesa* (Queriniana: Brescia, 2016), 581: «Non si può pensare che la Chiesa sia realmente «in uscita», cioè autenticamente capace di prossimità e di attenzione, se non è una Chiesa educata a vivere nella comunione».

⁴⁵³ Bonifácio BERNARDO, «Sínodo diocesano: Um serviço à missão da Igreja local», in *Didaskalia* XLV, 1 (2015), 163.

⁴⁵⁴ Alphonse BORRAS, *Communión eclesial e Sinodalidad. Comprender la sinodalidad según el papa François*, 91.

⁴⁵⁵ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A sinodalidade na vida e missão da Igreja* (2018), n. 77, §1: «O primeiro nível de exercício da sinodalidade se concretiza na Igreja particular. Nessa, realiza-se “uma especial manifestação da Igreja na participação plena e ativa de todo o povo santo de Deus nas mesmas celebrações litúrgicas, sobretudo na mesma eucaristia, na mesma oração, no mesmo altar, ao qual preside o bispo, circundado pelos seus sacerdotes e ministros”».

⁴⁵⁶ ARQUIDIOCESE DE BRAGA, *40º Sínodo Diocesano Bracarense: Livro do Sínodo* (Braga: 1994-1997), 3.

⁴⁵⁷ BERNARDO, «Sínodo diocesano: Um serviço à missão da Igreja local», 164-165; cf. EG 17: «A Igreja vista como a totalidade do povo de Deus que evangeliza»; cf. António MARTINS, *A sinodalidade na vida da Igreja*:

Os fiéis leigos⁴⁵⁸ participam sobretudo a nível da pastoral social, dando testemunho a nível da sociedade. Tal como expressa São Pedro: “Vós, porém, sois uma raça escolhida, um sacerdócio régio, uma nação santa, um povo adquirido para Deus” (1 Pd 2,9). Por isso mesmo, «a Palavra de Deus e os documentos conciliares são a fonte inspiradora dos Sínodos que recentemente se têm realizado nas Igrejas locais em todo o mundo»⁴⁵⁹.

Por conseguinte, «se pode seguramente individuar muitas outras perspetivas para aprofundar a relação entre o Espírito e evangelho, enquanto fontes inesgotáveis da renovação da Igreja»⁴⁶⁰. Com certeza, a força da vivência sinodal provém duas fontes estáveis e sagradas: Espírito e evangelho. Seja qual for a dimensão sinodal⁴⁶¹, deve partir da acção do Espírito Santo e partilhar o Evangelho. Quer os fiéis quer os pastores juntos devem anunciar o Evangelho.

O Sínodo também procura renovar a vida espiritual, os carismas, os novos ministérios⁴⁶², acolher as diversidades⁴⁶³ de dons (1 Cor 12, 1-11), segundo a condição de cada batizado⁴⁶⁴ na comunidade. Que a vida eclesial não se convertesse em conflitualidade, mas seja de comunhão, de corresponsabilidade de todos e de serviço. Nesta perspectiva, o Papa Francisco escreve:

O primeiro nível de exercício da sinodalidade realiza-se nas Igrejas particulares. Depois de recordar a nobre instituição do Sínodo diocesano, no qual presbíteros e leigos são chamados a colaborar com o bispo para o bem de toda a comunidade eclesial, o Código de Direito Canónico dedica amplo espaço aos habitualmente chamados «organismos de comunhão» da Igreja particular: o Conselho Presbiteral, o Colégio dos Consultores, o Cabido de Cónegos e o Conselho Pastoral. Só na medida em que estes organismos permanecerem ligados a «baixo» e partirem do povo, dos problemas do dia-a-dia, é que pode começar a tomar forma uma Igreja

Fundamentos e perspetivas, 20: «Pastores e leigos não constituem mais dois estados separados na vida da Igreja, uns a decidir para os outros».

⁴⁵⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, «Reavivar a fé dos fiéis Leigos em Cristo», *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética*, n. 6: «Quanto mais leigos houver, impregnados do Evangelho, responsáveis em relação a tais realidades e comprometidos, claramente, nas mesmas, competentes para as promover e conscientes de que é necessário fazer desabrochar a sua identidade cristã, muitas vezes escondida e asfíxiada».

⁴⁵⁹ BERNARDO, «Sínodo diocesano: Um serviço à missão da Igreja local», 163; cf. José Eduardo Borges DE PINHO «A leitura dos sinais dos tempos e suas implicações na vida da Igreja», in *Didaskalia*, XLI (2011),1, 154-56.

⁴⁶⁰ A. SPADARO – Carlos Maria GALLI orgs., *La Riforma e le riforme nella Chiesa*, 581: «Si possono sicuramente individuare molte altre prospettive per approfondire il rapporto tra Spirito e vangelo quali sorgenti inesauribili del rinnovamento della Chiesa».

⁴⁶¹ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 96 : « la communauté ecclésiale et les fidèles qui la composent ont le droit d'émettre des vœux quant à une conduite commune à adopter ou un chemin à faire ensemble ».

⁴⁶² Alphonse BORRAS – Gilles ROUTHIER, *Les Nouveaux Ministères. Diversité et articulation* (Médiaspaul : Canada, 2009), 7.

⁴⁶³ BORRAS – ROUTHIER, *Les Nouveaux Ministères. Diversité et articulation*, 16.

⁴⁶⁴ MARTINS, *A sinodalidade na vida da Igreja: Fundamentos e perspetivas*, 16: «O mesmo Espírito de filiação torna possível cada batizado oferecer-se a Deus, bem como ao bispo e ao presbítero presidir à eucaristia em nome de Cristo».

sinodal: tais instrumentos, que por vezes se movem com fadiga, devem ser valorizados como ocasião de escuta e partilha⁴⁶⁵.

Encontramos uma valiosa afirmação eclesiológica, que merce um aprofundamento. Interessam-nos ressaltar aqui, a presença de dois verbos: “*escutar e partilhar*”. São verbos nucleares da Sagrada Escritura e abrangente para a história da Igreja. Precisamos desta docilidade de escuta de quem nos fala, do que se fala e com que se fala. Partilharmos a verdade que vem do Senhor da eternidade. Em cada Igreja, haja momentos de auscultação recíproca, para o crescimento da sinodalidade. Pois, «a sinodalidade vive-se a vários níveis»⁴⁶⁶.

Institucionalmente, os quatro organismos apontados pelo Direito Canónico não devem ser vistos como meros “pneus de socorro” do ordinário do lugar. Por essa razão, convém que sejam enquadrados na vida diocesana, consoante aos seus ofícios. Desta forma, a participação dos organismos administrativos, manifesta também a qualidade da sinodalidade. Porque todos os membros, em sintonia, fazem crescer na harmonia a comunidade diocesana.

Assim, «o Bispo diocesano convoca e preside o sínodo (c. 462), do mesmo modo ele preside a Igreja neste sítio pela rica diversidade de carismas e a necessária complementaridade das vocações (cf. *LG* 32c) e a congrega em nome de Cristo no Espírito Santo»⁴⁶⁷. Portanto, a sinodalidade diocesana terá de ser promovida com amabilidade e confiança, para uma comunidade renovada. Por sua vez, Bonifácio Bernardo continua a propor o seguinte:

Os ensinamentos da Constituição dogmática sobre a Igreja (*Lumen Gentium*), o Decreto sobre a actividade missionária da Igreja (*Ad Gentes*), e a Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (*Gaudium et Spes*) relevaram pontos fundamentais em que se assenta a realidade dos Sínodos diocesanos recentes: a Eclesiológia de Comunhão; a igualdade radical dos membros da Igreja; a corresponsabilidade na sua missão⁴⁶⁸.

Apontamos mais uma chave hermenêutica da urgência sinodal nas Igrejas particulares. Fomentar o espírito de igualdade comunitária⁴⁶⁹, sem transcurarmos as diversidades de carismas e ministérios, valorizando a presença dos leigos para missão⁴⁷⁰. Saibamos que, todos

⁴⁶⁵ FRANCISCO, Discurso, *comemoração do Cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos* (17 de outubro de 2015), (acesso : 11 de dezembro de 2020); cf. BORRAS, *Communio ecclésiale et Synodalité*, 151 : « Le première institution synodale du diocèse est le synode diocésain que le Code présente en tout premier lieu (c. 460-468) dans l’organisation interne des Églises particulières (c. 460-572) ».

⁴⁶⁶ BERNARDO, «Sínodo diocesano: Um serviço à missão da Igreja local», 166.

⁴⁶⁷ BORRAS, *Communio ecclésiale et Synodalité*, 152 : « L’évêque diocésain convoque et préside le synode (c. 462), de même qu’il préside à l’Église *en ce lieu* dans la riche diversité des charismes et la nécessaire complémentarité des vocations (cf. *LG* 32c) et qu’il la rassemble au nom du Christ dans l’Esprit Saint (cf. *CL* 22a *in fine*).

⁴⁶⁸ BERNARDO, «Sínodo diocesano: Um serviço à missão da Igreja local», 164.

⁴⁶⁹ BERNARDO, «Sínodo diocesano: Um serviço à missão da Igreja local», 177.

⁴⁷⁰ BERNARDO, «Sínodo diocesano: Um serviço à missão da Igreja local», *Diocese de Aveiro (1990-1995)*, 167-168: «Reunidos na comunhão, comprometidos na missão».

os membros são iguais na dignidade cristã, como filhos de Deus. Trata-se, entretanto, de definir as prioridades pastorais, nas quais poderá participar toda a comunidade diocesana.

Para Bonifácio Bernardo, o Concílio Vaticano II, não usou a linguagem e terminologia do sínodo, mas implicitamente, o seu conteúdo, consta nos documentos conciliares.

Por sua vez, «o CDC sintetiza e precisa a natureza e a finalidade do Sínodo Diocesano deste modo: “O sínodo diocesano é a assembleia de sacerdotes e de outros fiéis escolhidos no seio da Igreja particular, que prestam auxílio ao bispo diocesano, para bem de toda a Comunidade diocesana” (cân. 460)»⁴⁷¹.

Com efeito, «os três elementos constitutivos assinalados manter-se-ão e desenvolver-se-ão no futuro: é uma assembleia de sacerdotes e de outros fiéis escolhidos (a), cujos membros auxiliam o Bispo (b), tendo em vista o bem da Comunidade diocesana (c)»⁴⁷². Acabamos de apresentar os pilares de sinodalidade para uma Igreja particular. Os sínodos diocesanos têm algo a dizer à Igreja: «se tornar próxima e acolhedora de todos, dos seus membros e de quantos quer evangelizar: tem de ser Mãe. A Igreja local é fermento no mundo que a envolve»⁴⁷³. Resumidamente, «a Igreja há-de promover a corresponsabilidade e a cooperação efectiva dos seus membros, segundo a sua condição eclesial, na missão comum»⁴⁷⁴.

3.1.1. Assembleia diocesana de pastoral como forma de sinodalidade

Do ponto de vista prático, as assembleias diocesanas de pastoral⁴⁷⁵ assumem o novo estilo sinodal diocesano. Como tem sucedido nas dioceses e arquidioceses da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé. Anualmente, tem havido assembleias pastorais, baseando-se da temática escolhida pela CEAST⁴⁷⁶ para todas as Igrejas do país.

Quanto à metodologia desse acontecimento, o bispo por meio do secretariado diocesano para a pastoral, tem enviado uma circular (carta convocatória) aos sacerdotes, aos consagrados e às consagradas, aos membros dos movimentos de apostolado e outros do direito para a participação. Tem elaborado uma agenda comum, se reúnem e trabalham com vigor e disponibilidade no local estipulado, para o bem da Igreja particular. Assembleia diocesana de pastoral funciona como espécie do Conselho pastoral diocesano⁴⁷⁷.

⁴⁷¹ BERNARDO, «Sínodo diocesano: Um serviço à missão da Igreja local», 164; cf. Medard KEHL, «*Syn-odos – o elemento estruturo-sinodal*», in *Didaskalia*, XLV, 1 (2015), 143: «Quer isto dizer: ambos os lados deveriam partir do pressuposto incontestável de que também o lado oposto escuta o Espírito de Deus e quer agir para o bem da Igreja, mesmo que as opiniões sobre determinados temas possam separar-se».

⁴⁷² BERNARDO, «Sínodo diocesano: Um serviço à missão da Igreja local», 164.

⁴⁷³ Bonifácio BERNARDO, «Sínodo diocesano: Um serviço à missão da Igreja local», 177.

⁴⁷⁴ BERNARDO, «Sínodo diocesano: Um serviço à missão da Igreja local», 177.

⁴⁷⁵ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 117.

⁴⁷⁶ CEAST: Conferência Episcopal de Angola e S. Tome.

⁴⁷⁷ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 101 : « le conseil pastoral diocésain se voit assigner une triple tâche : étudier ce qui touche l'activité pastorale, l'évaluer et proposer des décisions pratiques (c. 511 ; cf. *Christus*

Apesar da diferença existente, há um paralelismo concernente aos objectivos. Quem convoca é o bispo diocesano. «O Conselho pastoral da diocese é um outro espaço de sinodalidade. É uma nova instituição (cf. CD 27d)»⁴⁷⁸. O conselho pastoral da diocese tem de ter uma estabilidade, pois, é um órgão consultivo.

De algum modo, «a diferença do sínodo, o conselho pastoral é uma instância permanente, mas cessa quando a sede episcopal se torna vacante (cf. c. 511)»⁴⁷⁹. Por outro, exige-se a promoção de assembleias diocesanas de pastoral. Observa Deolinda Serralheiro:

A acção pastoral, porque tem de ser acção unitária e organizada, visando objectivos concretos e apoiada em planos e programas bem pensados e bem elaborados, não pode realizar-se a partir da simples boa vontade dos seus agentes principais, mas exige destes, cada vez mais, preparação e competência⁴⁸⁰.

Isto redefine a qualidade de uma comunidade mais coesa. Proporciona discussões dos problemas principais de uma determinada Igreja. Deste modo, encontram-se respostas sólidas para o bem da comunidade diocesana⁴⁸¹. Além da assembleia diocesana de pastoral, Alphonse Borrás sugeriu, que houvesse por direito, um conselho pastoral⁴⁸² diocesano. «O Conselho pastoral da diocese é um outro espaço de sinodalidade. É uma nova instituição (cf. CD 27d)»⁴⁸³.

Nele participam os delegados paroquiais, buscam soluções, identificando com unanimidade as prioridades pastorais. Durante as assembleias diocesanas, sempre se tem debatido sobre a formação dos cristãos. «A assembleia reconhece haver ainda muita debilidade no tocante à formação dos cristãos nos movimentos de apostolado»⁴⁸⁴. Nesta vertente, escreveu a Comissão Teológica Internacional:

O inteiro povo de Deus é interpelado pela sua originária vocação sinodal. A circularidade entre o *sensus fidei* com o qual são agraciados todos os fiéis, o discernimento operado nos diversos

Dominus 27c) » ; cf. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores Gregis* (16.10. 2003) : AAS 96 (2004), 825-924, n. 44.

⁴⁷⁸ BORRAS, *Communio ecclésiale et Synodalité*, 154 : « Le Conseil pastoral du diocèse est un autre lieu de synodalité. C'est une institution nouvelle (cf. CD 27d) ».

⁴⁷⁹ BORRAS, *Communio ecclésiale et Synodalité*, 154 : « À différence du synode, le Conseil pastoral est une instance permanente mais il cesse quand le siège épiscopal est vacant (cf. c. 513, 2) ».

⁴⁸⁰ Deolinda SERRALHEIRA, *Praxiologia Pastoral. Um modelo de investigação e de programação* (Portugal, 2007), 5.

⁴⁸¹ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A sinodalidade na vida e missão da Igreja* (2018), n.78, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html#A_sinodalidade_na_Igreja_particular (acesso: 05 de junho de 2023).

⁴⁸² BORRAS, *Communio ecclésiale et Synodalité, Comprendre la synodalité selon le pape François*, 154 : « À différence du synode, le Conseil pastoral est une instance permanente mais il cesse quand le siège épiscopal est vacant (cf. C. 513,2) ».

⁴⁸³ BORRAS, *Communio ecclésiale et Synodalité, Comprendre la synodalité selon le pape François*, 154.

⁴⁸⁴ DIOCESE DE CABINDA, *Assembleia Diocesana de Pastoral: Nota Final* (de 22 a 23 de fevereiro de 2013: Cabinda, 2013), 3; cf. MARTINS, *A sinodalidade na vida da Igreja*, 21: «A participação dos crentes na vida da comunidade é uma exigência da maturidade da própria fé».

níveis de realização da sinodalidade e a autoridade de quem exerce o ministério pastoral da unidade e do governo descreve a dinâmica da sinodalidade. Tal circularidade promove a dignidade batismal e a corresponsabilidade de todos, valoriza a presença dos carismas difundidos pelo Espírito Santo no povo de Deus, reconhece o ministério específico dos pastores em comunhão colegial e hierárquica com o Bispo de Roma, garantindo que os processos e os eventos sinodais se desenvolvam na fidelidade ao *depositum fidei* e na escuta do Espírito Santo para a renovação da missão da Igreja⁴⁸⁵.

Uma das propriedades sublinhadas pela Comissão Teológica Internacional diz respeito à dimensão da fé dos fiéis, o chamado sentido da fé dos crentes. Trata-se da percepção das verdades da fé, graças à intervenção do Espírito Santo. No fundo, sem assistência do Espírito Santo a sinodalidade não funciona.

O segundo elemento fundamental decifrado, é o da autoridade⁴⁸⁶, a quem compete o dom do discernimento dos carismas, de manter a unidade da comunidade. Para além disso, a corresponsabilidade de todos faz parte da comunidade. Pela dignidade baptismal, todos entram em sintonia de serviço com o Bispo de Roma, isto é, o Papa.

O espírito que norteia o processo das assembleias diocesanas de pastoral, permite o estudo aprofundado e permanente da vida diocesana na dinâmica sinodal. Na visão de Dom Filomeno Vieira Dias, «Assembleia Diocesana de Pastoral é uma planificação da vida da Diocese»⁴⁸⁷. E realçou: «que o tempo da realização da assembleia fosse também um bom momento de confraternização, de partilha e de compromisso»⁴⁸⁸.

Assim, o membro da comunidade eclesial compromete-se para a evangelização. Cada encontro tem servido para o robustecimento dos laços cristãos e da corresponsabilidade. A grosso modo, a «Pastoral: é uma actividade que tem como finalidade revelar a pessoa a si própria (humanização) e ao sentido de Deus (divinização)»⁴⁸⁹.

Por meio da assembleia diocesana de pastoral, se manifesta a unidade, a fraternidade cristã e amizade pública. O encontro anual realizado com os delegados paroquiais, os delegados

⁴⁸⁵COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A sinodalidade na vida e missão da Igreja* (2018), n.72, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html#A_sinodalidade_na_Igreja_particular (acesso: 02 de janeiro de 2023).

⁴⁸⁶COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A sinodalidade na vida e missão da Igreja* (2018), n.72, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html#A_sinodalidade_na_Igreja_particular, n. 78 (acesso: 05 de junho de 2023).

⁴⁸⁷DIOCESE DE CABINDA, *Assembleia Diocesana de Pastoral: Nota Final* (Cabinda: de 22 a 23 de fevereiro de 2013), 1.

⁴⁸⁸DIOCESE DE CABINDA, *Assembleia Diocesana de Pastoral: Nota Final*, 2.

⁴⁸⁹SERRALHEIRO, *Praxiologia Pastoral: Um modelo de investigação e de programação*, 15.

dos movimentos de apostolado⁴⁹⁰, os delegados das instituições diocesanas, os diretores das escolas católicas e os seus delegados, tem mostrado a vontade de sinodalidade.

Tem sido momento útil de pensar e analisar, de trabalhos de estudos profundos sobre a vida eclesial local. Durante as sessões, celebram juntos a liturgia das horas, confraternizam-se juntos à mesa. No encerramento, tornam-se públicos os relatórios finais das assembleias. Podemos considerar como imagem da sinodalidade diocesana.

Por fim, a assembleia diocesana tem sido aproximadamente de uma semana ou três dias. Além disso, o Secretariado diocesano de pastoral tem contado com a presença dos sacerdotes, nomeados pelo bispo, incluindo as consagradas e os leigos, representantes das paróquias. Por exemplo, os enfermeiros cristãos e médicos cristãos, economistas cristãos também têm participado, debatendo sobre assistência social.

Realizam as celebrações litúrgicas, com destaque às celebrações eucarísticas e aos convívios com os mais necessitados. Assembleia Diocesana de Pastoral pode ser considerada uma modalidade de sinodalidade diocesana.

3.1.2. A sinodalidade e o conselho paroquial

Falarmos do conselho paroquial no estilo sinodal, remete-nos para a instituição concreta, denominada paróquia⁴⁹¹. Do ponto de vista territorial, existem duas espécies de paróquias: paróquias rurais e urbanas, afirmaram os Bispos Católicos de Angola e São Tomé⁴⁹². Neste contexto, «(...) propomos e pedimos que todos os nossos fiéis regressem connosco ao sentido rico e profundo daquela que é a forma mais própria e normal de sermos e fazermos comunidade eclesial – a Paróquia – dentro da Diocese, e nunca fora dela e da Igreja universal»⁴⁹³.

Em conformidade com a mensagem dos Bispos da CEAST, podemos reafirmar que, a paróquia é a primeira instância da sinodalidade. Aí, cada baptizado alimenta a vida e sente-se dos meios de santificação, os sacramentos e da escuta da Palavra de Deus⁴⁹⁴. Experimenta a caridade, por intermédio dos seus estreitos colaboradores e professa a mesma fé. Toda a vida paroquial deverá manifestar a verdadeira sinodalidade, a partir da partilha do mesmo pão e se

⁴⁹⁰ DIOCESE DE CABINDA, *Plano Pastoral 2008-2010: Comunidades Paroquiais* (Diocese de Cabinda: Cabinda, 2008), 5: «Entrar na caminhada pastoral que se quer formar. Participar da vida paroquial». O verbo: “participar”, diz o necessário sobre o dever dos movimentos de apostolado de oração. Não devem ser meros expectadores ou observadores paroquiais, mas membros integrantes para a evangelização, unidos ao pastor próprio.

⁴⁹¹ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité : comprendre la synodalité selon le papa François*, 48.

⁴⁹² CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, *Mensagem pastoral dos Bispos Católicos de Angola e São Tomé*, «Tornar a Paróquia o centro da evangelização», *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética*, n. 3.

⁴⁹³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, *Mensagem pastoral dos Bispos Católicos de Angola e São Tomé*, «Tornar a Paróquia o centro da evangelização», *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética*, n.1.

⁴⁹⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, *Mensagem pastoral dos Bispos Católicos de Angola e São Tomé*, «Tornar a Paróquia o centro da evangelização», n. 8: «O primeiro dos meios que assistem e animam a comunidade paroquial é a Palavra de Deus, contida na Sagrada Escritura e na Tradição da Igreja»; cf. BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 121 e 129.

participa do mesmo cálice. Porque por meio da Eucaristia «os homens possam viver como Cristo deseja: permanecendo no Seu Amor»⁴⁹⁵.

No final da celebração, os crentes recebem o mandato missionário: «*Ite missa est*», isto é, a missa terminou, ide em paz; significa: ide ao mundo para anunciar o Senhor da história e da eternidade. «A Eucaristia impele os cristãos a viverem na caridade perante o próximo e os move para o apostolado, para anunciarem com palavras e obras o Evangelho de Cristo»⁴⁹⁶.

Por isso, «a paróquia em estado de sínodo é uma porção do povo de Deus composto de homens e mulheres com nomes próprios, que querem conhecer-se, dialogar, decidir, fazer, julgar em conjunto»⁴⁹⁷. Para Borrás: «sobre o plano da paróquia, a sinodalidade pode também exprimir-se formalmente, graças ao Conselho pastoral da paróquia. Sua criação é condicionada por juízo oportuno do bispo diocesano, depois da escuta do Conselho Presbiteral (c. 536,1)»⁴⁹⁸.

Realça Borrás que, «o Conselho pastoral de paróquia não é competente para se pronunciar sobre os problemas pastorais concernentes à fé, à ortodoxia, aos princípios morais e às leis da Igreja universal (cf. OC 9)»⁴⁹⁹. Este é um dos maiores desafios da sinodalidade⁵⁰⁰.

Por outro, o Conselho paroquial é o órgão jurídico e pastoral⁵⁰¹. Favorece a identificação da comunidade cristã organizada, estável, para o processo de desenvolvimento na fé, na caridade e autossuficiente. Se manifesta como comunidade unida ao pároco⁵⁰², o representante do bispo diocesano. Nomeado, enviado, para nutrir e apascentar o rebanho do Senhor. Promove a comunhão fraterna de todos os paroquianos e o crescimento sobrenatural. Nunca deverá existir sem a figura do pároco, inerente do ofício canónico para o pastoreio da paróquia.

Por este motivo, se deve «suscitar e garantir a sinodalidade da comunidade paroquial...»⁵⁰³. Entretanto, «o Conselho pastoral é antes de tudo, uma configuração, um

⁴⁹⁵ Á. G. IBÁÑEZ, *L'Eucaristia, dono e mistero. Trattato storico-dogmatico sul mistero eucaristico*, (EDUSC: Roma, 2006), 644: «gli uomini possono vivere come Gesù desidera: rimanendo nel suo amore».

⁴⁹⁶ IBÁÑEZ, *L'Eucaristia, dono e mistero. Trattato storico-dogmatico sul mistero eucaristico*, 644-45: «L'Eucaristia spinge i cristiani a vivere (...) la carità verso il prossimo (...) li muove all'apostolato, ad annunciare, con le parole e con le opere, il Vangelo di Cristo».

⁴⁹⁷ M. MASCIARELLI, *Parrocchia sinodale. Casa del popolo di Dio* (Tau Editrice: Todi "PG", 2016), 59: «la parrocchia in stato di sinodo è una porzione del popolo di Dio composto di uomini e donne con nomi propri, che vogliono conoscersi, dialogare, decidere, fare, giudicare insieme».

⁴⁹⁸ Alphonse BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 155 : « Sur le plan de la paroisse, la synodalité peut aussi s'exprimer formellement grâce au Conseil pastorale de paroisse. Sa création est conditionnée par un jugement d'opportunité de l'évêque diocésain après avoir entendu le Conseil presbytéral (c. 536, 1).

⁴⁹⁹ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 55 : « le Conseil pastoral de paroisse n'est pas compétent pour se prononcer sur des problèmes pastoraux concernant la foi, l'orthodoxie, les principes moraux et les lois de l'Église universelle (cf. OC 9).

⁵⁰⁰ Marcos FARIA, «A identidade batismal e a sinodalidade», in *Humanística e Teológica*, 147.

⁵⁰¹ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité. Comprendre la synodalité selon le pape François*, 54-55.

⁵⁰² CIC'83, can. 519.

⁵⁰³ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité. Comprendre la synodalité selon le pape François*, 77 : « Susciter et garantir la synodalité de la communauté paroissiale... ».

reflexo em miniatura da comunidade paroquial que, em um sítio, realiza a missão da Igreja»⁵⁰⁴. «Ele favorece a atividade pastoral da paróquia, verificando a conformidade desta com o Evangelho»⁵⁰⁵. Lembremo-nos da resolução dos membros da assembleia diocesana:

A paróquia não é um simples agrupamento social, onde pessoas singulares ou várias dispõem e fazem como entendem ou pretendem. É uma comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular (Diocese), cuja cura pastoral, sob a autoridade do Bispo diocesano, está confiada ao pároco, como seu pastor próprio⁵⁰⁶.

Deste modo, «o pároco é um homem sinodal. Numa só palavra, ter um estilo do discipulado para o sacerdote significa declinar a sinodalidade no viver pastoral (...) a razão da sinodalidade reside mormente no ser cristão, isto é, leigo»⁵⁰⁷. O pároco⁵⁰⁸ é o animador e tem de ser exemplo de comunhão paroquial.

Com certeza, «o desafio que a paróquia deve enfrentar hoje para renovar-se e servir melhor à missão é repensar-se em forma sinodal. A paróquia sinodal, (...), sabe imitar o bom samaritano diante dos problemas dos povos pobres que o alcançam e, de qualquer modo, devem permanecer em seu coração»⁵⁰⁹.

A paróquia é o espaço onde a geografia e a história, muitas vezes entristecedoras, dos homens encontram hospitalidade e atenção; a paróquia tem de contar a história de Deus-com-homem, deve anunciar uma alta sabedoria, a da cruz e uma surpreendente profecia, a da ressurreição⁵¹⁰.

De modo que, a paróquia⁵¹¹ deve ser a fonte de relação vital de Cristo para os cristãos. Deve ser considerada como casa espiritual e de humanização de todos os fiéis. Por isso, o Conselho paroquial, em comunhão com o seu pároco, faz avaliação da vida paroquial, serve-se de pulsação na comunidade. Procura identificar as aspirações dos seus membros e se coloca ao serviço da comunidade. Os desafios prioritários são descobertos dentro da própria comunidade.

⁵⁰⁴ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 77 : « Le Conseil pastoral est d'abord une configuration, un reflet en miniature de la communauté paroissiale qui, en un lieu, réalise la mission de l'Église ».

⁵⁰⁵ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 77.

⁵⁰⁶ DIOCESE DE CABINDA, «Comunicado final», *VIII Assembleia diocesana de pastoral* (Cabinda: 2016), 2; cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, *Mensagem pastoral dos Bispos Católicos de Angola e São Tomé*, «Tornar a Paróquia o centro da evangelização», n.13: «A paróquia é uma comunidade onde todos os fiéis, na variedade dos seus carismas e ministérios, são um sinal e instrumento de unidade para o mundo. A participação e a co-responsabilidade na Igreja, não são uma benévola concessão da autoridade, mas uma profunda e verdadeira exigência do ser na e da Igreja».

⁵⁰⁷ MASCIARELLI, *Un popolo sinodale*, 66-67: «il parroco è un uomo sinodale. In una parola sola, avere stile discepolare per il sacerdote significa declinare la sinodalità nel vissuto pastorale... la ragione della sinodalità risiede anzitutto nell'essere cristiano, cioè laico», cf. *CIC'83*, can. 521.

⁵⁰⁸ BORRAS, *Communion ecclésiale et Synodalité*, 117« C'est seulement par analogie avec l'évêque diocésain qu'elle reconnaît au curé une pleine charge pastorale », cf. *CIC'83*, can. 530.

⁵⁰⁹ MASCIARELLI, *Un popolo sinodale*, 98.

⁵¹⁰ MASCIARELLI, *Un popolo sinodale*, 99.

⁵¹¹ *CIC'83*, can. 515.

«Esperamos que deste empreendimento resultem paróquias mais operantes, constituídas por comunidades vivas, em que os seus elementos, tanto no plano pessoal como comunitário, se empenhem generosamente sentindo-se corresponsáveis, na tarefa divina da evangelização»⁵¹².

Consequentemente, desafios compreendidos no atendimento das necessidades básicas das pessoas mais desfavorecidas. Como afirmaram os membros d'Assembleia de pastoral: «que o Secretariado Diocesano da Pastoral social incentive a prática do Natal dos doentes, dos idosos e da criança a nível das Paróquias»⁵¹³. À guisa de conclusão, a sinodalidade passa pela dimensão humanitária, tocando os que perderam a esperança de vida.

3.1.3. A juventude face à sinodalidade diocesana

A sinodalidade juvenil interpela a comunidade diocesana. Acreditamos que, deveríamos recolocar o assunto ao centro da comunidade. Pensando nessa franja humana, que procura o real sentido da história, de vida e da natureza. Diante desta experiência, a Igreja não se absteve, continua com dinâmica e atenta aos acontecimentos da humanidade.

Como expressaram os Bispos de Angola: «a decisão de falarmos dos jovens e para os jovens, parte da convicção de que estes têm hoje uma urgente necessidade da palavra de orientação e de apoio, que deve vir de todos, sobretudo dos pais e responsáveis de famílias, das instituições sociais, estatais e eclesiais»⁵¹⁴.

Segundo a Igreja particular de Braga: «a missão da Igreja é sinfónica como articulação de todos os ministérios ou carismas»⁵¹⁵. Esta afirmação poderá corresponder melhor ao papel dos jovens para a missão evangelizadora da Igreja, quer universal quer aquela local.

Em outubro de 2018, o Papa Francisco pela sua solicitude pastoral e sábia inspiração, quis dedicar uma reflexão sinodal em prol explícito da juventude católica. Escolheu como tema «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional». Posto que, a evangelização juvenil exige diversas estratégias, metodologias dinâmicas, uma aprendizagem frequente da linguagem do seu tempo, para melhor assimilação e acolhimento dos mistérios cristãos.

Para se conquistar esta capacidade, se deve reinventar os métodos pastorais. O Papa Francisco chamou isto da “conversão pastoral, conversão missionária”. O Documento Final dos

⁵¹² ARQUIDIOCESE DE BRAGA, *40º Sínodo diocesano Bracarense: Livro do Sínodo* (Braga: 1994-1997), 4.

⁵¹³ DIOCESE DE CABINDA, «Comunicado final», 3; impressiona-nos a reflexão de José Mendes SERRAZINA, in CÁRITAS PORTUGUESA, *Pastoral Social, agentes e meios* (III Semana Nacional de Pastoral Social: Fátima, 1985), n.10, 5: «É ainda nosso desejo contribuir para a reflexão teológica das acções sociais da Igreja e para o conhecimento e aprofundamento da sua Doutrina Social: e, sobretudo, para o fomento e implementação das actuações com os mais pobres e marginalizados, de modo a progredirmos, em comunhão evangélica, (...);

⁵¹⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOME, *Mensagem Pastoral dos Bispos Católicos*, «A Juventude e a fé recebida», *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética: Documentos Episcopais 1999-2017*, n. 4.

⁵¹⁵ ARQUIDIOCESE DE BRAGA, *40º Sínodo Diocesano Bracarense: Livro do Sínodo*, 14.

Bispos do Sínodo da juventude (forma abreviada: DF), recomendou aos Pastores da Igreja e ao Povo de Deus:

O caminho sinodal insistiu no desejo crescente de dar espaço e corpo ao protagonismo juvenil. É evidente que o apostolado dos jovens junto dos outros jovens não pode ser improvisado, mas deve ser fruto dum caminho de formação sério e apropriado: como acompanhar este processo? Como oferecer melhores instrumentos aos jovens, para que sejam testemunhas autênticas do Evangelho? Esta pergunta coincide também com o desejo que muitos jovens têm de conhecer melhor a própria fé: descobrir as suas raízes bíblicas, compreender o desenvolvimento histórico da doutrina, o sentido dos dogmas e a riqueza da liturgia. Isto permite aos jovens refletirem sobre as questões atuais em que a fé é posta à prova, para saberem dar razão da esperança que há neles (cf. *1 Pd* 3, 15)⁵¹⁶.

A formação terá de ser sempre a chave fundamental para a descoberta dos destinos seguros para a juventude. Deu-se um grande avanço sinodal, dedicando um tempo, acolhendo as belas propostas para a missão e participação dos jovens na vida eclesial. A abertura para o diálogo inclusivo e valorativo, aplicando nova metodologia de convite, o lançamento de novos métodos pastorais, regenerou a vocação e o estado espiritual dos jovens.

Acreditamos no futuro promissor dos jovens católicos, como missionários para o mundo, na cultura e tecnologia, na defesa da ecologia humana e ambiental, etc. A sinodalidade juvenil poderá gerar vocações e serviço integral do povo de Deus. Face ao assunto, Papa Francisco interrogou aos jovens:

Como se vive a juventude, quando nos deixamos iluminar e transformar pelo grande anúncio do Evangelho? Trata-se duma pergunta importante que nos devemos colocar, pois a juventude não é motivo de que possamos vangloriar-nos, mas um dom de Deus: «ser jovem é uma graça, uma ventura». É um dom que podemos malbaratar inutilmente ou recebê-lo agradecidos e vivê-lo em plenitude⁵¹⁷.

Naturalmente, se pode pensar que a juventude seja uma fase sem fim. Quem assim proceder, necessita de auxílio. Salientamos que, a juventude não é fase permanente. Nesta circunstância, recomenda-se o maior discernimento no acompanhamento, para descobrir a sua vocação, fundada nos valores evangélicos e culturais consagrados em cada povo. Por outro, acrescenta o Pontífice, citando o documento final:

Como fase do desenvolvimento da personalidade, a juventude está marcada por sonhos que se vão formando, relações que adquirem consistência sempre maior e equilíbrio, tentativas e

⁵¹⁶ PADRES SINODAIS, Documento Final do Sínodo da Juventude (Roma: 2018), 160.

⁵¹⁷ FRANCISCO, Exortação apostólica pós-sinodal, *Christus vivit* (2018), n.134.

experiências, opções que constroem gradualmente um projeto de vida. Nesta época da vida, os jovens são chamados a lançar-se para diante, mas sem cortar com as raízes, a construir autonomia, mas não sozinhos⁵¹⁸.

De facto, a novidade juvenil encontra a sua satisfação nesta fase de sonhos, maiores aspirações, marcando a edificação das suas decisões graduais, construindo a personalidade e projetando para o além do futuro com os pés assentes sobre a superfície geográfica da sua cultura visível. Precisa sempre de uma luz interior pessoal e comunitária.

Sejamos sinal duma Igreja à escuta e em caminho. A atitude de escuta não se pode limitar às palavras que trocamos entre nós nos trabalhos sinodais. O caminho de preparação para este momento destacou uma Igreja «com deficit de escuta» inclusive para com os jovens, que muitas vezes se sentem não-compreendidos pela Igreja na sua originalidade e, por conseguinte, não aceites pelo que são verdadeiramente e, às vezes, até rejeitados. Este Sínodo possui a ocasião, a tarefa e o dever de ser sinal da Igreja que se coloca verdadeiramente à escuta, que se deixa interpelar pelas solicitações daqueles que encontra, que não tem uma resposta pré-confeccionada sempre pronta⁵¹⁹.

Todo o ser humano precisa de encontrar, quem o acolhe, quem compreende a sua história, com quem partilhar as suas alegrias e momentos cinzentos da existência. Com efeito, a exigência de escuta do próximo torna-se tão imprescindível para o bem, a fim de construir a felicidade necessária. A recomendação do Papa Francisco segue os ditames da identidade original e representativa da Igreja face à humanidade, em especial, perante a juventude.

Realçamos que, a sinodalidade juvenil terá maior razão do crescimento, se estiver associada à liturgia⁵²⁰. Posto que, ela manifesta a presença atuante de Deus de Jesus Cristo, ao longo da história da salvação. Se assemelha aos “*cabos elétricos*” condutores da energia aos determinados destinatários. Assim se pode comparar a função exercida pela liturgia na vida crente ou na comunidade eclesial. Dia após dia, a liturgia une todos os crentes a Deus.

Cada celebração litúrgica é uma profissão de fé em acção, não tanto da fé pessoal do ministro e dos fiéis que estão a celebrar a liturgia, mas da fé da Igreja. A fé que se professa, se vive e se celebra na liturgia, com palavras e gestos, é sempre a fé da Igreja, assumida e reconhecida como própria, por uma assembleia concreta e por determinados fiéis (cf. Catecismo da Igreja Católica, 1253 – 1255). A celebração litúrgica, enquanto manifestação principal da Igreja (cf. SC 41), é sempre lugar necessário – embora não único – no qual se confessa a fé: «Esta é a fé

⁵¹⁸ FRANCISCO, Exortação apostólica pós-sinodal *Christus vivit* (2018), n. 134.

⁵¹⁹ FRANCISCO, Discurso na abertura do Sínodo (3 de outubro de 2018), XV Assembleia Geral ordinária do Sínodo dos Bispos (vatican.va: acesso: 3 de maio de 21).

⁵²⁰ José Manuel, CORDEIRO, «Da Liturgia à vida», in *Didaskalia* XLIV (2014), 2, 211: «A Liturgia é obra teândrica, a atualização do mistério de Cristo em dimensão antropológica, no tempo e no espaço».

da Igreja, que nos gloriamos de professar, em Jesus Cristo, Nosso Senhor» (Ritual do Batismo)⁵²¹.

Toda a preocupação da pastoral juvenil deve partir deste princípio do mistério para dar o sabor à vida e aos anseios dos jovens na Igreja diocesana. Orientá-los para a celebração e vida. Que aprendam com docilidade o relacionamento com o sagrado através da liturgia. No fundo, a liturgia deve ser vista como “foral ou sinal luminoso” da estrada cristã. Havemos por bem de realçar que, a pastoral juvenil diocesana de Cabinda tem sido foco de atenção durante o período do episcopado de Dom Filomeno Vieira Dias. Contudo, herdou alguns traços do seu predecessor, Dom Paulino Fernandes Madeca, o primeiro bispo diocesano de Cabinda.

Por sua vez, o Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil tem motivado, animando e levado os jovens a descobrirem melhor o rosto de Deus Pai, pelo Filho no Espírito. Tem tomado diversas iniciativas diocesanas para a santificação da juventude, ao mesmo tempo, comprometido para o anúncio na vida social. Reconhecemos as enormes dificuldades enfrentadas pelos jovens daquela Diocese.

Portanto, a sinodalidade juvenil continua imperiosa para o engajamento desta faixa etária no interior da comunidade cristã. Houve sempre estratégias de formação espiritual e missionária juvenil, a fim de os tornar autênticos discípulos de Cristo no ambiente de vida. Conforme, exortaram os pastores da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé no outro ano pastoral, cujo tema é: “Juventude e a fé vivida”.

3.2. Assembleia da pastoral social: experiência sinodal

Neste momento, voltemos a nossa atenção para a vasta área de evangelização: a pastoral social na sua complexidade e multifacetada visibilidade. Custa pronunciar-se sobre a imensidão dos problemas sociais⁵²². Sempre convém, caminharmos juntos para a identificação, para o estudo e análise sistémica da vida social. Na inspiração de Dr. Acácio Ferreira Catarino, vem expressa:

As diferentes comunidades e sociedades de vida e de trabalho não podem também deixar de incluir entre os destinatários da pastoral social. Comunidades e sociedades tais como: - a localidade ou bairro onde se reside; a empresa ou serviço e o local onde se trabalha; a freguesia

⁵²¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA e S. TOMÉ, *Jovem, quero ficar em tua casa. A juventude e a Fé Celebrada*, Luanda (23 de novembro de 2018), n.3.

⁵²² COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A sinodalidade na vida e missão da Igreja* (2018), n.76, §2, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html#A_sinodalidade_na_Igreja_particular (acesso: 05 de junho de 2023).

e o município a que pertence; o país e, ainda, as comunidades ou sociedades internacionais e mundiais⁵²³.

Sairmos do modelo tradicional para nos colocarmos na estrada dos sem voz nem oportunidade de viver com dignidade fundamental dos humanos, faz parte da missão eclesial. Aqui está escondido o tesouro da identidade urgente e permanente da Igreja: o anúncio libertador e salvífico do Evangelho de Cristo em cada contexto e circunstância.

O Sínodo é um exercício eclesial de discernimento. Franqueza no falar e abertura na escuta são fundamentais para que o Sínodo seja um processo de discernimento. O discernimento não é um slôgane publicitário, não é uma técnica organizativa, nem uma moda deste pontificado, mas um *procedimento interior* que se enraíza num *ato de fé*. O discernimento é o método e, simultaneamente, o objetivo que nos propomos: baseia-se na convicção de que Deus atua na história do mundo, nos acontecimentos da vida, nas pessoas que encontro e me falam. Por isso, somos chamados a colocar-nos à escuta daquilo que nos sugere o Espírito, segundo modalidades e direções muitas vezes imprevisíveis⁵²⁴.

Colocar-se pela estrada da missão concreta, segundo o Espírito Santo, a fim de compreendermos, gradualmente, a verdadeira vontade de Deus sobre a Sua igreja, instituída pelo precioso sangue do Seu Filho Jesus. Sem o discernimento dos sinais emblematizados e manifestados dentro dos acontecimentos históricos, cremos que, ficará difícil de percebermos a riqueza e abundância dos dons de Deus no meio da comunidade eclesial⁵²⁵.

O discernimento nos aproxima da voz do Espírito Santo. Em cada circunstância humana requer atendimento presencial da comunidade. Em todos os acontecimentos do mundo haja a proximidade da Igreja, para dar vida em abundância aos necessitados. Por este motivo, «a juventude é o futuro da nação e da Igreja. É, de facto, uma força e uma energia que não podem detonar como explosivos destruidores, mas sim como uma corrente que inova e transforma, garantindo um futuro autêntico, segundo Deus e conforme com o Seu projecto de humanidade»⁵²⁶.

Mais ainda, as nossas comunidades cristãs e vários movimentos apostólicos estão, felizmente, cheios de jovens dinâmicos e disponíveis e alguns ávidos, como Zaqueu, de ver Jesus e de

⁵²³ CÁRITAS PORTUGUESA, Pastoral Social, *Agentes e meios* (III Semana Nacional de Pastoral Social, Fátima: de 2 a 6 de setembro de 1985), 21.

⁵²⁴ FRANCISCO, Discurso na abertura do Sínodo (3 de outubro de 2018), *XV Assembleia Geral ordinária do Sínodo dos Bispos* (acesso: 3 de maio de 21).

⁵²⁵ Bonifácio BERNARDO, «Sínodo diocesano: um serviço à missão da Igreja local», in *Didaskalia*, XLV, 1 (2015), 177 «A Igreja tem de ser permanentemente evangelizada para viver ao estilo do Evangelho, porque só assim se tornará evangelizadora e missionária. A seiva do Evangelho é para dar vida a quem o acolhe com fé».

⁵²⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, *Mensagem pastoral dos Bispos Católicos de Angola e São Tomé*, «A Juventude e a fé recebida», n.5.

seguir os Seus passos de salvação. Estes jovens tornam jovem a nossa Igreja e nos tornam jovens também a nós, seus Bispos⁵²⁷.

Segundo a estatística feita em 2014, pelo Instituto Nacional de Estatística de Angola, a população angolana é maioritariamente jovem. Neste levantamento, destacamos a presença da juventude angolana, sedenta da verdade e de outros valores humanos à luz do Evangelho, como Zaqueu, mencionado pelos bispos da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé.

Conhecendo e assumindo a sua própria realidade, os jovens quererão naturalmente a auto-superação, ou melhor, sentirão o desejo de superar tudo aquilo que ensombra o brilho da vida e do futuro. Neste sentido, os jovens precisam de modelos autênticos, de que abundam as Sagradas Escrituras e a história da Igreja, inclusive a mais recente⁵²⁸.

Finalmente, este pensamento dos bispos Católicos de Angola e São Tomé resume os desafios da necessidade de testemunhas simples e corajosas também visíveis dentro de todo o território, sem exceção para tirar as dúvidas da juventude e caminhar com ela. As jornadas diocesanas da juventude realizadas em cada ano, simbolizam a vizinhança dos pastores aos jovens e modalidade possível da sinodalidade juvenil. Sem esqueceremos das jornadas mundiais da juventude, forjadas por Papa João Paulo II. Onde acontece o encontro de jovens e culturas de vários povos e tantas nações do mundo com o papa.

3.2.2. O contributo dos leigos para a sinodalidade

Para o eficiente crescimento missionário dos leigos na Igreja local, devemos fortalecer a qualidade de formação. «Os leigos, membros da Igreja, precisam de contínuo e progressivo amadurecimento na fé que os move, através de uma formação multifacetada e de um empenhamento activo que valorize os ministérios laicais»⁵²⁹. Deve-se redescobrir as habilidades dos leigos, em diferentes campos do saber, partilhando conhecimentos com eles, promovendo reuniões de atualizações, quer dizer “*aggiornamento*”. Todo o ambiente sinodal tem de ser de escuta e discernimento⁵³⁰.

Por isso, forma, avalia, estuda e planeja em conjunto as tarefas para o progresso da diocese. De modo que, a contribuição sinodal supera a tendência individualista. Trabalhar em

⁵²⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, *Mensagem pastoral dos Bispos Católicos de Angola e São Tomé*, «A Juventude e a Fé recebida», n. 6.

⁵²⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, *Mensagem pastoral dos Bispos Católicos de Angola e São Tomé*, «A Juventude e a Fé recebida» (Linda, 2017), n.9.

⁵²⁹ Bonifácio BERNARDO, «Sinodo diocesano: Um serviço à missão da Igreja local», 177.

⁵³⁰ BORRAS, «Sinodalità ecclesiale, processi partecipativi e modalità decisionali. Il punto di vista di un canonista», in A. SPADARO – C. GALLI (edd.), *La riforma e le riforme nella Chiesa*, Queriniana, Brescia, 2016, 212-213: «La corresponsabilità è il fatto di una Chiesa di soggetti (cf. ChL 15a) ... Una Chiesa sinodale è una Chiesa che ascolta perché vuole discernere in vista della testimonianza».

conjunto, traz consigo uma sinergia, cria inovações para o bem comum da Igreja. Há razões e tanta necessidade de confiarmos encargos administrativos aos leigos.

A implementação da sinodalidade requer o envolvimento mais amplo possível dos batizados - a igreja diz respeito a todos - para discernir o que o Espírito diz à Igreja neste lugar, para buscar e encontrar a vontade de Deus, para que seu Reino chegue ao coração de essa história visava seu cumprimento. Agora, o Espírito “fala” através de diferentes mediações, como a escuta das Escrituras, o silêncio da oração, o crente relendo a vida e os acontecimentos, os sinais dos tempos, a comparação de pontos de vista, o *sensus fidei*, a reflexão teológica, o testemunho dos santos, autoridade pastoral, etc⁵³¹.

Cabe às comunidades eclesiais diocesanas tomarem maior consciência acerca da revitalização, reformulação e reconstrução das estruturas sinodais para o compromisso eficiente de todos os fiéis na Igreja⁵³². Como podemos perceber e discernir os sinais de atuação do Espírito Santo nas comunidades locais? Sem muitos artificios, a chave está presente neste texto acima exposto.

A imensa maioria do povo de Deus é constituída por leigos. Ao seu serviço, está uma minoria: os ministros ordenados. Cresceu a consciência da identidade e da missão dos leigos na Igreja. (...) Apesar de se notar uma maior participação de muitos nos ministérios laicais, este compromisso não se reflecte na penetração dos valores cristãos no mundo social, político e económico; limita-se muitas vezes às tarefas no seio da Igreja, sem um empenhamento real pela aplicação do Evangelho na transformação da sociedade. A formação dos leigos e a evangelização das categorias profissionais e intelectuais constituem um importante desafio pastoral⁵³³.

Gostaríamos de reverter o quadro hermenêutico, relativamente ao reenquadramento dos leigos na comunidade. Reconhecendo melhor os talentos e carismas, como sublinhou recentemente o Papa Francisco, na Carta sobre o “acesso das mulheres aos ministérios do Leitorado e do Acolitado”, dirigida ao Prefeito da Congregação para Doutrina da Fé:

Através dos sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia, os membros do Corpo de Cristo recebem do Espírito do Ressuscitado, em diferentes graus e com diferentes expressões, aqueles

⁵³¹ BORRAS, 213: «L’attuazione della sinodalità richiede il coinvolgimento il più possibile ampio dei battezzati – la chiesa riguarda tutti – per discernere ciò che lo Spirito dice alla Chiesa in questo luogo, per cercarvi e trovare la volontà di Dio, affinché il suo Regno venga al cuore di questa storia tesa verso il suo compimento. Ora, lo Spirito “parla” attraverso diverse mediazioni come l’ascolto delle Scritture, il silenzio della preghiera, la rilettura credente della vita e degli avvenimenti, i segni dei tempi, il confronto dei punti di vista, il *sensus fidei*, la riflessione teologica, la testimonianza dei santi, l’autorità pastorale ecc».

⁵³² António José, DE ALMEIDA, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, 13: «A Igreja, enquanto instituição divina e humana, exige uma acurada e crítica reflexão quando se trata de atualizá-la para que possa melhor realizar sua missão de levar a salvação de Jesus Cristo a seus contemporâneos».

⁵³³ EG 102.

dons que lhes permitem dar o contributo necessário para a edificação da Igreja e para o anúncio do Evangelho a todas as criaturas. O Apóstolo Paulo distingue a este respeito entre dons de graça-carismas (“charismata”) e serviços (“diakoniai” — “ministeria” [cf. Rm 12, 4 ss. e 1 Cor 12, 12 ss.]). De acordo com a tradição da Igreja, são chamados ministérios as diferentes formas que os carismas assumem quando são reconhecidos publicamente e são postos à disposição da comunidade e à sua missão de forma estável⁵³⁴.

De acordo com este esclarecimento pastoral, institucional e linguístico, notamos a profundidade de recapitulação da vocação missionária e participação litúrgica de todos os membros nas suas respetivas comunidades e igrejas particulares. Que ninguém estivesse posto fora de ação eclesial e ficasse no anonimato comunitário. Porque, «o sínodo diocesano é, por isso, tempo de graça e de renovação, (...)»⁵³⁵.

3.2.3. Os leigos e o acolhimento migratório como processo sinodal

A diocese de Cabinda não está longe da situação dos irmãos e irmãs, que atravessam as fronteiras territoriais, na busca de melhores condições de vida. O fluxo migratório parece uma tentativa de escapar-se dos perigos, por razões políticas, das guerras, quiçá da má gestão de recursos económicos, por questões climatéricas, do desemprego, nos países de origem.

Demonstra um esforço pastoral, de realizar o processo da nova evangelização. Nesse sentido, «a missão dos migrantes manifesta, por um lado, a catolicidade da Igreja e, por outro, mantém viva a tensão escatológica»⁵³⁶. Portanto, o esforço de acolhimento pertence à dinâmica eclesial; concretiza a sinodalidade social da Igreja Católica⁵³⁷.

A nível diocesano, existe serviço concreto, que trata pastoralmente dos migrantes. Foi instituído pelo então bispo da diocese, designado por Secretariado de assistência social e migração. Este Secretariado trabalha em harmonia com o Secretariado nacional da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé, para encontrar formas de ajudar os cidadãos vulneráveis⁵³⁸. A Igreja herdou de Israel esta dimensão, que determinou sua fé e espiritualidade. Não há evento, que tenha influenciado a fisionomia espiritual do povo de Deus como o êxodo do Egípto.

A história da Igreja é também uma história de êxodo⁵³⁹. Doravante, o acompanhamento dos migrantes, refugiados, itinerantes, turistas, os sem abrigo, torna-se um

⁵³⁴ FRANCISCO, *Carta ao Prefeito da Congregação para Doutrina da Fé sobre o acesso das mulheres ao ministério do Leitorado e do Acolitado*, 2021 (acesso: 7 de maio de 2021).

⁵³⁵ DIOCESE DE COIMBRA, *12º Sínodo diocesano* (Coimbra: 1999), 12.

⁵³⁶ SABBARESE, «Missio ad Migrantes: Missione della Chiesa. Lineamenti di organizzazione della pastorale della mobilità umana», in *Urbaniana University Journal* 57, 2 (2004), 39-40.

⁵³⁷ RICARDO FIGUEIREDO, *A teologia da catolicidade de Avery Dulles* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2022), 29.

⁵³⁸ DONATELLA ABIGNENTE, «Vulnerabilità della morale, morale della vulnerabilità», in *Urbaniana University Journal*, 75, 2 (2022), 19-44 (qui citamos a página 20).

⁵³⁹ SABBARESE, «Missio ad Migrantes: Missione della Chiesa», 40.

desafio a nível espiritual, cultural, social. Faz parte da solicitude do bispo da Igreja local. Recordamos que, todo o bispo deverá cuidar-se desta pastoral na sua diocese, incentivar a inserção dos migrantes na comunidade cristã, segundo as normas da lei eclesial em sintonia com as leis civis vigentes em cada país.

A Igreja é por natureza una e católica. Cada Igreja particular é católica, na medida em que realiza a única Igreja de Cristo, de modo que os migrantes na prática de sua fé não só não se sentem estranhos em qualquer país onde a Igreja de Cristo celebra a Eucaristia, a fonte de unidade, mas sensibiliza a Igreja particular a abrir-se ao universal e a experimentar a catolicidade de maneira mais visível em um lugar particular, junto e além das diferenças culturais⁵⁴⁰.

De facto, não há sinal mais visível, não há testemunho mais comovente e eloquente do que aquela abertura pastoral da Igreja aos necessitados, especialmente nos sacramentos e no cuidado de seus direitos sociais. Por esta razão, o tema da imigração coloca muitos factores no centro da reflexão política: a concepção de um estado moderno, uma nova ideia de sociedade, a interdependência entre o Norte e o Sul do mundo e, acima de tudo, o significado do fenómeno da migração: dimensão, o último, que a cultura italiana preserva em sua memória⁵⁴¹.

Estamos conscientes dos diferentes aspectos, que tornam os imigrantes e refugiados como instrumentos de comércio e de fácil rendimento em diversos contextos sociais. Precisamos de apresentar novos modelos pedagógicos e jurídicos para a partilha condigna de bens, sem gerar incidentes. «O fundamento das políticas de imigração para a Europa, em vez de serem económicas ou legais, deveria ser antropológico. O que significa restringir o direito de movimento das pessoas? Em que princípios é possível construir a Europa dos povos?»⁵⁴²?

Riscos e suspeitas de certos comportamentos desumanos causam restrições sociais. Na região de Cabinda, assistimos a intensa invasão de imigrantes ilegais, provocando um “aumento” da taxa de criminalidade. É necessário, colocar em prática uma pastoral integrada dos leigos, que estabeleça uma cooperação entre a Igreja e as entidades do Estado. É um grande areópago de evangelização para a Diocese de Cabinda. Por ali passará também a sinodalidade.

Eles serão a força do diálogo e a criação de comunidades para construir a sociedade civil de amanhã, que - seguindo as palavras do Papa Francisco - é capaz de “integrar, dialogar e gerar”.

⁵⁴⁰ SABBARESE, «Missio ad Migrantes: Missione della Chiesa.», 51: «La Chiesa è per sua natura una e cattolica. Ogni Chiesa particolare è cattolica, in quanto realizza l'unica Chiesa di Cristo, per cui i migranti nella pratica della loro fede non solo non si sentono stranieri in nessun paese dove vive e opera la Chiesa di Cristo che celebra l'Eucaristia, fonte di unità, ma sensibilizza la Chiesa particolare ad aprirsi verso l'universale e a sperimentare in maniera più visibile la cattolicità in un luogo particolare, insieme e al di là delle differenze culturali».

⁵⁴¹ F. OCCHETTA, «La gestione politica dell'immigrazione», in *Civiltà Cattolica* 168 (2017), 232-33.

⁵⁴¹ F. Occhetta, «La gestione politica dell'immigrazione», 232-33.

⁵⁴² F. OCCHETTA, «La gestione politica dell'immigrazione», 232-33.

A promoção da recepção é certamente uma questão geográfica, mas acima de tudo uma questão cultural⁵⁴³.

Desejamos que houvesse sempre diálogo responsável, construtivo e educativo com os imigrantes, mediante o espírito de humildade, velando acima de tudo, pela estabilidade, liberdade e respeito pelos cidadãos do país de acolhimento. Estamos diante de novos modelos antropológicos, com novas estruturas sociológicas, que poderão apresentar valores, mas também sinais contrários. É preciso muito empenho comunitário ou compromisso.

3.2.4. A pastoral carcerária e os leigos

José da Silva Lima, pela sua sapiência teológica, afirma que: «a Igreja é movimento em construção permanente. A ação pastoral ritma este movimento, constitui-o na sua originalidade, como dinamismo cuja fonte é Cristo presente até à consumação dos séculos»⁵⁴⁴. Este movimento pode tocar todos os humanos nas circunstâncias diversas, levando Cristo aos oprimidos, sem esperança.

Quão é importante a pastoral carcerária nos dias que ocorrem, sobretudo, nos meios vulneráveis da própria vida. O prestar cuidado aos encarcerados, deverá fazer parte da teologia sinodal do povo de Deus. Recordemo-nos da missão realizada por Cristo Jesus, conforme nos narra o Evangelista Lucas: «O Espírito do Senhor está sobre Mim, Ele me ungiu (...) libertar os oprimidos, (...)» (Lc. 4,18-19).

Seja assim, a missão da Igreja por intermédio dos leigos na vida social. Que o raio missionário venha atingir os centros de reclusão, as estruturas penitenciárias. Por isso, o acompanhamento dos prisioneiros poderá ser sempre outra prioridade pastoral. Porque há muitos desafios existenciais nos dias de hoje. Na verdade, precisamos do recurso humano, especialmente de leigos, para cumprirem a missão da Igreja.

A realização plena dos anseios da humanidade acontece no encontro com Jesus Cristo que é a manifestação clara do amor de Deus para conosco. Por isso, Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida e só nele o homem se descobre na grandeza da sua vocação e só nele se fundamenta a sua dignidade inviolável⁵⁴⁵.

Quando pensamos nas pessoas que padecem nas comunidades prisionais, sentimos cada vez mais o dever de resgatar a dignidade delas. Que se Proporcionem caminhos convenientes para o acompanhamento e a transformação da mentalidade. Porque muitos estão a cumprir uma prisão preventiva sem ajuda, sem celeridade judicial. Diante desta situação, a Igreja diocesana

⁵⁴³ F. OCCHETTA, «La gestione politica dell'immigrazione», 233.

⁵⁴⁴ José da Silva, LIMA, *Teologia Prática Fundamental: Fazei vós, também* (Universidade Católica: Lisboa, 2020), 30.

⁵⁴⁵ DIOCESE DE COIMBRA, *12º Sínodo diocesano* (Coimbra: 1999), 26.

tem de redobrar o esforço para auxiliar e favorecer à assistência necessária dos membros afetos, sobretudo, os cristãos reclusos. A pastoral carcerária pode entrar na cultura sinodal.

Trata-se de anunciar o Evangelho de libertação e de conversão social. Todos directa ou indirectamente, sabemos que as estruturas prisionais servem para a reparação dos danos e garantir a justiça aos lesados na sociedade ou comunidade. Naturalmente, nem todos são prisioneiros normais. Mas todos têm direitos à própria natureza humana. Há também quem se encontre detido por motivos nobres, tal como os chamados prisioneiros de consciência.

Em tudo requer precaução, acompanhamento, diálogo e inclusão social. Conhecer as dificuldades dos cativeiros, faz parte da missão da Igreja, em particular, da missão social dos leigos. Nesta dimensão, acontece a sinodalidade carcerária.

3.3.5. A missão dos leigos nos centros de saúde

Compadecido da miséria humana, a Igreja como corpo místico do Senhor, prolonga a missão do Redentor na própria história humana. Jesus curou tantas enfermidades. Certamente, continua com a ação de cura mediante a comunidade dos discípulos-missionários de geração em geração. Interpela a consciência dos seus seguidores, a fim de agirem com a compaixão, estabelecer o acompanhamento e disponibilizar os meios de consolação dos tribulados.

Por este motivo salvífico, convida e envia todos os membros da comunidade, para cuidarem-se dos doentes, em todas as circunstâncias da vida. «Neste sentido, a vulnerabilidade traduz uma fenda verdadeiramente humano e do mundo»⁵⁴⁶.

A experiência da doença faz-nos sentir a nossa vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, a necessidade natural do outro. Torna ainda mais nítida a nossa condição de criaturas, experimentando de maneira evidente a nossa dependência de Deus. De facto, quando estamos doentes, a incerteza, o temor e, por vezes, o pavor impregnam a mente e o coração; encontramos-nos numa situação de impotência, porque a saúde não depende das nossas capacidades nem do nosso afã (cf. Mt 6, 27)⁵⁴⁷.

Ninguém é tão forte⁵⁴⁸ perante a doença; ninguém é autossuficiente, de modo a vencer sozinho a enfermidade, como nos ensina e nos lembra o Papa Francisco. Porque a condição de enfermidade paralisa a nossa criatividade, imobiliza algumas faculdades do ser pessoa. Pode

⁵⁴⁶Giovanni ANCONA, «Editoriale», in *Urbaniana University Journal*, 75, 2 (2022), 5-7: «In tal senso, la vulnerabilità traduce uno spaccato veritativo dell'umano e del mondo».

⁵⁴⁷FRANCISCO, Mensagem para o XXIX Dia Mundial do Doente (20 de dezembro de 2020), https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20201220_giornata-malato.html (acesso: 12 de junho de 2021).

⁵⁴⁸ANCONA, «Editoriale», in *Urbaniana University Journal*, 75, 2 (2022), 7.

levar para o desespero⁵⁴⁹ parcial, provavelmente, total o doente. Algumas enfermidades levam para o isolamento, ou seja, para uma dependência total dos outros.

Efectivamente, nesta pastoral da saúde, a diocese de Cabinda necessita mais do engajamento dos leigos. Nela descobrimos tanto a proximidade da Igreja, imitando o exemplo de Jesus Cristo⁵⁵⁰, Servo de consolação, Médico dos corpos e das almas dos enfermos. Com evidência, a pastoral da saúde deve constar como prioridade em todos os pontos da comunidade diocesana.

Praticar a pastoral da saúde, implica viver a sinodalidade com os que sofrem diversas enfermidades. João Paulo II nos deixou a sua experiência profunda para compreensão da doença e sobre o sentido cristão do sofrimento humano, afirmando:

O sofrimento humano constitui em si próprio como que um «*mundo*» específico, que existe juntamente com o homem, que surge nele e passa, ou então que as vezes não passa, mas se consolida e aprofunda nele. Este mundo do sofrimento, abrangendo muitos, numerosíssimos sujeitos, existe *por assim dizer na dispersão*. (...) A par disso existe também a dimensão inter-humana e social. O mundo do sofrimento possui como que uma sua *própria capacidade*. Os homens que sofrem tornam-se semelhantes entre si por efeito da analogia da sua situação, da provação do destino partilhado, ou da necessidade de compreensão e de cuidados; mas sobretudo, talvez, por causa do persistente interrogar-se sobre o sentido do sofrimento. Embora o mundo do sofrimento exista na dispersão, contém em si, ao mesmo tempo, um singular desafio à *comunhão e à solidariedade*. Procuraremos dar ouvidos também a este apelo na presente reflexão⁵⁵¹.

A propósito disso, menciona o papel social da doença, descreve os efeitos colaterais da doença na vida de uma pessoa. Interpela para a consciência de solidariedade, nos momentos tão dramáticos e do sofrimento (2 Cor 12,9). Não colaborou com as leis de eutanásia ou de exclusão de um paciente em estado terminal. É preciso superar a mentalidade mercantil face a doença.

Portanto, o sofrimento humano nos eleva para ascese e mística de simplicidade, neste mundo passageiro. Determina a nossa vulnerabilidade⁵⁵². Como nos ensina o Teólogo Vidas Balcius, «o Próprio Deus, porém, em Cristo Jesus restitui o sento autêntico da vulnerabilidade.

⁵⁴⁹ ANCONA, «Editoriale», in *Urbaniana University Journal*, 75, 2 (2022), 6: «Tra l'altro, in un'ottica credente cristiana, l'incarnazione del Figlio di Dio rivela che lo stesso Creatore non si è sottratto dall'assumere, per la nostra salvezza, la vulnerabilità dell'uomo e del mondo, dicendoci così la realtà misteriosa di Dio e dell'uomo».

⁵⁵⁰ Giovanni ANCONA, «Editoriale», in *Urbaniana University Journal*, 7: «Lo stesso Gesù Cristo, il qual ha sperimentato sino in fondo la vulnerabilità umana, ci ha avvertiti in merito e ci ha incoraggiati a conservarci integri nella fede, saldi nella speranza e fecondi nell'amore».

⁵⁵¹ João PAULO II, Carta Apostólica *Salvifici Doloris* (11 de fevereiro de 1984), n. 8.

⁵⁵² Vidal BALCIUS, «Introduzione al Focus», in *Urbaniana University Journal*, 75, 2 (2022), 16: «Essere umani significa, quindi, riconoscere di essere vulnerabili, accettarsi nella condizione della debolezza e, di conseguenza, vivere ed agire da vulnerabili con i vulnerabili».

Esta é uma dimensão constitutiva do homem-criatura, entendido na sua condição de ser com limitações do espaço-tempo»⁵⁵³. Os centros de saúde também são caminhos de sinodalidade.

3.3.6. A pastoral diocesana dos idosos

Ser idoso, não significa tornar-se menos humano, nem tão pouco reduzir a dignidade fundamental do ser humano. Acima de tudo, diz respeito à maturidade de idade de peregrinação terrena. A exemplo do velho Simeão, narrado pelo Evangelista Lucas, que esperava pela salvação de Israel. Procuremos evitar a cultura do descarte e de vulnerabilidade. Que os idosos fossem vistos como património humano. Para Papa Francisco,

A “riqueza dos anos” é a riqueza das pessoas, de cada pessoa que tem muitos anos de vida, de experiência e de história. É o tesouro precioso que se forma ao longo da vida de cada homem e mulher, qualquer que seja a sua origem, a sua proveniência, as suas condições económicas ou sociais. Pois a vida é um dom, e quando é longa é um privilégio, para si mesmo e para os outros. Sempre, é sempre assim⁵⁵⁴.

Também assim deveria suceder para qualquer ser humano, ao alcançar a terceira idade. Em primeiro plano, devia sentir-se acolhido, estimado, acompanhado, tutelado pelos seus membros familiares, pela sociedade da qual pertence e, pelo empenho do Estado.

Acredito que seja importante dentro da Igreja aproveitar os muitos anos de experiência de vida que os idosos têm. Muitas vezes penso na necessidade que a Igreja tem hoje de crescer os jovens na fé com a ajuda dos avós. As gerações das pessoas que têm atualmente trinta, quarenta e até mesmo cinquenta anos não possuem um grande conhecimento da fé, enquanto as pessoas que viveram a fé católica por muitos anos têm muito para oferecer e nós devemos fazer delas protagonistas na Igreja. Não no sentido de “importância”, mas de ajudá-las a encontrar um sentido da vida na realidade do mundo de hoje⁵⁵⁵.

Enalteçemos o maior esforço vigente em vários setores públicos, pela contribuição de muitas organizações nacionais, regionais, continentais, internacionais para a defesa integral dos idosos, principalmente, referindo-nos dos mais inseguros, em estado de riscos. Posto que, em algumas dessas organizações estão presentes os leigos, cristãos profissionais e voluntários. Por esse meio, passa a experiência sinodal, requerida nos nossos dias.

⁵⁵³BALCIUS, «Introduzione al Focus», in *Urbaniana University Journal*, 75, 2 (2022), 15: «Dio stesso, però, in Cristo Gesù restituisce il senso autentico della vulnerabilità. Essa è una dimensione costitutiva dell'uomo-creatura, inteso nella sua condizione di essere posto nelle limitazioni dello spazio-tempo».

⁵⁵⁴ FRANCISCO, Discurso aos Participantes no Congresso Internacional “A riqueza dos Anos”, (31 de janeiro de 2020), https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/january/documents/papa-francesco_20200131_congresso-pastoraleanziani.html (acesso: 12 de junho de 2021).

⁵⁵⁵ DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA, I Congresso Internacional da Pastoral dos Idosos: «A riqueza dos anos» (23 de janeiro de 2020), in <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-01/riqueza-dos-anos-primeiro-congresso-pastoral-idosos.html> (acesso: 12 de junho de 21).

Podemos sublinhar a intervenção permanente e missionária do Dicastério Pontifício para o desenvolvimento humano integral, pelo seu trabalho sem cessar, em prol do clamor dos povos, em particular, das pessoas da terceira idade, em via do sofrimento ou de abandono.

Quando pensamos nos idosos e falamos deles, ainda mais na dimensão pastoral, devemos aprender a mudar um pouco os tempos verbais. Para os idosos não há apenas o passado, como se para eles houvesse apenas uma existência vivida e um arquivo bolorento. Não. O Senhor pode e quer escrever com eles também novas páginas, páginas de santidade, de serviço, de oração (...) Hoje gostaria de vos dizer que os idosos são ainda o presente e o futuro da Igreja. Sim, eles são também o futuro de uma Igreja que, juntamente com os jovens, profetiza e sonha! Por isso é tão importante que os idosos e os jovens falem uns com os outros⁵⁵⁶.

O Papa exorta toda a comunidade cristã e a cada um dos seres humanos, especialmente dos agentes da pastoral, a fim de mudarem a linguagem. Pede que possam efectuar uma revisão da gramática pastoral, no trato com os idosos do nosso tempo. Não estão ultrapassados. Têm muito por dar, por distribuir e comunicar às novas gerações. Busquemos das fontes histórico-antropológicas o sabor do conhecimento, o perfume escondido da sabedoria.

Conclusão

Ao longo do terceiro capítulo, houve ousadia de destacar os campos principais para uma Igreja sinodal. Anualmente, a diocese de Cabinda seguindo o exemplo e as orientações emanadas pela Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé, tem realizado uma assembleia diocesana de pastoral. Nesta ocasião, celebra-se uma espécie de sinodalidade diocesana.

Nesta vertente, renovamos o nosso desejo de realização dos sínodos diocesanos; o conselho paroquial pode ser imagem real e apropriada de vivência sinodal entre Pároco e seus fiéis. De facto, a sinodalidade paroquial requer a corresponsabilidade, a comunhão e a missão; podemos afirmar que, a presença dos leigos na pastoral carcerária, na pastoral da saúde, a fundação dos tribunais diocesanas de primeira instância, a promoção do congresso pastoral dos idosos e o acompanhamento da juventude poderão proporcionar a vivência sinodal.

⁵⁵⁶FRANCISCO, Discurso aos Participantes no Congresso Internacional “A riqueza dos Anos”, (31 de janeiro de 2020), https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/january/documents/papa-francesco_20200131_congresso-pastoraleanziani.html (acesso: 12 de junho de 2021).

CAPÍTULO QUARTO

DESAFIOS TEOLÓGICOS E PASTORAIS

DA SINODALIDADE

Introdução

Tendo em conta às questões teológicas⁵⁵⁷ e pastorais pertinentes, surgem as interrogações:

Como falarmos da sinodalidade? O povo de Deus estará preparado para a sinodalidade? O perfil das Igrejas particulares permite a dinâmica sinodal? Quais são os limites da sinodalidade? Porventura a sinodalidade será democratização da Igreja? Como funciona o poder do bispo diocesano? Qual tem sido o esforço do povo de Deus para a compreensão da sinodalidade?

Num primeiro momento, nos debruçaremos sobre a articulação entre sinodalidade e autoridade, em particular na Igreja de Cabinda. Num segundo, trataremos da reflexão sobre a participação missionária dos leigos na Igreja de Cabinda. Como poderemos ver, a seguir.

4.1. Autoridade e sinodalidade na Igreja

Para que isto aconteça, temos de analisar os “prós e contras” sobre a natureza da autoridade e da sacralidade da Igreja⁵⁵⁸. Encontramos o contributo de Legrand sobre as verdades teológicas, que exigem compreensão para a realização da sinodalidade. Para Legrand, há três verdades teológicas: o Evangelho, a comunhão colegial e a comunhão sinodal. Assim, descobrimos alguns desafios para a pastoral sinodal. No nosso entender, isto dependerá do conhecimento sobre a Igreja e da sua missão⁵⁵⁹.

O Evangelho é o critério principal para a sã governabilidade da Igreja. A colegialidade manifesta a comunhão entre os bispos; a sinodalidade é vista como comunhão total da Igreja. Deste modo, fica claro que, os fiéis e os pastores, todos devem ser orientados pelo Evangelho. São chamados a levarem uma vida segundo o Evangelho.

⁵⁵⁷ Emmanuel Kuvialeka PAULO, *Teologia da inculturação: segundo os sínodos continentais* (Paulus Editora: Lisboa, 2013), 60: «Na prática pertence à teologia do magistério captar a natureza sinodal da Igreja. Não o reconhecimento da especulação produzida pelos teólogos, mas a reelaborada com autoridade pelo magistério na forma sinodal que obviamente se alimenta também daquela elaborada pelos teólogos, (...)».

⁵⁵⁸ Hervé LEGRAND, «O Evangelho no coração de uma Igreja Sinodal: o governo da Igreja segundo o Papa Francisco», in *I Semana Teológica Internacional de Luanda (STIL): A Teologia face aos desafios de África hoje*, coord. José Nunes – José Paulo (2022), 54: «o governo da Igreja deve colocar o Evangelho no seu centro e, ao mesmo tempo, a comunhão da Igreja deve ser sinodal e colegial».

⁵⁵⁹ PAULO, *Teologia da inculturação: segundo os sínodos continentais*, 58.

Porque o Evangelho molda o agir da Igreja. O Evangelho nos narra a vida terrena de Jesus e o seu ministério salvífico. Com efeito, ninguém está acima dele. «Como se sabe, a Igreja é essencialmente um mistério, e se para nos aproximarmos deste mistério há necessidade de modelos, a Bíblia apresenta-nos um bom número»⁵⁶⁰.

Quanto à comunhão colegial, temos de afirmar que, pela vontade e liberalidade de Jesus Cristo, a Igreja⁵⁶¹ foi confiada à solicitude pastoral dos bispos⁵⁶², como autênticos sucessores dos apóstolos. Portanto, a comunhão desses é imprescindível para o bem da Igreja universal. Nela está a fidelidade evangélica e missionária.

A comunhão colegial tem sido o testemunho real para a evangelização⁵⁶³. Trata-se de uma comunhão afectiva e efectiva. Uma comunhão que brota do Espírito Santo, passa pela gestão do recurso humano eclesial, promove a comunhão nas Igrejas particulares, Igrejas regionais e continentais, em sintonia com o Papa, cabeça do colégio Episcopal⁵⁶⁴.

Olhando para os pressupostos teológicos acima afluídos, provavelmente, não terão restado equívocos sobre o estilo e métodos aplicados para a teologia da sinodalidade. No fundo, precisamos de fazer a conversão pastoral. Sem ela, a sinodalidade não poderá funcionar bem. Para o nosso esclarecimento, apoiemo-nos da eclesiologia de Gilles Routhier: «a figura de Cristo servo retomada pelo Vaticano II e a experiência dos monges de Tibhirine podem servir como possíveis vias para repensarmos a Igreja para hoje: (...) ser sinal»⁵⁶⁵.

Por este motivo, existem pontos da comunidade crente, por rever. Trazemo-los à superfície: a relação entre o primado e colegialidade, entre o bispo diocesano e os bispos auxiliares, entre o bispo diocesano e bispos coadjutores, entre o bispo diocesano⁵⁶⁶ e o

⁵⁶⁰ PAULO, *Teologia da inculturação: segundo os sínodos continentais*, 59.

⁵⁶¹ PAULO, *Teologia da inculturação: segundo os sínodos continentais*, 59.

⁵⁶² LG 27.

⁵⁶³ LG 23.

⁵⁶⁴ PAULO, *Teologia da inculturação: segundo os sínodos continentais*, 61; cf. LG 18 e LG 22.

⁵⁶⁵ Gilles ROUTHIER, «Quale futuro delle chiese d'Occidente? Come re-inventare l'antica chiesa in un contesto sempre più mondiale?», in *Studia Patavina*, 69,1 (2022), 91: «La figura di Cristo servo ripresa dal Vaticano II e l'esperienza dei monaci di Tibhirine possono proporsi come possibili vie per ripensare la chiesa per l'oggi: (...)».

⁵⁶⁶ PAULO, *Teologia da inculturação: segundo os sínodos continentais*, 61 «O primado que o bispo exerce na diocese deve ter em conta o colégio presbiteral, porque o bispo é também copresbítero, embora com responsabilidade refletida na vida eclesial e no respeito dos organismos da diocese».

presbitério⁵⁶⁷, o bispo e a cúria diocesana⁵⁶⁸ (vigário-geral⁵⁶⁹, os vigários judiciais⁵⁷⁰, chanceler⁵⁷¹, notário⁵⁷²), o bispo diocesano⁵⁷³ e os vigários episcopais⁵⁷⁴, a autonomia do bispo diocesano perante a Conferência Episcopal⁵⁷⁵ “nacional”, o bispo diocesano e os diáconos⁵⁷⁶, o bispo diocesano e os leigos⁵⁷⁷.

Gostaríamos de dizer que, o conceito errôneo da autoridade está impregnado no pensamento de vários membros da Igreja. Isto não favorece a sinodalidade. «A sinodalidade é um processo dinâmico e nunca realizado»⁵⁷⁸. Trata-se de verificarmos com precaução a modalidade de recepção e do funcionamento da autoridade nas estruturas da Igreja.

A transparência financeira diocesana é outro desafio para a realização da sinodalidade. Recomenda-se, que houvesse prestação de contas à comunidade diocesana e/ou paroquial. Os bispos⁵⁷⁹ ou párocos estarão preparados para isto? A realização favorável deste processo ainda

⁵⁶⁷ LG 28: «Os presbíteros, como esclarecidos cooperadores da ordem episcopal e a sua ajuda e instrumento, chamados para o serviço do Povo de Deus, constituem com o seu Bispo um presbitério com diversas funções».

⁵⁶⁸ CIC'83, can. 469: «La curia, por disposición del Concilio, debe organizarse de forma que resulte un instrumento apto para el Obispo, y no sólo para la administración de la diócesis (ChD 27). Por eso el CIC señala dentro de ella tres grandes campos: ejecutivo o administrativo, el judicial (que es parte de la curia pero que se rige por leyes propias dado su carácter específico) y el de la acción pastoral (...) se convierte en el verdadero corazón de la diócesis, en el motor de la pastoral diocesana».

⁵⁶⁹ CIC'83, can. 475,1: «El oficio de vicario general, (...), está configurado desde la preocupación de asegurar la unidad de gobierno y la respuesta a las exigencias de la *salus animarum* (cf 479)».

⁵⁷⁰ CIC'83, can. 472.

⁵⁷¹ CIC'83, can. 482,1: «La figura del canceller es preceptiva. También es apropiada la nomenclatura “secretario-canciller” o “secretario general”, pues el CIC incluye los dos nombres. El c. describe tres facetas esenciales de este oficio de carácter técnico-administrativo, a las que hay que añadir las del c. 484, pues el canceller es, a la vez, notario nato de la curia».

⁵⁷² CIC'83, can. 484, 1: «redactar las actas y documentos referentes a decretos, disposiciones, obligaciones y otros asuntos para los que se requiera su intervención» (O ofício dos notários, artigo 1º);

⁵⁷³ CIC'83, can. 473, 1: «Al dirigir y coordinar el funcionamiento de todos los órganos diocesanos, el Obispo tendrá presente, como principio general, que las estructuras diocesanas deben estar siempre al servicio del bien de las almas y que las exigencias organizativas no deben anteponerse al cuidado de las personas. Por tanto, es necesario actuar de modo que la organización sea ágil y eficiente, extraña a toda inútil complejidad y burocratismo, con la atención siempre dirigida al fin sobrenatural del trabajo».

⁵⁷⁴ CIC'83, can. 476.

⁵⁷⁵ PAULO, *Teologia da inculturação: segundo os sínodos continentais*, 63; cf. LG 23, § 4: «De modo semelhante, as Conferências episcopais podem hoje aportar uma contribuição múltipla e fecunda para que o sentimento colegial leve a aplicações concretas».

⁵⁷⁶ LG 29.

⁵⁷⁷ LEGRAND, «O Evangelho no coração de uma Igreja Sinodal: o governo da Igreja segundo o Papa Francisco», 60.

⁵⁷⁸ PAULO, *Teologia da inculturação: segundo os sínodos continentais*, 63.

⁵⁷⁹ LEGRAND, «O Evangelho no coração de uma Igreja Sinodal: o governo da Igreja segundo o Papa Francisco», 55: «A palavra do Papa Francisco tem muito mais força, porque ele cumpre o que diz e exprime-se por símbolos muito eloquentes. Eleito papa, guardou os sapatos já usados que tinha, pagou do seu bolso a fatura do hotel e para as suas deslocações serve-se de um carro usado, em vez do Mercedes habitual»; cf. Gilles G. ROUTHIER, «Quale futuro delle chiese d'Occidente? Come re-inventare l'antica chiesa in un contesto sempre più mondiale?», 91: «Alla chiesa viene chiesto di ridefinirsi in forza di un percorso di conversione nel quale, abbandonata ogni pretesa di superiorità, si ritrovi non al margine, ma mescolata in modo solidale con la vita degli uomini».

parece complexo. Como escreve Legrand: «tenhamos bem em conta que este estilo de consulta e de decisão em comum, leva tempo e exigirá uma formação mais apurada dos sacerdotes»⁵⁸⁰.

Visto que, os que são elevados para o episcopado, antes, pertencem à ordem presbiteral. Tenhamos em consideração este dado cristológico-eclesiológico. Porque o requisito requerido para o episcopado, consiste na idoneidade⁵⁸¹ do candidato eleito. O Código do Direito Canónico faz menção sobre a gestão dos bens culturais e patrimoniais da Igreja.

A identificação desses desafios, poderá assegurar a eficácia da sinodalidade. Merecem, de facto, toda a nossa atenção e predisposição. Recordamos de que, a nossa pesquisa diz respeito à sinodalidade diocesana, cujo foco se concentra na diocese de Cabinda.

Alphonse Borras teve uma visão canónica, ligada ao poder (governo)⁵⁸² de consulta e ao poder deliberativo. Existe uma tensão permanente entre os poderes. Entretanto, a sinodalidade prevê o respectivo objectivo para toda a Igreja. No entanto, pertence ao bispo diocesano discernir, decidir e implementar em todo o seu território, aquilo que achar conveniente, sempre para o bem da Igreja.

Teologicamente, não houve mudança sobre a identidade do bispo. Mediante a ordenação é revestido do Espírito Principal (Espírito Santo). Em contrapartida, como humano, precisa de caminhar com o povo e o seu presbitério. Sem colocarmos em causa a especificidade sacramental do bispo, Hervé Legrand deu-nos um contributo, durante a Semana Teológica Internacional de Luanda, realizada em Luanda (2017), quando afirmou:

Um governo da Igreja, segundo a eclesiologia de comunhão, exige a colaboração de cada um, de todos e de alguns, que passa pela ativação de diversos conselhos e será a sua expressão mais significativa no Sínodo Diocesano que reúne o Bispo, os sacerdotes e os leigos, isto é, o Povo de Deus na sua diversidade⁵⁸³.

Sempre que se pensa na teologia da sinodalidade, nos depararemos com um paradoxo sobre a modalidade sóbria para uma Igreja serva, na qual as autoridades, caso concreto do bispo diocesano, se configuram com Cristo Jesus, Servo de todos. O que acabamos de referir, traz uma explicação antropológico-cristológica. Na sua humanidade, Jesus demonstrou-nos o sentido real do poder. Nisto, a teologia de Legrand parece tão explícita. O Povo de Deus terá

⁵⁸⁰LEGRAND, «O Evangelho no coração de uma Igreja Sinodal: o governo da Igreja segundo o Papa Francisco», 61.

⁵⁸¹CIC'83, can. 378,1.

⁵⁸²LEGRAND, «O Evangelho no coração de uma Igreja Sinodal: o governo da Igreja segundo o Papa Francisco», 53.

⁵⁸³LEGRAND, «O Evangelho no coração de uma Igreja Sinodal: o governo da Igreja segundo o Papa Francisco», 60.

de estar sempre ao centro da comunidade, evitando a auto-referencialidade dos pastores. Posto que, os pastores são eleitos e ordenados para o povo.

Que se descartem do individualismo⁵⁸⁴ e da tendência de absolutização do poder para a sua auto-realização. Saibamos que, na vida da Igreja, todo o poder está ligado ao serviço. O espírito do serviço molda o poder eclesial, nunca o inverso. Outrossim, que os leigos não se sintam acéfalos na comunidade. Reconheçam o valor explícito do ministério ordenado.

Assim, haja o desenvolvimento da cultura de diálogo entre pastores e fiéis, conforme frisou o Professor António Martins: «a prática sinodal pressupõe e exige um clima de diálogo a marcar as relações no interior da Igreja e desta com o mundo contemporâneo»⁵⁸⁵.

4.2. A participação missionária dos leigos

Relativamente à missão, os leigos não devem ser vistos como anexo nem tão pouco estrangeiros, como exortou o apóstolo Paulo aos Efésios: “*Não sois estrangeiros, mas concidadãos dos santos*” (Ef 2,19). Levemos a sério o enquadramento dos leigos. «É assim que se articulam a colegialidade dos Bispos e a sinodalidade local, onde os leigos têm oportunidade de dizer uma palavra sobre certo número de questões que a eles se referem antes de mais, por exemplo, a família, (...)»⁵⁸⁶.

Na matéria de gestão da família, encontramos a lição por parte dos leigos, comprometidos na dimensão conjugal. Eles têm a última palavra, quiçá a verdadeira avaliação e proposta para a pastoral familiar. Eles experimentam quer nas alegrias quer nas tristezas o peso da comunhão assim como da verdade sobre a fé cristã, sobre os direitos fundamentais do matrimónio.

Dias e noites, os leigos em famílias, solidamente organizadas, alimentadas pelos valores evangélicos, na medida do possível, têm cumprido com as suas responsabilidades. Pela vontade do Papa Francisco, lembremo-nos dos sínodos sobre a família (2014 e 2015), onde aprendemos uma novidade incondicional sobre a sinodalidade.

A família permanece no centro das atenções eclesiais como um desafio para todas as outras vocações eclesiais e sociais. Pois, a sinodalidade traz desafios, encontra enormes desafios pastorais e vasta densidade dos assuntos teológicos. Cientes disto, propomos uma condição, a formação permanente dos leigos e da totalidade do povo de Deus.

⁵⁸⁴ António MARTINS, *A sinodalidade na vida da Igreja: fundamentos e perspectivas* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2021), 27.

⁵⁸⁵ MARTINS, *A sinodalidade na vida da Igreja: fundamentos e perspectivas*, 26.

⁵⁸⁶ LEGRAND, «O Evangelho no coração de uma Igreja Sinodal: o governo da Igreja segundo o Papa Francisco», 60.

Nas circunstâncias actuais, cabe também aos leigos⁵⁸⁷, reinventarem os caminhos missionários, poucos explorados pela hierarquia. Que possam comprometer-se pela causa do Evangelho. Consigam fertilizar a sociedade e o mundo. Claro que, enquanto baptizados, caminham através do diálogo franco com autoridade⁵⁸⁸ da comunidade local.

Escutem a Palavra de Deus e possam dar o testemunho público da fé. Certamente, o povo de Deus tem ganhado a maior mobilidade pastoral, na Igreja diocesana. «De muitas maneiras se poderá tomar a sério o facto de que a Igreja é o Povo de Deus Pai, o Corpo de Cristo e o Templo do Espírito Santo»⁵⁸⁹. Os leigos pertencem a grande família de Deus⁵⁹⁰. Pela sua peculiaridade, poderão receber um mandato da Igreja para um serviço eclesiástico⁵⁹¹.

Consequentemente, a autoridade eclesiástica respeite a liberdade⁵⁹² das associações laicais. «A intenção de restituir plena dignidade à condição laical e promover, assim, uma definição positiva da vocação e da missão dos leigos era o projecto conhecido»⁵⁹³, como escreve, sucessivamente, Mulamba.

Por consequência, o Papa Francisco promove uma eclesiologia tradicional, que é coerente: numa Igreja que é o Povo de Deus, o Corpo de Cristo e o Templo do Espírito Santo, todos são responsáveis – no povo e no corpo -, segundo as diversidades dos seus carismas e dos seus ministérios na comunidade eclesial local⁵⁹⁴.

Encoraje a fundação das associações e assista-as para o melhor crescimento eclesial dos membros. Procure incentivar⁵⁹⁵ o apostolado efectivo dos leigos⁵⁹⁶. Por conseguinte, que participem da missão através do desempenho das suas tarefas, santificando o mundo⁵⁹⁷, pela oração quotidiana e pela caridade social. «Pela graça do Baptismo, todo o fiel tem a missão de ir anunciar a Boa Nova da Salvação, mandato confiado por Jesus ressuscitado à Igreja no dia da sua despedida antes de subir para o Pai»⁵⁹⁸.

⁵⁸⁷LEGRAND, «O Evangelho no coração de uma Igreja Sinodal: o governo da Igreja segundo o Papa Francisco», 58.

⁵⁸⁸BORRAS, *Communione ecclesiale et Synodalité : comprendre la synodalité selon le pape François*, 95.

⁵⁸⁹LEGRAND, «O Evangelho no coração de uma Igreja Sinodal: o governo da Igreja segundo o Papa Francisco», 61.

⁵⁹⁰Paulino MULAMBA, *Os Novos Movimentos fundados em Cabinda: uma abordagem teológico-pastoral* (Principia Editora: Cascais, 2019), 170.

⁵⁹¹BORRAS, *Communione ecclesiale et Synodalité : comprendre la synodalité selon le pape François*, 94.

⁵⁹²MULAMBA, *Os Novos Movimentos fundados em Cabinda: uma abordagem teológico-pastoral*, 154.

⁵⁹³MULAMBA, *Os Novos Movimentos fundados em Cabinda: uma abordagem teológico-pastoral*, 67.

⁵⁹⁴LEGRAND, «O Evangelho no coração de uma Igreja Sinodal: o governo da Igreja segundo o Papa Francisco», 64.

⁵⁹⁵MULAMBA, *Os Novos Movimentos fundados em Cabinda: uma abordagem teológico-pastoral*, 15.

⁵⁹⁶MULAMBA, *Os Novos Movimentos fundados em Cabinda: uma abordagem teológico-pastoral*, 66.

⁵⁹⁷MULAMBA, *Os Novos Movimentos fundados em Cabinda: uma abordagem teológico-pastoral*, 31.

⁵⁹⁸MULAMBA, *Os Novos Movimentos fundados em Cabinda: uma abordagem teológico-pastoral*, 167.

Pelo que constatamos, os leigos de Cabinda têm procurado o modo de testemunhar a dimensão baptismal, mediante os novos movimentos eclesiais fundados em Cabinda, sem exclusão daqueles clássicos (Legião de Maria, Apostolado de Oração), fundados, há mais de cinquenta. «É este o caminho que os novos movimentos de apostolado fundados em Cabinda devem trilhar para que os seus membros testemunhem a beleza de serem cristãos»⁵⁹⁹. Nesta postura, nos alerta Emmanuel Kuvialeka Paulo:

Deve-se repensar nas formas a possibilidade de exercício de responsabilidade e corresponsabilidade, dentro da comunhão de convergência eclesial. (...), deve garantir-se aquele “caminhar juntos” entre os cristãos, edificando assim a mútua vontade para desenvolver a comunhão na Igreja até configurar um modo de pensar e fazer o evento eclesial⁶⁰⁰.

Nesta citação, exploramos duas expressões principais para a sinodalidade: a responsabilidade e corresponsabilidade, ambas se complementam para o progresso da sinodalidade. Temos um longo itinerário para atingir ao fim.

Todos os movimentos, sejam novos como antigos concorrem para o mesmo fim, o de traduzir o Evangelho nos acontecimentos da vida. Encarnam-se com a realidade pastoral diocesana. Na diocese de Cabinda, nos deparamos com muitas manifestações sinodais, pelos movimentos de apostolado e pelos grupos. «Nota-se que os novos movimentos de apostolado fundados em Cabinda demonstram ter uma notável capacidade de despertar a consciência eclesial nos fiéis cristãos, mesmo naqueles que se afastaram há muitos anos da Igreja»⁶⁰¹.

Dia após dia, os movimentos continuam a buscar o sentido concreto do Evangelho. «Esta consciência de fazer parte da Igreja (...) faz com que os seus membros sintam os problemas eclesiais como próprios, envolvendo-se na primeira pessoa e empenhando-se nos variados projectos da promoção da presença da Igreja em Cabinda»⁶⁰². Face ao argumento de Paulino Mulamba, ousamos afirmar que, Cabinda está a prosseguir o processo sinodal.

Esses movimentos e grupos diocesanos de Cabinda têm estado unidos à autoridade, o Bispo diocesano e ao seu presbitério. Nesta vertente, houve directa ou indirectamente o acompanhamento eclesiástico. Estamos perante um campo aberto, onde aparece a intervenção dos ministérios laicais⁶⁰³.

⁵⁹⁹ MULAMBA, *Os Novos Movimentos fundados em Cabinda: uma abordagem teológico-pastoral*, 167.

⁶⁰⁰ PAULO, *Teologia da inculturação: segundo os sínodos continentais*, 63.

⁶⁰¹ MULAMBA, *Os Novos Movimentos fundados em Cabinda: uma abordagem teológico-pastoral*, 157.

⁶⁰² MULAMBA, *Os Novos Movimentos fundados em Cabinda: uma abordagem teológico-pastoral*, 157.

⁶⁰³ Vasco António da Cruz GONÇALVES, «A formação de Agentes: desafios da Conferência Episcopal Portuguesa», Luís Figueiredo Rodrigues, org., in *A edificação do tecido eclesial* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2021), 62.

Sinodalmente, a diocese de Cabinda tem feito o enquadramento dos leigos⁶⁰⁴ nos serviços pastorais práticos, nomeadamente: nas prisões, na área migratória, na área da saúde, etc. Como afirma Vasco António da Cruz Gonçalves: «o *aprofundamento* da fé e *corresponsabilidade apostólica* são apontados como os dois caminhos possíveis para uma Igreja que quer caminhar ao ritmo do Concílio»⁶⁰⁵.

Também os movimentos de apostolado, aparecem no cunho social, têm promovido a pastoral entre os membros internos, suscitando reflexões e iniciativas enriquecedoras para toda a comunidade diocesana. «A solidariedade é a grande bandeira dos novos movimentos de apostolado fundados em Cabinda. Todos eles têm uma grande preocupação com a entreatajuda»⁶⁰⁶.

A solidariedade é um dos rostos da comunhão eclesial. Alias, faz parte da pastoral de Jesus. Ele teve compaixão dos homens e mulheres. A solidariedade pertence à Doutrina Social da Igreja, a dimensão visível do Evangelho. A Igreja anuncia o Senhor ao mundo inteiro através da solidariedade para com os necessitados. A solidariedade para com os necessitados tem como denominação tradicional, *Caritas*.

Acrescenta Paulino Mulamba: «os problemas, as dificuldades são sentidas e partilhadas por todos. Desta forma, justificam -se as visitas frequentes aos doentes, membros ou não do movimento, no hospital ou em casa, aos velhos abandonados»⁶⁰⁷.

Pelas obras, os membros têm experimentado a comunhão eclesial, elemento constitutivo da sinodalidade. Isto caracteriza a vontade de pertencer à grande família diocesana. Haverá mais dúvidas sobre o caminho sinodal, percorrido por aquela Igreja particular?

4.2.1. Participação na catequese juvenil

Para uma sinodalidade progressiva, os leigos são convidados, a animarem a catequese. A estarem mais próximos dos jovens e a partilharem a vida cristã com eles. Apoiá-los, para o encontro com Jesus, mediante a catequese. Visto que, a catequese nasceu da vida de Jesus. A catequese põe os fiéis em contacto permanente com Jesus. «A ação catequética enraíza-se no próprio envio que Cristo faz à Igreja, para que anuncie a todos o Evangelho»⁶⁰⁸.

De facto, os jovens olham com esperança para a Igreja local. Sempre tem esperado pelo auxílio dela, para prosseguirem com a sua marcha na conquista da vida. «Como Igreja missionária, a Igreja anuncia o Reino de Deus, revela a cada ser humano a sua “inalienável

⁶⁰⁴ MULAMBA, *Os Novos Movimentos fundados em Cabinda: uma abordagem teológico-pastoral*, 155.

⁶⁰⁵ Vasco da Cruz GONÇALVES, «A formação de Agentes: desafios da Conferência Episcopal Portuguesa», 62.

⁶⁰⁶ MULAMBA, *Os Novos Movimentos fundados em Cabinda: uma abordagem teológico-pastoral*, 159.

⁶⁰⁷ MULAMBA, *Os Novos Movimentos fundados em Cabinda: uma abordagem teológico-pastoral*, 159.

⁶⁰⁸ José Cardoso de ALMEIDA, «Formadores e formandos na história do povo crente», Luís Rodrigues, org., in *A edificação do tecido eclesial* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2021), 41.

dignidade” e dá sentido à história humana. A catequese é assim um “momento essencial” da missão evangelizadora da Igreja»⁶⁰⁹.

Do ponto de vista da experiência religiosa, nota-se grande variedade. Muitos jovens dão mostras de um impulso para a procura de sentido, a solidariedade, o compromisso social. Muitas vezes, estão abertos a práticas religiosas e sensíveis às diversas espiritualidades. Em relação à experiência eclesial, nesta fase de vida, são muitos os que se afastam da Igreja ou mostram indiferença ou desconfiança em relação a ela. Entre as causas, é preciso considerar a falta de testemunho, de credibilidade, de apoio espiritual e moral por parte da família, ou uma catequese carente e uma comunidade cristã pouco significativa⁶¹⁰.

O texto do Conselho Pontifício para a Nova Evangelização apresentou os desafios, nomeadamente, a crise da família, a falta de testemunho cristão tanto da família como da comunidade eclesial, prejudica as novas gerações. «No entanto, (...) muitos jovens participam ativamente e com entusiasmo na vida da Igreja, nas suas experiências missionárias e de serviço e vivem uma vida de oração autêntica e intensa»⁶¹¹. Já é positivo no caminho sinodal.

Promover a catequese juvenil, implica humanizar⁶¹² a juventude. Contudo, não é a única via da humanização juvenil, mas uma das vias necessárias para o acompanhamento e instrução da juventude eclesial. Desta forma, a Igreja se coloca à inteira disposição da juventude. «O principal sujeito da catequese é a Igreja, que deve ser sobretudo educadora da fé»⁶¹³.

Assim, os apóstolos construíram as primeiras comunidades, anunciando o Ressuscitado. O primeiro anúncio serviu para a edificação da comunidade cristã. O anúncio consistiu na ressurreição de Jesus dos mortos. «De facto, a catequese encontra a sua força no amor de Cristo recebido na comunidade, acolhido na oração, renovado na liturgia – especialmente na Eucaristia – e testemunhado numa vida de partilha no meio do mundo»⁶¹⁴. Por sua vez, mudou o paradigma sociocultural. A partir de então, começou a nova leitura histórica sobre a existência humana.

⁶⁰⁹ ALMEIDA, «Formação dos catequistas – visão europeia», 41.

⁶¹⁰ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, trad. Ricardo Freire, n. 251.

⁶¹¹ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, trad. Ricardo Freire, n. 251.

⁶¹² CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, trad. Ricardo Freire, n. 252: «Portanto, a pastoral juvenil da Igreja será, antes de mais, *animação de índole humanizadora e missionária*, ou seja, capaz de reconhecer, na experiência humana, os sinais do amor e do chamamento de Deus. À luz da fé encontram o seu sentido autêntico a procura da verdade e da liberdade, o desejo de amar e de ser amados, as aspirações pessoais e o compromisso apaixonado pelos outros e pelo mundo».

⁶¹³ ALMEIDA, «Formação dos catequistas – visão europeia», 41.

⁶¹⁴ ALMEIDA, «Formação dos catequistas – visão europeia», 41.

Para os bispos portugueses, «o Catecismo da Igreja Católica é um ponto de referência para a catequese, contudo a catequese, porque é um processo vital, pessoal e comunitário, está para além do Catecismo»⁶¹⁵. Diante deste percurso, «o catequista é um elemento essencial na catequese»⁶¹⁶. Ele demonstra, acompanha, auxilia e serve-se de referência humana para os catequizados na comunidade.

Neste horizonte do anúncio de Jesus, que reconstrói a comunidade humana, precisamos de agentes corajosos para a sua concretização. Trata-se de uma coragem inovadora no tempo e no espaço do humano. Deste intento, há necessidade da catequese regeneradora, catequese do encontro com Jesus Cristo, no tempo hodierno. «O Senhor Jesus, (...), quando encontrava jovens ao longo do seu ministério público, manifestava-lhes a benevolência do Pai, interpelava-os e convidava-os para uma vida plena»⁶¹⁷.

Convém que, os jovens escutem reciprocamente a voz de Deus. João dos Santos Barbosa Neto, assim nos ilustra: «os jovens cristãos estão abertos à espiritualidade e são chamados a fazer uma síntese entre o que creem e o que vivem. A fé (aquilo que se crê) não pode ser qualquer coisa aérea, mas é encarnada, toca a vivência da pessoa»⁶¹⁸. «Manifestando o mesmo zelo de Jesus, a Igreja quer escutar os jovens com paciência, compreender as suas inquietações, dialogar com todo o coração, acompanhá-los no discernimento do seu projeto de vida»⁶¹⁹.

Caso quisermos edificar a Igreja diocesana com o entusiasmo missionário, exploremos o campo da catequese, passando pela “Igreja doméstica” (em cada família cristã). Por conseguinte, devemos voltar para escola de iniciação cristã, denominada catequese. Sublinhamos que, a catequese não deverá dissociar-se das famílias. Segundo Bento XVI,

O Sínodo concentrou muitas vezes a sua atenção nos fiéis leigos, agradecendo-lhes o generoso empenho com que difundem o Evangelho nos vários âmbitos da vida diária: no trabalho, na escola, na família e na educação. (...) Precisam de ser formados a discernir a vontade de Deus por meio de uma familiaridade com a Palavra de Deus, lida e estudada na Igreja, sob a guia dos legítimos Pastores. Possam eles beber esta formação nas escolas das grandes espiritualidades eclesiais, em cuja raiz está sempre a Sagrada Escritura. As próprias dioceses, na medida das suas possibilidades, proporcionem oportunidades de uma tal formação aos leigos com particulares responsabilidades eclesiais⁶²⁰.

⁶¹⁵ GONÇALVES, «A formação de Agentes: desafios da Conferência Episcopal Portuguesa», 64.

⁶¹⁶ GONÇALVES, «A formação de Agentes: desafios da Conferência Episcopal Portuguesa», 64.

⁶¹⁷ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, trad. Ricardo Freire, n. 252.

⁶¹⁸ João dos Santos BARBOSA NETO, «Catequese mistagógica de discernimento juvenil», in *Vida pastoral*, 63, n. 343 (2022), 28-37. Aqui, citamos página, 30.

⁶¹⁹ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, trad. Ricardo Freire, 252.

⁶²⁰ BENTO XVI, Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* (2010), n. 84.

Sem a Palavra de Deus não há uma verdadeira catequese. Não podemos falar da nova evangelização, atendendo às mudanças constantes, esquecendo-nos do espinho dorsal, que nos insere na vida eclesial e redimidos de Jesus⁶²¹. Quando falamos de catequese, significa a primeira escola de Jesus Cristo⁶²², pela qual os seres humanos são iniciados nos mistérios de Cristo⁶²³.

Acontece que, a catequese forma, conforma. Porque anuncia o Evangelho em cada circunstância humana. Deixa de ser simples catequese sacramental, mas torna-se um caminho de renovação e de reencontro do crente com a Palavra. A catequese torna-se vida diária dos crentes. Tomemos em consideração a condição de cada ser humano, o jovem em diálogo com o Senhor. «Todavia, faz-se necessário um processo educativo, a fim de que a pessoa adquira gradualmente maior conhecimento da fé assumida. Essa consciência potencializará sua capacidade de tomar as decisões fundamentais»⁶²⁴.

A partir da comunidade recebemos a formação cristã espiritual, missionária e social. Com a comunidade aprendemos discernir⁶²⁵ e buscar o sentido da vocação. Na realidade, isto também pode acontecer através da catequese. Posto que, ela molda e conforma a vida humana, para aderir ao Evangelho, na comunidade de fé. Nesse sentido, diz-se que:

A Catequese constrói-se e vive-se na comunidade e, por isso, nalguns passos deste percurso, é essencial o envolvimento de outras pessoas: os pais, os padrinhos, os irmãos, os avós, o sacerdote, alguns elementos da comunidade cristã (...) Uma caminhada que se espera capaz de provocar experiência de relação... no conhecimento da fé dá lugar e acontece em espaços de união na fé com Deus que se revela, numa vivência comunitária onde a Igreja é lugar de encontro e de testemunho⁶²⁶.

Para nos entendermos, a nossa fé em Cristo não é totalmente subjectiva. É um património histórico salvífico e uma dádiva de Cristo Jesus através do seu Espírito⁶²⁷. Trata-se de uma fé transmitida pelos apóstolos a partir da comunidade, desenvolvida pelos padres apostólicos, nos

⁶²¹ JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Catechesi tradendae* (1979), n. 6.

⁶²² JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Catechesi tradendae* /CT (1979), n. 19: «A especificidade da catequese, distinta do primeiro anúncio do Evangelho que suscita conversão, visa o duplo objectivo de fazer amadurecer a fé inicial e de educar o verdadeiro discípulo de Cristo, mediante um conhecimento mais aprofundado e sistemático da Pessoa e da mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo».

⁶²³ JOÃO PAULO II, *Catechesi tradendae*/CT (1979), n. 5.

⁶²⁴ BARBOSA NETO, «Catequese mistagógica de discernimento juvenil», in *Vida pastoral*, 31.

⁶²⁵ FRANCISCO, Exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*/ChV (2019), n. 295.

⁶²⁶ FUNDAÇÃO SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Catequese da Fé. Para preparação dos adolescentes para a Profissão de Fé* (Porto, 2013), 9-10.

⁶²⁷ BENEDETTO XVI, *I Padri della Chiesa. Da Clemente Romano a Sant'Agostino* (Libreria Editrice Vaticana: Città del Vaticano, 2008), 87: «Lo Spirito anima la Chiesa, la riempie dei suoi doni, la rende santa».

primeiros séculos do cristianismo. A missão continua até ao fim da história (*Col* 1,15-20). Portanto, todos os cristãos são corresponsáveis pela fé recebida.

Aqueles que de Deus, através da Igreja, receberam o dom da fé em Cristo, são admitidos durante as cerimónias litúrgicas ao catecumenato. Isto, longe de ser uma mera exposição de verdades dogmáticas e normas morais, constitui uma verdadeira escola de formação (...) para vida cristã, na qual precisamente os discípulos entram em contacto com Cristo, seu mestre. Assim, os catecúmenos são convenientemente iniciados no mistério da salvação e na prática da moralidade evangélica, e através dos ritos sagrados, a serem celebrados mais tarde, são introduzidos na vida religiosa, litúrgica e caritativa do povo de Deus⁶²⁸.

Por consequência, será sempre necessário ajudá-los, por meio dos mistérios celebrados na Sagrada liturgia, levá-los a compreender as verdades divinas sobre a fé⁶²⁹, as atitudes de vida em Cristo, renovadas, em oposição ao mal, às trevas do pecado. De facto, a sagrada liturgia elucida a fé. Pois, nos leva a reviver o mistério de Cristo, dia após dia.

Assim, nos ensina a Tradição da Igreja: “*lex orandi lex credendi*”⁶³⁰, quer dizer, a lei de oração traduz-se pela lei da fé. Em poucas palavras, celebramos a própria fé (o que acreditamos). Celebramos a fé em Jesus Cristo. Toda a oração é vivência da própria fé.

Para João dos Santos Barbosa Neto, «o processo educativo possui relevante significativo valor na formação do sentido de uma vida plena que se revela por meio do encontro com Cristo»⁶³¹. Sendo assim, a catequese indica para Cristo e educa para o verdadeiro encontro. O encontro com Cristo acontece pela celebração do mistério pascal (do evento pascal).

A celebração litúrgica é o pleno encontro com Cristo no espírito. Com efeito, necessita de orientação. Em suma, «a celebração litúrgica tem um importante valor pedagógico, pois, ela é um lugar da educação da fé, porque aí se forma, se desenvolve, se estrutura e se alimenta a fé»⁶³², diz a Conferência Episcopal de Angola e São Tomé.

⁶²⁸ PONTIFICIO CONSIGLIO PER LA PROMOZIONE DELLA NUOVA EVANGELIZZAZIONE, *Enchiridion della nuova Evangelizzazione* (Testi del Magistero pontificio e conciliare), 70, n. 14: «Coloro che da Dio, tramite la Chiesa, hanno ricevuto il dono della fede in Cristo, siano ammessi nel corso di cerimonie liturgiche al catecumenato. Questo, lungi dall’essere una semplice esposizione di verità dogmatiche e di norme morali, costituisce una vera scuola di formazione (...) alla vita cristiana, in cui appunto i discepoli vengono in contatto con Cristo, loro maestro. Perciò i catecumeni siano convenientemente iniziati al mistero della salvezza ed alla pratica della morale evangélica, e mediante dei riti sacri, da celebrare successivamente, siano introdotti nella vita religiosa, liturgica e caritativa del popolo di Dio».

⁶²⁹ J. ATTILA, «Primato del ministero della parola nella crescita della fede (*can. 762 e 773*)», in *Urbaniana University Journal*, (2016), 166: «In effetti, la fede, grazie alla proclamazione del messaggio divino, nasce dalla libera volontà dei non battezzati, i quali iniziano un cammino per tutta la vita nella comunità cristiana»; cf. *PO* 4.

⁶³⁰ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, trad. Ricardo Freire, 21.

⁶³¹ BARBOSA NETO, «Catequese mistagógica de discernimento juvenil», in *Vida pastoral*, 30.

⁶³² CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Documento final *A fé celebrada: Jovem, quero ficar em tua casa* (Luanda: Angola, 2019), n. 4.

Estamos perante a pedagogia de iniciação cristã, segundo o mundo francófono. A catequese juvenil procura como ajudar⁶³³ os jovens para o seu crescimento espiritual. Com efeito, «a catequese apresentará o anúncio da Páscoa de Jesus, verdadeira juventude do mundo, como um núcleo de significado à volta do qual se deve construir a resposta vocacional»⁶³⁴.

4.2.2. Participação na catequese dos adultos

Que importância tem a catequese dos adultos? Do que sabemos, alguns receberam os sacramentos de iniciação cristã, quiçá, os sacramentos de missão. No entanto, podemos responder esta questão, apoiando-nos do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização:

Deste modo, a catequese permanece enxertada na sólida tradição que caracterizou a história do cristianismo desde as suas origens. Ela permanece como uma peculiar atividade formativa da Igreja que, no respeito pelas diversas faixas etárias dos crentes, se esforça por tornar o Evangelho de Jesus Cristo sempre atual, para que sirva de amparo a um testemunho coerente⁶³⁵.

Pensem nisto, para orientarmos o nosso discurso em direção aos desafios pastorais e teológicos vigentes sobre a implementação segura da sinodalidade. A finalidade da catequese de adultos consiste no reenquadramento destes fiéis. «É fundamental que esta catequese, inspirando-se na experiência missionária do catecumenado, seja *expressão da comunidade eclesial* na sua totalidade, enquanto seio que gera a fé»⁶³⁶.

Na visão de Ana Esteves, «a Catequese é um acto contínuo, inerente à vida, não termina por haver muitas aulas, exames ou outras actividades, pois a sua importância vai muito para além destes afazeres e obrigações. O educar na Fé é permanente»⁶³⁷. O Conselho Pontifício para a promoção da Nova Evangelização aconselha:

Os adultos não devem ser considerados destinatários da catequese, mas *protagonistas juntamente com os próprios catequistas*. Assim, é necessário que se faça um acolhimento respeitoso do adulto enquanto pessoa que já desenvolveu experiências e convicções também a nível da fé e que é capaz de exercer a sua liberdade, amadurecendo no diálogo novas convicções⁶³⁸.

⁶³³ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, trad. Ricardo Freire, n. 252.

⁶³⁴ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, trad. Ricardo Freire, n. 253.

⁶³⁵ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, trad. Ricardo Freire, 15-16.

⁶³⁶ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, n. 262, a.

⁶³⁷ Ana ESTEVES, «A importância da catequese», in *Ordem*, 108, n. 15 (7 de janeiro de 2021), 14.

⁶³⁸ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, n. 262, c.

Em consequência, o acolhimento faz parte da dimensão ética e eclesial. O acolhimento manifesta a nobreza do coração de quem acolhe o próximo. Jesus acolhia com nobreza os seus interlocutores, mesmo no ambiente de hostilidade. O Conselho Pontifício termina com outra expressão construtiva da sinodalidade, proporcionar o diálogo livre para descobrir a experiência do adulto, acolhido.

Em suma, o acolhimento requer também diálogo e troca de experiência. Ambas condições constituem a dimensão sinodal. «Esta catequese, que se inspira no modelo de catecumenado de adultos, faz com que se passe de uma catequese de instrução, centrada na transmissão de saberes, a uma catequese mais ampla, de iniciação à fé cristã»⁶³⁹.

Por um lado, a catequese dos adultos serve para a iniciação cristã dos catecúmenos, que ainda não tiveram o encontro com Jesus e o conhecimento profundo do Evangelho. Por outro, ela tem como objetivos, “*aggiornare*” toda a vida cristã, moldar a vida espiritual⁶⁴⁰ dos fiéis, mostrar o caminho do Senhor aos errantes, revitalizar a identidade cristã e partilhar a experiência cristã, a exemplo dos discípulos de Emaús (Lc 24, 1- 24).

Pelo esforço da procura e do encontro dos discípulos de Emaús, a Irmã Maria José de Oliveira apresenta o testemunho espiritual da Irmã Alzira Sobrinho (1888-1982), inspiradora do Carisma das Servas Franciscanas Reparadoras de Jesus Sacramentado: «os discípulos começam por caminhar sós e, depois da aparição de Jesus, caminham na sua presença, que, sendo corpo ressuscitado, assume um aspeto físico, conforme o relato de Lucas»⁶⁴¹.

Em seguida, «(...) Jesus caminha ao lado deles e lhes explica as Escrituras, eles sentem o coração a arder. Portanto, a presença exterior, a companhia de Jesus faz lhes arder o coração. A presença de Jesus é como a do Sol que aquece, que penetra na alma, que deixa energia»⁶⁴².

Os adultos⁶⁴³ tantas vezes fazem a experiência semelhante àquela dos discípulos. Carregam consigo um cansaço da própria história de vida e das tempestades, enfrentadas ao longo do caminho, transportam fardos e vivem desanimados. Efectivamente, «a catequese com os adultos deve estar atenta a reconhecer a sua *situação de homens* e de *mulheres*, tendo em conta a peculiaridade com que cada um vive a experiência da fé»⁶⁴⁴.

⁶³⁹ Luís Figueiredo RODRIGUES, *O digital no serviço da fé: formar para uma oportunidade* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2016), 73.

⁶⁴⁰ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, n. 262, b; cfr. Armando MATTEO, *Converter Peter Pan. Destino da fé na sociedade da eterna juventude*, trad. Maria do Rosário de Castro Pernas (Paulinas Editora: Prior Velho, 2022), 47.

⁶⁴¹ Maria José Diegues DE OLIVEIRA, «A adoração e o Sacerdote», in *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 45, 179-180 (2020), 121.

⁶⁴² DE OLIVEIRA, «A adoração e o Sacerdote», in *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 121.

⁶⁴³ MATTEO, *Converter Peter Pan. Destino da fé na sociedade da eterna juventude*, 75.

⁶⁴⁴ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, n. 262, d.

«A Igreja não está apenas no início da vida de fé, mas também a alimenta e faz crescer. Pela catequese, a comunidade cristã vive uma verdadeira “solicitude maternal”»⁶⁴⁵. Há um convite constante feita à comunidade, a fim de não fechar as portas à toda gente. Para tal, mediante a catequese permanente, possam retemperar as energias, para prosseguirem a viagem comum.

Promover a catequese dos adultos, significa manter a chama acesa da fé cristã. Trata-se da formação permanente do povo de Deus. Pela catequese poderão realizar o renovamento dos seus compromissos baptismais. Redescubram o Senhor, que sempre caminha com aqueles que, incessantemente, O procuram.

Certamente, «a catequese tem a grande responsabilidade de colaborar na inculturação da fé»⁶⁴⁶. Esta fé já está enraizada nos adultos. Pois, alguns receberam os sacramentos, há quarenta anos, cinquenta anos, outros há mais de sessenta anos.

Com efeito, a formação é uma urgência e um desafio para a Igreja, na medida em que, num mundo cada vez mais complexo e exigente, as interpelações colocadas são também proporcionalmente maiores. Isto supõe uma aposta clara na consolidação da formação cristã, não só dos pastores, mas também dos leigos⁶⁴⁷.

Toda a vida cristã requer dinamismo e investimento contínuo. Este investimento permite o desenvolvimento espiritual, cultural dos leigos. A catequese deve tocar o espírito dos adultos. Serve para a promoção missionária dos adultos. A catequese dos adultos deverá promover a dimensão missionária sistémica e integral dos leigos. «Na catequese com os adultos é decisiva a figura do catequista, que se configura como alguém que acompanha e, ao mesmo tempo, como um educador capaz de os apoiar mesmo nos processos de crescimento pessoal»⁶⁴⁸.

Toda a comunidade, pela condição baptismal, consciente à vocação cristã, merece a formação missionária. A formação pode ser vista como catequese permanente. «O conceito de catequese terá de partir desta novidade, de uma Igreja que se quer missionária, por isso atenta aos novos contextos, e promovendo uma evangelização que chega à iniciação cristã»⁶⁴⁹. Vasco da Cruz Gonçalves demonstra: «porque a comunidade é o sujeito e fim; e *missionária*, porque forma a verdadeira identidade cristã de leigos determinados a darem razões da sua fé»⁶⁵⁰.

⁶⁴⁵ Paulo ABREU, «Formadores e formandos na história do povo crente»,

⁶⁴⁶ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, trad. Ricardo Freire, 22.

⁶⁴⁷ GONÇALVES, «A formação de Agentes: desafios da Conferência Episcopal Portuguesa», 66; cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, n. 262, e.

⁶⁴⁸ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, n. 263.

⁶⁴⁹ ALMEIDA, «Formação dos catequistas – visão europeia», 46.

⁶⁵⁰ GONÇALVES, «A formação de Agentes: desafios da Conferência Episcopal Portuguesa», 67.

Não se trata mais de uma catequese para a recepção dos sacramentos, mas antes passa assumir uma novidade de vida. Esta novidade diz respeito à iluminação das culturas de vida. Transforma a fé numa cultura verdadeira, numa experiência singular de comportamento admirável perante a sociedade. «No processo de educação da fé, percebido em diferentes etapas (cf. AG 13-15), sabe-se que há ações que preparam a catequese e outras ações que dela derivam; à catequese cabe o período em que se estrutura a conversão a Jesus Cristo (...)»⁶⁵¹.

Reafirmamos que, a «catequese como redescoberta da fé através dos “centros de escuta”, ou de outras modalidades, isto é, uma proposta em chave evangelizadora, destinada aos afastados, como vulgarmente se diz»⁶⁵². A catequese dos adultos também tem uma dimensão litúrgica, «tendo em vista uma participação consciente nas celebrações comunitárias»⁶⁵³.

Sem dúvida, «uma catequese completa é aquela que vai da relação com Cristo ao reconhecimento dos outros batizados como irmãos e irmãs em Cristo»⁶⁵⁴. Por fim, a catequese rejuvenesce o compromisso dos adultos na comunidade. «O modelo adequado de catequese é aquele que introduz o crente numa experiência viva, pessoal e comunitária de fé»⁶⁵⁵.

Os traz de volta para o testemunho diante da comunidade crente. «Trata-se de uma “catequese para todos”, que a cada um deve ser oferecida de acordo com o que cada um precisa para ser verdadeiro discípulo de Cristo»⁶⁵⁶. Simultaneamente, «há que reconhecer o contributo para a formação cristã dos adultos, prestado por associações, movimentos e grupos eclesiais que garantem um acompanhamento constante e variado»⁶⁵⁷.

4.2.3. A participação na liturgia e nos sacramentos

O processo sobre o desenvolvimento da liturgia e dos sacramentos foi complexo. Há semelhança das duas asas de um avião, assim, acontece entre a liturgia e os sacramentos. A Igreja se tem servido dos dois pilares para a compreensão profunda dos desígnios salvíficos; tem atualizado o plano divino no seio do povo. A Igreja se renova, se atualiza na liturgia. «A Igreja é uma comunidade cultural litúrgica na unidade sacramental com o corpo de Cristo»⁶⁵⁸. Porque ela cresceu através da celebração dos mistérios pascais.

⁶⁵¹ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé: formar para uma oportunidade*, 73.

⁶⁵² CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, n. 264.

⁶⁵³ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, n. 264.

⁶⁵⁴ ALMEIDA, «Formação dos catequistas – visão europeia», 42.

⁶⁵⁵ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé: formar para uma oportunidade*, 73.

⁶⁵⁶ ALMEIDA, «Formação dos catequistas – visão europeia», 43.

⁶⁵⁷ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese*, n. 265.

⁶⁵⁸ MIDIL, «La Costituzione Liturgica *Sacrosanctum Concilium*, tra risultati e prospettive dei primi cinquant'anni», 192.

Teologicamente, significa memória do evento pascal da paixão, morte e ressurreição de Jesus dos mortos. Outrossim, disseram os padres conciliares: «a liturgia é o exercício da função sacerdotal de Cristo»⁶⁵⁹. Nesta dimensão, os leigos são interpelados a colocar a liturgia no centro da vida e a participar fervorosamente dos sacramentos da Igreja.

«A participação dos ministros da liturgia, ou seja, a sua vida em Cristo, é decisiva para que a liturgia evangelize os que participam das celebrações, sobretudo os fiéis leigos, e os ajuda a fazer da liturgia uma vida em Cristo»⁶⁶⁰. A sinodalidade ganha e ganhará sempre maior dinamismo, enquanto houver inserção e recepção dos sacramentos. A sinodalidade tem um profundo ligame com os sacramentos cristãos.

Podemos aferir que, a liturgia e os sacramentos nos conduzem para o sinodalidade. Para o aprofundamento litúrgico, Marcel Metzger restabelece uma relação vital entre o crente e a liturgia, no seu artigo, intitulado: “A Eucaristia, Fonte de Vida: uma mensagem muito ignorada”:

A associação de duas palavras significativas do Novo Testamento permite dizer de forma breve e sintética o sentido último do «grande mistério da fé» manifestado na liturgia eucarística. Trata-se de uma parte da revelação de Cristo sobre o pão de vida: «Eu sou o pão vivo, que desceu do céu: se alguém comer deste pão, viverá para sempre» (*Jo* 6, 51). Por outra parte, a recepção desta mensagem é expressa numa maneira admirável por S. Paulo: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (*Gl* 2, 20; 4,19). Tal é o dinamismo da eucaristia: ela é comunicação do Espírito de Deus, vida e ressurreição, dom supremo reconhecido e expresso nos gestos e palavras da liturgia, segundo a grande Tradição⁶⁶¹.

O que notamos a nível da Igreja universal, também acontece naquela Igreja de Cabinda. Porque com a participação dos leigos, a liturgia tem adquirido um impacto significativo. Sempre houve um protagonismo e vontade de assumirem os ofícios litúrgicos, especialmente o canto na liturgia, a liturgia da palavra, e ocupação dos serviços protocolares, organizados e já estáveis em toda a diocese, consoante os eventos.

Através da formação para os ministérios laicais, fazem a proclamação da Palavra de Deus. Alguns leigos, têm contribuído para a preparação dos catecúmenos, em comunhão com os párocos, com o intuito da recepção dos sacramentos. Isto indica a qualidade de uma Igreja sinodal, requerida hoje. A liturgia envolve toda a comunidade cristã a participar do único sacerdócio de Cristo.

⁶⁵⁹ SC 7.

⁶⁶⁰ Pedro Lourenço FERREIRA, «A Liturgia evangeliza sempre. O contributo da Igreja para tempos de pandemia», in *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 45, 179-180 (2020), 82.

⁶⁶¹ METZGER, «Eucaristia, Fonte de vida: uma mensagem muito ignorada», in *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 45, 179-180 (2020), 122.

A liturgia tem tanto que dizer para o progresso da sinodalidade. A liturgia é sinodalidade nos mistérios de Cristo Jesus, Filho do Eterno Pai por meio do Espírito. «A Liturgia é a Bíblia transformada em oração. A fé professada e transmitida pela Igreja é celebrada na Liturgia e irradia para a vida na caridade»⁶⁶². Acrescenta: «toda a Liturgia é, principalmente, celebração sacramental, que realiza, sobremaneira, na Eucaristia, a união entre o visível e o invisível, isto é, o único mistério de Deus, que outro não é senão o próprio Jesus Cristo»⁶⁶³.

Além disso, a liturgia diocesana de Cabinda é inculturada⁶⁶⁴ por vários modos. Procura traduzir a fé através da linguagem do povo orante⁶⁶⁵. Segundo o nosso parecer, há futuro para a Igreja de Cabinda. «A Igreja, entretanto, é chamada a estabelecer aqueles gestos, aquelas aclamações e os cantos que sejam idóneos para exprimir a dimensão celebrativa do povo»⁶⁶⁶. O futuro que nos referimos, não consiste na restauração do passado, mas ao desenvolvimento de uma nova imagem, que represente o encontro do Evangelho com a cultura⁶⁶⁷ local.

Para Dom José Cordeiro, «verifica-se, hoje, a necessidade de uma pastoral litúrgica que parta da mistagogia, acompanhando a comunidade cristã, (...), até ao mistério pascal de Cristo, para que a celebração Eucarística, de modo especial ao Domingo, seja nobre na sua simplicidade, séria e bela»⁶⁶⁸.

Toda a liturgia é sinodalidade. Porque nos coloca em sintonia com Jesus Cristo de modo comunitário. Trata-se de uma comunidade celebrativa. Tal como nos recomenda o Código do Direito Canónico, as “acções litúrgicas não são privadas”. Pertencem à Igreja. «A celebração dos mistérios é em si mesma iniciação aos mistérios, isto é, a liturgia inicia ao mistério, celebrando o próprio mistério»⁶⁶⁹.

Pela liturgia, caminhamos juntos, escutamos juntos, o que nos diz o Espírito. Ali está o valor permanente da liturgia cristã. A liturgia⁶⁷⁰ manifesta a comunhão da Igreja com o Senhor.

⁶⁶² José Manuel Garcia CORDEIRO, «A Liturgia como lugar de missão. Sem Liturgia não há missão», in *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 45, 179-180 (2020),102.

⁶⁶³ CORDEIRO, «A Liturgia como lugar de missão. Sem Liturgia não há missão», 107.

⁶⁶⁴ MIDIL, «La Costituzione Liturgica *Sacrosanctum Concilium*, tra risultati e prospettive dei primi cinquant'anni», in *Didaskalia*, 45, 1 (2015), 182.

⁶⁶⁵ MIDIL, «La Costituzione Liturgica *Sacrosanctum Concilium*, tra risultati e prospettive dei primi cinquant'anni», 180.

⁶⁶⁶ MIDIL, «La Costituzione Liturgica *Sacrosanctum Concilium*, tra risultati e prospettive dei primi cinquant'anni», 183.

⁶⁶⁷ MIDIL, «La Costituzione Liturgica *Sacrosanctum Concilium*, tra risultati e prospettive dei primi cinquant'anni», 183.

⁶⁶⁸ CORDEIRO, «A Liturgia como lugar de missão. Sem Liturgia não há missão», 107.

⁶⁶⁹ CORDEIRO, «A Liturgia como lugar de missão. Sem Liturgia não há missão», 107.

⁶⁷⁰ MIDIL, «La Costituzione Liturgica *Sacrosanctum Concilium*, tra risultati e prospettive dei primi cinquant'anni», 188.

Por essa razão, «a celebração é experiência da comunidade, que se reúne para viver o encontro de Deus com o seu povo»⁶⁷¹.

Quando se celebram os sacramentos, sobretudo aqueles da iniciação cristã, os catecúmenos são inseridos na comunidade de fé. Começam a exercer as funções tipicamente comunitárias. A partir da recepção dos sacramentos de iniciação cristã, têm recebido a formação, a fim de assumirem o papel de catequistas auxiliares.

Até certo ponto, isto tem sido um sinal de experiência sinodal. Concordamos com a reflexão de Pedro Lourenço Ferreira: «ora, a liturgia é eminentemente lugar de evangelização. Esta, por sua vez, não se limita ao anúncio verbal, mas é acompanhada, precedida ou seguida, pela realização sacramental que dá cumprimento e atesta a verdade proclamada»⁶⁷².

Em gesto de conclusão, os sacramentos nos levam para a sinodalidade. Sempre nos apresentam a dimensão comunitária⁶⁷³ ou eclesial. «A Liturgia é como reveladora da verdadeira natureza da Igreja»⁶⁷⁴. Segundo a reflexão de Giuseppe Midil, «a liturgia, portanto, é a primeira e indispensável fonte da qual os fiéis possam atingir o genuíno espírito cristão»⁶⁷⁵.

A princípio, existe uma interdependência entre a liturgia e os sacramentos. Os sacramentos traduzem a humanidade de Cristo na vida dos fiéis, que os recebem e celebram. «Por isso, o centro da celebração dos sacramentos é o Mistério da Páscoa de Cristo, como afirma a Constituição Sacrosanctum Concilium, sobre a Sagrada liturgia»⁶⁷⁶.

Ao passo que a liturgia procura mostrar o referido acontecimento, o visualiza. Outro elemento importante, vem expresso pelos agentes litúrgicos. Desde a preparação até a celebração, há tantos intervenientes, membros da comunidade paroquial ou diocesana.

4.2.4. A participação na administração dos bens eclesiais

Os leigos têm uma grande missão a cumprir para o bem da Igreja. Existem muitas tarefas que exigem competência profissional. Com efeito, precisa de especialistas em gestão financeira e contabilidade, direito, telecomunicações e tecnologia da informação.

⁶⁷¹ MIDIL, «La Costituzione Liturgica *Sacrosanctum Concilium*, tra risultati e prospettive dei primi cinquant'anni», 188.

⁶⁷² Pedro Lourenço FERREIRA, «A Liturgia evangeliza sempre. O contributo da Igreja para tempos de pandemia», in *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 45, 179-180 (2020), 82.

⁶⁷³ MIDIL, «La Costituzione Liturgica *Sacrosanctum Concilium*, tra risultati e prospettive dei primi cinquant'anni», 189.

⁶⁷⁴ MIDIL, «La Costituzione Liturgica *Sacrosanctum Concilium*, tra risultati e prospettive dei primi cinquant'anni», 190; cf. *SC* 10.

⁶⁷⁵ MIDIL, «La Costituzione Liturgica *Sacrosanctum Concilium*, tra risultati e prospettive dei primi cinquant'anni», 191.

⁶⁷⁶ José Manuel CORDEIRO, «A liturgia como lugar de missão: Sem Liturgia não há missão», in *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 45, 179-180 (2020), 105.

Os leigos devem ser valorizados em seus respectivos sectores, incluindo-os nas estruturas diocesanas. O Bispo diocesano e os pastores das comunidades devem criar mais estruturas de participação, em harmonia com o recurso humano existente, no território de jurisdição.

A participação e a corresponsabilidade de todos os fiéis pelo crescimento da comunidade cristã não se detêm antes dos bens temporais, nem a sua administração é meramente um facto técnico-financeiro. A Igreja é comunhão e todos os fiéis cooperam na edificação do Corpo de Cristo, de acordo com a condição e as tarefas próprias de cada um (ver cânone 208); em razão de sua ciência e competência, eles têm o direito e às vezes também o dever de expressar aos bispos seus pensamentos sobre o que concerne à Igreja (cfr. can. 212 § 3); portanto, é na lógica das coisas que os fiéis participam da gestão económica da diocese⁶⁷⁷.

Também será necessário realizar formação específica para os leigos na Diocese de Cabinda. Para responder ao desiderato, a formação prioritária, diz respeito ao investimento a nível dos quadros economia e finanças ou gestão. Porque, no nosso tempo as exigências aumentaram.

A vida cristã é um processo contínuo de formação espiritual, doutrinal, missionária e humana. Faltam tanto nas nossas paróquias os especialistas para administrar com transparência os assuntos económicos e financeiros. Cuidemo-nos da mentalidade mercantil dentro da comunidade eclesial, para não distorcer a verdade do Evangelho, «não podeis servir a Deus e ao dinheiro».

4.3. A participação na educação católica: presença sinodal

A educação é um acto permanente de renovação da consciência, de investimento humano e do conhecimento da verdade. Obviamente, a verdade passa por instituições orgânicas e acreditadas pelos Estados. Neste processo, entra a cooperação da Igreja Católica. Acontece um intercâmbio dos diferentes saberes, estruturados pela sociedade educativa, em prol da comunidade humana. Em vista disto, sublinhou o Secretariado Diocesano da Educação e Ensino, em Cabinda:

⁶⁷⁷ PONTIFICIUM INSTITUTUM UTRISQUE IURIS, *Il Diritto nel mistero della Chiesa. Il popolo di Dio stati e funzioni del popolo di Dio. Chiesa Particolare e Universale*, 360-361: «La partecipazione e la corresponsabilità di tutti i fedeli per la crescita della comunità cristiana non si arrestano di fronte ai beni temporali, né l'amministrazione di essi è solo un dato tecnico-finanziario. La Chiesa è comunione e tutti i fedeli cooperano alla edificazione del Corpo di Cristo, secondo la condizione e i compiti propri di ciascuno (cf. can. 208); in ragione della loro scienza e competenza hanno il diritto e talvolta anche il dovere di manifestare ai vescovi il loro pensiero su ciò che riguarda la Chiesa (cf. can. 212 § 3); È nella logica delle cose, quindi, che i fedeli partecipano alla gestione economica della diocesi».

A educação católica, sem exclusão de outras escolas, dá um contributo relevante às comunidades eclesiais comprometidas na nova metodologia de evangelização. Deste modo, contribuem também para que as pessoas possam cultivar os valores morais, antropológicos e éticos duma cultura e de várias culturas (...), para a formação duma sociedade fraterna e multicultural⁶⁷⁸.

Isto traz alegria, amadurece o intelecto, constrói uma personalidade ético-social, competente para o aluno e para a sociedade. Acompanha toda a vida humana. Existem diferentes tipos de educação⁶⁷⁹: académica e científica, técnica e artística, moral e cívica, religiosa e espiritual⁶⁸⁰. Segundo Pompeo Fabio Mancini, «a educação, portanto, é estruturada pela relação: não há educação sem relação»⁶⁸¹. Por esta razão,

Esta relação, se é autenticamente educativa, forma nos sujeitos o espírito de cooperação e de participação que os orienta para consciência pessoal habitando nela, também para o exercício da cidadania ativa e democrática, cristãmente orientada, com o intuito de promover um pensamento reflexivo, deliberativo e valioso em prol do desenvolvimento relacional recíproco e do serviço⁶⁸².

No fundo, a educação é uma oportunidade sinodal. «Cada experiência humana educativa não pode prescindir da dimensão relacional»⁶⁸³. O que é que a Igreja Católica nos propõe sobre a educação? «Por conseguinte, torna-se necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores»⁶⁸⁴.

Por ocasião do vigésimo primeiro Congresso Nacional, realizado em Roma, o Papa Francisco teve encontro com os representantes católicos da Associação Italiana e, exortou os professores cristãos: «estimulem os alunos a abertura para o outro como rosto, como pessoa, como irmão e irmã para conhecer e respeitar, com sua história, suas forças e fraquezas, riquezas e seus limites»⁶⁸⁵. Destaquemos com apreço o pensamento do Papa Francisco sobre o pacto global da Educação:

Se no passado, mesmo em nome da religião, se discriminaram as minorias étnicas, culturais, políticas e outras, hoje queremos ser defensores da identidade e dignidade de toda a pessoa e

⁶⁷⁸ SECRETARIADO DIOCESANO DA EDUCAÇÃO E ENSINO, *Uma síntese sobre o que somos hoje como Escolas Católicas, nosso impacto nas sociedades e na Igreja* (Diocese de Cabinda: Cabinda, 15 de Dezembro de 2015), 1.

⁶⁷⁹ FRANCISCO, Constituição apostólica sobre a Universidade e a Faculdade eclesiais *Veritatis gaudium* (29 de janeiro de 2018), nn. 1- 4.

⁶⁸⁰ GS 61.

⁶⁸¹ Pompeo MANCINI, «Risonanze pedagogiche e educative della sinodalità ecclesiale», in *Apulia Theologica/Apth* 8, 1, (2022), 7.

⁶⁸² MANCINI, «Risonanze pedagogiche e educative della sinodalità ecclesiale», 7.

⁶⁸³ MANCINI, «Risonanze pedagogiche e educative della sinodalità ecclesiale», 6.

⁶⁸⁴ EG 64.

⁶⁸⁵ FRANCISCO, Audiência aos mestres católicos d'Associação Italiana, «Patto educativo tra scuola, stato e famiglia», in *L'Osservatore Romano* 158 (6 gennaio 2018) 4, 8; cf. GE 8.

ensinar as novas gerações a acolherem a todos sem discriminações. Por conseguinte a educação compromete-nos a acolher o outro como ele é – não como eu quero que seja, mas como ele é - e sem julgar nem condenar ninguém⁶⁸⁶.

Para João dos Santos Barbosa Neto, «o educador deverá se aproximar do educando e, fazendo-se companheiro de caminhada, interpretar o projeto de Deus, ajudando-o em seu amadurecimento no caminho da verdade»⁶⁸⁷. Isto configura os desejos da educação e do ensino católicos. Propor valores, que permitam o educando crescer livre e, responsavelmente, no conhecimento da verdade.

Cada processo que se enquadra autenticamente educativo implica a disponibilidade dos sujeitos envolventes no caminho, ousando com o desafio autêntico de um percurso tipicamente formativo para o crescimento, de maturação, (...). Neste sentido a sinodalidade exprime o sentido do ser em relação e de participação no caminho eclesial.⁶⁸⁸

Entretanto, cada pessoa é convidada a fazer a sua experiência de abertura e do diálogo com os educadores. Caminha com a referida comunidade educativa. Por isso, nasceram as escolas católicas em Angola, a fim de complementarem e superarem as lacunas relativamente à humanização dos angolanos.

Para compreendermos o nascimento das escolas católicas em Angola, busquemos o apoio proveniente da obra do professor catedrático Carlos Gime: «em 1977, dois anos depois da independência, a República de Angola aprovou o seu primeiro sistema de educação, que acabou por ser implementado em 1978, caracterizado pela nacionalização e democratização do ensino»⁶⁸⁹.

Escreve o filósofo Carlos Gime: «o primeiro sistema de educação não conheceu o sucesso desejado. Teve inúmeras insuficiências detectadas através do diagnóstico feito aquando da segunda reforma levada a cabo quase uma década depois»⁶⁹⁰, da independência angolana.

Diante destes incidentes aberrantes⁶⁹¹ da educação das novas gerações angolanas, interpela a Igreja diocesana de Cabinda. Desperta atenção dos leigos para uma presença

⁶⁸⁶ FRANCISCO, Discurso, *Encontro* «Religiões e Educação: Pacto Educativo global», (5 de outubro de 2021), (acesso: 10 de março de 2023).

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211005-pattoeducativo-globale.html>

⁶⁸⁷ BARBOSA NETO, «Catequese mistagógica de discernimento juvenil», in *Vida pastoral*, 30.

⁶⁸⁸ MANCINI, «Risonanze pedagogiche e educative della sinodalità ecclesiale», 6.

⁶⁸⁹ CARLOS GIME, *Fundamentos filosóficos dos insucessos das reformas educativas na África Bantu: o caso da RDC, da Zâmbia e de Angola* (Editora DS: Benguela – Angola, 2022), 93.

⁶⁹⁰ GIME, *Fundamentos filosóficos dos insucessos das reformas educativas na África Bantu: o caso da RDC, da Zâmbia e de Angola*, 93.

⁶⁹¹ GIME, *Fundamentos filosóficos dos insucessos das reformas educativas na África Bantu: o caso da RDC, da Zâmbia e de Angola*, 94.

inovadora na educação das crianças, adolescentes e jovens do território angolano e, os fiéis leigos de Cabinda, em particular. A Igreja não pode abster-se sobre a educação.

É de carácter imprescindível a sua participação directa, por meio das suas instituições do ensino, pela representatividade de uma delegação diocesana católica nas cimeiras, nas jornadas nacionais, realizada para a tomada de decisões de reformas educativas e inovações pedagógicas. A participação da Igreja diz respeito à diminuição do analfabetismo⁶⁹².

A educação católica prolonga a dimensão redentora da humanidade. A educação católica procurar resgatar os humanos, que vivem nos escombros da liberdade cristã. Pretende inculcar na vida dos homens e das mulheres o sentido da escolarização para o desenvolvimento da sociedade.

Na visão do Professor Catedrático Carlos Gime: «(...) a escolarização é vista como o meio principal para se alcançar o desenvolvimento económico e integral»⁶⁹³. A educação católica transforma o ser no seu todo. Para a redescoberta da sua vocação. A educação deve ser encarada a partir da dinâmica sinodal.

4.3.1. A função dos leigos nas Escolas católicas

A sinodalidade dos leigos se desenvolve inclusive, eficazmente, no ambiente do ensino e educação. É um dos sectores nobilíssimos de presença sinodal para o desenvolvimento do ser humano em particular e da comunidade habitada em geral. Por conseguinte, os leigos têm uma grave missão de vida nas escolas católicas, denominadas escolas missionárias.

O rosto humano duma sociedade depende muito da contribuição da educação para manter viva esta questão inevitável. De facto, a educação diz respeito à formação integral da pessoa, incluindo a dimensão moral e espiritual do seu ser, tendo em vista o seu fim último e o bem da sociedade a que pertence. Por isso, a fim de educar para a verdade, é preciso antes de mais nada saber que é a pessoa humana, conhecer a sua natureza. Olhando a realidade que o rodeava, o salmista pôs-se a pensar: «Quando contemplo os céus, obra das vossas mãos, a lua e as estrelas que Vós criastes: que é o homem para Vos lembrardes dele, o filho do homem para com ele Vos preocupardes?» (*Sal 8, 4-5*)⁶⁹⁴.

Sem o conhecimento antropológico não existe educação. Porque a educação carrega consigo o prévio conhecimento da identidade do ser com o qual nos encontramos. É um ser multidimensional, singular, único e repetível com o perfil de um ADN. De igual forma, a pessoa humana pertence a uma sociedade, cuja primeira sociedade, a sua própria família nuclear.

⁶⁹² GIME, *Fundamentos filosóficos dos insucessos das reformas educativas na África Bantu: o caso da RDC, da Zâmbia e de Angola*, 98: «Redução do analfabetismo e expansão do programa de recuperação do atraso escolar».

⁶⁹³ GIME, *Fundamentos filosóficos dos insucessos das reformas educativas na África Bantu: o caso da RDC, da Zâmbia e de Angola*, 98.

⁶⁹⁴ BENTO XVI, Mensagem para o XLV Dia Mundial da paz, «Educar os Jovens para a justiça e a paz» (1 de janeiro de 2012), n.3.

Esta é a pergunta fundamental que nos devemos colocar: Que é o homem? O homem é um ser que traz no coração uma sede de infinito, uma sede de verdade – não uma verdade parcial, mas capaz de explicar o sentido da vida –, porque foi criado à imagem e semelhança de Deus. Assim, o facto de reconhecer com gratidão a vida como dom inestimável leva a descobrir a dignidade profunda e a inviolabilidade própria de cada pessoa. Por isso, a primeira educação consiste em aprender a reconhecer no homem a imagem do Criador e, conseqüentemente, a ter um profundo respeito por cada ser humano e ajudar os outros a realizarem uma vida conforme a esta sublime dignidade⁶⁹⁵.

No dizer de Bento XVI, toda a educação deve servir para a promoção integral, inadiável da pessoa humana. Ele coloca a interrogação primária, remota, mas sempre contextual sobre o lugar do homem no universo. Isto percebemos sem intermediários especialistas. No fundo, a educação marca a identidade do todo o ser humano neste mundo.

Como diz o Conselho Pontifício para a promoção da Nova Evangelização: «a escola católica é *sujeito eclesial*, que torna visível a missão da Igreja sobretudo nos campos da educação e da cultura. Ela tem como ponto de referência a Igreja particular, em relação à qual não é um corpo estranho»⁶⁹⁶.

4.3.2. A vida dos leigos nas Universidades católicas

Em nós, nasceu uma ousadia, relativamente à experiência dos leigos nas Instituições do ensino superior católico. Conhecidos como indústrias de pensamento comparativo, analítico-crítico e sugestivo para o bem da humanidade. São laboratórios de análise dos acontecimentos e produção da ciência. A priori, os leigos têm um papel preponderante naqueles espaços públicos do ensino, pois, lá trabalham, colaboram para a investigação e publicação dos resultados científicos em prol da sociedade.

Procuram antes o sustento das suas respetivas famílias e vidas pessoais, sem subestimarmos a sede do saber, que neles habita. Percorrermos o caminho sinodal, obviamente, coloca também a Igreja diocesana, a caminhar com os laboratórios dos saberes científicos. Por isso, «ao relançar os estudos eclesiásticos, sente-se viva a exigência de imprimir um novo impulso à investigação científica, realizada nas nossas Universidades e Faculdades eclesiásticas»⁶⁹⁷.

⁶⁹⁵ BENTO XVI, Mensagem para o XLV Dia Mundial da paz, «Educar os Jovens para a justiça e a paz» (1 de janeiro de 2012), n.3, (acesso: 21 de dezembro 2020), https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_bene_xvi_mes_20111208_xlv-word-day/peace.

⁶⁹⁶ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese* (Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã: Lisboa, 2020), n.311.

⁶⁹⁷ FRANCISCO, Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*, sobre as universidades e faculdades eclesiásticas (2017), n. 5.

Em várias partes do mundo, quando se fala das universidades católicas, pensamos logo na presença dos consagrados e das consagradas. Entretanto, não devia ser assim a nossa visão. A denominação católica diz respeito à dimensão de eclesial. Não se esgota apenas com a intervenção dos clérigos e dos consagrados. O que até agora vimos, torna-se mais claro a nossa intenção da sinodalidade no ambiente universitário.

Podemos exprimir que, a presença do corpo docente, dos estudantes, do pessoal administrativo e colaboradores definem a ideia da sinodalidade. Porque desempenham as tarefas por equipas, por diversos momentos de encontro para o diálogo, os debates e conferências de partilha dos conhecimentos.

As universidades católicas englobam tantos intervenientes, com particular relevância a presença dos leigos comprometidos no campo de docência e investigação científica. A vida das unidades académicas tem exigido, acreditamos, inúmeras metodologias para o seu correcto funcionamento. Trata-se do diálogo⁶⁹⁸ estabelecido entre a fé e a razão no ensino, norteado pela sabedoria do Evangelho e pela tradição da Igreja.

4.3.3. Centros de formação e acolhimento

Na comunidade humana, a formação e acolhimento fazem parte do percurso sinodal. A carência dos espaços ou das infra-estruturas compromete a vida qualitativa da comunidade. Afeta o seu progresso. Não haverá qualidade de vida cristã, onde houver o desequilíbrio do recurso humano. Eis o motivo que propomos a intensificação da formação como método contínuo a prosseguir a nível da Igreja, consoante aos ditames da sua vocação.

A comunidade deve dar a máxima atenção concernente à formação linguística, apresentar uma gramática comparativa sobre as línguas⁶⁹⁹ locais. A qualidade de uma Igreja sinodal dependerá do grau do conhecimento da vida eclesial, que os fiéis tiverem.

Pelo que vemos, os centros de formação e acolhimento deverão estar ao serviço da comunidade, serviço da comunhão missionária. Proporcionar a formação permanente dos leigos, vai favorecer a Igreja, a difundir o evangelho em todos os recônditos daquela diocese. Dará resultados adequados para a comunhão eclesial e firmeza da fé.

Recordemos que, a diocese de Cabinda não está longe dos irmãos e irmãs, que têm atravessado as fronteiras territoriais, em busca de melhores condições de vida. Por outro, a tentativa de fuga, está relacionada com as razões de vária ordem, por motivo de guerras, pela má gestão de recursos económicos e abundância índice do desemprego, em seus países de

⁶⁹⁸ Giuseppe VERSALDI, *Os desafios das Universidades católicas no pensamento do Papa Francisco* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2019), 24.

⁶⁹⁹ André MACALA, «Linguística africana e o anúncio da Palavra de Deus hoje», in *Semana Teológica Internacional de Luanda (STIL)*, (Fátima: Portugal, 2017), 155.

origem. De modo que, se redobra os esforços pastorais, para o processo da linguagem sinodal. Nesse sentido, «a missão dos migrantes manifesta, por um lado, a catolicidade da Igreja e, por outro, mantém viva a tensão escatológica»⁷⁰⁰.

Temos serviços concretos que tratam desse cuidado pastoral a nível diocesano, instituída pelo então Bispo da diocese, a chamada comissão ou secretariado de assistência social e migração. Este secretariado trabalha com o Secretariado Nacional eclesiástico, para encontrar formas de ajudar os cidadãos vulneráveis.

Não há outro evento, que tenha influenciado a fisionomia espiritual do povo de Deus, tal como aconteceu com o êxodo do Egipto. A história da Igreja é também àquela de Êxodo⁷⁰¹. Assim, o acompanhamento de migrantes, refugiados, itinerantes ou turistas torna-se uma actividade desafiadora, faz parte da solicitude do Bispo, apascentar a Igreja local.

Todo o bispo deve cuidar desta pastoral na sua diocese e incentivar a inserção dos migrantes na comunidade cristã, segundo as normas da lei eclesial em relação às leis civis vigentes em cada país.

A Igreja é por natureza una e católica. Cada Igreja particular é católica, na medida em que realiza a única Igreja de Cristo, de modo que os migrantes na prática de sua fé não só não se sentem estranhos em qualquer país onde a Igreja de Cristo celebra a Eucaristia, a fonte de unidade, mas sensibiliza a Igreja particular a abrir-se ao universal e a experimentar a catolicidade de maneira mais visível em um lugar particular, junto e além das diferenças culturais⁷⁰².

De facto, não há sinal tão visível do cristão convicto, se não houver um testemunho comovente e eloquente, fora da verdadeira abertura pastoral da Igreja, sendo mãe aos necessitados, especialmente, nos sacramentos e no cuidado de seus direitos sociais. Por esta razão, o tema da migração deixa muitos factores no centro da reflexão política: a concepção de um estado moderno, uma nova ideia de sociedade, a interdependência entre o Norte e o Sul do mundo. Acima de tudo, o significado do fenómeno da migração: dimensão, o último, que a cultura italiana preserva em sua memória⁷⁰³.

⁷⁰⁰ Luigi SABBARESE, «Missio ad Migrantes: Missione della Chiesa. Lineamenti di organizzazione della pastorale della mobilità umana», in *Urbaniana University Journal* 57, n. 2 (2004), 39-40.

⁷⁰¹ SABBARESE, «Missio ad Migrantes: Missione della Chiesa.», 40.

⁷⁰² SABBARESE, «Missio ad Migrantes: Missione della Chiesa.», 51: La Chiesa è per sua natura una e cattolica. Ogni Chiesa particolare è cattolica, in quanto realizza l'unica Chiesa di Cristo, per cui i migranti nella pratica della loro fede non solo non si sentono stranieri in nessun paese dove vive e opera la Chiesa di Cristo che celebra l'Eucaristia, fonte di unità, ma sensibilizza la Chiesa particolare ad aprirsi verso l'universale e a sperimentare in maniera più visibile la cattolicità in un luogo particolare, insieme e al di là delle differenze culturali.

⁷⁰³ F. OCCHETTA, «La gestione politica dell'immigrazione», in *Civiltà Cattolica* 168 (2017), 232-233.

⁷⁰³F. OCCHETTA, «La gestione politica dell'immigrazione», 232-33.

Estamos conscientes de que, em certos casos, aparecem indícios de comércio de imigrantes e refugiados, instrumentalizando-os. Mas devemos encontrar mecanismos adequados para bem comum. «O fundamento das políticas de imigração para a Europa, em vez de serem económicas ou legais, deveria ser antropológico. O que significa restringir o direito de movimento das pessoas? Em que princípios é possível construir a Europa dos povos?»⁷⁰⁴

Riscos e suspeitas de certos comportamentos desumanos causam restrições sociais. Na nossa região de Cabinda, assistimos a intensa invasão de imigrantes ilegais, provocando um aumento da taxa de criminalidade. É necessário colocar em prática uma pastoral integrada dos leigos, que estabelece uma cooperação entre a Igreja e as entidades do Estado. É um grande areópago de evangelização para a Diocese de Cabinda.

Eles serão a força do diálogo e a criação de comunidades para construir a sociedade civil de amanhã, que - seguindo as palavras do Papa Francisco - é capaz de “integrar, dialogar e gerar”. A promoção da recepção é certamente uma questão geográfica, mas acima de tudo uma questão cultural⁷⁰⁵.

Temos de pôr em prática um diálogo responsável, construtivo e educativo com os imigrantes. Fazendo com o espírito de humildade e respeito pelos cidadãos do país de acolhimento. Estamos diante de novos modelos antropológicos, com novas estruturas sociológicas que podem apresentar valores, mas também valores contrários. É preciso muito empenho comunitário ou compromisso “sinodal”.

4.3.4. Os leigos no ambiente da cultura

Para a difusão do projecto sobre a nova evangelização, há necessidade de diálogo permanente com as culturas⁷⁰⁶. Hoje, temos uma consciência maior da cultura do nosso século, chamada de globalização, pós-moderna, pós-humana, cultura digital⁷⁰⁷ e difusiva. «Falar da identidade de uma pessoa ou de um povo é evocar o conceito de cultura, que dá ao sujeito a possibilidade de conhecer o mundo e saber como reagir em cada situação»⁷⁰⁸.

Hoje nascem novos modelos culturais⁷⁰⁹. A cultura é insígnia própria dos seres humanos no tempo e no espaço. Deve ser vista como um diálogo cronológico e histórico entre

⁷⁰⁴ F. OCCHETTA, «La gestione politica dell’immigrazione», 232-33.

⁷⁰⁵ F. OCCHETTA, «La gestione politica dell’immigrazione», 232-33.

⁷⁰⁶ Cataldo ZUCCARO, *Morale e missione. Animare la fede e convertire la vita*, 44: «Di conseguenza, apparirà più chiara (...) una dimensione maggiormente dinamica della missione che accanto all’annuncio recupera anche il dialogo con culture e religioni altre, consapevole dei semi di salvezza che anche lì si trovano presenti»; cf. BENTO XVI, Exortação apostólica pós sinodal *Sacramentum caritatis* (2007), n. 78; cf. GS 29.

⁷⁰⁷ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé: formar para uma oportunidade*, 96.

⁷⁰⁸ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé: formar para uma oportunidade*, 72.

⁷⁰⁹ EG 220.

o homem e a natureza (o espaço geofísico, bioquímico e da biodiversidade). O Professor Luís Figueiredo Rodrigues esclarece: «as sociedades são construções culturais»⁷¹⁰.

Devemos trabalhar para uma cultura de vida, refutando àquela da morte, do enriquecimento e, não da pobreza humana, da gestão da criação, evitando a destruição, mas promovendo a cultura da verdade⁷¹¹. «Por isso, é necessário, que seja uma Igreja interagida com a cultura, que seja distinta da cultura, aquela distinção que provém do Evangelho e, que não lhe é oferecida pelo seu carácter folclórico ou por facto de ser anacrónica»⁷¹².

Precisaríamos de construir uma cultura, que reconheça a dignidade de toda pessoa humana. Uma cultura que supere as tensões sociais. Devemos evitar a “cultura do desperdício” e a “cultura da indiferença”, como tem afirmado o Papa Francisco, em várias ocasiões.

O multiculturalismo é um modelo de integração baseado no reconhecimento, mesmo legal, não apenas dos direitos do indivíduo, mas também daqueles dos grupos e comunidades que vivem em um país. Em geral, pode ser de dois tipos: «inclusivo», se visa acolher os imigrantes como parte da população indígena, valorizando sua cultura de origem e promovendo sua conservação e desenvolvimento; ou “exclusivo ou utilitário”, se permitir aos imigrantes manter a cultura de origem, excluindo-os da população nativa e negando-lhes a cidadania⁷¹³.

Um dos desafios atuais do encontro das diferentes culturas humanas, está relacionado com a descoberta das causas da mobilidade⁷¹⁴ humana, a partilha de valores mútuos entre pessoas, a criação de um diálogo para o conhecimento e reconhecimento dos dons de todos. Trata-se da remoção dos obstáculos contra o desenvolvimento humano, espiritual e inter-religioso, psicológico, económico e social. Temos tanta realidade cultural, que carece de acompanhamento sistemático e orgânico. A cultura nos impele para a sinodalidade.

Conclusão

Chegou o momento de apresentarmos os resultados da investigação no quarto capítulo. Os desafios principais têm a ver com a compreensão da autoridade na Igreja; a fonte da mesma autoridade e a relação entre as instâncias de exercício da mesma. Também tenhamos

⁷¹⁰ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé: formar para uma oportunidade*, 96.

⁷¹¹ EG 73.

⁷¹² Gilles ROUTHIER, «Quale futuro delle chiese d’Occidente?», in *Studia Patavina*, 69, 1 (2022), 103: «Bisogna, dunque, essere sia una chiesa mescolata alla cultura sia una chiesa distinta dalla cultura, distinzione che le viene dal vangelo e che non le è data dal suo carattere folkloristico o per il fatto di essere anacronistica, (...)».

⁷¹³ G., SALE, «L’immigrazione in Europa e i diversi modelli di integrazione», in *Civiltà Cattolica*, 167 (2016), 258-259: «Il multiculturalismo è un modello di integrazione che si basa sul riconoscimento, anche giuridico, non solo dei diritti dell’individuo, ma anche di quelli dei gruppi e delle comunità che abitano in un Paese. In generale, esso può essere di due tipi: “inclusivo”, se mira ad accogliere gli immigrati come parte della popolazione autoctona, valorizzandone la cultura di origine e promuovendone la conservazione e lo sviluppo; oppure “esclusivo o utilitarista”, se consente agli immigrati di mantenere la cultura di provenienza, escludendoli però dalla popolazione autoctona e negando ad essi la cittadinanza».

⁷¹⁴ ROUTHIER, «Quale futuro delle chiese d’Occidente?», in *Studia Patavina*, 69, 1 (2022), 94.

em conta as modalidades de exercício da autoridade nas esferas comunitárias. Há uma espécie de conflitualidade jurídica do poder eclesial.

O terceiro desafio diz respeito ao plano da transparência financeira e do património eclesial. Em que nível se encontra a diocese em estudo sobre a gestão dos bens culturais e patrimoniais? Ainda haverá tanto que fazer para o alcance do consenso sobre a liderança dos leigos nesta matéria complexa.

Fizemos análise sobre a visibilidade da sinodalidade nas escolas e universidades católicas. Tentamos argumentar sobre a dificuldade constatada a nível da catequese para todas as idades.

CAPÍTULO QUINTO

FORMAÇÃO ANTROPOLÓGICA PARA SINODALIDADE

Introdução

No quarto capítulo refletimos sobre os desafios teológicos e pastorais para a realização da sinodalidade. Do estudo feito, identificámos alguns traços, que dificultam a evolução qualitativa da sinodalidade. Neste, queremos pôr em destaque a formação eclesial e comunitária. Como formar a comunidade de forma a ela reconhecer-se Igreja? Que formação oferecer aos agentes da pastoral de modo a fomentar a consciência e ser Igreja? Quem deve proporcionar a formação comunitária?

Diante do vasto processo da formação, escolhemos como prioridade e vector a liturgia⁷¹⁵. Além disso, tendo em conta à comunidade, optaríamos pela criação dos centros de formação litúrgica e espiritual dos cristãos. A este respeito, poderia seguir-se a dinâmica de conferências periódicas, encontros de grupos de oração, promover os debates radiofónicos e televisivos. A seguir, realizar a difusão dos eventos litúrgicos diocesanos, investirmos na escola litúrgica.

A liturgia⁷¹⁶ desempenha um papel preponderante para toda a vida eclesial. Desde às origens do cristianismo, a liturgia⁷¹⁷ tem sido o ápice para a compreensão da história da salvação, principalmente, a celebração da Eucaristia. Por isso, a liturgia⁷¹⁸ é um fundamento da sinodalidade. Por meio dela, a comunidade⁷¹⁹ vive e partilha os mistérios divinos. Face ao processo da sinodalidade, deve se pautar pela formação litúrgica dos fiéis.

Tendo em conta à complexidade dos humanos, é preciso moldar os fiéis para a vida comunitária⁷²⁰. Para compreensão da cultura litúrgica, exige-se uma orientação. Mencionemos

⁷¹⁵ José Manuel CORDEIRO, «A Liturgia como lugar de missão. Sem Liturgia não há missão», in *Boletim de pastoral Litúrgica*, 45, 179-180 (2020), 101-107.

⁷¹⁶ Giuseppe MIDILE, «La Costituzione Liturgica *Sacrosanctum Concilium*, tra risultati e prospettive dei primi cinquant'anni», in *Didaskalia*, 45, 1 (2015), 180.

⁷¹⁷ MIDILE, «La Costituzione Liturgica *Sacrosanctum Concilium*, tra risultati e prospettive dei primi cinquant'anni», 188.

⁷¹⁸ MIDILE, «La Costituzione Liturgica *Sacrosanctum Concilium*, tra risultati e prospettive dei primi cinquant'anni», 186: «A liturgia é por definição obra do povo, a Igreja respeita e favorece a qualidade e os talentos de ano de várias raças e de vários povos, (...)».

⁷¹⁹ MIDILE, «La Costituzione Liturgica *Sacrosanctum Concilium*, tra risultati e prospettive dei primi cinquant'anni», 191: «A liturgia, portanto, é a primeira e indispensável fonte da qual os fiéis possam atingir o genuíno espírito cristão, (...)».

⁷²⁰ MIDILE, «La Costituzione Liturgica *Sacrosanctum Concilium*, tra risultati e prospettive dei primi cinquant'anni», 183: «A Igreja, pois, chamada a estabelecer aqueles gestos, aquelas aclamações e cantos sejam idóneos para exprimir a dimensão celebrativa do povo».

algumas dimensões⁷²¹ ligadas à liturgia cristã: a simbólica, a linguagem, os espaços do culto, os tempos litúrgicos, os ritos litúrgicos, os ministérios⁷²² e a assembleia. A abordagem dos elementos litúrgicos interpela a assembleia litúrgica⁷²³.

De modo que, o ser humano celebra os acontecimentos da vida. Por sua vez, não está isolado da sua cultura⁷²⁴ e da história. Transporta um património herdado do passado. Na liturgia celebramos os acontecimentos do encontro com Deus. A celebração exige participação ativa⁷²⁵. Segundo Dom José Manuel Cordeiro, «a Igreja vive da Liturgia. Esta é a sua dimensão decisiva, não exclusiva, porque a Liturgia é a primeira escola da fé e da vida espiritual»⁷²⁶.

Pela liturgia se partilha a fé cristã, revela a comunhão eclesial. Por isso, a liturgia une o Povo Deus. Celebramos e vivemos a fé⁷²⁷. Pelo que, «o crer passa com Paulo a ser regido e modalizado por uma experiência de transformação»⁷²⁸. A liturgia transforma a vida em Cristo⁷²⁹, O “*Sacerdote, Altar e Cordeiro*”, expresso no quinto (V) Prefácio Pascal do Missal Romano.

Por isso, «crer em Cristo significa participar do dinamismo de vida que está escondido e ao mesmo tempo, revelado no acontecimento da Sua ressurreição»⁷³⁰. A Liturgia toca todas as circunstâncias da existência humana. Une o divino com o humano. Como escreve Dom José Cordeiro, o Arcebispo Primaz de Braga: «toda a Liturgia é, principalmente, celebração sacramental, que realiza, sobremaneira, na Eucaristia, a união entre o visível e o invisível, isto é, o único mistério de Deus, que outro não é senão o próprio Jesus Cristo»⁷³¹.

⁷²¹MIDILE, «La Costituzione Liturgica *Sacrosanctum Concilium*, tra risultati e prospettive dei primi cinquant’anni», 183; cf. SC 40.

⁷²²João ELEUTÉRIO, «A ministerialidade na Igreja: subversões e “redescobertas”», *Uma anatomia do poder eclesial* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2022), 40.

⁷²³ELEUTÉRIO, «A ministerialidade na Igreja: subversões e “redescobertas”», *Uma anatomia do poder eclesial*, 41: «Com efeito, olhando para o dinamismo de comunicação entre Deus e a Criação patente na celebração eucarística e sublinhando a importância da assembleia litúrgica, Edward Kilmartin apresenta a noção de sacrifício cristã».

⁷²⁴Luís Figueiredo RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2016), 72: «Falar da identidade de uma pessoa ou de um povo é evocar o conceito de cultura, que dá ao sujeito a possibilidade de conhecer o mundo e saber como reagir em cada situação».

⁷²⁵ELEUTÉRIO, «A ministerialidade na Igreja: subversões e “redescobertas”», *Uma anatomia do poder eclesial*, 42.

⁷²⁶José Manuel CORDEIRO, «Da Liturgia à vida», in *Didaskalia*, XLIV (2014), II, 203.

⁷²⁷RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 65.

⁷²⁸MENDONÇA, «Radicalidade da vocação cristã e comunhão eclesial: Interpelação das comunidades paulinas», in *Didaskalia* XLV (2015), I, 22.

⁷²⁹Peter STILWELL, «In persona Christi», *Uma anatomia do poder eclesial*, João Eleutério, coord. (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2021), 62.

⁷³⁰MENDONÇA, «Radicalidade da vocação cristã e comunhão eclesial: Interpelação das comunidades paulinas», 23.

⁷³¹CORDEIRO, «A Liturgia como lugar de missão. Sem Liturgia não há missão», 107.

Actualmente, há maior consideração dos movimentos de apostolado e do ministério dos catequistas⁷³² para dinamizar a evangelização. Temos a intenção de salientar o papel do catequista diante da família, na comunidade, pensar na cultura local, na religiosidade popular.

5.1. Criação do Centro de formação dos Catequistas

Ao longo da evangelização, houve necessidade de associar ao ministério pastoral alguns crentes, dotados de virtudes cristãs e qualidades humanas, para colaborarem com os presbíteros e diáconos. Como escreve o João Eleutério: «a ministerialidade é, como já se disse, um elemento estruturante da Igreja. A história mostra alguns pólos, com os quais ela se configurou. Nesta análise abordámos três: uma apostólica, outra episcopal e ainda sacerdotal»⁷³³.

Entretanto, como poderão cooperar, sem conhecimento eficiente da mensagem cristã? Chamados para o ministério de catequista na sociedade contemporânea com os novos contornos. A propósito, a interpretação dos acontecimentos alcançou novos patamares. A dimensão religiosa ganhou nova perspectiva; a sociedade contemporânea descobriu novos caminhos da conquista da felicidade. Como se não bastasse, isto determina o hoje da Igreja.

Por isso, o pensamento teológico do Professor João Eleutério clarifica sobre a importância de formação dos catequistas: «(...) existe uma afirmação crescente de ministérios laicais, mesmo com toda a exigência de aprendizagens a serem ainda feitas por parte das comunidades eclesiais»⁷³⁴. Há necessidade de nos dedicarmos pela formação⁷³⁵ dos catequistas. De igual modo, que houvesse formação litúrgica⁷³⁶ adequada do povo cristão.

Na época de a cultura digital, ser catequista tornou-se mais complexo. Gostaríamos, que houvesse formação básica dos catequistas sobre o uso das redes sociais e do impacto digital no seio da comunidade. «Viver numa sociedade em rede, ou então *informacional*, postula que a pessoa seja capaz de habitar o mundo da informação como um espaço que é seu, que lhe é familiar e no qual está à vontade»⁷³⁷. «Logo a rede não pode ser algo totalmente estranho, exterior; tem, de certa maneira, de estar no indivíduo e o indivíduo nela: (...)»⁷³⁸.

⁷³² FRANCISCO, Carta apostólica sob forma de «Motu Proprio», *Antiquum ministerium* (2021), n.1.

⁷³³ ELEUTÉRIO, «A ministerialidade na Igreja: subversões e “redescobertas”», *Uma anatomia do poder eclesástico*, 49.

⁷³⁴ ELEUTÉRIO, «A ministerialidade na Igreja: subversões e “redescobertas”», 48.

⁷³⁵ MIDILE, «La Costituzione Liturgica *Sacrosanctum Concilium*, tra risultati e prospettive dei primi cinquant’anni», 200.

⁷³⁶ MIDILE, «La Costituzione Liturgica *Sacrosanctum Concilium*, tra risultati e prospettive dei primi cinquant’anni», 200.

⁷³⁷ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 144.

⁷³⁸ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 144.

«Neste caso, o acesso aos *media* e a participação social são aspectos que se tornam cada vez mais populares devido ao próprio ritmo de vida que as sociedades africanas levam». Acreditamos que seja um processo lento, porém irreversível»⁷³⁹.

A qualidade missionária de uma comunidade eclesial depende também da participação activa dos catequistas. Visto que, eles desempenham o papel relevante nas comunidades ou nos centros eucarísticos. Na ausência do presbítero, têm assumido a responsabilidade comunitária, animando-a com a Palavra de Deus e oração. Se reconfigura a caminhada conjunta do povo de Deus.

Este ministério possui uma forte valência vocacional, que requer o devido discernimento por parte do Bispo e se evidencia com o Rito de instituição. De facto, é um serviço estável prestado à Igreja local de acordo com as exigências pastorais identificadas pelo Ordinário do lugar, mas desempenhado de maneira laical como exige a própria natureza do ministério⁷⁴⁰.

Na verdade, a reflexão do pontífice especifica a vocação e a identidade dos catequistas, cuja autoridade principal é o bispo local. Para desempenharem dignamente a referida tarefa, deve haver formação, que aprofundem a Doutrina Social da Igreja. Possam compreender a evolução da História da salvação, aprofundarem o conhecimento⁷⁴¹ da Tradição da Igreja.

Os catequistas tenham orientação básica sobre a Sagrada Escritura. É preciso dotá-los de ferramentas para o comentário bíblico no seio da comunidade, onde forem enviados pela Igreja, para anunciarem o Evangelho, mediante o ensino da catequese. Os homens e as mulheres sejam promovidos para o ministério. Por isso, salienta o Papa Francisco:

Convém que, ao ministério instituído de Catequista, sejam chamados homens e mulheres de fé profunda e maturidade humana, que tenham uma participação ativa na vida da comunidade cristã, sejam capazes de acolhimento, generosidade e vida de comunhão fraterna, recebam a devida formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica, para ser solícitos comunicadores da verdade da fé, e tenham já maturado uma prévia experiência de catequese (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Decr. *Christus Dominus*, 14; CIC cân. 231 §1; CCEO cân. 409 §1)⁷⁴².

O ministério dos catequistas inclui os membros da comunidade, homens e mulheres de virtudes humanas e “qualidades eclesiais”. Possam aprofundar os sacramentos, estudarem a

⁷³⁹ Silvino MAZUNGA, *África pôde e pode. O papel da Rádio e da Televisão na revalorização do homem africano* (Mayamba Editora: Luanda, 2013), 97.

⁷⁴⁰ FRANCISCO, Carta Apostólica sob forma de «Motu Proprio» *Antiquum ministerium*, sobre o ministério do catequista (2021), n. 8.

⁷⁴¹ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 159: «O conhecimento na sociedade da informação não é apenas um produto. Ele é um processo e não foi da mesma forma que os bens físicos, na era industrial».

⁷⁴² FRANCISCO, Carta Apostólica sob forma de «Motu Proprio» *Antiquum ministerium*, sobre o ministério do catequista (2021), n. 8.

eclesiologia, a mariologia, a missiologia. Confrontando-se com as culturas⁷⁴³ locais, acompanhar a evolução das ciências humanas e sociais. O estudo da Sagrada Escritura, que é imprescindível. Que tenham um pouco conhecimento dos princípios do Direito Canônico.

Recomendamos que os centros de formação estivessem na altura para o desenvolvimento do recurso humano a nível das ciências humanas. Uma vez obtida esta ferramenta, poderão corresponder melhor aos desafios da comunidade eclesial. O estudo da liturgia como pluralismo de ritos e de modalidade de celebração permanece como campo aberto. O Pentecostes favoreceu o desenvolvimento do pluralismo litúrgico⁷⁴⁴.

Há que conhecer a riqueza do pluralismo litúrgico, que resulta do encontro de culturas⁷⁴⁵. Na verdade, o pluralismo litúrgico manifesta os efeitos do Pentecostes em cada cultura. Faz a difusão e expansão universal da Boa Nova. Por isso, a celebração dos mistérios de Cristo é o objeto central da universidade litúrgica⁷⁴⁶. Deste modo, a vastidão da literatura litúrgica requer outra atenção. Dado à diversidade litúrgica,

O Concílio Vaticano II abriu espaços ao pluralismo litúrgico “para variações e legítimas adaptações a diversos grupos e povos” (cf. SC 38). Neste sentido, a liturgia deve responder à cultura para que seja fonte e ápice da vida cristã (cf. SC 10) e para que se sinta ligada aos sofrimentos e às alegrias do povo. Devemos dar uma resposta autenticamente católica ao pedido das comunidades amazônicas de adaptar a liturgia valorizando a cosmovisão, as tradições, os símbolos e os ritos originais, incluindo dimensões transcendentais, comunitárias e ecológicas⁷⁴⁷.

É tão interessante e enriquecedora a visão histórico-antropológica do Francisco sobre a inculturação litúrgica, no território amazônico. Identificou o foco de evangelização das comunidades locais através da compreensão dos seus usos e costumes. Apontou como critério de missão o diálogo. Formarmos para o diálogo. Feito isto, se inculca a liturgia cristã. No fundo, abriu uma porta para uma sinodalidade. Procurou defender o ecossistema latino-americano.

Vivemos tempos desafiantes no domínio da reflexão teológica. A partir do momento em que a Igreja, através da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, selou um pacto de diálogo com o mundo, aumentaram as expectativas sobre os termos, as metodologias e os efeitos dessa iniciativa. Diálogo, desde logo sinónimo de reciprocidade e de disponibilidade para correr o

⁷⁴³Emmanuel Kuvialeka PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais* (Paulus Editora: Lisboa, 2013), 200.

⁷⁴⁴SC 7.

⁷⁴⁵PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais*, 201.

⁷⁴⁶SC 47.

⁷⁴⁷FRANCISCO, Exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia*, 116.

risco de ser diferentes, sem negar a sua essência, e de se deixar transformar positivamente pelo seu interlocutor⁷⁴⁸.

O verdadeiro rosto do cristianismo parte do diálogo estabelecido entre o divino e a humanidade. O cristianismo é dinâmico e dialogante. Para tal, a Igreja deve despojar-se e despojar-se, a fim de cumprir a sua verdadeira missão. A Igreja tem a delicada missão⁷⁴⁹ de promover o diálogo com o mundo contemporâneo. Deve aproximar todas as pessoas para Deus, independentemente do credo religioso, que professam.

Recordemos que, o cristianismo é a encarnação de Deus na história. Pelo poder do Espírito Santo⁷⁵⁰, o Filho de Deus entrou em diálogo com as culturas e os povos do mundo. Pela sua humildade, Deus⁷⁵¹ entrou na história dos humanos. Ele não anulou a natureza humana, mas assumiu a fragilidade humana, a fim de a resgatar e aperfeiçoar, humanizá-la e divinizá-la.

Quando nos referimos da formação dos catequistas, devemos ter em conta os elementos acima decifrados: o encontro com as culturas, o diálogo entre povos, o conhecimento preliminar dos acontecimentos salvíficos resumidos na Escritura, a tradição litúrgica, a diversidade de literatura cristã. A formação dos catequistas também indica espaço de sinodalidade. É preciso facultar as ferramentas para a missão eclesial de evangelização e santidade⁷⁵².

5.1.1. Catequistas como missionários leigos

Os catequistas fazem parte do grupo dos leigos. A propósito, os leigos são missionários comprometidos pelo Evangelho. Os catequistas são agentes pastorais ao serviço da fé⁷⁵³. Anunciam Jesus⁷⁵⁴ através da catequese, da celebração da palavra, do acompanhamento dos movimentos de apostolado e dos grupos eclesiais. Estão ao serviço da comunidade eclesial⁷⁵⁵. Os catequistas assistem os doentes e os enfermos em nome da Igreja.

Para serem fiéis servidores da Igreja⁷⁵⁶, necessitam de enquadramento constante. A história do cristianismo descreve os sinais sobre o ministério dos catequistas. Pois, a Igreja dá

⁷⁴⁸ Tiago FREITAS, «O corpo eclesial. Lugar de formação e de experiência de Deus», Luís Figueiredo Rodrigues, org., in *A edificação do tecido eclesial. Formação de Agentes* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2021), 121.

⁷⁴⁹ Elias WOLFF, «A interação entre fé e política na missão em perspectiva dialógica», in *Atualidade Teológica*, v. 24, n. 66 (2020), 798: «Missão é vida em sentido amplo, contextualizada, socioculturalmente».

⁷⁵⁰ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 48.

⁷⁵¹ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 49.

⁷⁵² Paulino MULAMBA, *Os novos movimentos de apostolado fundados em Cabinda. Uma abordagem teológico-pastoral* (Princípio: Cascais, 2019), 45.

⁷⁵³ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 38.

⁷⁵⁴ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 51.

⁷⁵⁵ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 32.

⁷⁵⁶ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 33: «A Igreja como comunhão e como comunidade dos crentes».

continuidade a missão de Jesus Cristo ao longo das gerações. Outrossim, com muita alegria, a Igreja realiza reflexões sobre o catequista e o seu verdadeiro ministério na comunidade.

O Catequista é simultaneamente testemunha da fé, mestre e mistagogo, acompanhante e pedagogo que instrui em nome da Igreja. Uma identidade que só mediante a oração, o estudo e a participação direta na vida da comunidade é que se pode desenvolver com coerência e responsabilidade (cf. Cons. Pont. para a Promoção da Nova Evangelização, Diretório da Catequese, 113)⁷⁵⁷.

Em primeiro lugar, ser catequista, é testemunhar a fé em Cristo. Os seguidores de Cristo, que acolheram a sua mensagem, assumiram a responsabilidade durante a vida. Por isso, confirmamos que: «o acontecer de Cristo na vida de cada um torna-se uma realidade tão transformante que introduz uma radical contestação identitária»⁷⁵⁸. Trata-se de uma mudança de vida pessoal, que abraça os valores evangélicos.

Em segundo lugar, o catequista se torna “mestre” da verdade, Jesus Cristo diante dos outros. A sua missão consiste no anúncio da fé. Revestido de certas virtudes, obediente a Deus por meio da Igreja, proclama a mensagem do Ressuscitado por meio dos gestos e das palavras. Vive a sua missão através dos sacramentos⁷⁵⁹. Faz experiência permanente com o povo de Deus, no seu ambiente habitual.

Em terceiro plano, acompanha e convive com a comunidade eclesial. Naturalmente, só poderá desempenhar com fidelidade a missão, na medida em que estiver unido à comunidade através da oração assídua, da participação nos sacramentos da Penitência e Eucaristia, o cerne de renovação e configuração permanente de sua vida espiritual. Dedicar-se-á ao estudo da verdade de fé⁷⁶⁰. Se isto não for feito, não dará frutos à comunidade.

5.1.2. Catequistas e família

Quando nasce um ser humano, a primeira questão que se coloca, diz respeito à descoberta da sua raiz genealógica. A que família pertence? Quem são os seus pais? Essas interrogações fazem sentido, porque nos permitem estabelecer uma relação de proximidade. «A experiência mostra como é importante o papel de uma família coerente com a norma moral do homem que nela nasce e se forma»⁷⁶¹.

⁷⁵⁷ FRANCISCO, Carta Apostólica sob forma de «Motu Proprio» *Antiquum ministerium*, sobre o ministério do catequista (2021), n. 6.

⁷⁵⁸ MENDONÇA, «Radicalidade da vocação cristã e comunhão eclesial: Interpelação das comunidades paulinas», 23.

⁷⁵⁹ José Manuel CORDEIRO, «A Liturgia como lugar de missão. Sem Liturgia não há missão», in *Boletim de pastoral litúrgica*, 105.

⁷⁶⁰ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 35.

⁷⁶¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem Pastoral «Família e Cultura», in *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética. Documentos episcopais 1999-2017* (Luanda, 21 de novembro 2012), n.3.

Na visão dos Bispos de Angola e São Tomé, «a família é o fundamento da sociedade e da Igreja, é uma das coisas mais belas que Deus nos deu e acompanham a vida. Que seria a vida sem a família? Viver, pois, é mais que comer, dançar, trabalhar»⁷⁶². Seguidamente,

O homem foi criado para a família: uma família enraizada em Cristo, como lugar de amor recíproco e de crescimento da pessoa, formada por uma só mulher e por um só homem; num lar de amor verdadeiro, onde os filhos sejam vistos como um dom, amados, cuidados, amparados⁷⁶³.

Constituindo a família⁷⁶⁴, acima de tudo, ele dedica-se ao serviço da sua família. Apesar da sua vocação cristã enquanto catequista, não se desintegra da sua família natural. Também compreende a sua vocação dentro da sua família. «A força da família está realmente em amar e ensinar a amar, em tender para a comunhão que é fonte de alegria»⁷⁶⁵.

Torna-se promotor do bem para as famílias, exemplo para a comunidade. Quanto maior for o seu perfil na família⁷⁶⁶, assim atrairá os fiéis para Deus. «É por isso que a família constitui uma instituição natural, na qual e através da qual o homem aparece como o colaborador mais vizinho de Deus em toda a criação. Na família, o amor recíproco dos esposos é o prolongamento do amor de Deus»⁷⁶⁷.

Podemos dizer que, o catequista manifesta a sinodalidade através da sua família. Faz fluir a comunhão de vida cristã e os valores evangélicos no seio da própria família⁷⁶⁸. Como quer que seja, torna-se guia fundamental da fé e do diálogo entre os membros constitutivos da sua família. Ser catequista significa paralelamente ser evangelista vivo das famílias.

A missão do catequista começa pela sua própria família. A segunda prioridade passa pela relação com as famílias⁷⁶⁹. O papel primordial do catequista deve ser compreendido diante das famílias. Todo o catequista tem de manter fielmente a semente do Evangelho. Todo o catequista deve promover a sinodalidade dentro da sua família.

⁷⁶² CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem Pastoral «Ao Povo de S. Tomé e Príncipe: Cristo está convosco, avançai!», in *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética. Documentos episcopais 1999-2017* (São Tomé e Príncipe, 15 de março de 2014), n. 2.

⁷⁶³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem Pastoral «Ao Povo de S. Tomé e Príncipe: Cristo está convosco, avançai!», n.2.

⁷⁶⁴ Manuel Joaquim DA ROCHA, «O verdadeiro significado do casamento», in *Igreja Aveirense*, 15, 2 (2019), 67-76.

⁷⁶⁵ DA ROCHA, «O verdadeiro significado do casamento», in *Igreja Aveirense*, 71.

⁷⁶⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem Pastoral «Família e Cultura», in *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética. Documentos episcopais 1999-2017*, n. 1.

⁷⁶⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem Pastoral «Família e Cultura», *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética. Documentos episcopais 1999-2017*, n.1.

⁷⁶⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem Pastoral «Família e Cultura», in *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética. Documentos episcopais 1999-2017*, n.1.

⁷⁶⁹ COMISSÃO DIOCESANA DA CULTURA, DIOCESE DE AVEIRO, «Ano Pastoral 2019-2020, *Família, vocação de amor e caminho de santidade*», in *Igreja Aveirense*, 15, 2 (2019), 79-97.

5.1.3. Catequistas e Comunidade

Todo o catequista nasce de uma comunidade, moldado por ela. Por isso mesmo, cresce na comunidade; educado na comunidade; escolhido pela comunidade⁷⁷⁰. Para servir a comunidade. Na sua comunidade crente, o catequista se transforma como testemunha de comunhão eclesial. Por este motivo, pode ser chamado responsável da sinodalidade, em representação do Pároco, primeira autoridade paroquial.

Poderá dizer-se que por comunidade significa um grupo de pessoas que estabelecem uma rede de relações interpessoais que, com um perfil de qualidades psicológicas, de tonalidades afectivas e de modalidades organizativas, são caracterizadas de solidariedade, integridade, união e comunhão. No caso das nossas comunidades, o problema é ainda mais complexo por mais simples que possa parecer à primeira vista. A dimensão cultural tem um enorme peso nas relações que as pessoas têm na comunidade⁷⁷¹.

Existe uma autêntica coesão entre membros do ministério laical dos catequistas. Estão indicadas as propriedades de pertença à comunidade. O interesse pela integridade, comunhão e solidariedade entre catequistas aparece visível. Olhando de forma crítica para a diocese de Cabinda, observamos as comunidades e, constatamos que tem havido contributo dos catequistas. A imagem que se tem do catequista, é como conselheiro, como agente, garante da moral cristã, um mensageiro, um delegado da Igreja e mistagogo.

Por outras palavras, as principais competências a ter em conta na formação de catequistas têm de abranger: ser, que inclui a integração fé-vida, a maturidade humana e cristã; saber, que respeita aos conteúdos da fé, redefinindo a própria história à luz da história da salvação; o saber-fazer, que pressupõe uma mentalidade educativa, a animação do grupo e o trabalho em equipa, com os outros catequistas⁷⁷²;

O autor indicou as condições para formação dos catequistas. Como cristão, depende da paróquia, onde presta o serviço pastoral, colabora com o pároco. Trabalha com os catequistas, participa da comunhão eclesial, geradora da sinodalidade. «Por isso, o catequista é alguém: chamado por Deus; que participa da missão de Jesus Mestre, alguém que segue Jesus, vive o mistério pascal, está aberto à ação do Espírito Santo e está inserido numa comunidade»⁷⁷³.

O catequista é um enviado do pároco nas comunidades, para dinamizar e ajudar o pároco a difundir a Palavra de Deus. Prepara os catecúmenos para a recepção dos sacramentos. Há que

⁷⁷⁰ MAZUNGA, *África pôde e pode. O papel da Rádio e da Televisão na revalorização do homem africano*, 96: «Quem faz parte dela? E quando é que se pode fazer parte da comunidade?».

⁷⁷¹ MAZUNGA, *África pôde e pode. O papel da Rádio e da Televisão na revalorização do homem africano*, 96.

⁷⁷² José Cardoso DE ALMEIDA, «Formação dos catequistas – visão europeia», Luís Rodrigues, org., in *Edificação do tecido eclesial. Formação de Agentes* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2021), 46.

⁷⁷³ DE ALMEIDA, «Formação dos catequistas – visão europeia», 50.

ter em consideração, a extensão territorial da paróquia assim como das múltiplas tarefas pastorais, especialmente: assistência espiritual dos doentes e dos idosos.

Tem o dever de ajudar as famílias vulneráveis da comunidade. Com efeito, os crentes esperam dos catequistas, que dêem o testemunho do Evangelho de Cristo. «De todos os elementos que fazem parte da ação catequizadora da Igreja, o mais importante é o catequista. Importa, por isso, aprofundar a missão do catequista, nomeadamente do catequista leigo»⁷⁷⁴.

No entanto, a função peculiar desempenhada pelo Catequista especifica-se dentro doutros serviços presentes na comunidade cristã. Com efeito, o Catequista é chamado, (...), a exprimir a sua competência no serviço pastoral da transmissão da fé que se desenvolve nas suas diferentes etapas: desde o primeiro anúncio que introduz no querigma, passando pela instrução que torna conscientes da vida nova em Cristo e prepara de modo particular para os sacramentos da iniciação cristã, até à formação permanente que consente que cada batizado esteja sempre pronto «a dar a razão da sua esperança a todo aquele que lha peça» (cf. 1 Ped 3, 15)⁷⁷⁵.

Portanto, o testemunho de vida cristã continua indispensável para o exercício deste ministério, na comunidade⁷⁷⁶. O catequista vive e convive na comunidade, como servo dos homens e das mulheres, sem ostentação e discriminação. Tome consciência da missão⁷⁷⁷, que lhe confiada pela Igreja. Pensemos, seriamente nesta figura presencial da Igreja, naqueles lugares recônditos, onde a comunidade tenha pouca oportunidade de ter um sacerdote.

5.2. Criação de Centro de formação juvenil

A Igreja tem chamado atenção sobre a formação juvenil. Sem perdermos o foco temático, desde o início, a nossa pesquisa diz respeito à sinodalidade diocesana. Mas a dimensão formativa abarca toda a sinodalidade. É necessário cultivarmos a cultura da sinodalidade. Do estudo feito por José Silvino Sambo Mazunga, jornalista e escritor, acerca do continente africano, vem expresso o seguinte:

A formação do homem africano, a consciência de ser ele próprio a conduzir o seu destino e assumir uma mente crítica perante o mundo é uma das tarefas mais importantes da liderança. É preciso a convicção de sermos capazes de um desenvolvimento sustentável. O apadrinhamento da ciência e da técnica são fundamentais para o desenvolvimento. A educação

⁷⁷⁴ DE ALMEIDA, «Formação dos catequistas – visão europeia», 50.

⁷⁷⁵ FRANCISCO, Carta Apostólica sob forma de «Motu Proprio» *Antiquum ministerium*, sobre o ministério do catequista (2021), n. 6.

⁷⁷⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem Pastoral, «Reavivar a fé dos fiéis leigos em Cristo», in *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética. Documentos episcopais 1999-2017*, n. 4.

⁷⁷⁷ ELIAS WOLFF, «A interação entre fé e política na missão em perspectiva dialógica», in *ATEO*, v. 24, 66 (2020), 799: «(...) a sua missão evangelizadora tem implicações nesse meio enquanto compromisso de fé pelo bem da comunidade toda».

e o respeito pelo outro e por aquilo que não é nosso são valores a preservar e a cultivar na vida social⁷⁷⁸.

Esta reflexão mencionada, direciona a sua reflexão sobre a importância da formação da consciência para a ciência. O jovem africano anda preocupado com o seu desenvolvimento e com o destino da sua comunidade. Vivemos em contextos diversos, que nos obrigam a redobramos os esforços para um acompanhamento, uma compreensão e integração da vida humana na sociedade. Os jovens do nosso tempo e da comunidade nos pedem isto.

Por isso, o Sínodo propõe a valorização das experiências de missão juvenil, através da instituição de centros de formação para a evangelização destinados aos jovens e aos casais jovens, mediante uma experiência integral que se concluirá com o envio em missão. Já existem iniciativas deste tipo em vários lados, mas pede-se a cada Conferência Episcopal que estude a sua viabilidade no respetivo contexto⁷⁷⁹.

Apostar na formação, significa participar na vida dos jovens. É uma das dimensões evangelizadoras da Igreja. Faz parte da missão do ensino da Igreja. Cada Igreja particular tem essa responsabilidade. Planifica, ensina a cada ser humano e demonstra aos jovens o seu real chamamento, segundo os desígnios de Deus. O jovem aprende a buscar as coisas do alto, constrói o seu futuro à luz dos valores morais, éticos, intelectuais, transcendentais, culturais.

Com efeito, a promoção da formação integral dos membros continuará como prioridade, por não descurar. Os jovens vivem em diversas circunstâncias, que deixam a desejar. Como nos narra Silvino Mazunga: «o ser mais implica uma delimitação do futuro para que não se caminhe à deriva»⁷⁸⁰. A franja juvenil anda à procura da realização. Como é do nosso conhecimento, há falta das oportunidades de ensino e aprendizado para os jovens.

5.2.1. Os jovens e a vida espiritual

Das cinco fases evolutivas da vida humana, nomeadamente a infância, a adolescência, a juventude, a adulta e a velhice, interessa-nos abordarmos sobre a juventude. A vida espiritual começa em família. Os primeiros educadores “espirituais” são os pais. Em vista deste processo, tenhamos em conta a dimensão espiritual dos jovens. Com o apoio da mensagem dos Bispos de Angola e São Tomé:

⁷⁷⁸MAZUNGA, *África pôde e pode. O papel da Rádio e da Televisão na revalorização do homem africano* (Mayamba: Luanda, 2013), 58.

⁷⁷⁹PADRES SINODAIS, XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, Documento Final, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (Outubro de 2018), 160, in <http://www.synod.va/content/synod2018/pt/documento-final-del-sinodo-dos-bispos--os-jovens--a-fe-e-o-disce.html> (acesso: 4 de fevereiro de 21).

⁷⁸⁰MAZUNGA, *África pôde e pode. O papel da Rádio e da Televisão na revalorização do homem africano*, 50.

Tal como Zaqueu, os nossos jovens precisam de ser acolhidos e escutados. Eles têm muitas coisas a dizer aos adultos, aos pais, aos educadores, aos mais velhos. Precisam de que lhes indique o caminho, lhes esclareça dúvidas, oriente, os conforte quando vacilam. Podem parecer que fogem, mas, uma vez encontrados, o seu coração abre-se extraordinariamente a Deus⁷⁸¹.

A preocupação de Jesus para com Zaqueu continua viva na pastoral juvenil querida pelos Bispos de Angola e São Tomé. A propósito, eles têm feito um esforço para implementar, inovar os critérios desta pastoral. Têm dado o contributo, segundo as circunstâncias de cada jovem. Em outros termos, trata-se de acolher, escutar, acompanhar, valorizar e integrar os jovens no caminho de fé⁷⁸² eclesial. Em consonância com o pronunciamento de Bento XVI, os pastores realçaram:

A juventude é o futuro da nação e da Igreja. É, de facto, uma força e uma energia que não podem detonar como explosivos destruidores, mas sim como uma corrente que inova e transforma, garantindo um futuro autêntico, segundo Deus e conforme com o Seu projecto de humanidade⁷⁸³.

Se quisermos garantir a estabilidade da comunidade e do futuro da Igreja, devemos arregaçar as mangas para a orientação espiritual dos jovens. Torna-se imperiosa a elaboração dos programas do cunho espiritual, inspirados da Sagrada Escritura, passando pela Tradição e pelo Magistério ordinário, incluindo temáticas afins dos especialistas. Com certeza, o ponto central passa pelo discernimento do tempo.

Desta feita, a ligação Jovem-Eucaristia, constitui não apenas o ponto nevrálgico da participação do jovem na vida sacramental, como também o eixo à volta do qual gira toda a sua vida de fé, pois a Eucaristia constitui a fonte e o cume de toda a vida da Igreja e da sua missão (cf. LG nº 11). «Com a educação de fé, e intimamente ligada a ela, vem a sua celebração, no sentido forte da palavra, particularmente na liturgia. Esta, como diz o Concílio, é a meta para que tende a acção da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força⁷⁸⁴.

Cessam as nossas palavras, porque o cristão vive da Eucaristia. A participação eucarística enche de alegria e dá vida aos fiéis. Por isso, a instrução dos Bispos daquela Conferência tem razão de ser. Diríamos que, não há cristão sem a Eucaristia. O baptismo dá

⁷⁸¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem pastoral, «Juventude e a fé recebida», in *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética. Documentos Episcopais 1999-2017* (Universidade Católica Editora: Luanda, 2018), n.19.

⁷⁸² CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem pastoral, «Juventude e a fé recebida», n. 8.

⁷⁸³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem pastoral, «Juventude e a fé recebida», n. 5.

⁷⁸⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem pastoral, «Juventude e a fé celebrada», (Luanda: 2018), n. 64; cf. RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 52.

início à vida cristã, regenera o ser humano. A sua concretização acontece na comunhão do corpo e sangue do Senhor Jesus Cristo. Os sacramentos sustentam a fé, coroam a vida espiritual.

«Para os fiéis de Cristo, o movimento de ressurreição começa no batismo: é a entrada na vida nova, tão bem expressa pelo apóstolo Paulo: A oração eucarística faz-lhe eco neste ponto, que a tradução francesa obscureceu um pouco, (...)»⁷⁸⁵. Está identificado o ponto de partida para o acompanhamento paciente dos jovens. Podemos ajudá-los a redescobrirem a alegria da união com Jesus Cristo. Partindo do batismo até aos outros sacramentos de Cristo.

Claro está que esta consciência não se adquire automaticamente. Nenhum de nós fez sozinho a descoberta de Deus em Jesus Cristo. Passámos por contextos e processos, precisámos da presença dos outros, de pessoas e instituições, que participaram no nosso crescimento e desenvolvimento humano e espiritual. Sempre houve a necessidade e a urgência do anúncio⁷⁸⁶.

Como é sabido, a fase juvenil determina a busca das oportunidades de vida. Abundam intenções, pois, existe uma procura incessante da felicidade. Há muitos sonhos e aparecem tantas aventuras⁷⁸⁷. Até certo ponto, há carência da assistência espiritual da juventude. Há muitos jovens sem sacramentos. Porque não tiveram a sorte de enquadramento eclesial. «Como Igreja que somos, sentimo-nos desafiados pela realidade vivida pelos nossos jovens, e queremos uma pastoral juvenil que lhes aponte caminhos de futuro»⁷⁸⁸.

Porque a Igreja de amanhã (do futuro), vai depender da qualidade dos jovens de hoje, presentes nas comunidades eclesiais. Da parte dos pastores existe uma preocupação contínua sobre a juventude. A relação estabelecida com os jovens, o conhecimento da vida da Igreja, favorece o crescimento da comunhão eclesial. Porque os jovens também fazem parte da comunidade convocada por Deus. Neste âmbito, temos a sinodalidade juvenil.

Precisamos de celebrar a fé com os jovens⁷⁸⁹. Caminharmos com os jovens a nível espiritual, significa celebrarmos com eles a liturgia. Em seguida, a vida espiritual de cada crente deve ser alimentada mediante a Palavra de Deus e dos sacramentos. Todos os jovens são convidados a familiarizarem-se com tudo quanto ensina a Igreja sobre a fé. Como é óbvio, a nossa fé católica permanece aquela trinitária. Acreditar em Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

⁷⁸⁵ Marcel METZGER, «A Eucaristia, Fonte de vida. Mensagem muito ignorada», in *Boletim de pastoral litúrgica* 45, 179-180 (2020), 124.

⁷⁸⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem pastoral, «Juventude e a fé recebida», n. 17.

⁷⁸⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem pastoral, «Juventude e a fé recebida», n. 11.

⁷⁸⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem pastoral, «Juventude e a fé recebida», n. 14.

⁷⁸⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem pastoral, «Juventude e a fé recebida», n. 30.

5.2.2. Os jovens e família

Gostaríamos de analisar alguns pontos acerca dos jovens e da família. Os jovens⁷⁹⁰ como membros de famílias estão atentos aos acontecimentos vitais. Eles mantêm viva a força da família. Precisam de perceber o processo evolutivo da vida através da família. Por falta de famílias bem constituídas, algumas vezes, encontramos jovens que padecem dificuldades.

Segundo os Bispos Católicos de Angola e S. Tomé, «a família em Angola, graças a Deus, tem ainda a peito o valor dos filhos, que leva o africano bantu, a tomar parte daquela “participação vital” que é a procriação. Mas deve-se considerar a maternidade e a paternidade como valores invioláveis a defender»⁷⁹¹.

Precisamos de estar atentos aos fenómenos desfavorecidos para o bem da família. Neste caso, a procriação dos filhos exige duas categorias insubstituíveis: da mãe (a presença adulta madura) e àquela do pai (presença adulta madura). Longe de promovermos a cultura de “orfandade” dos pais que estão em vida”. «No quotidiano, registam-se factos que inquietam e perturbam a qualidade de vida de muitas famílias: a falta de preparação e de formação contínua para se formar e ser família»⁷⁹².

Nos tempos atuais, como os jovens vêem a família⁷⁹³? Qual conhecimento que o jovem tem sobre a família angolana? Qual a sua relação com a família? Realmente, a Igreja Católica enfrenta também os desafios sobre o enquadramento dos jovens contemporâneos. Do ponto de vista social, alguns jovens não têm indicação qualitativa acerca do seu futuro. Provavelmente, seja por razões da instabilidade familiar. Outrossim, talvez seja por falta de orientação.

5.2.3. Os jovens e a política

Do ponto de vista eclesiológico, não se deve descurar desse campo nevrálgico. Sem equívocos, os jovens têm de conhecer o sistema de governação do seu país. Que possam encontrar as razões para a felicidade. Saibam avaliar a evolução do país. Precisamos de ajudar

⁷⁹⁰ AA 12: «Este acréscimo de influência na sociedade exige deles uma actividade apostólica correspondente».

⁷⁹¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem pastoral, «Família e Cultura», in *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética. Documentos Episcopais 1999-2017*, n. 4.

⁷⁹² CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem pastoral, «Eucaristia e Família», in *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética. Documentos Episcopais 1999-2017*, n. 18.

⁷⁹³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem pastoral, «Eucaristia e Família», in *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética. Documentos Episcopais 1999-2017*, n.19: «a família contemporânea está a sofrer rudes golpes que a tornam frágil e fragilizadora».

os jovens a construírem a cidadania⁷⁹⁴ e promoverem o bem comum⁷⁹⁵. Pelo que tudo indica, cultivarem a convivência pacífica com a comunidade⁷⁹⁶.

«Por “política” entende-se aqui o bem comum. Política relaciona-se à organização da vida e a mediação de conflitos. Sua finalidade refere-se aos vários aspectos na vida das pessoas em sociedade, tais como emprego, transporte, moradia, segurança e infraestrutura da cidade»⁷⁹⁷. Na visão do Papa Francisco, «(...) é necessária a política melhor, a política colocada ao serviço do verdadeiro bem comum. Mas hoje, infelizmente, muitas vezes, a política assume formas que dificultam o caminho para um mundo diferente»⁷⁹⁸.

Para os Bispos Católicos de Angola, «a democracia e o multipartidarismo estão, legalmente, em vigor em Angola, mas, na prática, temos ainda um longo caminho a percorrer se, na verdade, acreditamos nestes valores como essenciais à boa governação»⁷⁹⁹. Apesar de passarem mais de dez anos, essa verdade prevalece para os jovens angolanos.

Não queremos entrar em profundidade nesta área⁸⁰⁰ temática. Desejamos fazer uma leitura à luz do Evangelho. Encorajar os jovens para uma visão crítica. Trabalharem pela sã política⁸⁰¹, pautada nos valores da pessoa humana. «Neste sentido, fé e política interagem nos distintos espaços socio-eclesiais. Mantendo suas especificidades, esses espaços se complementam, pois, ambos dizem respeito à vida»⁸⁰². «A questão social política na qual vivem nossos povos torna-se cada vez mais desafiador para quem calça as sandálias da missão e sente-se pelo Espírito enviado/a, ao mundo para proclamar as Boas Novas do Reino»⁸⁰³.

Em termos técnicos, a Igreja tem sido cautelosa, para não se intrometer nas decisões políticas dos governos. Graças à sua sapiência, sobretudo através da diplomacia internacional, que tem salvaguardado a paz e a concórdia entre os povos. «Pode-se, então, dizer que a missão

⁷⁹⁴ FRANCISCO, Mensagem para o Dia Mundial da Paz, «A boa política está ao serviço da paz», https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20181208_messaggio-52giornatamondiale-pace2019.html (acesso: 1 de maio de 2023), n. 2.

⁷⁹⁵ MAZUNGA, *África pôde e pode. O papel da Rádio e da Televisão na revalorização do homem africano*, 59.

⁷⁹⁶ ELIAS WOLFF, «A interação entre fé e política na missão em perspectiva dialógica», in *Atualidade Teológica*, 24, n. 66 (2020), 799.

⁷⁹⁷ WOLFF, «A interação entre fé e política na missão em perspectiva dialógica», 798.

⁷⁹⁸ FRANCISCO, Encíclica Sobre a fraternidade e a amizade social *Fratelli Tutti* (Paulinas Editora: Prior Velho, 2020), n.154.

⁷⁹⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem Pastoral, «O nosso viver e agir em Cristo: dimensão social», in *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética. Documentos episcopais 1999-2017* (Luanda, 20 de novembro de 2009), 196.

⁸⁰⁰ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem Pastoral, «O desafio das próximas eleições em Angola», in *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética. Documentos episcopais 1999-2017* (Luanda, 15 de novembro de 2005), n. 1.

⁸⁰¹ FRANCISCO, Mensagem para o Dia Mundial da Paz, «A boa política está ao serviço da paz», https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20181208_messaggio-52giornatamondiale-pace2019.html (acesso: 1 de maio de 2023), n. 3.

⁸⁰² ELIAS WOLFF, «A interação entre fé e política na missão em perspectiva dialógica», in *Atualidade Teológica*, 798.

⁸⁰³ WOLFF, «A interação entre fé e política na missão em perspectiva dialógica», 800.

é um serviço ao Reino de Deus, na fidelidade ao Espírito que visa recriar, no hoje da história, a prática de Jesus sem todos os âmbitos da sociedade»⁸⁰⁴.

A Igreja acompanha os acontecimentos do país. Por isso, «a Igreja não opta por nenhum partido político, mas chama a atenção para que toda a política seja conduzida para o bem de todos, sobretudo dos mais desfavorecidos»⁸⁰⁵. O “Estado do Democrático do Direito”⁸⁰⁶ é o rumo do país. «Em um Estado Democrático de Direito a Lei não é pensada como garantia da moralidade individual, mas da Justiça, ou seja, ela deve restringir a liberdade individual e social apenas para garantir a Justiça, ou seja, os Direitos fundamentais»⁸⁰⁷.

Tomemos em consideração o modelo do Estado do Direito, baseado sobre a defesa dos direitos da pessoa humana, que repugna a segregação racial e estigma religioso. Por isso, a Constituição da República de Angola (2010), no artigo n. 10, sublinha o valor fundamental da liberdade religiosa e do culto. O Estado Angolano exige responsabilidade aos cidadãos, para não transgredirem a lei e a constituição.

Entretanto, o Estado Angolano advoga a laicidade do Estado. Em contrapartida, estabelece uma relação de parceria com as confissões religiosas, sediadas no país. «Com a recepção do chamado “paradigma da liberdade religiosa” chega-se no Magistério da Igreja à plena aceitação do paradigma contemporâneo da Democracia, que inclui uma nova perspectiva na relação ente Moral e Lei»⁸⁰⁸.

Quanto à cidadania, o jovem é um cidadão e membro de um Estado. Pois, não há um Estado sem povo ou cidadãos. Nesse âmbito, tem obrigações, deveres cívicos e patrióticos no seio da comunidade política. Os jovens devem participar na promoção da justiça e da paz social. Devem contribuir para o desenvolvimento da democracia nacional. Além disso, que não lhes faltem o benefício dos direitos próprios e fundamentais como cidadão.

Apesar do respeito pelas fronteiras de ação, a dimensão política tem de ser iluminada pelo Evangelho⁸⁰⁹, a fim de atingir a sua plenitude. Não politizamos a dissertação, mas sentimo-nos impelidos, pelo facto de sermos cidadãos da referida sociedade. «Há necessidade de,

⁸⁰⁴ WOLFF, «A interação entre fé e política na missão em perspectiva dialógica», 799.

⁸⁰⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem Pastoral, «O desafio das próximas eleições em Angola», n. 1.

⁸⁰⁶ Paulo Fernando Carneiro DE ANDRADE, «Os Movimentos Populares no Magistério Social do Papa Francisco», *Atualidade Teológica*, 24, n. 66 (2020), 722.

⁸⁰⁷ DE ANDRADE, «Os Movimentos Populares no Magistério Social do Papa Francisco», 722.

⁸⁰⁸ DE ANDRADE, «Os Movimentos Populares no Magistério Social do Papa Francisco», 722.

⁸⁰⁹ Elias WOLFF, «A interação entre fé e política na missão em perspectiva dialógica», 799: «A Igreja tem consciência que a missão que recebeu de Jesus é Evangelizar».

gradualmente, despartidarizar a sociedade, para que se vejam também cidadãos não ligados a partidos políticos a ocuparem cargos de direção e governação»⁸¹⁰.

Em 2014 e 2016 ocorreram três encontros do Papa Francisco com lideranças dos Movimentos Populares, organizados a pedido do Pontífice. Estes encontros, aqui analisados, constituem uma novidade e são expressão do novo paradigma que o Papa Francisco instaura na Doutrina Social da Igreja, onde emerge como elemento central a Opção Preferencial pelos Pobres na perspectiva desenvolvida pelo Episcopado Latino Americano de Medellín à Aparecida. Segundo esta perspectiva a Opção pelos Pobres possui dois elementos centrais. O primeiro é o que trata da mudança do lugar social, a identificação com o olhar do pobre, seus sofrimentos, alegrias e anseios, e o segundo refere-se a criar condições para que o pobre emerja como sujeito eclesial e sujeito social⁸¹¹.

Este trecho, sublinha um elemento indispensável na esfera política, a extrema pobreza de milhares de cidadãos, em várias latitudes do globo. A participação dos jovens nas decisões do país, traria benefícios para sociedade. «No exercício do poder político, é fundamental o espírito de serviço, único capaz de, ao lado da necessária competência e eficiência, tornar transparente a actividade dos políticos, como aliás o povo justamente exige»⁸¹².

Em determinadas circunstâncias, o poder caritativo não tem sido eficiente para satisfazer todos os pedidos de milhares de homens e mulheres, carentes de bens. Por conseguinte, os jovens deveriam integrarem-se nas estruturas sociais. «O Estado é afirmado como sendo natural, necessário e um bem. Segundo a interpretação leoniana da antropologia bíblica o ser humano é um ser social por natureza»⁸¹³.

«Por mais que mudem os sistemas de produção, a política não pode renunciar ao objetivo de conseguir que a organização de uma sociedade assegure a cada pessoa uma maneira de contribuir com as suas capacidades e o seu esforço»⁸¹⁴, afirma o Papa Francisco.

Finalmente, os maiores perigos da política⁸¹⁵ consistem no fazer das instituições estatais de propriedades privadas e de herança familiar. E, o fracasso da gestão do bem comum se manifesta, onde não houver distinção real dos poderes legislativo, executivo e judicial.

⁸¹⁰ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem Pastoral, «O nosso viver e agir em Cristo: dimensão social», *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética. Documentos episcopais 1999-2017*, 197.

⁸¹¹ DE ANDRADE, «Os Movimentos Populares no Magistério Social do Papa Francisco», 715.

⁸¹² CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem Pastoral, «Reavivar a fé dos fiéis leigos em Cristo», in *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética*, n. 14.

⁸¹³ DE ANDRADE, «Os Movimentos Populares no Magistério Social do Papa Francisco», 718; cf. FRANCISCO, Encíclica Sobre a fraternidade e a amizade social *Fratelli Tutti*, n. 162.

⁸¹⁴ FRANCISCO, Encíclica Sobre a fraternidade e a amizade social *Fratelli Tutti*, n. 162.

⁸¹⁵ Silvino MAZUNGA, *África pôde e pode. O papel da Rádio e da Televisão na revalorização do homem africano* (Mayamba: Luanda, 2013), 56.

Constatamos, pois, como terceiro elemento da degradação social, quando o poder político se transforma em profissão, em vez de ser um serviço temporal⁸¹⁶ e mutável à nação.

Para o Jornalista José Mazunga, «a compreensão distorcida que se criou do verdadeiro sentido do poder leva muitos africanos a pensarem que assumir um cargo de responsabilidade na sociedade é para se servir desse lugar e fazer o que bem entender, sem qualquer intervenção da lei externa»⁸¹⁷. É preciso redobramos as forças para a superação desta atitude injusta.

5.2.4. Os jovens e as Telecomunicações

Durante séculos, surgiram diversos meios de comunicação. Apareceram meios de curta, média e de longa frequência. A comunicação⁸¹⁸ é arte do encontro humano. A vida comunitária torna-se fluida pela comunicação⁸¹⁹. É importante avaliar o valor das novas tecnologias de informação para visibilidade da identidade cristã⁸²⁰. Pode-se aprender⁸²¹ a comunicar⁸²². «A Internet tem aqui o papel de fornecer as ferramentas tecnológicas para novas socializações, numa rede de sujeitos. A Web é, então, uma ferramenta com muito poder para a reconstrução social»⁸²³. É melhor comunicar a vida, a verdade e transmitir⁸²⁴ a fé cristã, os valores humanos. Como afirmam os Bispos Católicos:

Por outro lado, no que se refere aos meios de comunicação, tornam-se urgentes, tanto uma acção educativa em ordem ao sentido crítico, animado da paixão pela verdade, como uma acção de defesa da liberdade, do respeito pela dignidade da pessoa humana, da elevação da autêntica cultura dos povos, com a recusa, firme e corajosa, de toda a forma de monopolização e de manipulação⁸²⁵.

Nessa linha, encontramos três expressões ligadas à comunicação, apontadas pelos bispos de CEAST⁸²⁶: ter o “sentido crítico”, “paixão pela verdade” e o respeito pela “dignidade da pessoa humana”. Nem tudo o que se pensa deve ser, publicamente, exteriorizado. Tem de

⁸¹⁶ MAZUNGA, *África pôde e pode. O papel da Rádio e da Televisão na revalorização do homem africano*, 55: «No entanto, o poder é autoridade para servir, é um exercício temporário de uma função delegada pelo povo».

⁸¹⁷ MAZUNGA, *África pôde e pode. O papel da Rádio e da Televisão na revalorização do homem africano*, 55.

⁸¹⁸ MAZUNGA, *África pôde e pode. O papel da Rádio e da Televisão na revalorização do homem africano*, 89: «os media têm o dever rigoroso de promover a justiça e a solidariedade nos relacionamentos humanos a todos os níveis da sociedade».

⁸¹⁹ MAZUNGA, *África pôde e pode. O papel da Rádio e da Televisão na revalorização do homem africano*, 58.

⁸²⁰ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 19.

⁸²¹ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 146.

⁸²² RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 120: «comunicar é transportar uma informação no espaço».

⁸²³ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 19.

⁸²⁴ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 122.

⁸²⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem Pastoral, «Reavivar a fé dos fiéis leigos em Cristo», in *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética*, n. 16.

⁸²⁶ Esta abreviatura significa: Conferência Episcopal de Angola e São Tomé.

tomar cuidado com a ética e a urbanidade. Podemos frisar que, a comunicação requer discernimento e avaliação da linguagem, das palavras e do assunto.

Que não se perca a verdade sobre a matéria do diálogo e sobre a boa reputação da pessoa humana. A civilidade terá de estar ao centro das atenções. Os meios de comunicação não devem servir para maltratos do próximo. Haverá necessidade de velar pela relação sadia entre os humanos. De facto, a comunicação⁸²⁷ possibilita a manutenção das relações interpessoais⁸²⁸.

Ela exige recursos para o bom andamento da informação⁸²⁹, para veicular a mensagem entre a comunidade⁸³⁰. Actualmente, fala-se da linguagem digital e do desenvolvimento dos média. «Para comunicar, basta suscitar o interesse, mas para transmitir, bem mais complexo, é preciso transformar e converter»⁸³¹.

Deste modo, a Conferência Episcopal de Angola e São Tomé ao observar o contexto de Angola e São Tomé, julgou pertinente, fazer uma abordagem sobre a comunicação, destacando o papel das novas tecnologias de informação na promoção humana. Assumiram o compromisso pastoral de orientar incansavelmente a juventude eclesial dos dois países. Nesta abordagem, também o teólogo português Luís Figueiredo Rodrigues, escreveu:

A idade mais jovem e a escolaridade mais avançada são tradicionalmente, vistos como os elementos que influenciam o acesso às novas tecnologias da informação. E este acesso é realizado num contexto de aprendizagem, como busca de mais e melhor informação, mas também como forma de influenciar o mundo em que se vive. É significativo que estatisticamente haja uma relação direta entre a utilização da internet e a participação social e política, fazendo com que os cibernautas surjam, (...) ⁸³².

Há enormes vantagens sobre o uso dos meios de comunicação. Eles proporcionam o desenvolvimento académico, sociocultural, económico, religioso e familiar. Entretanto, não faltam influências negativas. Constata-se uma fraca transmissão da verdade, a falta da ética no uso das telecomunicações. Algumas vezes, tem havido a falta da selecção das informações, difundidas nas redes sociais.

Em vários momentos, temos acompanhado os relatos de riscos menos abonatórios sobre a utilização das redes sociais⁸³³. Tendo em conta ao maior índice do desemprego e não só, têm

⁸²⁷ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 121: «As redes de comunicação ligam os contemporâneos».

⁸²⁸ MAZUNGA, *África pôde e pode. O papel da Rádio e da Televisão na revalorização do homem africano*, 58.

⁸²⁹ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 131.

⁸³⁰ MAZUNGA, *África pôde e pode. O papel da Rádio e da Televisão na revalorização do homem africano*, 64.

⁸³¹ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 123.

⁸³² RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 18.

⁸³³ MAZUNGA, *África pôde e pode. O papel da Rádio e da Televisão na revalorização do homem africano*, 82.

acontecido situações dramáticas da cibernética⁸³⁴. Por isso, essa matéria nos inquieta. A franja juvenil está sedenta de muita coisa e está vulnerável. Procura satisfação por essa via.

Precisa-se de avaliação⁸³⁵ e discernimento⁸³⁶ dos dados processados⁸³⁷ e publicados, partilhados em diversos círculos de convivência. Convém nos recordarmos que, a informação pode formar-nos ou deformar-nos. As telecomunicações terão de propagar-se para encurtar as distâncias relacionais entre povos, pessoas, famílias, instituições eclesiais.

Gostaríamos que as redes sociais e a evolução das telecomunicações servissem para o crescimento saudável da juventude. Os meios se transformem em canais de evangelização⁸³⁸, de comunicar a fé⁸³⁹ e de socialização juvenil. Em poucas palavras, que as telecomunicações sirvam de “espaço de encontro” entre povos e culturas. Possam servir de pontes para o pacto intergeracional. Como escreve o Professor Luís Rodrigues: «(...), não só de ultrapassar isolamentos, mas também de potenciar um encontro verdadeiro com o Evangelho, o que implica uma integração da mensagem cristã na sociedade da informação»⁸⁴⁰.

As telecomunicações são uma mais-valia para a sinodalidade e para a globalização cultural. Surgiram para construir pontes⁸⁴¹ do encontro e de convivência pacífica. Hoje, sem sombras de dúvidas, nos revemos graças ao progresso maciço das tecnologias e telecomunicações de alta velocidade.

5.3. Criação de centro de formação dos leigos

Toda a nossa existência exige formação. Formalmente, existem duas etapas de formação a saber: inicial e permanente. A formação inicial é o período de frequência de uma instituição do ensino orgânico. Seja qual for a área do conhecimento.

Quando se diz formação permanente, trata-se de actualização do conhecimento. Tem sido uma fase de reciclagem, pode ser fase de especialização ou de aprofundamento do conhecimento. Quando pensamos nos centros de formação, desejamos capacitar o recurso humano, para o desenvolvimento da comunidade eclesial. Quantas oportunidades oferecidas aos leigos para a formação? Em que dimensões, acharíamos prioritárias para a formação?

⁸³⁴ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 172.

⁸³⁵ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 163.

⁸³⁶ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 186: «Porque a Internet é estruturalmente uma rede, convida à reciprocidade, à confiança no outro. É a partir deste pressuposto que a educação cristã, neste novo contexto, é chamada a capacitar para uma constante releitura dos fenómenos, a exercitar o discernimento e a dizer essa experiência, bem como a promover as orientações pastorais...».

⁸³⁷ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 162.

⁸³⁸ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 164.

⁸³⁹ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 169.

⁸⁴⁰ RODRIGUES, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 165.

⁸⁴¹ MAZUNGA, *África pôde e pode. O papel da Rádio e da Televisão na revalorização do homem africano*, 97.

A espiritualidade do caminhar juntos é chamada a tornar-se princípio educativo para a formação da pessoa humana e do cristão, das famílias e das comunidades. Como formamos as pessoas, de maneira particular aquelas que desempenham funções de responsabilidade no seio da comunidade cristã, a fim de as tornar mais capazes de “caminhar juntos”, de se ouvir mutuamente e de dialogar?⁸⁴²

Na prática, ainda estamos aquém das expectativas. Se fizermos um diagnóstico acérrimo, poderemos descobrir melhor a insuficiência existente. Enfim, estamos emersos em um clima de limitações materiais, estruturais, financeiras e do recurso humano, para assumir o papel de formadores. No entanto, isto não deverá nos desanimar. Deve-se dar um passo para a implementação regular e valiosa desta fase.

5.3.1. Os movimentos de apostolado

Sobre este ponto, somos convidados a repensarmos no surgimento dos movimentos de apostolado e sua razão de ser na Igreja. Certamente, eles não acontecem por acaso. Na verdade, os movimentos pertencem ao Povo de Deus⁸⁴³. Os movimentos de apostolado revelam os dons espirituais. Os movimentos⁸⁴⁴ de apostolado são sinais evidentes, que manifestam a nova linguagem do Espírito Santo⁸⁴⁵, no seio da comunidade eclesial.

Por este motivo, merecem atenção e acompanhamento da parte de autoridade⁸⁴⁶ eclesial. Na diocese, a responsabilidade de orientação cabe ao Bispo diocesano. Compete ao bispo, discernir os carismas, indicar o itinerário eclesial aos movimentos católicos. Gostaríamos de realçar que, o apostolado é sempre bem-vindo. Segundo Mazzilo,

O cerne da eclesiologia do povo de Deus já está aqui: na peregrinação da Igreja que segue Cristo, em um período da história marcado por dois momentos muito específicos: a ascensão do Senhor e sua parusia, no anúncio de “à sombra dos sinais”, dos sacramentos a todos os outros “instrumentos” de sua presença e ação no mundo⁸⁴⁷.

⁸⁴² SECRETARIADO GERAL DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Sínodo 2021-2023: Por uma Igreja sinodal: Comunhão, Participação e Missão* (Gráfica Almondina: Lisboa, 2022), 28.

⁸⁴³ Jacques POTIN, *Les laïcs : Leur mission dans l'Église et dans le monde* (Le Centurion : Paris, 1985), 36.

⁸⁴⁴ MULAMBA, *Os novos movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 195.

⁸⁴⁵ MULAMBA, *Os novos movimentos de apostolado fundados em Cabinda. Uma abordagem teológico-pastoral*, 50: «Reconhecemos o sinal do brilho de Cristo no rosto da Igreja no surgimento desses novos movimentos eclesiais e novas comunidades; neles identificamos os efeitos da ação criadora do Espírito Santo na Igreja do nosso tempo».

⁸⁴⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, «Nota Pastoral sobre os Movimentos Laicais», in *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética*, 307: «(...) estes movimentos devem ser analisados pela Competente Autoridade Eclesiástica local, a teor do Código de Direito Canónico e do Directório Pastoral, é a única instância com autoridade para se pronunciar sobre a conveniência ou não da existência destes grupos ou movimentos».

⁸⁴⁷ Giovanni Mazzillo, «Chiesa come “Popolo di Dio” o Chiesa come “comunione”?», in *Associazione Teologica Italiana* (Glossa: Milano, 2005), 53: «Il nucleo portante dell'ecclesiologia del popolo di Dio è già qui: nella natura peregrinante della Chiesa al seguito di Cristo, in un lasso di storia contrassegnato da due momenti ben precisi: l'ascensione del Signore e la sua parusia, nell'annuncio di Lui “sotto l'ombra dei segni”, dai sacramenti a tutti gli altri “strumenti” della sua presenza e della sua azione nel mondo»; cf. LG 9.

O texto narra as etapas da história da Igreja, desde o princípio até ao seu estado orgânico hodierno. Mazzillo fala de dois momentos importantes, nomeadamente: “ascensão do Senhor e sua parusia” (a segunda vinda do Senhor) e dos sacramentos (modo permanente do Senhor na Igreja e história). As duas etapas determinaram o novo movimento dos seguidores de Cristo. No fundo, os sacramentos tornam presente o Senhor (cf. *Mc* 16,15-20).

Quando se fala dos movimentos de apostolado, interpela-nos a acção do Espírito Santo. «O Espírito Santo foi sempre o verdadeiro e surpreendente protagonista da história da Salvação»⁸⁴⁸. Nisto consiste os dons espirituais, como afirma o Apóstolo Paulo aos Coríntios: “diversidade de carismas” (1 *Cor* 12). Para tal, «a acção do Espírito Santo está bem visível na Igreja primitiva»⁸⁴⁹. O Espírito Santo enche de dons ao Povo de Deus. Afirma Mazzillo:

Povo de Deus “tem, em última análise, o valor de uma categoria real, obviamente categoria teológica e não meramente hermenêutica, estando repleta de referências bíblicas, históricas e eclesiais. É uma realidade histórica e não metafórica. A sua realidade “encorpada” é um elemento coadjuvante da LG, tanto que pode conduzir a ela todos os outros elementos nela presentes. A referência a Cristo e à sua natureza como cabeça do corpo que é a Igreja e também ao seu espírito missionário, sacerdócio e realeza encontra-se inteiramente na indicação do povo de Deus como povo messiânico»⁸⁵⁰.

Neste texto aparecem três expressões, que exprimem a identidade do Povo de Deus: bíblica, histórica e eclesiológica. A Bíblia nos apresenta exemplos de apostolado e do mistério de Cristo, acompanhado pelas multidões. Por um lado, os movimentos eclesiais partem de uma história concreta de fé e de vida. Se inspiram das figuras bíblicas passadas, procuram compreender no contexto existencial.

Por outro, Mazzillo coloca desenvolve a sua eclesiologia, faz a comparação entre Cristo e Igreja. Tomou como referência, a eclesiologia paulina. Cristo é a cabeça do corpo, que é a Igreja. A seguir, indica as três propriedades frequentemente, que a Igreja tem de desenvolver. Trata-se de propriedades recebidas de Cristo: a missão, o sacerdócio e realeza.

Em geral, a Igreja enquanto Povo de Deus, assembleia santa, é chamada missionária. O sacerdócio ocupa uma função proeminente para a vida da Igreja. Na pessoa de Cristo, o

⁸⁴⁸MULAMBA, *Os novos movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 46.

⁸⁴⁹MULAMBA, *Os novos movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 46.

⁸⁵⁰Mazzillo, «Chiesa come “Popolo di Dio” o Chiesa come “comunione”?», 54: «“Popolo di Dio” ha in definitiva il valore di una vera e propria categoria, categoria ovviamente teologica e non solo meramente ermeneutica, essendo densa di riferimenti biblici, storici ed ecclesiali... La sua “corposa” realtà è elemento portante di LG, tanto da poter ricondurre ad esso tutti gli altri elementi ivi presenti. Il riferimento a Cristo e alla sua natura di capo del corpo che è la Chiesa e così pure alla sua missionarietà, sacerdotalità e regalità si ritrova interamente nell’indicazione del popolo di Dio come popolo messianico»; cfr. C. O’DONNELL – S. Pié-NINOT, «Pueblo de Dios», in *Diccionario de Eclesiología* (San Pablo: Madrid, 2001), 898-899.

sacerdote oferece sacrifícios a Deus, em prol da humanidade, cumpre o mandato de Jesus «fazei isto em memória de mim». Deste modo, toda a Igreja anuncia o reino de Deus ao mundo.

Praticamente, o surgimento dos movimentos de apostolado está interligado à missão de Cristo. Cada batizado incorporou-se na Igreja. Recebeu a dimensão sacerdotal, profética e revestiu-se da realeza de Cristo pela unção do Espírito Santo. Nesta vertente, os movimentos de apostolado⁸⁵¹ não podem desvincular-se da comunidade eclesial, o povo messiânico⁸⁵². Os seus membros pertencem à Igreja. Simplesmente, assumem a dimensão missionária através das organizações caritativas.

Vividos em Cristo, todos os trabalhos, orações e compromissos apostólicos, a vida conjugal e familiar, o labor de cada dia, o descanso do espírito e do corpo, assim como as próprias dificuldades da vida, consagram a Deus o próprio mundo (cfr. LG 34). Dessa forma, o estar e o agir no mundo são, para os fiéis leigos, uma realidade não apenas antropológica e sociológica, mas, também, e especificamente, teológica e eclesial⁸⁵³.

Os movimentos de apostolado são constituídos por fiéis comprometidos com a Igreja. Por terem membros numerosos, que não fazem parte do ministério ordenado, têm a maior responsabilidade no mundo⁸⁵⁴. A propósito disso, não se ocupem apenas com as questões meramente humanas e sociais, mas também transformam essas realidades segundo os valores sobrenaturais e cristãs.

Frisamos que, o papel dos movimentos de apostolado vem expresso nos documentos do Vaticano II e pós-conciliares desde os papas Paulo VI até Francisco. Como os padres conciliares proferiram, contribuem para a santificação dos seus membros e para a evangelização do mundo⁸⁵⁵. «A comunhão eclesial, já presente e operante na acção individual, encontra uma expressão específica no agir associado dos fiéis leigos, isto é, na acção solidária que eles desenvolvem ao participar, responsabilmente, na vida e na missão da Igreja»⁸⁵⁶.

⁸⁵¹ AA 4.

⁸⁵² AA 3.

⁸⁵³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem Pastoral «Reavivar a fé dos fiéis leigos em Cristo», in *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética. Documentos episcopais 1999-2017*, n. 7.

⁸⁵⁴ AA 13.

⁸⁵⁵ AA 6.

⁸⁵⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem Pastoral, «Reavivar a fé dos fiéis leigos em Cristo», n. 17.

5.3.2. Os movimentos de apostolado e vida sacramental

A vida sacramental⁸⁵⁷ toca todos os crentes. A frequência dos sacramentos é um direito fundamental dos fiéis. Seja qual for a sua espiritualidade, não poderá descurar-se dos sacramentos. A Igreja tem a missão de administrar os sacramentos aos fiéis. Durante as aulas de Sacramentária em Roma, o Professor Giorgio Manzatti (1948-2021), frisava o seguinte: «os sacramentos atualizam a presença permanente de Jesus Cristo. Os sacramentos manifestam a humanidade de Cristo». Por sua vez, os bispos Católicos de Angola e São Tomé acrescentaram:

Todos os fiéis são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade (cfr. LG 40). Neste contexto, é bom não esquecer as palavras do Papa João Paulo, na Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, escrita para o início do novo milénio (...) ⁸⁵⁸.

Os movimentos de apostolado devem testemunhar Cristo através da caridade. A caridade é identidade visível dos cristãos e da Igreja. Também concordamos que, os movimentos de apostolado devem configurar-se com Cristo por meio dos sacramentos. Nesta condição, o Concílio Vaticano II trouxe à tona alguns elementos básicos por estudar e aprofundar, dedicando-se com particular ênfase sobre a questão eclesiológica.

É necessário partir da mística como foz de ascética, passar pela revelação como fonte da missão pastoral da comunidade cristã. Somente se se recupera a perspectiva patrística, teológica e bíblica do mistério da Igreja na revelação do mistério unitrinário de Deus, será possível uma compreensão ecuménica da Igreja, um respeitoso diálogo inter-religioso e compreender a mesma presença sacramental da Igreja no mundo. A Igreja, na sua originalidade cristã, é sinal profético de libertação integral e radical do homem, é proposta “de plenitude” no que toca à cultura contemporânea, é alternativa dialéctica de cada forma de niilismo, de cada tentativa da supremacia da tecnocracia oligárquica e de cada individualismo pós-moderno⁸⁵⁹.

⁸⁵⁷ Pedro Lourenço FERREIRA, «A Liturgia sempre evangeliza. O contributo da Igreja para tempos de pandemia», in *Boletim da Pastoral Litúrgica*, 45, 179-180 (2020), 81-82.

⁸⁵⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem Pastoral, «Reavivar a fé dos fiéis leigos em Cristo», n. 25.

⁸⁵⁹ CALABRESE, «Chiesa come “Popolo di Dio” o Chiesa “Comunione”?», 67: «È necessario partire dalla mística come sorgente dell’ascetica, dalla rivelazione come fonte della missione pastorale della comunità cristiana. Solo se si recupera la prospettiva patrística, teologica e bíblica del mistero della Chiesa nella rivelazione del mistero unitrinario di Dio, sarà possibile una comprensione ecumenica della Chiesa, un rispettoso dialogo interreligioso e comprendere la stessa presenza sacramentale della Chiesa nel mondo. La Chiesa, nella sua originalità cristiana, è segno profetico di liberazione integrale e radicale dell’uomo, è proposta “di pienezza” nei riguardi della cultura contemporanea, è alternativa dialettica di ogni forma di nichilismo, di ogni tentativo di supremazia della tecnocrazia oligarchica e di ogni individualismo post-moderno».

Estamos de acordo com o pensamento dos padres conciliares, pois, a fonte de toda a missão eclesial parte da santíssima Trindade, passa pela interpretação feita, inicialmente pelos Padres da Igreja, os pensadores, que receberam o legado das testemunhas. Por meio da Trindade compreenderemos com profundidade a natureza da Igreja, o valor do diálogo entre as religiões, a própria missão confiada à Igreja para o bem da humanidade.

Trata-se de reconstruirmos o mundo com a nossa consciência do Evangelho vivido e anunciado por todos os crentes, como compromisso irreversível da fé. Toda a Igreja sente-se responsável pelos acontecimentos que abalam os homens e as mulheres da superfície da terra, levando a libertação, iluminando a história de cada habitante, sem ferir os as liberdades e aspirações dos humanos. Renovar a esperança em Deus de amor e de bondade.

5.3.3. Os movimentos de apostolado e cultura

Os movimentos eclesiais estão imersos em uma determinada cultura⁸⁶⁰. As culturas determinam também o aparecimento dos movimentos eclesiais. De algum modo, transportam algumas práticas culturais para a comunidade cristã. Surgem com as influências culturais. Por isso, pensamos incluir um ponto relativamente à cultura. Como nos indica a denominação “movimentos de apostolado”, manifestam a vontade do apostolado, esperam do envio eclesial. «A realização plena dos anseios da humanidade acontece no encontro com Jesus Cristo que é a manifestação clara do amor de Deus para conosco»⁸⁶¹.

Esta afirmação pode ajudar-nos a pôr em relevo o papel dos movimentos de apostolado diante da cultura e perante as culturas. Seguramente, os anseios mais profundos dos humanos estão intrínsecos na cultura. O encontro com Cristo acontece em cada cultura⁸⁶². Regenera as culturas⁸⁶³. E gera nova modalidade de viver, forma novos laços comunitários. No artigo de Tomás Halik publicado na coleção de “*A Teologia face aos desafios de África hoje*”, vem expresso:

A Cristandade – a religião da Encarnação – tem sido, na verdade, quase sempre ‘sincrética’ e incorporada em várias culturas. Houve sempre uma cultura anterior, um contexto religioso que Cristandade fecundou, dando, assim, origem a variações da Cristandade com as suas diferenças espirituais, teológicas, próprias e específicas. Quer se trate do Judaísmo, da

⁸⁶⁰ FRANCISCO, Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social *Fratelli Tutti*, (Paulinas: Prior Velho, 2020), 216.

⁸⁶¹ DIOCESE DE COIMBRA, *12º Sínodo Diocesano* (Coimbra: 1999), 26.

⁸⁶² Emmanuel Kuvialeka PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais* (Paulus Editora: Lisboa, 2013), 93.

⁸⁶³ Gianfranco CALABRESE, «Chiesa come “Popolo di Dio” o Chiesa “Comunione”?», in *Associazione Teologica Italiana*, (Glossa: Milano, 2005), 67: «La Chiesa, nella sua originalità cristiana, è segno profetico di liberazione integrale e radicale dell'uomo, è proposta “di pienezza” nei riguardi della cultura contemporanea, è alternativa dialettica di ogni forma di nichilismo, di ogni tentativo di supremazia della tecnocrazia oligarchica e di ogni individualismo post-moderno».

Antiguidade grega, romana, egípcia, céltica, germânica ou eslava, sempre houve alguma cultura religiosa já vigente, com a qual a Cristandade interagiu de várias formas, a Igreja é uma comunidade da memória e contadora de histórias⁸⁶⁴.

A religião cristã brota da Encarnação do Verbo, se desenvolve nas culturas. Na verdade, os movimentos de apostolado partilham os valores do Evangelho com as culturas. Pretendem enriquecer as culturas com a Palavra de Deus, segundo o seu entendimento. Geram espiritualidades típicas. João Paulo II, na sua exortação pós-sinodal *Ecclesia in Africa* (a Igreja em África), declarou assim:

Apesar das suas grandes riquezas naturais, a África permanece numa situação económica de pobreza. Possui, todavia, uma rica variedade de valores culturais e de inestimáveis qualidades humanas, que pode oferecer às Igrejas e à humanidade inteira. Os Padres Sinodais puseram em evidência alguns desses valores culturais, que constituem seguramente uma preparação providencial à transmissão do Evangelho; são valores que podem favorecer uma evolução positiva na dramática situação do Continente, e dar início àquela reanimação global de que depende o desejado progresso das diversas nações⁸⁶⁵.

Embora haja situação económica crucial, África tem feito o gigantesco esforço para a preservação dos valores culturais. Caso concreto, os ritos de iniciação feminina e masculina traduzem os anseios mais profundos dos africanos. Alguns povos africanos servem-se desses ritos para assinalar as fases de transição e de evolução da maturidade humana.

Tradicionalmente, os ritos de iniciação têm uma finalidade específica, marcam a passagem de uma idade para outra, nomeadamente, da adolescência para juventude e da juventude para a fase adulta. Isto constitui a escala normativa de valores na sociedade africana. Depois da iniciação, a pessoa se torna adulta na sua comunidade de vida, pois, já recebeu o certificado para um compromisso do futuro casamento tradicional.

Por conseguinte, a promoção do espírito do diálogo entre culturas africanas, em particular de Angola, tem incentivado a Igreja a promover a pastoral cultural nas suas comunidades eclesiais. Assim, se realiza o processo do encontro intercultural⁸⁶⁶. A sinodalidade envolve culturas. A Igreja tem de caminhar com as culturas, escutar as culturas, discernir as sensibilidades culturais, tal como o Papa Francisco nos tem demonstrado.

⁸⁶⁴ Tomás HALIK, «Discernir os sinais dos tempos. Hermenêutica teológica da Cultura Contemporânea» in *STIL* (I Semana Teológica Internacional de Luanda), (São Domingos: Fátima, 2022), 31-38. Aqui nos cingimos na página 31.

⁸⁶⁵ JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Africa* (1995), n. 42.

⁸⁶⁶ Kuvialeka PAULO, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais*, 93: «(...) inculturalidade não somente num âmbito de interação sociológica do encontro entre as culturas, mas sobretudo no âmbito religioso da relação entre culturas cristãs e entre cultura cristã e cultura/as não evangelizadas».

5.3.4. Os movimentos de apostolado e família

A partir dos séculos XX a XXI, constatamos uma certa evolução dos movimentos de apostolado. Com efeito, eles brotam da própria fé cristã. Os movimentos de apostolado são outras manifestações do Espírito Santo⁸⁶⁷ no seio da comunidade. Brotam da vontade divina para o bem da comunidade. Se inspiram da Escritura, se desenvolvem na comunidade, propiciam também o desenvolvimento da evangelização das famílias.

A acção apostólica dos fiéis leigos consiste, antes de mais, em tornar a família consciente da sua identidade de primeiro núcleo social de base e do seu papel primordial na sociedade, para que a própria família se torne, cada vez mais, protagonista activa e responsável do seu crescimento e da sua participação na vida social. Desta forma a família poderá e deverá exigir de todos, a começar pelas autoridades públicas, o respeito por aqueles direitos que, salvando a família, salvam a sociedade⁸⁶⁸.

Sendo assim, colocamos em paralelismo entre os movimentos e a família⁸⁶⁹. Caso concreto, nos lembra a espiritualidade mariana, isto é, a Legião de Maria, que trabalhou um centenário em prol da evangelização das famílias desfalcadas, partindo do seu berço, na Irlanda. Sem discriminação de outros movimentos, apontamos para o êxito dos movimentos de apostolado no processo sinodal.

Têm dado o melhor para a expansão e escuta da Palavra de Deus, para o aconselhamento das famílias, praticam a oração e gestos da solidariedade. Chamamos atenção sobre um elemento preocupante: os movimentos de apostolado não devem dar contratemunho às famílias, sobretudo nas circunstâncias delicadas com têm passado muitas famílias⁸⁷⁰.

5.4. Educação à religiosidade popular

Estamos no campo melindroso da espiritualidade, da liturgia, da antropologia e da cultura em si. Quando falamos da educação, nos vem em mente o processo de harmonia e de moldagem do seu ser para o bem. «Os exercícios de piedade pertencem à esfera do culto cristão. Por isso, a Igreja sempre sentiu a necessidade de estar atenta a eles, para que, por seu intermédio, Deus seja dignamente glorificado e o homem receba benefício espiritual»⁸⁷¹. A expressão educação está cheia de interpretações. Praticamente, acontece de geração em geração.

⁸⁶⁷ MULAMBA, *Os novos movimentos de apostolado fundados em Cabinda*, 125.

⁸⁶⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem pastoral, «Eucaristia e Família», in *A Igreja Católica em Angola e a sua missão profética. Documentos Episcopais 1999-2017*, n. 16;

⁸⁶⁹ AA 11.

⁸⁷⁰ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Mensagem pastoral, «Família e Cultura», n. 4; cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, Nota Pastoral, «Sobre a problemática da feitiçaria e as suas implicações na vida eclesial», (Luanda: 2012), 269-272.

⁸⁷¹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório sobre a piedade popular e a Liturgia. Princípios e orientações*, Paulinas, São Paulo, 2002, n.72.

Concernente à educação religiosa, procuramos repensar na compreensão e assimilação dos valores cristãos. Ajudar os fiéis a entrar nos mistérios de Cristo celebrados, o verdadeiro sentido da religião e do culto⁸⁷². A religiosidade popular passa pela consciência dos fiéis. De vez em quando, carregada de sincretismo, de experiência simbólica e práticas culturais. Assim, merece discernimento evangélico. A religiosidade popular também acontece nos santuários⁸⁷³ e nos movimentos de apostolado. Deve-se educar os fiéis para que não se desviem da fé.

5.4.1. Piedade popular e ação missionária

Como surge a piedade do povo? Que importância tem a piedade popular? Não vamos desenvolver um compêndio teológico exaustivo de piedade popular. «Na idade apostólica e subapostólica, encontra-se uma profunda fusão das expressões culturais a que hoje chamamos respectivamente Liturgia e piedade popular»⁸⁷⁴.

Importa-nos, auferirmos algumas linhas eclesiológicas dessa manifestação espiritual. Do nosso ponto de vista, a expressão piedade popular diz tudo. Significa a compreensão da espiritualidade e da sensibilidade do povo de Deus concernente à fé e os mistérios divinos. Tentar aprofundar a capacidade o que o povo tem sobre o encontro com o Deus.

A Igreja é antes de tudo um mistério de comunhão, enquanto reflexo do mistério de Deus, que quer comunicar-se ao homem e tornar a humanidade participante da Sua própria vida, da Sua própria comunhão de amor. A Igreja só se encontra refletida no mistério de Deus, se o comunica e dele participa no anúncio e na evangelização, se encarna na história como sinal do reino de Deus⁸⁷⁵.

A piedade popular não deve isolar-se da Igreja, mas permanecer unida à Igreja para a propagação dos valores messiânicos de Jesus Cristo. «Uma reflexão atenta sobre estes princípios deve conduzir a um esforço concreto para harmonizar, na medida do possível, os exercícios de piedade com os ritmos e as exigências da Liturgia»⁸⁷⁶. A piedade popular terá de manifestar disponibilidade para a missão eclesial. Resta-nos dizer que a piedade popular, caso

⁸⁷² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório sobre a piedade popular e a Liturgia. Princípios e orientações*, n. 61.

⁸⁷³ João Alberto Sousa CORREIA, «Do Éden à Jerusalém Celeste. A peregrinação e o santuário em perspetiva bíblica», in *Theologica*, 25.

⁸⁷⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório sobre a piedade popular e a Liturgia. Princípios e orientações*, n. 23.

⁸⁷⁵ Gianfranco CALABRESE, «Chiesa come “Popolo di Dio” o Chiesa “Comunione”?», in *Associazione Teologica Italiana*, (Glossa: Milano, 2005), 66-67: «La Chiesa è prima di tutto un mistero di comunione, in quanto è riflesso del mistero di Dio, che vuole comunicare se stesso all'uomo e rendere l'umanità partecipe della sua stessa vita, della sua stessa comunione d'amore. La Chiesa si ritrova solo riflessa nel mistero di Dio, se lo comunica e lo partecipa nell'annuncio e nell'evangelizzazione, se l'incarna nella storia come segno del regno di Dio»

⁸⁷⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório sobre a piedade popular e a Liturgia. Princípios e orientações*, 74.

concreto, o que acontece com as vigílias dos fiéis cristãos, as devoções marianas, o culto dos santos, servem para a evangelização pública, partilha do amor de Deus e difusão da fé cristã.

Conclusão

Chegou o momento do desfecho da nossa reflexão sobre o quinto capítulo. O referido capítulo abordou a problemática da formação humana para a realização da sinodalidade. Depois do percurso feito, tiramos as seguintes elações para o desenvolvimento da sinodalidade: investirmos na formação dos jovens, dos catequistas e dos movimentos de apostolado. Construindo centros específicos para os fins pastorais da Igreja particular.

Achamos pertinentes as seguintes áreas de formação e aplicação: as telecomunicações, a cultura, a orientação e educação dos fiéis para a piedade popular, a promoção do recurso humano na liturgia e o acompanhamento dos movimentos de apostolado para os sacramentos, prestarmos maior assistência às famílias, dar ênfase na formação dos catequistas comunitários. Por último, temos a certeza de que tudo quanto abordamos, poderá contribuir para o aprofundamento da sinodalidade da Igreja particular e universal.

CONCLUSÃO GERAL

Nesta dissertação, apresentámos a breve síntese sistemática da sinodalidade. A sinodalidade na Diocese de Cabinda no período compreendido entre (2006-2018) marcou o nosso itinerário investigativo. Por isso, procurámos mostrar os sinais da *sinodalidade diocesana*, interpretados em alguns eventos diocesanos. Apesar de não ter sido um trabalho fácil, deu-se por concluir a investigação.

Entretanto, fica como pergunta para o futuro percurso investigativo: que implicações trará a sinodalidade na Igreja local? A perspectiva de análise feita no decurso da nossa investigação, visou estabelecer uma relação prática e vital entre a história da Igreja e a teologia da sinodalidade. Foram dois anos, dedicados à pesquisa. De forma crítica e responsável, efetuámos o diálogo com vários autores, os quais sustentaram a nossa reflexão. Fizemos uma exploração valorativa da sinodalidade nos quatro períodos históricos.

Finda à pesquisa, agora mencionamos quatro eixos fundamentais: a contribuição da Patrística sobre a sinodalidade, os acontecimentos da Idade média e a sinodalidade, a reviravolta da Idade moderna e os fundamentos da sinodalidade explorados na Idade contemporânea, com particular realce, os resultados provenientes do Vaticano II sobre a sinodalidade, reinterpretados por Francisco, desde a hora da sua eleição papal.

A título de recordação, a sinodalidade parte do princípio trinitário, cristológico, pneumatológico e acontece na comunidade eclesial. A sinodalidade também é compreendida no ambiente litúrgico, mediante a comunhão e a unidade eucarística. Por este motivo, trata-se de unidade gerada pela celebração eucarística, como frisou Inácio de Antioquia.

Para Cipriano, a sinodalidade parte da Trindade, visivelmente, só acontece com o bispo. Significa manter a comunhão com o bispo da Igreja local. Deste modo, a Igreja está onde estiver o bispo. Trata-se de um estilo do *mono episcopado* em vigor. Cada bispo decide sobre os destinos da Igreja que preside.

Na época medieval, vigoraram as investidas e o conciliarismo (convocação de concílios), para a remoção de um papa, pondo em crise o seu poder. No alvorecer do século V, a representatividade tem a ver com a presença do Imperador, que convoca o concílio.

Na época moderna, o papado foi abalado pela reforma de Lutero. No entanto, vale a pena mencionarmos que, trouxe um possível contributo: a participação activa dos fiéis na comunidade. É o sacerdócio comum dos fiéis que está em jogo. Forjou a Igreja a repensar na função dos fiéis dentro da comunidade. Primou pelo sacerdócio comum dos baptizados.

Durante a época contemporânea, houve análise sobre o primado do Papa. Portanto, temos a “infallibilidade” do Papa, ligada à doutrina e à jurisdição universal da Igreja. Recuperou-se a identidade apostólica do Papa. Em consequência disto, houve estagnação da teoria da colegialidade e retardou o real sentido da sinodalidade.

A partir do Vaticano II, surge a vontade de renovação da Igreja, pondo em relevo a colegialidade e o povo de Deus. Tentou de promover o ecumenismo, o aprofundamento dos ministérios e valorizou o sacerdócio comum dos batizados. Os bispos alcançaram a autonomia de jurisdição das Igrejas particulares. A representatividade dos cardeais, dos bispos, dos teólogos e dos convidados de comunicação social, a presença dos membros das Igrejas irmãs marcaram o concílio. Ao que tudo indica que, houve a presença possível do espírito sinodal.

Findo o concílio, Paulo VI, instituiu o sínodo dos bispos, como instrumento necessário de participação colegial. Recomendou a necessidade de cooperação de todos os bispos para a jurisdição universal da Igreja, unidos ao Papa, cabeça do colégio episcopal.

Posteriormente, a consciência da colegialidade e do primado ganharam corpo a partir do pontificado de João Paulo II e de Bento XVI. No pontificado de Francisco, a teologia da sinodalidade voltou ao centro da Igreja. Para ele, a sinodalidade é conversão missionária e pastoral. Trata-se de uma caminhada de todos (bispos, povo de Deus e papa), que escutam a voz do Espírito Santo, a fim de discernir melhor a vontade de Deus.

Para o desfecho desta abordagem, julgamos como pontos fundamentais da sinodalidade em Cabinda: a experiência da comunhão eclesial, a diaconia social, a participação missionária dos movimentos eclesiais laicais, o empenho dos leigos e catequistas na vida comunitária, o engajamento da juventude na Igreja local. É uma caminhada eclesial feita com o bispo, com os presbíteros, os com diáconos, as consagradas e com o povo. Gostaríamos de sublinhar também a importância dos encontros regulares do bispo diocesano com os movimentos de apostolado. Pela oração e corresponsabilidade participam nos programas diocesanos.

Durante os anos 2006 a 2018, identificámos alguns traços da sinodalidade, caso concreto, a consciência da comunhão missionária manifestada através das novas modalidades. Cruzaram-se os modelos de eclesiologia tradicional com as novas dinâmicas da vida diocesana.

A diocese de Cabinda ganhou novo corpo eclesial a partir da criação das novas paróquias e quase-paróquias urbanas e periféricas. Com a celebração do jubileu de prata e com a realização do primeiro Congresso eucarístico diocesano, a comunhão eclesial foi reconfortada. Veio despertar mais a dimensão missionária de todos os cristãos naquela Igreja diocesana.

As tarefas exercidas pelas escolas Católicas, mormente durante a realização dos dois congressos escolares, dos fóruns de reflexão sobre os métodos de inovação dos sistemas de ensino católico contribuíram para o desenvolvimento eclesial. Recordemos que, nestes

acontecimentos, sempre estiveram presentes: o bispo diocesano, os professores leigos, os sacerdotes e diáconos afetos à pastoral da educação, os convidados honorários.

Os movimentos de apostolado e o congresso dos leigos também ocuparam um papel significativo para incentivar o espírito de missão e participação na edificação de uma Igreja sinodal. Ao apostarmos na formação permanente dos membros da comunidade diocesana, estabelecemos o rumo firme da comunidade. Como fizemos referência durante este percurso investigativo. Trata-se de formação dos fiéis, a fim de tomarem a consciência de missão, de corresponsabilidade e de pertença eclesial.

A sinodalidade diocesana passa pela comunhão eclesial de todos os membros da diocese com o bispo. Interpela toda a comunidade diocesana para a missão. Exige corresponsabilidade e participação do povo de Deus, do clero e do bispo local. Todos juntos, caminhar como Igreja e com a Igreja sob assistência do Espírito Santo.

A sinodalidade diocesana vive-se em comunhão permanente de missão e escuta da Palavra de Deus, sob a inspiração do Espírito Santo com o bispo diocesano. Ele é que exerce os ministérios do ensino, do governo e de santificação da Igreja particular, com a colaboração do clero, sem descuidar a assistência dos diáconos, com a contribuição das consagradas e dos consagrados, presentes na diocese. Também incluindo os leigos e o povo de Deus.

Claro que, a comunhão eclesial tem de passar da teoria para prática: na liturgia, nos sacramentos, no anúncio do Evangelho, na abertura ao diálogo e escuta dos membros da comunidade diocesana, na caridade. Trata-se de promover a caridade pastoral e social em toda a extensão diocesana, nomeadamente, nas estruturas carcerárias, nos centros hospitalares, nos lares de idosos, nas escolas católicas e nos centros universitários.

A diocese de Cabinda sob guia do seu pastor, seguindo o exemplo e as orientações emanadas pela Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé, anualmente, tem realizado uma assembleia diocesana de pastoral. Por esta ocasião, celebra-se uma espécie de sinodalidade diocesana.

Nesta vertente, renovamos o nosso desejo de realização dos sínodos diocesanos. O conselho paroquial pode ser outro sinal apropriado de vivência sinodal. Certamente, a sinodalidade requer envolvimento de todos os membros da Igreja. Seja encorajado o acompanhamento da juventude, em toda a diocese de Cabinda. Tem havido, particularmente, com as jornadas diocesanas e assembleias diocesanas da juventude. Os jovens precisam de ser acolhidos, escutados e enquadrados cada vez mais nas estruturas eclesiais.

Os desafios principais têm a ver com a autoridade na Igreja; a fonte da autoridade e a relação entre as estruturas eclesiais e hierarquia eclesial. Tivemos em conta as modalidades de exercício da autoridade nas esferas comunitárias.

O terceiro desafio diz respeito à transparência financeira e à gestão do património eclesial.

A questão da gestão dos bens culturais e patrimoniais da diocese interpelou-nos. Outro ponto principal da sinodalidade implica a superação do clericalismo. Naturalmente, o caminho a percorrer, continua longo para alcançarmos a meta. Isto também toca à liderança dos leigos em várias dimensões diocesanas. Tentamos argumentar sobre a dificuldade constatada a nível da catequese para todas as idades e apontamos algumas linhas para o seu bom andamento.

Quanto aos desafios pastorais, reflectimos sobre a relação entre o bispo diocesano e os bispos auxiliares, o bispo diocesano e bispos coadjutores, o bispo diocesano e o seu presbitério, o bispo e a cúria diocesana, o bispo diocesano e os vigários episcopais, autonomia do bispo diocesano perante a Conferência Episcopal, o bispo diocesano e os diáconos, o bispo diocesano e os leigos.

Achamos pertinentes as seguintes áreas de formação: as telecomunicações, o diálogo com a cultura, a promoção litúrgica dos cristãos e o acompanhamento dos movimentos de apostolado para os sacramentos, prestarmos maior assistência às famílias. Dar maior ênfase na formação dos catequistas comunitários. Por último, temos a certeza de que tudo quanto abordamos, poderá contribuir para o aprofundamento da sinodalidade diocesana.

Outrossim, tiramos as seguintes elações para o desenvolvimento da sinodalidade: investirmos na formação juvenil e dos movimentos de apostolado. Construindo centros específicos para os fins pastorais da Igreja particular.

A sinodalidade não se trata de abolição ou contraposição ao Magistério da Igreja. Não refuta a dimensão institucional hierárquica, mas leva a compreender a comunhão e missão da Igreja. A sinodalidade manifesta a identidade de todos os membros da Igreja. Que a comunhão da Igreja local esteja sempre em vista da comunhão da Igreja universal.

A compreensão da evolução da sinodalidade prevalece no centro da Igreja exigida no século XXI. Nesta dimensão, a redescoberta dos novos areópagos de evangelização poderá garantir a eficácia de uma Igreja sinodal. Em suma, a teologia da sinodalidade inova a Igreja à luz do Espírito Santo; remove as pedras colocadas sobre muitos túmulos dos nossos dias.

A novidade da nossa pesquisa está patente no esforço feito para interpretarmos o período do episcopado de Dom Filomeno do Nascimento Vieira Dias, o então bispo de Cabinda (de 11 de fevereiro de 2005 até dia 8 de dezembro de 2014). A partir do ano 2014, foi nomeado Arcebispo de Luanda; tendo acumulado as funções de jurisdição da sua antiga sede, com a função de Administrador Apostólico de Cabinda (8 de dezembro a 3 de julho de 2018).

Finalmente, houve pontos que demonstraram a sinodalidade diocesana. Ao que nos parece, precisamos de estudar mais as dinâmicas do desenvolvimento sinodais para as Igrejas mais jovens, tal como se tem dito em italiano “*Chiese giovani*”. Reafirmamos que a

sinodalidade não anulará, de modo algum, a presença da hierarquia da Igreja. Porque não abroga as competências do bispo na sua diocese. Nem sequer diz respeito à democratização da Igreja. Antes, clarifica a vida da Igreja. Pelo contrário, favorece a melhor realização da missão da Igreja a nível do mundo.

O momento eclesial em que vivemos tem algo entusiasmante. A colaboração dos leigos é tão importante para o bem da própria Igreja e da humanidade em geral. Naturalmente, se abre uma janela para a verdadeira consciência de construirmos uma Igreja diocesana de tipo sinodal. Cabinda procurou, abertamente, erguer-se como uma comunidade em caminho, como único povo de Deus em missão.

Portanto, para uma verdadeira Igreja sinodal, precisa-se de dar mais atenção às famílias, às culturas, às tradições, aos demais sectores sociais da vida do povo local. Em suma, a Igreja particular de Cabinda precisa de engajar-se tanto em recuperar a sua verdadeira natureza e identidade diante daquela sociedade e das novas gerações. Diocese de Cabinda, comunidade de paróquias organizadas, fraternas e missionárias.

Terá de incentivar a ciência, em termos de estudos e investigação, sobretudo no âmbito das ciências sociais e humanas. Deve-se comprometer com a erradicação da pobreza e defesa do ambiente, conforme proferiram os padres conciliares sobre a condição humana (GS 1).

BIBLIOGRAFIA

Fontes

Conciliares

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constitutio de Sacra Liturgia* (4.12.1963): AAS 56 (1964), 97-133.

_____, Decretum de instrumentis communicationis socialis *Inter mirifica* (4.12.1963): AAS 56 (1964), 145-157.

_____, Constitutio dogmatica *Lumen gentium* (21.11.1964): AAS 57 (1965), 5-71.

_____, Decretum de Pastoralis Episcoporum munere in Ecclesia *Christus Dominus* (25.10.1965): AAS 58 (1966), 673-696.

_____, Declaratio de Educatione Christiana, *Gravissimum educationis* (25.10.1965): AAS 58 (1966), 728-739.

_____, Constitutio *Gaudium et spes* (7.12.1965): AAS 58 (1966), 1025-1115.

_____, Decretum de apostolatu Laicorum *Apostolicam actuositatem* (18.11.1965): AAS 58 (1966), 837-864.

_____, Decretum de Presbyterorum ministerio et vita *Presbyterorum ordinis* (7.12.1965): AAS 58 (1966), 991-1024.

Magistério dos Papas

PAULUS VI, Litterae Apostolicae, Motu proprio datae *Ecclesiae Sanctae* (6.6.1966): AAS 58 (1966), 757-758.

_____, Carta apostólica *Motu proprio* sobre instituição dos Leigos e Pontificia Comissão do estudo «*Iustitia et pax*» *appellata constituuntur* (6.1.1967): AAS 59 (1967), 25-28.

_____, Constitutio Apostolica, *Missale Romanum* ex decreto Concilii Oecumenici Vaticani II instauratum promulgatur, (3.4.1969): AAS 61 (1969), 217-222.

IOANNES PAULUS II, Litterae Encyclicae *Redemptoris Hominis* (4.3.1979): AAS 71 (1979), 257-324.

_____, Exortação Apostólica *Catechesi tradendae* (16.11.1979): AAS 71 (1979), 1277-1340.

_____, Costituzione apostolica Cabinda. *Catholicae prosperitas. In Angola nova dioceses conditur Cabindana nomina* (2.7.1984): AAS 76 (1984), 947-948.

_____, Epistula Apostolica *Salvifici Doloris* (1.3.1984): AAS 76 (1984), 201-250.

_____, Exortação Apostólica pós sinodais *Christifideles laici* (30 dezembro 1988): AAS 81 (1989), 393-461.

- _____, *Litterae Apostolicae, Vicesimus quintus annus, Constitutio Sacra Liturgia Sacrosanctum Concilium* (4.12.1989): AAS 81 (1989), 897- 918.
- BENEDICTUS PP. XVI, *Motu Proprio Summorum Pontificum* (7.7.2007): AAS 99 (2007), 777-781.
- _____, *Litterae enciclica Deus Caritas est* (25.12. 2005): AAS 98 (2006), 217-252.
- _____, *Esortazione apostolica postsinodale sull'Eucaristia fonte e culmine della vita e della missione della Chiesa Sacramentum caritatis* (22.2.2007): AAS 99 (2007), 105-180.
- _____, *Litterae enciclica Caritas in veritate* (29.6.2009): AAS 101 (2009), 642-709.
- _____, *Esortazione apostolica postsinodale sulla para di Dio nella vita e nella missione della Chiesa Verbum Domini* (30.9.2010), AAS 102 (2010), 681-787.
- _____, *Esortazione apostolica postsinodale Africae munus* (19.11.2011): AAS 104 (2012), 239-314.
- _____, «Missionaria della nuova evangelizzazione», in *Insegnamenti* (18 ottobre 2012), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2012, 464-474.
- _____, *Messaggio per la giornata mondiale della pace, «La pace, Pane per l'umanità»*, in *Insegnamenti*, VIII, 1, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2013, 1-5.
- _____, *Messaggio per la giornata mondiale della gioventù XXVIII* (25 luglio 2013), «Andate e fate discepoli tutti i popoli!», in *Insegnamenti*, VIII, 2 (18 ottobre 2012), Libreria Editrice Vaticana Città del Vaticano, 2012, 464-474.
- _____, *Homilia na Santa Missa de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*, Aparecida, 13 de maio de 2007: AAS 99 (2007).
- FRANCISCUS, *Litterae apostolica Evangelii gaudium* (24.11.2013): AAS 105 (2013), 1019-1137.
- _____, *Lettera enciclica sulla cura della casa comune Laudato si* (24.11.2015): AAS 107 (2015), 847-945.
- _____, *Discurso por ocasião da Comemoração do cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos*, AAS 107 (2015), 1139, 1141-1142.
- _____, *Litterae Apostolicae Motu Proprio Datae, Statutum Novi Dicasterii Pro Laicis, Familia et Vita*, (4.06.2016): AAS 108 (2016), 2, 964-967.
- _____, *Litterae Apostolicae Motu Proprio Datae, Humanam Progressionem quibus Dicasterium ad integram humanam progressionem fovendam constituitur* (17 agosto 2016): AAS 108 (2016), 968-972.
- _____, *Discurso por ocasião da abertura da 70ª Assembleia geral da Conferência Episcopal Italiana*, (22 de maio de 2017, Roma, 2017.
- _____, *Constitutio Apostolica Veritatis Gaudium* (8.12.2017): AAS 110 (2018), 1-34.

- ____, *Littera Apostolicae Motu Proprio Datae, Santuarium in Ecclesia* (11.02.2017): AAS 109 (2017), 335-338.
- ____, Discurso na conclusão da XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (24.10.2015), Cidade do Vaticano, 2015.
- ____, *Littera Apostolicae Motu Proprio Magnum Principium* (3.09.2017), AAS: 109 (2017), 967-970.
- ____, *Adhortatio Apostolica de vocatione ad sancatitatem in mundo huius temporis Gaudete et exsultate* (19.03.2018): AAS 110 (2018), 1111-1161.
- ____, *Discurso aos participantes no Congresso mundial promovido pela Congregação para a Educação Católica com o tema: “Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova”*, http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151121_congresso-educazione-cattolica.html (acesso: 15 de março de 2021).
- ____, A universalidade do serviço da Cúria – afirmou Papa Francisco – provém e brota da catolicidade do ministério petrino” e exprime, portanto, o seu “primado diaconal” (Discurso na apresentação dos votos natalícios, 21 de dezembro de 2017).
- ____, Discurso aos Membros da fundação “*Gravissimum Educationis*” (acesso: 14 de maio de 2020). https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/june/documents/papa-francesco_20180625_gravissimum-educationis.html
- ____, Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2019, *Baptizados e enviados: A Igreja de Cristo em missão no mundo*, Vaticano, 2019.
- ____, Discurso aos Participantes no Congresso Internacional “A riqueza dos Anos”, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/january/documents/papa-francesco_20200131_congresso-pastoraleanziani.html (acesso: 12 de junho de 2021).

Magistério Episcopal

- CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E SÃO TOMÉ. CEAST, *O cristão e a política*, in LUIZ Scarpa (ed.), Oficinas Gráficas São José: Angola, 1991.
- ____, COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO, *Escola Católica em Angola: Identidade e Missão. IX Encontro nacional das Comissões diocesanas da Educação de Angola*, (22-25 de maio de 2012), Diocese de Cabinda, 2012.
- ____, Mensagem Pastoral, *Reavivar a fé dos Fiéis Leigos em Cristo*, Sopol-Sociedade Poligráfica: Luanda, 2014.
- ____, COMISSÃO EPISCOPAL PARA O APOSTOLADO DOS LEIGOS, *A vocação e a missão do leigo na Igreja e na Sociedade. II Congresso do Laicado Católico Angolano*, Luanda, 2015.
- ____, Mensagem Pastoral, *Família. Matrimónio, Reconciliação e Cultural*, Sopol-Sociedade Poligráfica: Luanda, 2016.

_____, *Primeiro Congresso eucarístico Nacional de Angola. Reconheceram-no ao partir o pão* (12-18 de junho 2017), Huambo – Angola, 2017.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral, *Catequese: A Alegria do encontro com Jesus Cristo*, Moscavide: Portugal, 2017.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta aos Bispos da Igreja Católica Iuvenescit Ecclesia*, (15 de maio de 2016), 12-18.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório sobre a piedade popular e Liturgia. Princípios e orientações*, Paulinas, 2002.

PADRES SINODAIS, *Igreja e Europa do Futuro: Sínodo extraordinário dos Bispos de 1991*, Editora Rei dos Livros e Publicações Communio: Lisboa, 1994.

RATZINGER, J. “*Le funzioni sinodali della Chiesa: l’importanza della comunione tra i Vescovi*”, in *L’Osservatore Romano*, (24 gennaio 1996), 4.

Fontes diocesanas de Cabinda

COMISSÃO DIOCESANA DA EDUCAÇÃO, *Relatório das actividades desenvolvidas de agosto de 2007 a Agosto de 2012: Realizações*, Cabinda: 2012.

COMITÉ ORGANIZADOR DO CONGRESSO EUCARÍSTICO DIOCESANO, *I Congresso Eucarístico Diocesano: A Eucaristia Dom de Deus para a vida do Mundo*, diocese de Cabinda: Cabinda, 2012.

DIAS, Filomeno do Nascimento, *Instrução Pastoral de Character Diocesano sobre a Eucaristia*, Diocese de Cabinda: Cabinda, 2007.

_____, *Comité Organizador do Congresso Eucarístico Diocesano*, Decreto N. 02/GBDC/12.

DIOCESE DE CABINDA, «A Paróquia, centro de Evangelização», in *VIII Assembleia diocesana de Pastoral*, Comunicado final, Cabinda (18 novembro 2016), Cabinda, 2016.

_____, *Anuário da Diocese de Cabinda 2020*, Cúria Diocesana de Cabinda: Cabinda- Angola, 2019.

MULAMBA, Paulino, *Os Novos Movimentos de Apostolado fundados em Cabinda. Uma abordagem Teológico-pastoral*, Lucerna: Cascais, 2019.

_____, *Cabinda por uma Igreja em particular em saída missionária*, Lucerna: Cascais, 2019.

TATI, Raul, *Cabinda. Percorso histórico de uma Igreja entre Deus e César 1975-2012*, Príncipe Editora: Cascais, 2013.

TUBI, Barnabé, *As Missões centenárias da Diocese de Cabinda (1873-1973)*, Centro de Publicações – Universidade Católica Portuguesa: Lisboa, 1997.

Outras fontes Magisteriais

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *O “sensus fidei” na vida da Igreja* (2014), 90.

_____, *A sinodalidade na vida e missão da Igreja* (2018).

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Educar ao humanismo solidário*, (16.04.2017),
in http://www2.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html (acesso: 14 de maio de 2020).

DIOCESE DE COIMBRA, Comissão Central do Sínodo, *Sínodo Diocesano de Coimbra. Instrumento de trabalho*, Coimbra, 1997-1998.

_____, *Sínodo Diocesano de Coimbra. Documento final da Assembleia Sinodal*, Coimbra, 1998.

_____, *Décimo segundo Sínodo diocesano*, Coimbra, 1999.

DIOCESE DE AVEIRO, «Carta Pastoral», in *Igreja Aveirense*, 14 (2018), 2, Aveiro- Portugal, 2018, 16-37.

_____, «Visita Pastoral ao Arciprestado de Sever do Vouga», in *Igreja Aveirense* 15, 2, (2019), 47-63.

DIOCESE DE BRAGA, *Livro do Sínodo: 40º Sínodo Diocesano Bracarense: I Parte: Abertura solene do Sínodo*, Braga, 1994-1997.

SACRA CONGRAGATIO RITUUM, *Instructio ad executionem constitutionis de Sacra Liturgia recte ordinandam* (26.09.1964): AAS 56 (1964), 877-900.

SECRETARIADO GERAL DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Sínodo 2023-2023. Por uma Igreja sinodal: Comunhão, participação e missão*, Lisboa: 2022.

_____, *Sínodo 2021-2023: Por uma Igreja sinodal: Comunhão, Participação e Missão*, Gráfica Almondina: Lisboa, 2022.

VERSALDI, Giuseppe, *Os desafios das Universidades católicas no pensamento do Papa Francisco* (Universidade Católica Editora: Lisboa, 2019).

Fontes Patrísticas

CYPRIAN, *The Fathers of the Church: Saint Cyprian Letters* (1-81), Sister Rose Bernard Donna (trad.), New York: The Catholic University of America Press, 1981.

INÁCIO DE ANTIOQUIA, «Cartas», in *Padres Apostólicos*, Ivo Storniolo – Euclides M. Balancin (trad.), Paulus: São Paulo, 1995.

EUSEBE DE CESAREE, *Histoire Ecclésiastique I*, Gustave Bardy, coord., in *Sources Chrétiennes*, 31, Cerf : Paris, 1952.

_____, *Histoire Ecclésiastique I*, Gustave Bardy, coord., in *Sources Chrétiennes*, 55, Cerf : Paris, 1958.

_____, *História Eclesiástica*, Argimiro Velasco Delgado trad., in *Biblioteca de Autores Cristianos*, vol. II, Madrid, 1973.

LAMELAS, Isidro Pereira, *Os Padres da Igreja. Dos Apóstolos a Constantino*, Universidade Católica Editora: Lisboa, 2020.

BIBLIOGRAFIA AUXILIAR

Livros

- ANCONA, Giovanni, *Antropologia Teologica. Temi fondamentali*, Queriniana: Brescia, 2014.
- NUNES, José – PAULO, José, (coords.), *I Semana Teológica Internacional de Luanda (STIL)*, Arquidiocese de Luanda, Fátima: 2022.
- ARINZE, Francis, *Il ruolo distintivo del laico*, Libreria Editrice Vaticana: Città del Vaticano, 2013.
- ASSOCIAZIONE TEOLOGICA ITALIANA, *La Chiesa e il Vaticano II: Problemi di ermeneutica e recezione conciliare*, Marco Vergottini, org., Glossa: Milano, 2005.
- _____, *Chiesa e Sinodalità*, Battocchio Riccardo-Serena Noceti, orgs., Edizioni Glossa: Milano, 2007.
- BALDISSERI, Lorenzo, *A cinquant'anni dall'Apostolica Sollicitudo. Il Sinodo dei Vescovi al servizio di una Chiesa sinodale*, Libreria Editrice Vaticana: Città del Vaticano, 2016.
- BAUMGARATNER, Mireille, *A Igreja no Ocidente: Das origens às reformas no século XVI*, Eds.70: Lisboa, 2015.
- BAUR, John, *2000 Anos de Cristianismo em África. Uma História da Igreja Africana* (título original em inglês: *Two thousand years of Christianity in Africa*), Paulinas Editora: Portugal, 2014.
- BRESSAN, Luca, *La Parrocchia oggi. Identità, trasformazione, sfide*, EDB: Bologna, 2004.
- BRITO, Wladimir, *Os juízes e a política. A origem política do conselho superior da magistratura*, Almedina: Coimbra, 2023.
- BORRAS, Alphonse, *Communion ecclesiale et Synodalité. Comprendre la Synodalité selon le Pape François*, CLD : Paris, 2018.
- BOSCHI, Caio César, *Os Leigos e o poder. Irmandades Leigas e política colonizadora em Minas Gerais*, Editora Ática: São Paulo, 1986.
- BRUGNOLI, *La spiritualità dei laici*, Morcelliana: Brescia, 1971.
- CAPITA, João Ndambi, *As migrações africanas. Desafio para a sociedade e para a Igreja: proposta para uma espiritualidade das migrações*, Pontifícia Universidade Teresiana: Roma, 2008.
- CARITAS PORTUGUESA, *Pastoral Social, Agentes e meios*, nº 10 (III Semana Nacional de Pastoral Social, Fátima: de 2 a 6 de setembro de 1985), Portugal, 1985
- CHENO, Rémi, *L'Esprit-Saint et L'Église. Institutionnalité et pneumatologie vers un dépassement des antagonismes ecclésiologiques*, Cerf : Paris, 2010.

- CHIAPPETTA, Luigi, *il Codice di Diritto Canonico. Commento giuridico-pastorale*, Libri I-II, in Catozzella Francesco *et ali* (orgs.), EDB: Bologna, 2011.
- COCCOPALMERIO, F. *La “consultività” del Consiglio pastorale parrocchiale e del Consiglio per gli affari economici della parrocchia*, in *Quaderni di Diritto ecclesiale*, 1 (1988), 60-65.
- CONGAR, Yves, *Église et Papauté. Regards historiques*, Cerf : Paris, 1994.
- CORDEIRO, José Manuel Garcia, *O padre do mistério ao ministério*, Editora Pedra Angular, 2009.
- CRISTOPHE, Paul, *Le Concile Vatican I*, Cerf : Paris, 2000.
- DALFERTH, Ingolf U., *Trascendenza e mondo secolare. Orientamento della vita alla presenza ultima* (tit. orig. in alemão: Transzendenz und säkulare welt), Andrea Aguti (org.), Queriniana: Brescia, 2016.
- DAS NEVES, Joaquim Carreira, *A Bíblia Livros dos Livros. Comentários ao Antigo Testamento*, Editorial Franciscana: Vol. I, Braga, 2007.
- _____, *A Bíblia. O Livro dos Livros. Comentário do Novo Testamento*, Editorial Franciscana: Vol. II, Braga, 2007.
- DE ALMEIDA, António José, *Paróquia, Comunidades e Pastoral Urbana*, Paulinas: São Paulo, 2009.
- DE LUBAC, Henri, *L'identità ecclesiale del cristiano*, in Sprizzi Marco (ed.), Pauline: Milano, 2004.
- DE SALIS, Miguel, *Una Chiesa incarnata nella storia: Elementi per una rilettura della Costituzione Lumen gentium*, EDUSCA: Roma, 2017.
- DENZINGER Heinrich – HÜNERMANN Peter (ed.), *Enchiridion Symbolorum. Definitionum et declarationum de rebus fidei et morum*, EDB: Bologna, 2010.
- DESTIVELLE, Hyacinthe, *Conduis-la vers l'unité parfaite. Œcuménisme et synodalité*, Les Éditions du Cerf : Paris, 2018.
- DIANICH, Severino - Noceti, Serena, *Trattato sulla Chiesa*, Queriniana: Brescia, 2015.
- DORES, Hugo-Guardião, FILIPE Ana – JERÓNIMO, Miguel – MONTEIRO, José, (orgs.), *Os impérios do internacional. Perspectivas, genealogias e processos*, Almedina: Coimbra, 2020.
- DOTOLO, Carmelo, *Teologia e Postcristianesimo. Un percorso interdisciplinare*, Queriniana: Brescia, 2017.
- FIGUEIREDO, Ricardo, *A teologia da catolicidade de Avery Dulles*, Universidade Católica Editora: Lisboa, 2022.
- FORTE, Bruno, *La trasmissione de fede*, Queriniana: Brescia, 2014.

- _____, *I Giovani e la fede, Queriniana*: Brescia, 2017.
- FRANCESCO, Marinelli (org.), *La Teologia Pastorale. Natura e compiti*, EDB: Bologna, 1990.
- FROSINI, Giordano, *Una Chiesa di tutti. Sinodalità, partecipazione e corresponsabilità*, EDB: Bologna, 2014.
- GARCÍA, José Miguel *As origens históricas do Cristianismo* (Edições Tenacitas: Coimbra, 2007)
- GIBELLINI, Rosino (ed.), *Prospettive teologiche per il XXI secolo*, Queriniana: Brescia, 2003.
- GIME, Carlos, *Fundamentos Filosóficos do insucesso das reformas educativas na África Bantu. O caso da RDC, da Zâmbia e de Angola*, Editora DS: Benguela – Angola, 2022.
- HUMMES, Cláudio, *Discípulos e missionários*, S. Paulo, 2006.
- INCITTI, Giacomo, *Il popolo di Dio. La struttura giuridica fondamentale tra uguaglianza e diversità*, Urbaniana University Press: Città del Vaticano, 2007.
- KASPER, Walter, *Chiesa Cattolica. Essenza-Realtà-Missione*, Queriniana: Brescia, 2012.
- _____, *La liturgia della Chiesa* (tit. original, alemão: *Die Liturgie der Kirche*), Queriniana: Brescia, 2015.
- _____, *La liturgia de la Iglesia*, Sal Terrae (orig. in alemão: *Die Liturgie der Kirche*), José Manuel Lozano – Gotor Perona, (org.), Loyola: España, 2015.
- KAMBUTA, José, *Os desafios da igreja em África. Uma leitura e análise dos 20 anos da Ecclesia in Africa*, Universidade Católica Editora: Lisboa, 2018.
- LUZIA, José, *A Igreja das palhotas. O renascer da Igreja católica em Moçambique. Os ministérios dos animadores leigos sementes de futuro*, Paulinas Editora: Prior Velho, 2017.
- MARTINS, António, *A sinodalidade na vida da Igreja. Fundamentos e perspetivas*, Universidade Católica Editora: Lisboa, 2021.
- MATTEO, Armando, *Converter Peter Pan. O destino da fé na sociedade da eterna juventude*, Paulinas Editora: Prior Velho, 2022.
- MASCIARELLI, Michele, *Un popolo sinodale. Camminare insieme*, Tau Editrice: Todi (PG), 2016.
- MARSILI, S. – PINELL, J. – NEUNHEUSER, B. et al., *Panorama Histórico geral da Liturgia* (orig. it.: *La Liturgia, panorama storico generale*), Cristina Pena de Andrade (trad.), Paulinas: São Paulo, 1987.
- NEUNER, Peter, *Per una Teologia del Popolo di Dio*, Queriniana: Brescia, 2016.
- NISUS, Alain, *L'Église comme communion et comme Institution. Une lecture de l'ecclésiologie du cardinal Congar à partir de la tradition des Églises de professants*, Cerf: Paris, 2012.

- PAULO, Immanuel, *Teologia da inculturação. Segundo os sínodos continentais*, Paulus Editora: Lisboa, 2013.
- PÊNGADO, José Bassanza, *La corresponsabilità laicale come risorsa per la nuova evangelizzazione nella Diocesi di Cabinda. Una prospettiva sinodale* (Tesi di Licenza in Teologia Dogmatica), Pontificia Università Urbaniana: Roma, 2018.
- PENRICE, James, and Mike Sweeney. *Living the Eucharist through Sports*. ST Pauls 'Alba House, 2012.
- PIANA, Giannino, *Introduzione all'Etica cristiana*, Queriniana: Brescia, 2014.
- POWER, David Noel, *Sacrament. The Language of God's Giving*, A Herder & Herder Book the Crossroad Publishing Company New, 1999.
- PHILIPPE, Jacques, *A liberdade interior. Crescer com força da fé, da esperança e do amor*, Margarida Maria Osório Gonçalves, (Org.), Paulus: S. Paulo, 2003.
- POTIN, Jacques, *Les laïcs. Leur mission dans l'Église et dans le monde*, Centurio : Paris, 1985.
- RADCLIFFE, Timothy, *Essere cristiani nel XXI secolo. Una spiritualità per il nostro tempo*, M.T. Pontara Pederiva, curador, Queriniana: Brescia, 2012.
- RICCARDI, Andrea, *La Chiesa brucia. Crisi e futuro del cristianesimo*, Editori Laterza: Bari-Roma, 2021.
- ROCHA, Georgino, *Ao serviço da Fé na Sociedade plural*, Princípia: Estoril (Portugal), 2007.
- RODRIGUES, Luís M. Figueiredo (org.), *A edificação do tecido eclesial. Formação de Agentes*, Universidade Católica Editora: Lisboa, 2021.
- RUGGIERI, Giuseppe, *Chiesa sinodale*, Gius Laterza e Figli: Roma-Bari, 2017.
- SABBARESE, Luigi, *La Chiesa è missionaria. La ricezione nel Codice di Diritto Canonico*, Urbaniana University Press: Città del Vaticano, 2009.
- SALDANHA, P. Paul, *The Church Mystery of Love and Communion*, in *Urbaniana University Press: Città del Vaticano*, 2014.
- SCOLA, Angelo, *Chi è la Chiesa? Una chiave antropologica e sacramentale per l'ecclesiologia*, Queriniana: Brescia, 2007.
- SPADARO, Antonio – Galli, Carlos María (orgs.), *La Riforme e le Riforme nella Chiesa*, Queriniana: Brescia, 2016.
- _____, *La famiglia oltre il miraggio: Tutti i documenti del Sinodo ordinario 2015*, Ancora: Milano, 2015.
- SERRALHEIRA, Deolinda, *Praxiologia Pastoral. Um modelo de investigação e de programação*, Portugal, 2007.
- TEIXEIRA, Alfredo, *Entre a Exigência e a ternura. Uma Antropologia do Habitat Institucional Católico*, Paulinas: Prior Velho - Lisboa, 2005.

VITALI Dario, *Popolo di Dio*, Città della Editrice: Assisi, 2013.

_____, *Verso la sinodalità*, Edizioni Qiqajon Comunità di Bose: Magnano (BI), 2014.

ZIZIOULAS, Ioannis, *Comunionie e alterità*, Lipa: Roma, 2016.

DICIONÁRIO E ENCICLOPÉDIAS

BRESSOLETTE, Claude, «Concílio Vaticano I», in *Dicionário Crítico de Teologia* (Paulinas: São Paulo, 2004), 1816-1820.

BRUGERETTE, J. – AMANN, E., «Vatican (Concile Du)», in *Dictionnaire de Théologie Catholique*, Tome 15 (Paris, 1950), 2536-2585.

ARTIGOS

DE ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro, «Os Movimentos Populares no Magistério Social do Papa Francisco», in *Atualidade Teológica*, 24, n. 66 (2020), 715-741.

DE ALBUQUERQUE, Francisco das Chagas, «A Teologia Latino-Americana: os “pobres com espírito” segundo I. Ellacuría», in *Atualidade Teológica*, 24, n. 66 (2020), 603-620.

BERNARDO, Bonifácio, «Sínodo diocesano: Um serviço à missão da Igreja local», in *Didaskalia* XLV (2015) I, 163-178.

BORRAS, Alphonse – ROUTHIER, Gilles, *Les Nouveaux Ministères. Diversité et articulation*, MédiaSpaul : Canada, 2009.

C. O'DONNELL – S. Pié-NINOT, «Pueblo de Dios», in *Diccionario de Ecclesiología*, San Pablo: Madrid, 200, 898-899.

CORDEIRO, José Manuel, «Da Liturgia à vida», in *Didaskalia* XLV (2015) II, 203-213.

COUTO, António, «Reconheceram-no no partir do pão», in *Igreja e Missão*, 183 (2000), 53, 3-12.

DE GREGORIO, Vincenzo, «L'espressione del canto nella pietà popolare», in *Rivista Liturgica*, 103 (2016), 3, *La pietà popolare nell'anno liturgico: inculturazione della fede*, Camaldoli, 131-137.

DE MARCHI, Benito, «Verso un'altra narrazione di migrazione e di missione. Dalla missione tra gli immigrati/rifugiati alla missione per l'Europa fatta con e da immigrati/rifugiati», in *Urbaniana University Journal*, 70 (2019), 1, 163-244.

DE OLIVEIRA, David Mesquiati, «O engajamento das Igrejas na política: o caso dos pentecostais», *Atualidade Teológica*, 24, n.66 (2020), 742-759.

DE OLIVEIRA, Maria José Diegues, «A adoração e o sacerdote», in *Boletim de Pastoral Litúrgica*, 45, 179-180 (2020), 114-121.

DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA, I Congresso Internacional da Pastoral dos Idosos: «A riqueza dos anos», in <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-01/riqueza-dos-anos-primeiro-congresso-pastoral-idosos.html> (acesso: 12 de junho de 2021).

ELEUTÉRIO, João (coord.), *Uma anatomia do poder eclesiástico*, Universidade Católica Editora: Lisboa, 2002.

FACULTES CATHOLIQUES DE KINSHASA, *Quelle Eglise pour l'Afrique du troisième millenaire ? Contribution au Synode spécial des évêques pour l'Afrique* (Actes de Dix-huitième Semaine Théologique de Kinshasa du 21 au 27 avril 1991), Kinshasa, 1991.

FALANGA, Giuseppe, «Domenica e pietà popolare», in *Rivista Liturgica*, 103 (2016), 3, *La pietà popolare nell'anno liturgico: inculturazione della fede*, Camaldoli, 69-76.

FRANCIS-VINCENT, Anthony, «Studiare la prassi della Chiesa locale: approccio empirico», in *Urbaniana University Journal*, *Urbaniana University Press*, 73 (2020), 1, 63-85.

GALANTINO, Nunzio, «Il clericalismo ovvero “la divisione del popolo dal clero” (A. Rosmini)», in *Urbaniana University Journal*, 72 (2019) 3, 23-34.

GIENIUSZ, Andrzej M., «Intrculturalità all'alba del cristianesimo. Il caso di Paolo di Tarso», in *Urbaniana University Press*, 72 (2019) 3, 5-15.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes, «Epistemologia Teológica Libertadora: conceitos e debate», *Atualidade Teológica*, 24, nº66 (2020), 581-602.

HERVEAU, Joseph, « Conversion ecclésiale, formes d'évangélisation et interculturalité L'exemple de l'Inde », in *Spiritus*, Revue d'expériences et de recherches missionnaires, Dossier Dans un monde qui change : quelle formation ? 236 (2019), 283-294.

HOWARD, Damian, «Lezioni di Dialogo Islamo-Cristiano», in *Civiltà Cattolica*, 171(2020), 167-180.

KOKOU MAWUENA, Ambroise Atakpa, «La Leadership pastorale ossia l'antidoto al clericalismo in un mondo che cambia», in *Urbaniana University Journal*, 72 (2019) 3, 63-74.

_____, «L'agire pastorale: una riflessione teologica», in *UUJ*, 73 (2020) 1, 39-60.

LAMELAS, Isidro, «A experiência sinodal na Igreja pré-nicena. O caso de África sob o episcopado de S. Cipriano», in *Didaskalia*, XLV (2015) I, 33-85.

LAMERI, Angelo, «Sacerdozio comune e partecipazione attiva», in *Rivista Liturgica*, «*Ha fatto di noi Sacerdoti per il suo Dio*» (Ap 1,6). *Sacerdozio comune, ministero e liturgia*, anno 106 (2019), 3, 45-66.

LEGRAND, Hervé, «O Evangelho no coração de uma Igreja sinodal: o governo da Igreja segundo o Papa Francisco», in *I Semana teológica internacional de Luanda “STIL”*, José Nunes et José Paulo, coord. (Ordem de São Domingos em Portugal: Fátima, 2022), 61-62.

- LIMA, José da Silva, *Teologia Prática Fundamental. Fazei vós, também*, Ed. 2ª revista e atualizada, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2020.
- LOMBARDI, Federico, «Protezione dei Minori. I passi avanti del Papa dopo l'Incontro di febbraio 2019», in *Civiltà Cattolica*, 171(2020), 155-166.
- LUCAMBA, André, «A vida no conceito Bantu», in *Igreja e Missão*, 53,183 (2000), 13-27.
- MAFFEIS, Ivan, «Dall'ecclesiologia conciliare una prospettiva per la comunicazione», in *Rivista di Scienze Religiose*, 15 (2001) 2, Edizioni Vivere in Roma: 2001, 361-381.
- MARIA, Ester Lucas, «Disciples missionnaires dans une Église servante. Expérience ecclésiale au Mozambique», in *Spiritus*, Tome 60, 237 (2019), 235-241.
- PARISE, Alberto, «La missione e i giovani in Italia: contatto, presenza pastorale, stile», in *Urbaniana University Journal*, 70 (2019)1,141-161.
- PEREIRA, Gerson Lourenço, «Dietrich Bonhoeffer: uma inspiração para a práxis política e social da Igreja», 24, n. 66, (2020), 621-640.
- PRETTO, Matteo, «Le immagini come linguaggio della pietà popolare», in *Rivista Liturgica*, 103 (2016) 3, *La pietà popolare nell'anno liturgico: inculturazione della fede*, Camaldoli, 121-129.
- RAINI, Emanuele, «Catechisti e capi laici delle comunità nella storia della Chiesa in Cina. Prospetto storico e documenti», in *UUJ*, 72 (2019) 2, 97-155.
- RIZZI, Giovanni, «Aspetti dei rapporti con le altre religioni e l'inculturazione della fede nella formazione dei missionari e dei catechisti in Cina», in *Urbaniana University Journal*, 72 (2019) 2, 15-96.
- ROTUNDO, Nicola, «I fondamenti biblici della morale familiare in *Amoris Laetitia* (prima parte)», in *Urbaniana University Journal*, 72 (2019) 3, 169-192.
- SAMPAIO, Fernando «O desejo de uma Pastoral da saúde "organizada, integrada e transversal"», in *Voz da Verdade*, 90 (11 de dezembro 2022), 2.
- SCHINELLA, Ignazio, «La pietà popolare e l'anno liturgico: le due mani dello Spirito Santo», in *Rivista Liturgica*, 103 (2016) 3, *La pietà popolare nell'anno liturgico: inculturazione della fede*, Camaldoli, 9-39.
- SOUZA, Alzirinha «Experiência como chave de concretização e continuidade da Igreja de Francisco», in *Perpectiva Teológica*, 49, n. 2, Belo Horizonte: Brasil, 2017, 375-397.
- SOYOYE, Basil, «Carrefour des Cultures Africaines », in *Spiritus*, 235 (Juin 2019), 143-148.
- SPADARO, Antonio, «Intelligenza Artificiale e Giustizia Social. Una sfida per la Chiesa», in *Civiltà Cattolica*, 171 (2020), 121-131.
- TEIXEIRA, Alfredo, «Itinerário de identificação religiosa», in *Igreja e Missão*, 183 (2000), 53, 29-48.

- _____, «o ecumenismo contemporâneo no contexto da diluição e recomposição do religioso», in *Revista de Humanidades e Tecnologias*, 1 (1999), 70-77.
- TOMATIS, Paolo, «Sensi, affetti, simboli nella pietà popolare e nella liturgia», in *Rivista Liturgica*, 103 (2016) 3, *La pietà popolare nell'anno liturgico: inculturazione della fede*, Camaldoli, 55-68.
- TRUDU, Fabio, «La pietà popolare come “forma” celebrativa della chiesa locale nell'anno liturgico», in *Rivista Liturgica*, 103 (2016) 3, *La pietà popolare nell'anno liturgico: inculturazione della fede*, Camaldoli, 41-54.
- UKWATCHALI, J., «As Novas tecnologias na difusão do Evangelho num mundo globalizado. O caso da Igreja em África», in *Facta Lux*, Instituto Superior Politécnico Católico de Benguela, Seminário Maior do Bom Pastor de Benguela, 1 (2017), 79-104.
- VENTURI, Gianfranco, «Educare alla pietà popolare secondo il ritmo giornaliero», in *Rivista Liturgica*, 103 (2016) 3, *La pietà popolare nell'anno liturgico: inculturazione della fede*, Camaldoli, 77-95.
- WEILER, Birgit, « Le Synode panamazonien : les enjeux », in *Spiritus*, Dossier Peuples minoritaires : quelle Bonne nouvelle ? 234 (2019), 31-38.
- ZUCCARO, Cataldo, «Clericalismo, ministeri, paternità», in *Urbaniana University Journal*, *Urbaniana University Press*, 72 (2019) 3, 57-60.

